



Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

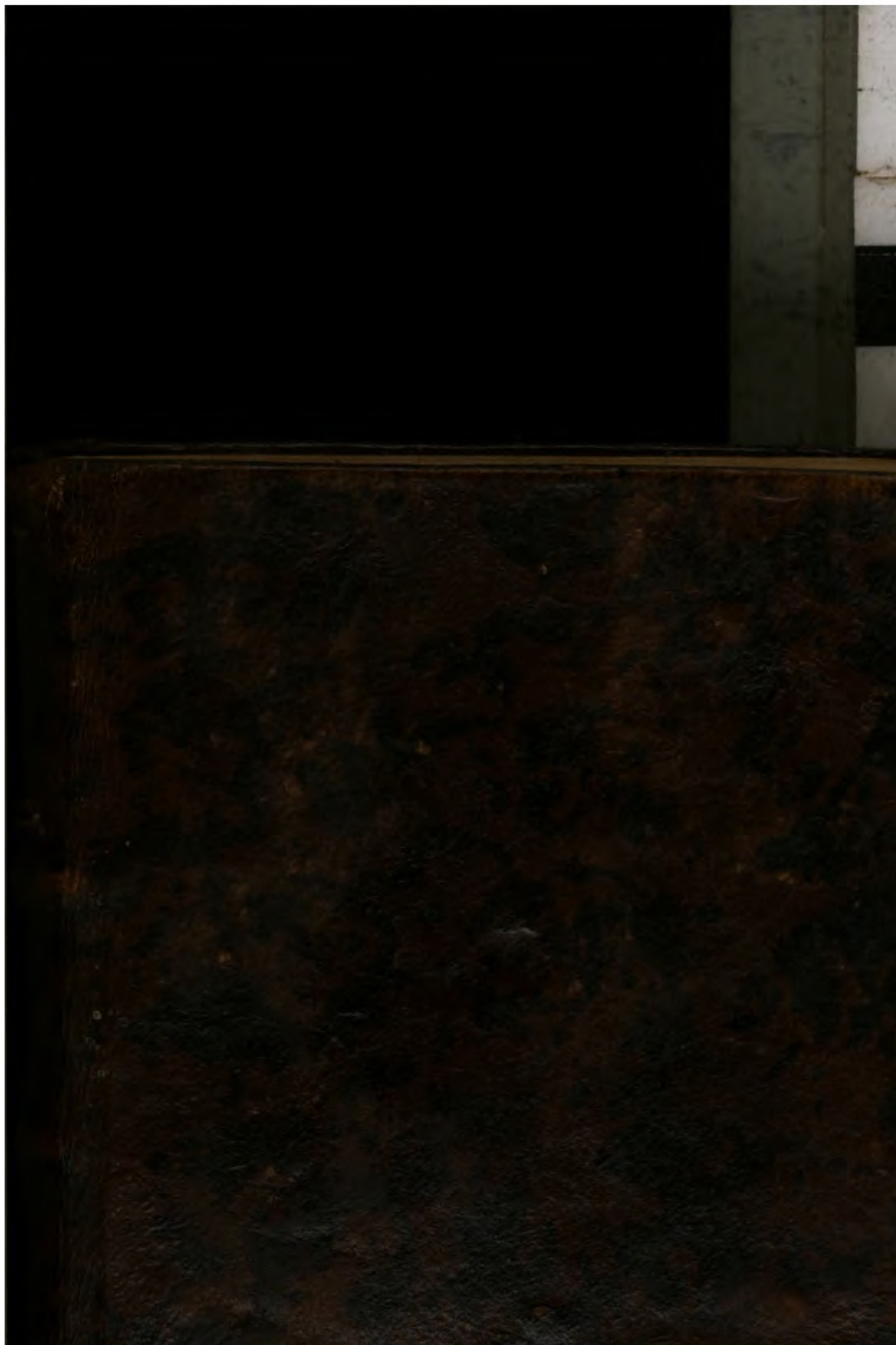
This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

<http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.

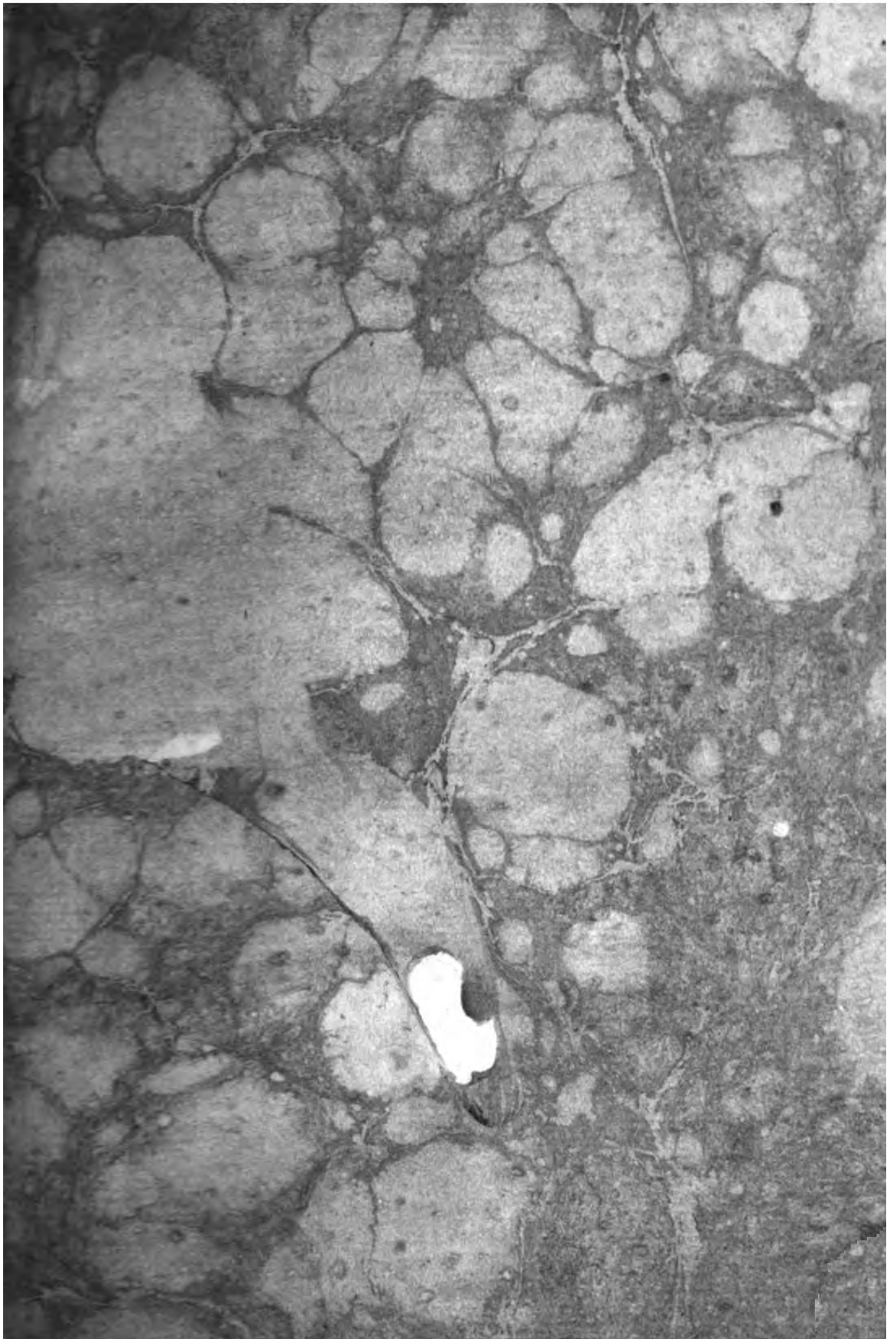


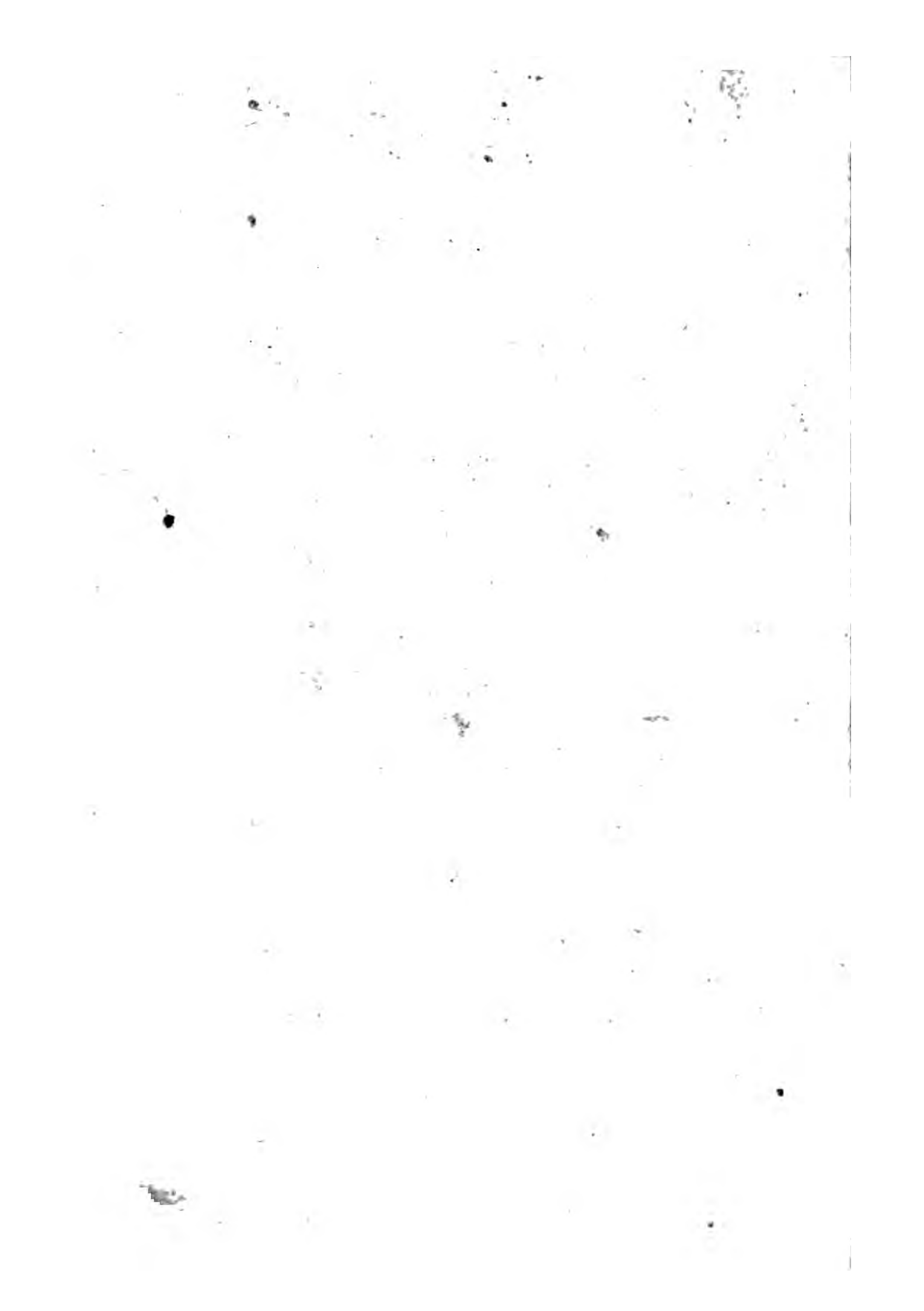
✓

~~264a9~~

270 d. 32.

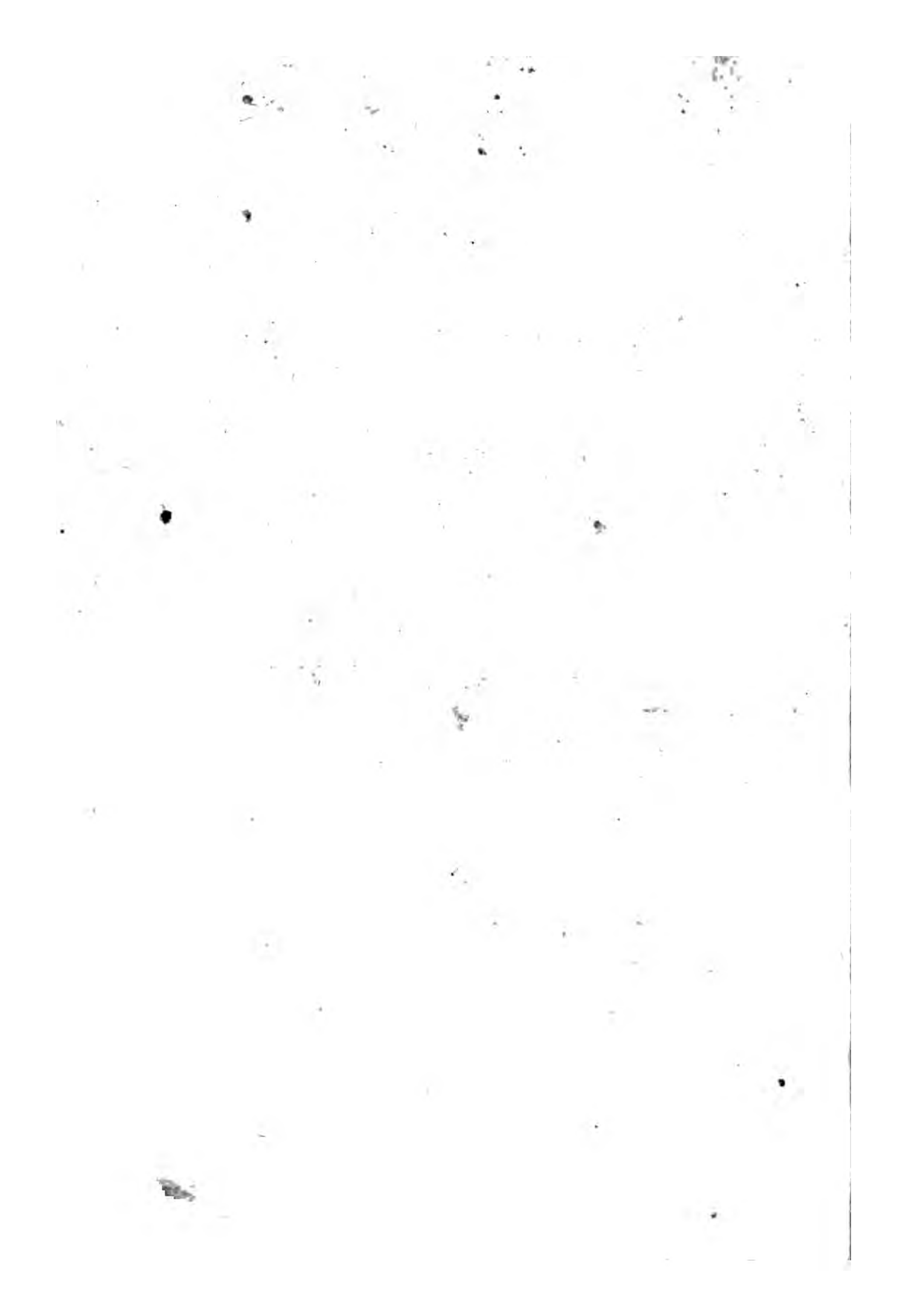






De D. Thomaria de Sta. Rosa indig.
de D. Thomaria de Sta. Rosa

De D. Thomaria Niquelini
Peixoto de Menezes. H



De A. fonaria ducta. ~~Non indigna~~
de A. fonaria ducta.

De D. Thonaria Niquelin
Peixira de Monery. *ff*

Antonio José <

THEATRO COMICO
PORTUGUEZ,
O U
COLLECCÃO
DAS OPERAS
PORTUGUEZAS,

Que se representaraõ na Casa do Theatro
publico do Bairro Alto de Lisboa.

Offerecidas

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por ***

Quarta Impressão.

TOMO SEGUNDO.

Contém { Labyrintho de Creta,
Guerras do Alecrim, e Mangerona,
Variedades de Protheo.
Precipicio de Faetonte.



LISBOA,

Na Officina Patr. de Franc. Luiz Ameno.

MDCCLIX.

Com as licenças necessarias, e Privilegio Real.



TUGURIA
O U
ILLIB
OL
A TUGURIA
Centenario de Casa do Theatro
do Bairro Alto de Lisboa
Offerimus
NITO NOLRE BRINDIA
TAA ARGENTINA
Tor
Quinta de...
DO REGUNDO
Ninho de Cria
de do Alcaniz e Mangrove
de do Alcaniz
de do Alcaniz
1821
ISSROA
Paris, de Franc. Luis Ameno

MDCCLIX

per nufficia, e Bibliopis Real

LABYRINTHO

D E

CRETA,

Que se representou no Theatro do Bairro
alto de Lisboa , no mez de Novem-
bro de 1736.

ARGUMENTO.

S Uccedendo matarem os Athenienses em hum torneyo a Androgeo , filho de Minos , Rey de Creta , este para vingar a morte do filho , depois de reduzir a Athenas à sua obediencia , como vencedor lhe impoz hum rigoroso tributo , de que lhe pagaria todos os annos sete mancebos , que seriaõ sorteados , por não haver excepção na qualidade das pessoas , de cujo feudo se alimentava o Minotauro , que existia no Labyrintho fabricado por Dedalo. Cabio aquelle anno a sorte sobre Tezeo , Principe de Athenas , que sendo para esse effeito conduzido a Creta , o intentaraõ com industrias libertar Fedra , e Ariadna , filhas do mesmo Minos. Até a sabida

A ii.

de

de Creta logrou Ariadna as primeiras estimações em Tezeo, ainda que ao depois preferisse a Fedra, deixando a Ariadna em huma deserta Ilha; porém como só tratamos nesta Obra dos successos de Tezeo em Creta, por essa razão se manifesta a Tezeo mais amante de Ariadna, que de Fedra.

O motivo, que se toma para o entrecho da presente Obra, he o considerarse a Tezeo já devorado pelo Minotauro, e sendo reputado por morto, manterse este engano até o fim, triunfando do furor do Minotauro, do enleyo do Labyrintho, e das iras de Minos.

INTERLOCUTORES.

| | |
|-----------|---|
| Tezeo, | Principe de Athenas, amante de Ariadna. |
| Minos, | Rey de Creta. |
| Lidoro, | Principe de Epiro, amante de Ariadna. |
| Tebandro, | Principe de Chypre, amante de Fedra. |
| Dedalo, | Barbas. |
| Licas, | Embaixador de Athenas. |
| Ariadna, | Filhas del Rey Minos. |
| Fedra, | |

| | |
|--------------------|-----------------------------------|
| <i>Taramella,</i> | <i>Criada de Ariadna.</i> |
| <i>Sanguixuga,</i> | <i>Velha, criada de Fedra.</i> |
| <i>Esfuziote,</i> | <i>Gracioso, criado de Tezeo.</i> |
| <i>Soldados.</i> | |

A Scena se figura em Creta.

SCENAS DA I. PARTE.

- I. *Bosque, e Marinha.*
- II. *Templo de Venus, e Cupido.*
- III. *Camera.*
- IV. *Gabinete.*
- V. *Sala Regia.*

SCENAS DA II. PARTE.

- I. *Camera.*
- II. *Labyrintho.*
- III. *Sala.*
- IV. *Gabinete com espelha.*
- V. *Sala de columnata.*
- VI. *Labyrintho.*
- VII. *Bosque, e Marinha.*

PARTE I.

SCENA I.

Bosque , e Marinha , e haverá no lado do Theatro huma gruta , e depois de se ver no mar huma armada fluctuando com tempestade , sabiraõ por junto da marinha Tezeo , e Esfuziote , tropeçando , e cahindo em terra sem ver hum ao outro.

Tezeo. **V** Alha-me o Ceo! *Cabe.*

Esfuz. Valha-me a terra! *Cabe.*

Tezeo. Haverá, como eu, homem mais infeliz?

Esfuz. Haverá infeliz mais homem, do que eu?

Tezeo. Pois parece, que conjurados os Deos, os fados, e os elementos contra mim, nem nos Deoses acho piedade, nem nos fados fortuna, nem nos elementos abri-go.

Esfuz. Pois a pezar dos ventos, das ondas, e Tubarões me vejo saõ, e salvo, nesta praya.

Tezeo. Mas ay, infelices companheiros meus, se naufragantes nesse golfo tives-
tes

tes urna crystallina, mais liquido monumento nas minbas lagrimas erijo a vossas memorias, para que lea a posteridade nos Cenotafios de meus suspiros a vossa lembrança, e o meu agradecimento.

Esfuz. Ora bom he contar da tormenta, que melhor he estar pingando nesta ribeira feito chafariz da praya, do que ser fonte da pipa em vaza barris.

Tezeo. A esta deserta praya me conduzi-
raõ as minhas infelicidades, adonde até
para o alivio me falta a communicaçãõ
dos viventes. Mas que vejo? Tu não es
Esfuziote?

Esfuz. E vós, Senhor não sois Tezeo?

Tezeo. Tal estou, que não sey quem sou;
mas dize-me, como indo a pique o nos-
so navio te pudeste salvar?

Esfuz. Porque sempre fiz boas obras.

Tezeo. Já te julgava morto entre as ondas.

Esfuz. Senhor, a minha fortuna esteve em
achar huma ancora a que me agarrey,
e sobre ella vim boyando, até dar comi-
go nesta praya, onde tenho a fortuna
de te ver, pois tambem entendi estarias
a estas horas cuberto de limos, e cara-
mujos.

Tezeo. Para que, soberanas Deidades, de-
fendestes a vida de hum infeliz? Para
que

que propicias me livraſtes deſſe ſalóbre marinho monſtro das aguas , ſe quando me redemis da morte , he ſó para perder a vida ?

Esfuz. Eiſaqui o que eu não aturo : de fórte, Senhor, que quando te vias na tempeſtade , tudo eraõ votos , lagrimas , e promeſſas , e agora ingrato contra o Ceo , depois que te vês em terra firme , accusas a piedade dos Deoſes , que te livraraõ ? Ora , Senhor Tezeo , ponhamoſnos de joelhos , e com a boca na arêa eſcrevamos com a lingua louvores a Baſcho , que nos livrou de bebermos agua ſalgada.

Tezeo. Deixa-me , Eſfuziote , precipitar-me outra vez neſſas ondas , para que com eſte arrojo emmende o erro dos fados.

Esfuz. Iſſo he fallar.

Tezeo. Pois tu ignoras o meu valor ? Não ſabes , que ſou Tezeo :

Esfuz. Eu bem ſey , que he o valeroſo Tezeo , Principe de Athenas , cujas façanhudas obras fizeraõ , com que a fama deixaffe o clarim , para ficar com a boca aberta : item ſey , que he aquelle Tezeo companheiro de Hercules , que tem morto mais gente , do que eu piolhos ; porém *ſalva pace* , ainda me não conſta , que

de Creta. 9

que algum dia fizesses a heroica acção de te lançares ao mar , e morrer affogado.

Tezeo. Pois para que o vejas , e contes ao Mundo , que Tezeo , como valente , e Estoico , antes que ignominiolamente perca a vida , procura sepultarse neste monumento de crystal. *Faz que se lança ao mar.*

Esfuz. Tenha maõ , Senhor ; veja que aquillo naõ he crystal , saõ aguas vivas , que mataõ a gente : ora persuado-me , que na tormenta fizeste algum voto de morrer affogado.

Tezeo. Deixa-me , Esfuziote , ser piedoso esta vez comigo.

Esfuz. He boa obra pia querer matarse a si mesmo !

Tezeo. Para que quero eu viver ?

Esfuz. Para viver ; e he taõ pouco ? Pois em quanto o pão vay , e vem , folgaõ as costas.

Tezeo. Ay misero de mim !

Dent. Dedal. Ay infeliz !

Tezeo. Naõ ouviste , Esfuziote , huma funesta voz ?

Esfuz. Eu bem a naõ quizera ter ouvido , nem ouvidos nesta hora : ay Senhor , que será isto ?

Dentr. Ao bosque , à selva.

Dentr.

Dentr. Ariad. Adonde te esconderás, cer-
doso bruto, do acelerado furor das mi-
nhas settas ?

Tezeo. Venatorias vozes são as que agora
ouvi!

Esfuz. Aqui valerá mais a caça grossa do
que a fina.

Tezeo. Em que Paiz estaremos ?

Esfuz. Pois sempre cuidey, que estavamos
em alguma deserta praya, em que só-
mente reina o birbigaõ com a ajuda das
ameijoadas.

Canta-se dentro o seguinte Coro.

Chegay, moradores de Creta, chegay,
Offerecey, dedicay

A victima pura de huma alma rendida

Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Tezeo. Espera, não ouves ao longe sonoras
vozes de festivos hymnos ?

Esfuz. Já que suppões, que eu sou furdo,
quero tambem imaginar, que es cego :
não vês descer por aquelle monte huma
formosa tropa de balhadeiras ?

Tezeo. Que variedade de affectos ao mes-
mo tempo admiro nesta, que julguey
barbara, e tosca montanha ! Que te
parece isto ?

Esfuz. Se o nosso navio aportasse em Cre-
ta, para donde levava direito o rumo,

dis-

differa , Senhor , que estavamos em o Labyrintho de Creta.

Tezeo. Oh não me falles em Creta , que não foy pequena fortuna o não estarmos nella ; mas affirmo-te , que não posso penetrar o motivo de tão differentes , e discordes vozes ; pois quando da cavernosa boca daquelle rochedo ouvi o funesto ecco , que dizia

Dentr. Dedal. Ay misero de mim ! Ay infeliz !

Tezeo. E ao mesmo tempo escutar o vago estrepito de venatorias vozes , proferindo confuzas

Dentr. Ao monte , à selva , tó , tó.

Tezeo. E isto acompanhado de sonora melodia de acordes accentos articulando alegres.

Canta o Coro.

Chegay , moradores de Creta , chegay
Ao Templo divino de Venus , e Amor.

Esfuz. Senhor , façamos aqui ponto de admiração , que as Ninfas já se vem aprompinquando.

Tezeo. Pois occultemo-nos nesta gruta , só por ver isto no que pára.

Esfuz. Vá feito ; mas a meu ver , isto não pára aqui.

Escondem-se na boca da gruta , e sabirão
bu-

bumas Ninfas dançando ao som do Coro, e sabem Sanguixuga, Taramella, e Fedra, e canta o Coro.

*Cheyay, moradores de Creta, chegay
Ao Templo divino de Venus, e Amor.*

Sang. Anda rapariga não te tresmalhes, e te percas por estes montes.

Taram. Ay tia, que já vou muy cansada!

Esfuz. Se quizer descansar, e fazer penitencia comigo nesta cova, não faça cerimonia, entre cá para dentro.

Taram. Ay minha tia, que me fallaraõ daquella cova!

Vaise.

Sang. Foge, Taramella, que será algum Satyro salvage.

Vaise.

Esfuz. Senhor, não sabe, que travessos olhos são os daquella boginica!

Tezeo. Attende, e não falles.

Sabe Fedra.

Fedra. Não cessem, Ninfas, os reverentes cultos, que em armoniosos hymnos dedica o nosso affecto às Deidades de Venus, e Cupido, por ver se com a nossa melodia se applaca o seu furor.

Tezeo. Viste mais peregrina formosura?

Esfuz. Attenda, e não falle.

Fedra. Prosegui o acorde sacrificio de nossas vozes, dizendo:

Sabe.

Sabe Tebandro.

Teband. Galharda Fedra, para que te fatigas em subir a esse elevado Templo de Venus, e Amor, se aqui neste lugar acharás as Deidades, que procuras?

Fedra. Principe, não vos entendo.

Teband. Não buscas a Venus, e Amor?

Fedra. Esse he o meu reverente intento.

Teband. Pois se buscas a Venus, outra mais bella se admira em tua formosura; e se queres amor, procura-o em meu peito, que nelle o acharás.

Fedra. Não he esse o amor, a quem eu sacrifico.

Teband. Talvez que fosse bem empregada a victima desse affecto nas aras deste amor, que sem a impropriedade de cego, tem mais olhos do que Argos, para admirarte, e mais chammas, que o Vesuvio para abrazarme; admitte, pois. . . .

Fedra. Basta Tebandro, basta Principe de Chypre; se me julgais Deidade, não queirais sacrilego ultrajar o meu decóro com taó improprios sacrificios, que mais offendem, do que applacaõ.

Tezeo. Hirey impedir-lhe não passe a mais o seu atrevimento; pois antes de ter amor, já sinto zelos.

Esfuz. Uy Senhor, vossa mercê he o guarda

da

da damas ? Deixe à gente fazer o seu amor ; *Quod tibi non vis , alteri non facias .*
Teband. Senhora , se atrevido o meu rendimento chegou

Fedra. Não mais , Principe , não mais ; mas ay de mim , que já as Ninfas do Coro vão muy distantes ! Vou-me em seu seguimento. *Vaise.*

Teband. Ay de mim , que Fedra cruel contra o meu amor accelerada se ausentou ! Porém se te apartas , tyranna , por não ouvir as minhas vozes , o mesmo vento , que te deu azas para a fuga , te levará os eccos dos meus suspiros.

Canta Tebandro a seguinte.

A R I A.

Se foges , tyranna ,
 De ouvir meus suspiros ,
 Suspende os retiros ;
 Porque de meus eccos
 Não podes fugir.

Oh quanto te enganas
 No mal , com que abrazas ,
 Se amor , que tem azas
 Te sabe seguir ! *Vaise.*

Sahem Tezeo , e Esfuziote da gruta.

Tezeo. Oh quanto me arrependo , Esfuziote , de não haver sahido da gruta , para admirar de mais perto aquella soberana

bel-

belleza, e castigar a temeridade daquelle atrevido Factonte, que intentou dominar as luzes de tanto Sol!

Esfuz. Tudo quanto os Deoses fazem, he por melhor.

Dentr. A' selva, ao bosque.

Dentr. Ariad. Deoses, valeime; quem me soccorre?

Tezeo. Daquelle visinho bosque não ouviste sentidas, e afflictas vozes de huma mulher?

Esfuz. Senhor, eu não sey, que nas vozes haja macho, e femea.

Dentr. Ariad. Deoses, valeime!

Tezeo. De mulher he a voz, não ha duvida; em que me detenho, que não vou a soccorrella? *Quer irse.*

Dentr. Dedal. Ay misero de mim!

Dedal. e Ariad. Ay infeliz!

Tezeo. De huma mesma causa parece nascem taó differentes vozes: a qual das duas acodirey primeiro?

Esfuz. Eu, Senhor, aqui não tenho voz activa, nem passiva.

Dentr. Ariad. Não ha quem me soccorra?

Tezeo. Sim ha. *Vaise.*

Esfuz. Ah Senhor, espere, não me deixe aqui só em poder dest'outra voz, que sou capaz de ficar sem falla.

Sabe Teseo com Ariadna desmayada.

Teseo. Que estranho successo ! Que venturoso acaso ! Pois a não ser eu , seria esta infeliz belleza despojo da ferocidade de huma féra !

Esfuz. He féra desgraça ! He féra belleza ! He féro desmayo !

Teseo. Bellissima Deidade , cesse o violento eclipse de teus rayos , que os Astros dependentes das tuas luzes não pódem brilhar , quando desfaleceis.

Ariad. Monstro feroz , e indomito : mas ay de mim , que vejo !

Teseo. Socegay , Senhora , que eu não sou a féra , que vos quiz offender.

Esfuz. Nem eu tão pouco.

Teseo. Que extasis vos suspende os alentos ? Ainda não credes , que sou quem vos defende , e não quem vos offende ?

Ariad. Como ignoro o modo de agradecer tão generosa acção , que muito me faltam as vozes , e me sobrem as admiracões ?

Teseo. Huma casualidade não he digna de agradecimento ; más já que o destino me conciliou a fortuna de ser eu o ditoso instrumento da vossa vida , quizera vos compadecesseis da minha , que em parocismos já quasi falece às mãos de huma doce violencia.

Ariad.

Ariad. Eu vos prometto defender a vossa vida, já que tanto me encareceis o seu perigo; e assim dizeime, qual he o delicto, que vos obriga a viver foragido entre essas brenhas? Que gentil presença!
à parte.

Tezeo. Senhora, sendo vós a culpada, eu he que sou o delinquente.

Ariad. Não entendo esse novo modo de criminar.

Tezeo. Daim licença, que me explique.

Ariad. Dizey.

Esfuz. Eilo ahi meu amo namorado! Estamos bem aviados!
à parte.

Tezeo. Essa animada esféra de belleza, que em attractivos incendios, sendo luminoso iman de meu peito, foy luzida remora de meu alvedrio, que perdendo este a natureza de livre, se considera prezo, para augmentar os despojos no carro do amor.

Ariad. Que he amor? Estais louco? Adverti, que o ignorares quem eu sou, e o acharse obrigada a minha vida ao vosso braço, faz com que reprima o castigo dessa temeridade. Oh dura ley do decóro; pois me hey de offender do mesmo, que me agrada!
à part.

Esfuz. Toma lá esse piaõ na unha: ainda bem,
Tom. II. B bem,

bem, quanto folgo!

à part.

Tezeo. Notavel he o vosso rigor!

Ariad. Mayor he o vosso atrevimento. Oh que espirito digno de animar o peito de hum Principe!

à part.

Tezeo. Já que a vossa tyrannia he igual à vossa belleza, permitti ao menos, que vos ame cá dentro em meu peito, para que os fumos da victima não escureçaõ as luzes da vossa Divindade.

Ariad. Para isso não he necessario licença minha, que não posso impedir os effeitos do alvedrio.

Tezeo. Visto isso, poderey, amando comigo, esperar fer ditoso algum dia?

Ariad. Bem podeis esperar; porém sem esperanza. Valha-me amor, ou não me valha, pois me quer precipitar!

à part.

Tezeo. Desenganaimé, Senhora; para que ou com a esperanza se alente o meu amor, ou acabe a minha vida na desesperaçãõ.

Ariad. Não sey o que vos diga. Vou-me, antes que a lingua obedeca aos impulsos do coração.

à part.

Quer ir se.

Tezeo. Sem dar-me reposta, não he razão, que vos vades; já que abatestes os voos ao meu amor, deixay ao menos voar a minha esperanza.

Esfuz. Senhor, olha que te deitas a perder

der

der nõ que pedes ; pois se queres , que
voe a tua esperanza , ficarás sem ella.

Tezeo. Deixa-me , louco. Dizeime, Se-
nhora , terey feliz ?

Ariad. Eu volo digo.

Canta Ariadna a seguinte.

A R I A.

Dous finos affectos

Nesta alma conservo :

Hum delles reservo.

Se he amor , ou piedade ,

Dizello não sey.

Porém se no extremo

Porfias constante ,

Affecto de amante

Que seja , farey.

Vaise.

Tezeo. Espera , esquiva Deidade ; se que-
res correr mais ligeira , deixa o alvedrio
que me levas , e leva as penas que me
deixaste.

Esfuz. Entendo , que se agora viera outra
Ninfa , terceira vez te namoravas ?

Tezeo. Ay , Esfuziote , que me sinto abra-
zar em vivo fogo.

Esfuz. Pois lança-te agora ao mar , que he
boa occasião. Mas dize-me , Senhor ,
quando viste a Fedra , não querias ma-
tar ao Principe de Chypre com zelos del-
la ? Pois como tão depressa te queres

matar a ti pelo amor desta Senhora caçadora ?

Tezeo. Não injuriá ao Sol quem , antes de o ver , adorou huma Estrella ; porém depois de visto o seu resplandor , seria aggravado de suas luzes , não preferillas a todos os astros.

Esfuz. Vês , Senhor ? Se eu te deixara lançar ao mar , como querias , não tiveras visto agora tanta formosura ; não te arrebatas ; não te namoraras ; não te abrazaras , e

Tezeo. E não te matara tambem ; pois se me não impediras lançarme a essas aguas , não sentira agora esta violenta chamma de amor ; e pois tu es a causa desta violencia , sentirás parte do estrago , que me arruina.

Dá-lhe.

Esfuz. Ay Senhor , para que me dá agora esse esfuziote ? Deixe por ora esses namoricamentos , lembre-se , que o espera a devorante goella de hum Minotauro.

Tezeo. Ainda por isso duplicas mais a tua culpa , pois com o precipicio do mar escuzara sentir as furias destes monstros de amor , e Minotauro . Ay tyranno Esfuziote , que me privaste do mayor bem , que era o morrer !

Esfuz. Uy . Senhor , não seja essa a duvida ,
se

se só por huma causa te querias matar, agora que tens duas, toma duas mortes.

Dentr. Dedal. Acabem-se já por huma vez tantos pezares; rebente a mina, unica idéa do meu desafogo.

Esfuz. Ay Senhor, que alli ha mina? Vam-nos a ella; ay! Mina temos? Grande fortuna me espera.

Ao irse chegando Esfuziote para dentro da gruta, rebenta esta com estrondo, e labareda, e ficará Esfuziote submergido debaixo das ruinas, das quaes sabirá Dedalo.

Esfuz. Ay quem me acode, que dey à costa na mina!

Tezeo. Que horrendo estampido! Parece que a terra prefaga da minha ruina em estragos pública a minha desgraça.

Sabe Dedalo.

Dedal. Valha-me o Ceo!

Tezeo. Que foy isto, Esfuziote? Levantate. Mas que novo espectaculo se offerece à minha admiracão! Quem es espantoso aborto desta penha?

Dedal. Sou hum misero infeliz, e taõ desgraçado, que a terra, sendo máy commua para todos, a mim de si me arroja, como madrasta.

Esfuz. Senhor Tezeo, resuscite-me desta espelunca, adonde estou enterrado.

Te-

Tezeo. Esperay, não vos vades, em quanto vou acodir a este pobre criado, que jaz opprimido debaixo da ruina daquelle gruta.

Esfuz. Ande depressa, Senhor, que estas pedras me não edificaõ muito.

Tezeo. Ergue-te, anda; he bem feito para castigo da tua ambição: quem te mandou ir ver a mina?

Esfuz. Porque, taõ fraca he a minha ambição, que tivesse pavor de chegar a esta mina? Mas ay de mim, que estou minado de dores, e tomara alguma contra-mina, que me sarasse os ossos!

Tezeo. Homem, quem quer que es, communica-me a causa das tuas penas, pois segundo o arrojõ, que intentaste, parece nascida de algum extraordinario motivo.

Dedal. Se suppões extraordinaria a causa deste excessõ, como posso fiar de ti a narraçãõ de meus successos, sem saber com quem fallo, pois no silencio conservo a minha vida? E assim sabendo primeiro quem tu es, entãõ saberás quem eu sou.

Esfuz. Este sem duvida he aquelle Senhor da voz grossa, que nos metia medo.

Tezeo. Para que vejas, que a minha curiosidade

fidade he sincéra , quero dizerte quem sou , para que da minha pessoa possas inferir , que sou capaz de ser instrumento da tua felicidade. Depois que os Athenienses barbara , e aleivosamente em hum torneyo mataraõ ao Principe Androgeo , filho de Minos , Rey de Creta , este justamente indignado contra os Athenienses , fazendo huma liga offensiva com os Principes do Archipelago , se lança- raõ sobre Athenas , para refuscitar com o estrepito das armas o marcial espirito de Androgeo. Tres annos esteve Athenas cercada , e reduzida à ultima miseria ; até que para salvar os prostrados fragmentos de tantas vidas , que inermes pereciaõ à violencia da fome , e da corrupçaõ , levantando-se o povo tumultuariamente , capitularaõ com El Rey Minos , offerecendo-se à sua discriçaõ.

Esfuz. Tudo aquillo me contava minha Avó.

Tezeo. O barbaro Rey , vendo que de huma vez não podia beber o sangue dos Athenienses , impoz o rigoroso tributo , de que todos os annos pagasse Athenas sete mancebos para alimento de hum monstro , que chamaõ Minotauro , que dizem habita dentro em hum Labirin- tho.

Dedal.

Dedal. Ay de mim!

Tezeo. Que? Suspiras?

Dedal. Profeguei, que os meus suspiros não são sem fundamento.

Tezeo. Era pois a fôrma deste tributo sem excepção de pessoa alguma por mais soberana, que fosse; para o que todos em huma urna lançavaõ os seus nomes, e por sorte se tiravaõ sete mancebos, que se enviavaõ para Creta a serem combustivo feudo do Minotauro.

Esfuz. Se isto não estivera em letra redonda, haviaõ de dizer, que era mentira.

Tezeo. Este anno (ay infeliz!) entre os sete do tributo fuy eu hum delles; que nem o nascer filho delRey de Athenas, e ser o valeroso Tezeo, bem conhecido no Mundo pelo meu valor, foy bastante para isentarme deste tributo; para o que, preparada huma armada, vinhamos para Creta, em cuja viagem os ventos, não sey se propicios, ou indignados, depois de ser ludibrio das ondas, despedaçando o nosso baxel, sem duvida perecera, se huma taboa d'elle não fora o delfim de minha vida, que piedoso me conduzio a estas prayas, sem saber aonde estou. E pois já te tenho fatisfeito, fia agora de mim os teus successos,

cessos , para que aches em minha generosidade o favor , que as tuas misérias estaõ conciliando.

Esfuz. Vejamos agora , o com que se descarta este barbado.

Dedal. Quando eu me considerava o mais desgraçado de todos os homens , acho que ha outros , que nasceraõ com mais infeliz estrella.

Tezeo. Explica-te, naõ me tenhas suspenso.

Esfuz. Vamos, Senhor, diga alguma coisa, ainda que seja huma fabula.

Dedal. Eu sou , generoso Principe , o infeliz Dedalo , aquelle , que por suas extraordinarias maquinas , e sublimes invenções se tem feito conhecido por todo o Mundo.

Tezeo. Basta que sois aquelle celebre Dedalo , cujas artificiosas idéas tem merecido os elogios do Orbe ? Naõ sabeis quanto me alegro ver hum homem taõ grande.

Esfuz. Basta que vossa mercê he o Senhor Dedalo , padre mestre das minas a pezar do meu corpo ? Ay , espere ; vossa mercê naõ he o pay do Senhor Icaro ?

Dedal. Tu conhecestes a Icaro , meu filho ?

Esfuz. Eu naõ Senhor , mas lembra-me de o ver pintado com humas azas , que
ca-

cahindo em hum rio , se foy como hum passarinho.

Tezeo. Cala-te nescio ; profegui Dedalo.

Dedal. Profigo: Vivendo eu na Corte del-Rey Minos de Creta , com a estimaçãõ , que mereciaõ as minhas raras idéas , succedeo , que Venus indignada contra o Sol , que em certa occasiaõ patenteou as suas torpezas , naõ podendo vingarse em suas luzes , pedio a seu filho Cupido , que contra a Rainha Pazife fulminasse o seu rigor , fazendo Cupido a instancias de Venus , que Pazife se namorasse de hum Touro.

Esfuz. De hum Touro? Teve muito bom gosto a Senhora Patife.

Dedal. Pazife combatida de taõ torpe , e nefando amor , pedio-me , que lhe désse remedio a taõ louco incendio , em que se abrazava , fazendo com alguma maquina minha , com que ella pudesse lograr o seu intento , antes que a sua cegueira produzisse olhos , que vissem publicamente esta nunca vista temeridade de Cupido: eu em fim por escusar mayor escandalo , me resolvi a fabricar huma Vaca , com tanto artificio , que apenas se distinguia das outras viventes ; pois no movimento , e aspecto , parece quiz esta
esta

esta vez competir a arte com a natureza.

Esfuz. E essa Vaca havia de ser de leite para Pazife.

Dedal. Fabricada assim a Vaca, por huma escotilha, que nella fiz, se introduzio Pazife, em cuja figura artificialmente transformada foy facil enganar ao Touro, a quem amava; o demais calla-o o silencio, porque se não offenda a modestia.

Esfuz. Sim, bem entendo; sim, Senhor; o Touro, e a Vaca, &c.

Dedal. Deste nefando amor nasceo hum monstro de duas especies, pois era meyo homem, e meyo Touro, por cuja causa o chamaraõ Minotauro.

Esfuz. Desses monstros ha muitos no Mundo.

Tezeo. Ay Dedalo, que tu foste a occasião da minha desgraça!

Dedal. E tambem da minha: ora attende: Vendo Minos naquelle monstro a sua perpetua infamia, me ordenou, que para morada delle fabricasse hum estupendo, e grande Palacio, com taõ equivocas entradas, e sahidas, que quem nelle se introduzisse, não pudesse atinar com a porta, para sahir, ficando prezo na sua mesma liberdade; que por este enredado artificio se chamou o Labyrintho de Creta.

Tezeo. Segunda vez te considero artifice de minhas infelicidades.

Esfuz. Que direy eu , que tenho o corpo esparramado ?

Dedal. Em fim , como não ha cousa , que se não faiba ; quiz a minha desventura , que chegasse à noticia delRey Minos , que eu tinha cooperado para o nascimento do Minotauro , por cuja causa me mandou encerrar no mesmo Labyrintho , que eu fabriquey , na parte mais inferior delle , adonde a minha industria , e desesperaçãõ , fez com que minando com ardentes materiaes as entranhas da terra , sahisse desta gruta , como viste.

Tezeo. Visto isso , estamos em Creta , e às portas do Labyrintho ?

Esfuz. E às portas da morte : Ora o certo he , Senhor , que donde has de ir , não has de mentir ; por isso , tanto que eu puz os narizes em terra , logo me cheirou a Labyrintho.

Tezeo. Ninguem póde isentarse da violencia dos fados.

Dedal. Principe , já que neste bosque de ninguem fostes visto , escondeivos nesta mesma mina , até que tenhais occasiaõ de fugir da morte , que vos espera.

Tezeo. Que quer dizer fugir ? He accaõ ,
que

que nunca exercitey. Que dirá o Mundo, se se differ, que Tezeo fugio da morte, e que o acovardou hum monstro, quando tantos tenho vencido?

Esfuz. Não tem, que se cansar, que este Senhor anda morto por se matar.

Dedal. Como vos não quereis esconder, e certamente haveis de ir parar ao Labyrintho, eu por acompanharvos nelle, me resolvo a fer outra vez habitador da sua confusão, para que ao menos com a minha industria possais vencer esse monstro, e vingarmo-nos desse tyranno Rey, que à vossa Patria, e a mim tanto offende.

Tezeo. O' Dèdalo, eu te prometto, que se entro em Athenas triunfante, serás em minha Corte premiado, como merece taõ generosa acção.

Dedal. Pois adeos, Principe, que lá te espero. *Torna a ir se pela gruta.*

Esfuz. Adeos, Senhor Dedalo, vossa mercê faça muito boa jornada.

Tezeo. Adverte, Esfuziote, que se revelares o que ouviste, serás castigado por El Rey meu pay, pois o braço de hum Rey chega a toda a parte; e se fores fiel, e eu tiver a fortuna de vencer este monstro, te prometto hum premio igual à tua lealdade. *Es-*

Esfuz. Senhor , nem todos os criados haõ de ser lambareiros ; peça a Deos , que me tenha maõ na lingua , que eu da minha parte farey o que puder , ainda que me custe.

Sabe Licas Embaixador.

Licas. Ay Tezeo , que infeliz ventura foy a minha ! Pois quando te julguey naufragante nessas ondas pela tormenta , em que tantos baixeis da nossa armada pereceraõ , aqui te venho a encontrar , depois de procurarte por toda essa marinha , para seres alimento do Minotauro : Oh que desgraça !

Tezeo. Licas amigo , muito me alegre de verte ; e pois que em Creta vives com o caracter de Embaixador de Athenas , para fazeres a funesta entrega dos sete infelices tributarios do Minotauro , vem a apresentarme a esse tyranno Rey , para que facie em nosso sangue a sede de sua impiedade.

Licas. Oh quem naõ tivera tal incumbencia !

Esfuz. Ah Senhor Embaixador , saiba Vossa Senhoria , que eu naõ morri na tormenta.

Licas. Estimo a tua fortuna , Esfuziote ; vamos Tezeo.

Tezeo. Dizeime primeiro quem era huma Ninfa, que seguida de outras em hum festivo coro por aqui passou, chamada Fedra?

Licas. He huma Infanta, filha mais velha delRey, que com a bella comitiva hiaõ para o Templo de Venus, e Cupido, a quem sacrificaçõ todos os annos, para que se aplaque o seu rigor, fazendo com que cesse a infame injuria do Minotauro.

Tezeo. E naõ era mais facil matar o Minotauro, para que cesse a sua affronta?

Licas. Naõ, que este monstro, como consagrado a Venus, e Cupido, corre por conta destas Deidades a sua conservaçaõ.

Esfuz. E d^ome, Senhor Embaixador, quem era huma femininfa, chamada Taramella, que tambem hia nessa turba multa raparigã; e por final, que quando andava, levantava os pés do chaõ?

Tezeo. Naõ te callarás?

Esfuz. Uy Senhor, cadaqual pergunta pelo que lhe pertence.

Tezeo. E quem era outra Ninfa, que no exercicio da caça a livrey da ferocidade de huma féra?

Licas. Seria sem duvida a Infanta Ariadna, filha tambem delRey Minos, que mais adora a Diana nos bosques, do que a Venus nos templos.

Te-

Tezeo. Ay Licas, que essa Ariadna.

Licas. Senhor, vamos: não cuides por ora nisso.

Tezeo. Foy a homicida.

Esfuz. Senhor, lembre-se da sua alma, e deixe Ariadna.

Tezeo. Da minha vida primeiro, que o Minotauro.

Licas. Vamos, Senhor. *Vaise.*

Tezeo. Vamos, Licas: ay Ariadna! *Vaise.*

Esfuz. Ay Minotauro! *Vaise.*

S C E N A II.

Templo com as estatuas de Venus, e Cupido, e hum pyra ardendo. Sabe Lidoro, e canta-se o seguinte.

C O R O.

Chegay, moradores de Creta, chegay
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Lidoro. **Q**Uiz anticiparme neste Templo de Venus, e Cupido, por ver se nelle encontro a bella Ariadna, e mostrarlhe a semrazaõ de sua tyrannia, e o justo motivo de meu incendio; pois sem que me valha o ter Principe de Epyro, e ter deixado a minha Corte, por
vir

vir a esta de Creta, só a pertender o seu ditoso Hymenêo, com tudo o seu rigor sempre implacavel se mostra às minhas finezas. O' Deidades soberanas de Venus, e Amor, em cujas aras arde a vítima de meu coração, fazey que seja ditoso, quem sabe ser amante.

Ariad. Que violenta vinha algum dia a este Templo de Venus, e Amor! Porém, depois que no bosque vi aquelle..... Mas quem está aqui?

Lidor. Quem ha de ser, senão huma sombra inseparavel do vosso Sol, que por influxo desse mesmo Astro se considera *Clicie* de vosso resplendor?

Ariad. Bem podéreis, Lidoro, deixar essa loucura de vosso amor: não tem bastado tantos desenganos, para despersuadir-vos, que mais facil será, que o Sol não allumie, que a escuridade resplandeca, e que o fogo esfrie, que no meu peito possa haver amor, com que correspondervos?

Lidor. Em fim, Senhora, esse he o ultimo desengano da vossa tyrannia?

Ariad. Admiro-me, que tenhais este desengano pelo ultimo, quando podéreis fazer esse conceito do primeiro.

Lidor. Assim premiais as minhas finezas?

Ariad. Para que as obrastes sem minha licença, sabendo que nisso me offendieis?

Lidor. Pois para que não vos offenda quem só vos deseja agradar, eu me retiro dos vossos olhos, que só por darvos esse prazer, serey cruel para comigo. *Querirse. Sabem o Rey, Fedra, e Tebandro.*

Rey. Lidoro, que he isso? Quando todos vimos a este annual sacrificio, que em oblação reverente consagra o nosso rendimento nas aras dessas Deidades de Venus, e Amor, te retiras?

Lidor. Senhor, a procurar-te hia, vendo que tardavas.

Rey. Fedra, Ariadna, não cessem as vossas rogativas, para que essas deidades menos indignadas nos livrem da perpetua infamia desse Minotauro, como labéo affrontoso da nossa regia estirpe. Ay Pazife fragil, seja a tua memoria abominavel nos seculos futuros!

Teband. Senhor, temo, que esta melancolia te acabe a vida: lembra-te!, que es ElRey Minos, para que com a tua constancia toléres os golpes do pezar.

Fedra. Senhor, Vossa Magestade deve buscar algum meyo efficaz, para que cesse a sua mágoa, e a nossa affronta.

Lidor. Tudo poderá ter remedio, excep-

to o meu tormento.

à part.

Ariad. Senhor, se estamos neste Templo de Venus, e Amor, porque não consultas o seu Oraculo, para que nos declare, quando terá fim a vida do Minotauro?

Rey. Ariadna, esse conselho he filho do teu subtil engenho; pois attenção, que nesta fórma consulto o seu Oraculo. Venus soberana, compadécida a nossos gemidos, e grata a nossos votos, declara-nos, quando terá fim a vida do Minotauro, cuja existencia aviva a nossa ignorancia.

Canta o Oraculo o seguinte.

Quando desse biforme monstro horrendo
Vires ser alimento combustivo
Hum vivo morto, e hum morto vivo.

Rey. Enigmatica, e prodigiosa he a resposta; pois diz, que terá fim a vida do Minotauro, quando lhe servir de alimento hum vivo morto, e hum morto vivo.
Quem vio mayor confusão!

Lidor. He estylo dos Oraculos responderem por enigmas.

Fedra. Que prodigio!

Lidor. Ainda em mayor duvida ficamos; pois como poderá servir de alimento

hum morto vivo, e hum vivo morto ?

Todos. Quem será este morto vivo ?

Dentr. Licas. Tezeo, entra.

Rey. Tezeo differaõ alli ; parece myfterio, o que seria casualidade.

Teband. Casualidade he ; pois quem poderá ser morto, e vivo, ao mesmo tempo ?

Sabem Tezeo, Licas, e Esfuziate :

Tezeo. Eu ; eu sou, ò Rey Minos, o Principe Tezeo, hum dos sete infelices, que Athenas envia para o feudo do Minotauro.

Licas. Tezeo, Principe de Athenas, foy sobre quem este anno cahio a infeliz fórte do tributo ; taõ rigoroso he o escrutinio, que nem a sua regia pessoa se pôde isentar.

Rey. Tudo o que vejo saõ prodigios ! Vem, Tezeo, a meus braços.

Tezeo. Senhor, a teus pés se offerrece quem já nem he senhor da sua vida para dedicarta ; porém estes breves instantes, que o alento se me dilata, desejava diminuillos, para que mais depressa se satisfaca a tua vontade. *ajoelha.*

Rey. Levantai-vos, esclarecido Tezeo, que supposto vos conduzisse a fortuna a taõ infeliz estado, fereis entre tanto respeitado como Principe, e naõ como réo.

Es-

Esfuz. He muito boa consolação ! Aquillo he o mesmo, que engordar para matar.

Ariad. Ay de mim, que Tezeo, foy quem me livrou daquella féra no bosque ! *à p.*

Fedra. Oh quem pudera livrar a Tezeo, de taõ funesta morte, pois a tua presença conciliou em meu peito, não sey se amor, ou compaixão ! *à part.*

Tezeo. Principe, sinto com a minha vida não poder remediar a vossa ; porém o vosso valor será o lenitivo dessa infelicidade.

Lidor. Tezeo, os que nalcemos Principes isentos da jurisdicção humana, não nos podemos eximir da violencia dos astros, que influem rigorosos ; e assim não he necessario lembrarvos de quem sois, para infundir alentos ao vosso espirito.

Tezeo. O meu agradecimento, e as vossas piedades nesta occasião são inuteis.

Esfuz. Que esteja meu amo recebendo em sua vida os pezames da sua morte ! He boa pachorra !

Tezeo. Esfuziote, aquella não he a Ninfa, que eu tive em meus braços desmayada?

Esfuz. Sim, Senhor, ella he a mesma : e vejaõ o que tem crescido ! Ah Senhor, e tambem a outra he aquelloutra.

Rey.

Rey. Dizeime , Embaixador : e todos os sete mancebos do tributo vem com o Principe Tezeo ?

Licas. Como houve, Senhor, huma grande tempestade, em que o baixel naufragou, muita parte da gente pereceo, e dos tributarios só se achão seis com o Principe.

Rey. Eu não hey de receber menos numero, que o de sete; pois nem ainda todo esse sangue he bastante, para illidir as manchas de vossas aleivosias.

Esfuz. Este Rey será amigo de sarapatel?
à part.

Tezeo. Senhor, sendo eu Principe, parece, que valho por dous.

Licas. E quando não, aqui está este criado, que completará o numero dos sete.

Esfuz. Irra: Ah Senhor Embaixador, faça-me mercê de se não meter com as vidas alheas: he boa graça!

Licas. Não vês, que ElRey está teimoso, em que sejaõ sete, e não ha senão seis; e como tu estás aqui, por força has de fer hum delles?

Esfuz. Senhor Minotauro, requero a Vossa Magestade. . . .

Tezeo. Adverte, que ElRey chama-se Minos, e não Minotauro.

Esfuz. De Minos a Minotauro pouco vay.

Liras. Senhor, Vossa Magestade saiba, que este homem he hum tonto.

Esfuz. Sim, Senhor, sou taõ tonto, que desse monstro naõ quero ser comido por concomitancia; e logo requeiro a Vossa Magestade, que o Minotauro me naõ póde comer.

Rey. Porque ?

Esfuz. Porque he meu inimigo capital.

Rey. Por isso mesmo te comerá.

Esfuz. Naõ, Senhor, que quem me quer mal, me naõ póde tragar.

Lidor. O homem he divertido, quero apurrallo: homem, o Minotauro naõ sabe fazer differença de amigos, e inimigos.

Esfuz. Ainda esta he peyor! Pois, Senhor, eu desengano, que se o Minotauro me come, bem lhe póde abrir a cova, que morre sem falta.

Lidor. Porque!

Esfuz. Porque sou hum veneno.

Lidor. Tambem o Minotauro he venenoso, e hum veneno naõ mata outro veneno.

Esfuz. Para que se cansaõ, Senhores? Saibaõ, que eu para alimento sou muito indigesto.

Rey. Seja como for, elles haõ de ser sete mancebos os do tributo.

Es.

Esfuz. Aque de Vossa Magestade; Senhor, por força haõ de ser sete mancebõs?

Rey. Assim toy a capitulaçaõ.

Esfuz. Pois eu naõ posso servir para isso.

Lidor. Porque naõ?

Esfuz. Porque naõ; porque eu naõ sou sete mancebos, sou hum só; e ainda esse sabe Deos o que vay por cá.

Lidor. O Minotauro naõ ha de engolir os sete mancebos juntos por huma vez, se naõ hum a hum.

Esfuz. Uy, Senhor, que tem o Minotauro, que se amancebar com a minha vida?

Lidor. Senhor, o criado convem conservallo, que he galante.

Rey. Andar, cuidaremos nisto: o Embaixador hospéde a Tezeo; Lidoro, vem comigo. *Vaise.*

Lidor. Ainda sem esse preceito iria, só por naõ ver a huma ingrata, que tanto tyranniza os meus extremos. *Vaise.*

Fedra. Toda a minha alma occupa a pessoa de Tezeo: verey se acho algum meyo de redimir a sua vida. *à p. e vaise.*

Teband. Vamos, coraçãõ, a experimentar novas tyrannias em Fedra. *à p. e vaise.*

Licas. Tezeo, vem. *Vaise.*

Tezeo. Vay, que eute figo.

Esfuz. Vá-se cos diabos Embaixador de hu-

humã figa, que eu lhe pregarey.

Tezeo. Bellissima Ariadna, que venturosa seria a minha morte, se eu levara a certeza de que ao menos na tua memoria vivia conservado este extremo de meu amor! Lembra-te, bella homicida, não de me isentares da morte, que me espera, mas sim deste amoroso tormento, que me afflige.

Ariad. Tezeo, quando no bosque vos confiderey forasteiro, reprehendi o vosso atrevimento, e agora que vos reconheço Principe, estranho muito o vosso delicto; e pois quando me déstes a vida, prometti defender a vossa, estou prompta a cumprir a minha palavra. Ay amor, quem pudera declarar-te! *à parte.*

Tezeo. Não peço recompensa de humã acção, que ao principio não foy executada a vosso respeito, por ser casual aquelle arrojo do meu valor, e natural obrigação de hum generoso peito: só desejará, que não desprezasseis este bem nascido affecto de meu amor.

Ariad. Principe, aceitay por ora a minha recompensa, que quem vos ampara a vida, talvez que a faça venturosa.

Esfuz. Aceita Senhor, que ao mão pagador, em farellos.

Tezeo. E quem me assegura essa esperança?

Ariad. Se não vos satisfazeis da minha palavra, solemnemente o jurarey nessa immortal pyra de Venus, e Amor.

Tezeo. Pois eu tambem para revalidar o meu voto, nessa chamma de amor, ferey Fenix da minha fineza, para que das cinzas dos teus estragos renasçaõ os extremos dos meus ardores.

Canta Ariadna, e Tezeo o seguinte.

Tezeo. O' tu candida filha do falso elemento.

Ariad. O' tu cega Deidade, que as almas dominas,

Tezeo. Sabey, que eu amante,

Ariad. Sabey, que eu constante,

Tezeo. Prometto abrazarme de amor nos incendios,

Ariad. Prometto guardar do Principe a vida,

Tezeo. Com fé inviolavel,

Ariad. Com voto sagrado,

Ambos. Da morte, e da vida no ultimo estado. *Vão-se.*

Esfuz. Não me póde esquecer alcovitar-me o Senhor Embaixador, para que eu fosse pastinho do minotauro! Mas pelo fim, pelo não, já que me acho recolhido no sagrado deste templo, daqui não sahirey, ainda que me deitem a páos,
mas

mas ay, que ahy vem aquella moça chamada Taramella, que eu ví no bosque! Eu me escondo atrás desta estatua, para que me não veja, e observarey o que faz.

Poem-se Esfuziote a traz da Estatua, e sabe Taramella com hum vassoira na mão.

Taram. Graças a Cupido, que já todos se foraõ, e poderey sem impecilhos exercitar o voto, que tenho feito de varrer todos os dias este Templo de Venus, para que me case com hum moço franca, destes de pasta na cabelleira, e relogio de pendurucalhos!

Esfuz. Ay que Taramella quer que Venus a case! E ella o fará. Valha-me agora a industria de amor.

Varrendo o Templo Taramella, canta o seguinte.

Taram. Ay amor, se me dás hum marido,
Vassoira vivente do Templo serey.

Esfuz. Quero fingir, que sou Venus.

Canta Esfuziote o seguinte em falsete.

Taramella, se queres marido
Aqui mesmo no Templo, no Templo o darey.

Taram. Ay que Venus me respondeo favoravel à minha petição! O' minha Deo-fa, dizeime outra vez quem será o meu ditoso marido?
Can-

Canta Esfuziote o seguinte Recitado em falsete.

Teu marido será em teu conforto
Hum morto vivo, e hum vivo morto.

Taram. Que galante reposta ! Entendo ,
que nunca casarey ; pois como póde ser
meu marido hum vivo morto ?

Sabe Esfuziote.

Esfuz. Agora eu : Sapiëntissima Taramel-
la , hum naufragante peregrino , com-
batido das ondas , marcado dos mares ,
açotado dos ventos , e enjoado das ma-
refias , vem hoje a offerecer o traquete
do seu amor aos joanetes de teus pés ,
para que dependurado no templo de tua
formosura se ostente troféo da tua galhar-
dia.

Taram. Que galante cousa ! Explique-se,
que eu ainda não sey o que vossa mercê
me disse.

Esfuz. São effeitos do crepitante incen-
dio , que o bolcão de meu peito trans-
pira pelos metaes do idioma.

Taram. Senhor Estrangeiro , eu não en-
tendo palavra.

Esfuz. Já que não entendes de estylos cres-
pos , te fallarey em frases estiradas. Eu,
Senhora Taramella , sou hum Soldado
da fortuna , que a venho buscar mais
di-

ditosa no conjugio de vossa mercê.

Taram. Tire-se para lá , não venha zombar da gente ; ande , va-se , deixe-me acabar de varrer , para que entre o lixo do Templo encontre o marido , que a Deosa me promete.

Esfuz. Suspende, galharda Ninfa, essa vasoira dos sentidos, essa escova das almas, esse basculho do coração; esse espanador das potencias, e esse esfulinhador dos affectos ; pois já por ti me confidero louco varrido.

Taram. Ay Senhor , não me falle nisso , que eu sou muito fizudinha , e huma moça donzella , que estou aqui para honra , e casamento.

Esfuz. Se estás aqui para honra , e casamento , tudo achaste em mim.

Taram. É de que sorte?

Esfuz. Eu te digo : se estás para casamento , aqui tens marido , e se para honra , honra terás se casares comigo ; e não digo o mais , pois sem saber se me queres , não te direy quem sou.

Taram. Pois só saberey querer , quando souber quem vossa mercê he.

Esfuz. Pois Taramella , promettes pôr o teu nome na boca ?

Taram. Sou tão callada , que não como , por não abrir a boca.

Es-

Esfuz. Já que estaõ secreta, saberás, que eu sou o Principe Tezeo, sobre quem cahio a sôrte, (ou o azar, para melhor dizer) de ser alimento do Minotauro: eu para efcapar desta comichaõ, me ajuf-tey por huma grande somma de dinheiro com hum criado meu, chamado Esfuziote, para que dissesse, que era eu, e dêsse a vida por mim; e como o criado me queria bem, naõ foy difficil o morrer por mim.

Taram. E ha homens, que se mataõ por dinheiro.

Esfuz. Filha, todos morrem por dinheiro. Em fim trocámos os vestidos, e os nomes; ipois elle morre com o nome de Tezeo, e eu vivo com o de Esfuziote.

Taram. Ay Senhor, Vossa Alteza, sendo quem he, quer casar com huma rascoa, podendo empregar-se em huma Princeza?

Ajoelha.

Esfuz. Levantaivos: prometti a Venus em huma tempestade, que tive, casar com a primeira mulher, que visse em terra, que fosse tu, se acaso te lembra hum beliscaõ, que te dey hoje, vindo tu dançando por esses bosques.

Taram. Ay, he verdade; basta, que foy V. Alteza?

Et.

Esfuz. Fuy eu, que te quiz marcar com a unha, para a todo o tempo te conhecer; pois que dizes? Está justo o teu amor, ou ainda pecca em alguma desconfiança?

Taram. Senhor, tudo está muito bem; mas Venus me disse, que havia ser meu marido hum vivo morto, e Vossa Alteza não he morto vivo.

Esfuz. Isso he o que te parece; queres ver como eu sou esse, que te disse a Deosa? Ora attende.

S O N E T O.

Eu sou, ò Taramella, o vivo morto.

Que por ti me imagino morto, e vivo;

Mas não cuides, que vivo, porque vivo,

Pois ainda que vivo, vivo morto:

Na cova de hum desdem me enterras morto,

No aceno de hum favor me alentas vivo,

Se me affagas, desperto como vivo,

Se te agastas, esfrio como morto:

Nesta batalha, pois, de morto, e vivo,

Na vida de hum favor me alentas morto,

Na morte de hum desdem me matas vivo.

Sou em fim, morto vivo, e vivo morto,

Se qual Fenix nas cinzas, quando vivo,

Mariposa nas chamma, quando morto.

Taram. Já sey, que Vossa Alteza he o vi-
vo,

vo , e morto , que me disse a Deofa ; mas como caía por voto , e não por amor , ferá o seu matrimonio mais por força , que por vontade.

Esfuz. Taramella , no amor toda a vontade he forçada ; pois quem por seu gosto ha de appetecer os sopapos de Cupido , e os pontapés de Venus , que para adorno do seu rigor fazem galla da tyrannia , e gallacé do martyrio ?

Taram. Para que socegue a minha desconfiança , e acredite o seu amor , meta Vossa Alteza a mão naquelle fogo de Amor , no qual se experimenta dos amantes a constancia ; seja chamma o não abraçar , reconhecerey , que me quer bem , e quando não , he certo , que quem se queima alhos come , que essa he a virtude especial daquelle fogo.

Esfuz. E que tem o amor com os alhos ?

Taram. Não vê , que o alho destroe a virtude do Iman , que he o symbolo do amor ?

Esfuz. Isso he cousa de Poetas ; mas se queres , que pelo meu amor meta a mão nesse fogo , eu o farey , que se elle não abraza a quem ama , seguro estou de offenderme o seu incendio.

Taram. Ora vá , e não trema.

Cantaõ Esfuziote, e Taramella a seguinte

A R I A A D U O.

Taram. Meta a mão na chamma ardente,
E verey o seu amor.

Esfuz. Tu verás como valente
Naõ me abraza o seu ardor;
Mas ay, que me abraço! *Meté a mão.*
Mas ay, que me queimo!

Taram. Assopra.

Esfuz. Eu assopro.

Taram. Vá-se dahi,
Já sey me naõ ama.

Esfuz. Se vês, que me inflammo,
Por isso te amo.

Ambos. E se acaso ainda o duvidas,
Este fogo to dirá.

Taram. Já tenho entendido,

Esfuz. Já tenho alcançado,

Taram. Que o cego Cupido,

Esfuz. Que o monstro vendado,

Ambos. *Ahi* naõ está.

*Esfuz. quã-
do falla em
fogo aponta
para o seto
peito, e Ta-
ram. para a
pyra.*

*Na palavra
ahi aponta
Taram. para
o peito de Es-
fuz. e este pa-
rá a pyra.*

Sabe Sanguixuga.

Sang. Tambem este murro to dirá, desa-
vergonhada, louca, furada do miollo;
tu aqui cantando só hum Duo com hum
machacaz? Ay mo finos sessenta e tres ani-
nos!

Taram. Minha tia, naõ se agaste, que mal
sabe o que vay.

Sang. Que vay, nem que vem? Que fazias ahi dando à taramella com esse magano?

Taram. Ay que blasfemia! Não diga tal, que mal sabe quem alli está.

Esfuz. Sempre hey de encontrar com velhas! He bom fadario!

Sang. Pois dize-me, que homem he esse?

Taram. He hum homem grande; nós fallaremos mais de vagar.

Sang. Homem grande he besta de páo, e tu es besta em carne, que te deixas enganar de semelhantes velhacos.

Esfuz. Que he isso, Taramella?

Taram. Senhor, he minha tia, que se vem pôr aos pés de vossa Alteza. Tia, faça o que lhe digo; que não sabe a fortuna, que nos espera. *à part.*

Sang. Senhor, Vossa alteza dê-me os seus pés.

Esfuz. Se vos der os meus pés, ficareis com quatro.

Sang. Senhor, Vossa Alteza releve a minha desattenção, que eu o não conhecia.

Esfuz. Não vos culpo o não conhecerme, que nós os Principes não temos sobrecrito; e ainda que o tivera, como não sabeis ler, não podieis soletrar no alfabeto

beto de minha pessoa os caracteres de
minha nobreza: levantaivos: como vos
chamais?

Sang. Sanguixuga, meu Senhor.

Esfuz. Sanguixuga? Não vos peze, que
em certa parte valereis muito.

Sang. Isso são favores, que Vossa Alteza
me faz.

Esfuz. Pois ficaivos embora, e dizey a
vossa sobrinha, que vos participe o bem,
que lhe espera: guarday segredo, que a
vós tambem vos casarey com o meu Em-
baixador, para que a vossa descendencia
faya à luz.

Sang. Ay Senhor, eu já sou quinquage-
naria, e não sey se poderey casar.

Esfuz. A'gora, ainda estais capaz de rom-
per humas sólas; e no caso que vos seja
necessaria menos idade, eu vos manda-
rey passar huma provisaõ, para que te-
nhais sómente quinze annos. *Vaise.*

Sang. Rapariga, que diabo he isto? Con-
ta-me, que estou confusa.

Taram. Senhora, aqui não he lugar disso;
vamos para casa, que lá saberá coufas
nunca vistas. *Vão-se.*

S C E N A III.

Camera. Sabe Fedra.

Fedra. **D**Epois que no templo vi ao Principe Tezeo, não sey, que doce attractivo se occulta em sua pessoa, que por mais que o desvie do pensamento, me penetra o coração! Oh ninguem estranhe os precipicios de amor, que do mais isento peito sabe triunfar! E pois me considero amante, bem he, que defenda a sua vida.

Sabe Lidoro.

Lidor. Já que as incriveis finezas de meu extremo lamentação os desprezos de Ariadna, recorrerey ao ultimo artificio de amor, que he abrandar o seu desdém com outro desdém; para o que me quero declarar amante de Fedra. Mas ella aqui está.

Fedra. Lidoro, que profunda tristeza vos penaliza? Por ventura minha irmã não merece jubilos em vosso coração?

Lidor. Bem he verdade, Senhora, que quando cheguey a esta Corte de Creta a pretender esposa na Regia estirpe de Minos, vosso pay, por achar ao Principe de Chipre pretendendo a vossa belleza,

leza , foy preciso por não desgostar ao príncipe no seu empenho , servir eu a Ariadna ; porém como este rendimento era mais hypocrisia da politica , que rendimento de hum verdadeiro culto , sempre ardeo impura a victima , e violento o sacrificio ; porque o mesmo suspiro , que o incendia , era parocismo , que o aniquilava : e assim , galharda Fedra , se até aqui viveo opprimida a minha inclinação a violencias de hum respeito , agora que impaciente a minha dôr rompe o reverente silencio , desejara ; não que me premiaſſeis a minha fineza , mas sim que recebeſſeis o tributo de minhas adorações.

Fedra. Cuido , Lidoro , que o vosso amor degenerou em loucura.

Sabe Ariadna ao bastidor.

Ariad. Verey se encontro a Tezeo. Mas aqui está Fedra com Lidoro : esperarey , que se vão.

Lidor. Só a vós , galharda Fedra , consagro os finos ardores de meu peito. :

Fedra. Ainda que me fora licito acreditar essa fineza , como toda a Corte sabe , que publicamente servis a Ariadna , seria indecente desattenção corresponder eu a hum amante de minha irmã.

Ariad.

Ariad. Que ouço! Lidoro pretende a Fedra? Se eu lhe tivera amor, motivo havia para ter zelos.

Lidor. O mostrarme algum dia amante de Ariadna pode-se emendar com algum pretexto de razão de estado, que nos Principes he licito o variar de intentos; pois sempre se doura a desatençaõ com o interesse da Monarquia. Mas cuido, que ahi veyo Ariadna: eu me retiro, Senhora, para que vejais, que só na vossa vista me elevo.

Esconde-se Lidoro junto ao bastidor, e sabe Ariadna.

Ariad. Agora verá Lidoro, se sey vingar os meus desprezos.

Sabe Tebandro ao bastidor.

Teband. Vou receber de Fedra o ultimo desengano. Mas com Ariadna está; eu me retiro.

Ariad. Como na monarquia do amor o interesse sabe dourar desatensões, por esse motivo me animo a dizerte, que como sey desdenhas ao Principe Tebandro, e eu tambem por natural antipatia aborreço a Lidoro, que troquemos os amantes, para que na mudança dos sujeitos mude tambem o coração de affectos.

Lidor. Ah tyranna inimiga, não sem causa eraõ os teus desvios! Te-

Teband. Ariadna me favorece , não será defacerto vingarme de Fedra.

Ariad. Só dessa sorte será ditoso o nosso hymenêo. Fedra, que dizes?

Fedra. Eu não troco a quem adoro por nenhum outro amante ; pois vivo tão satisfeita com o meu amor, que não acho outro equivalente, que o possa recompensar. Ay Tezeo, só a ti se dirigem os mudos suspiros de meu peito. *à part.*

Teband. Alma, respiremos.

Lidor. Quem vira o seu amor tão premiado!

Ariad. Se sey desprezas a Tebandro, para que affectas esse carinho, só para que não tenha a fortuna de verme querida delle? Olha, que em Lidoro acharás melhores finezas.

Fedra. Porque desprezas a quem te sabe amar?

Ariad. Porque não sey amar a quem aborreço.

Lidor. Já me falta o soffrimento ; vou-me, antes que me acabe a desesperaçãõ.

Vaise.

Fedra. Se tu não podes amar a quem aborreces, eu não posso aborrecer a quem amo.

*Labyrintho**Canta Fedra a seguinte.*

A R I A.

Querendo a quem amo,
 Não bulco mais gloria,
 Não quero outro amor.

No bem, que me inflammo
 Consegue a memoria
 Triunfo mayor.

*Quer irse.**Sabe Tebandro.*

Teband. Espera constante Fedra, deixa,
 que rendido ao bello simulacro de tua
 Deidade, consagre adorações quem se
 acha favorecido dos teus agrados.

Fedra. Não sey, que cousa vos motiva a
 esse rendimento?

Teband. O ver correspondida a minha fi-
 neza.

Fedra. Que quer dizer correspondida a vos-
 sa fineza? Se eu entendera, que o meu
 coração era capaz desse sentimento, o
 arrancara de meu peito.

Teband. Parece improprio esse desdem à
 vista da confissão, que agora fizestes.

Fedra. Quando as vozes se encontraõ com
 os affectos, melhor he crer a estes, do
 que àquellas.

*Vaise.**Sabe Lidoro ao bastidor.*

Lid. Impaciente em nenhuma parte so-
 cego. Mas que vejo! Tebandro com
 Ariad-

Ariadna? Observarey o seu intento.

Teband. Quem vio, Ariadna, o seu amor em mayor confusão! Já não quero amar a huma ingrata, que me offende; e pois sey, que para o teu agrado prefere à minha fortuna a de Lidoro, quero seguir as luzes de teu esplendor, já que propicios allumiaõ a esféra de meu peito, e assim.

Ariad. Muito me offendeis nesse vil conceito, que de mim formais; pois a ser possível, que a chamma do amor ardesse em meu peito, não ferieis vós a causa desse incendio; pois naquelle, que me idolatra, sobraõ motivos para o meu rendimento. Ay Tezeo, só a tua fineza será premiada. *à part.*

Lidor. Coração, torna a reviver.

Teband. Pois vós mesma não dissestes a Fedra, que na mudança dos sujeitos mudaria o coração de affectos?

Ariad. Se vedes agora contrarios esses affectos, crede aos olhos, e não aos ouvidos.

Teband. Já sey, que desenganado, só amarey a minha morte. Oh louco amor, que nescio he, quem se fia das tuas inconstancias! *Vaise.*

Sabe Lidoro.

Lidor. Já sey , Ariadna , que não fou taõ infeliz , como imaginava ; e supposto me considere sem meritos , para alcançar teus soberanos favores , a tua piedade , compadecida do meu tormento , já me coroa triunfante dos teus repudios.

Ariad. Lidoro , como enfermais de amante , sem duvida essa idéa será delirio da fantasia.

Lidor. Parece incompativel esse desvio , e aquella expressaõ ; pois affirmastes , que naquella , que vos adorava , (que já se vê , que sou eu) sobravaõ motivos para o vosso rendimento.

Ariad. Não ha duvida , que o meu amor confessa rendimentos , e por isso como rendido vive prisioneiro de hum desdém , que he o que só triunfa na batalha da vossa porfia.

Lidor. Ah tyranna , cruel , inimiga , não era melhor deixarl , que a contingencia da fortuna mudasse o teu rigor , e não com o desengano sepultar a viva confiança da minha fé ?

Ariad. Não , que a vossa porfia só se desvanece com hum total desengano.

Lidor. Já que desenganado morro às violencias

lencias desse nunca visto rigor , não estranheis os delirios da minha magoa nos ultimos periodos da minha vida.

Canta Lidoro a seguinte.

A R I A.

Já que eu morro , ò féra Hircana ,
Sem remedio a teus rigores ,
Impaciente , louco , amante ,
Delirante ,
Com gemidos , e clamores ,
De ti aos Ceos me hey de queixar.

A minha alma , vaga , errante ,
Não te aflustes , quando a vires ,
Que por mais que te retires ,
Te ha de sempre acompanhar. *Vaise.*

Ariad. Ninguem pretenda violentar a vontade , quando vive ligada às violencias de outro amor. Ay Tezeo , que as nossas vidas ambas se consideraõ tributarias , se a tua ao Minotauro , a minha ao amor!
Sabe Esfuziote com hum papel na mão , e ajoelha.

Esfuz. Deos vá comigo : Senhora , hum requerente da sua vida vem hoje a pretender no Tribunal de vossa piedade a renovação de mais vidas em hum prazo foreiro à morte , que o querem julgar por devoluto ao Minotauro , que inten-
ta

ta ser o direito Senhorio desta vida ;
se Vossa Alteza , Senhora , me alcança
a supervivencia , eu lhe pagarey o forço
da consciencia com o laudemio de mi
louvores.

Ariad. Levantaivos ; que he o que que-
reis ?

Esfuz. Este murmurial o dirá.

Ariad. Lede-o vós mesmo.

Esfuz. Pois já que eu sou o pio leitor , se-
ja Vossa Alteza a piedosa ouvinte.

D E C I M A.

Diz hum pobre Esfuziote
Condemnado a não ter vida ,
Que certa morte atrevida
Lhe quer pregar hum calóte :
Que pois não he D. Quixote
Para acções desta relé ,
Pede humildemente que ,
Antes que morra em taes damnos ,
Lhe dem de vida cem annos ,
E receberá mercê.

Ariad. Supponho que fois a quem o Em-
baixador de Athenas offereceo a ElRey
meu pay para completares o numero dos
sete do tributo.

Esfuz. Sim , Senhora , eu sou o proprio ,
a quem impropriamente o Embaixador ,
que

que o diabo o leve, me malfinou a Sua Magestade, que Deos guarde.

Ariad. O Embaixador não andou bem.

Esfuz. Como havia de andar bem, se elle he zambro; pois não sendo eu nenhum dos sete, sobre quem cahio a sorte, como quer desta sorte trocar a minha sorte, pois isto se não deve fazer de nenhuma sorte?

Ariad. E vós a que viestes a Creta?

Esfuz. Vim acompanhando ao Principe Tezeo.

Ariad. Sois seu criado?

Esfuz. Algo mas, sou seu gentilhomem, e às vezes em caso de necessidade sirvo de camareiro.

Ariad. Na verdade que finto muito a desgraça de Tezeo.

Esfuz. Mais a sente elle; porém parece que elle não sente tanto a morte, como outra cousa, que diz tem atravessada na garganta como espinha de cação.

Ariad. Que cousa póde haver, que finta mais, que o morrer?

Esfuz. Segundo o que lhe ouvi dizer hum dia, parece, que hum menino cego, e nú, pespegou-lhe com huma setta no coração, que o partio de meyo a meyo; e este golpe, por lhe ter chegado ao vivo, o tem quasi morto.

Ariad.

Ariad. Pelo que dizes , Tezeo padece mal de amor.

Esfuz. Não Senhora ; eu cuido , que he mal de Ariadna , pois sempre o ouv queixar : ay Ariadna , que me mataste ay Ariadna , que me fizeste , e aconte ceste : com que Ariadna he o seu mal e não o Amor.

Ariad. Pois dizey a Tezeo , que essa Ariadna..... *Vay andando.*

Esfuz. O que hey de dizer , Senhora?

Ariad. Mas não , não lhe digais nada.

Esfuz. Sim , Senhora , eu lhe direy isso : porém , Senhora ; terá despacho o meu memorial ?

Ariad. Basta feres criado de Tezeo , para vos apadrinhar.

Esfuz. Ora não se esqueça de fer minha madrinha neste negocio.

Ariad. Ouves tu , dize a Tezeo , que não he elle só , o que mas não , não digas nada. Louco amor , não me precipites. *à parte.* *Vaise.*

Esfuz. Que casta de recado he este : Dize a Tezeo , não digas nada a Tezeo ; a mim me mellem se o nada desta Infanta não he alguma cousa , e senão , quem viver , verá.

Sabem Taramella, e Sanguixuga.

Taram. Senhor Tezeo.

Esfuz. Tá, tá, Taramella, não me chames Tezeo, tanto às claras, que no Paço até as paredes tem ouvidos; trata-me por Esfuziote, em ordem a mayor disfarce.

Sang. Meu Senhor, esta rapariga tem o miollo muito leve, por isso não peza o que diz; e Vossa Alteza (perdoe-me) fez muito mal em communicarlhe segredo de tanta supposição.

Esfuz. Olhe tia.

Sang. Ay Senhor, eu tia de Vossa Alteza! Quem sou eu para tanta dignidade?

Esfuz. Não posso tirarlhe o gráo, que por afinidade lhe pertence.

Sang. Serey o que Vossa Alteza for servido.

Esfuz. Mas, tia, como hia dizendo, não pude deixar de communicar a Taramella a minha regia profapia; que quem ama de véras, não sabe mentir.

Taram. Pois, Senhor, he possível, que eu de criadahey de passar a Princeza?

Esfuz. E não he peyor passar de Princeza a criada? Pois sabe, que dessas monstruosidades se achão nas historias; mas com tua licença havemos mudar este nome de

de Taramella , que não he decente para huma Princeza de Athenas , pois taramella he coufa que anda por portas , e não por thronos.

Sang. Tudo se fará : mas diga-me , Senhor : já Vossa Alteza disse ao Embaixador , que eu havia de casar com elle ?

Esfuz. Sim , sim , já lho insinuey , e o Embaixador , vendo que era gosto meu este sanguixugal matrimonio , disse , que estava prompto ; com que em o vendo , falle-lhe na materia.

Sang. Uy Senhor , pois eu , tendo mulher , hey de fallar primeiro a hum homem em casar ? Appello eu por mim !

Esfuz. Não se lhe dê disso , que o tal Embaixador he mesmo acanhado de si , curto dos nós , e vergonhoso. Ao menos não se livrará o Embaixador do Minotauro desta velha. *à part.*

Taram. Tornando ao nosso intento , digo , Senhor , que já me tomara ver nessas limpezas , para ver se Fedra , e Ariadna são melhores do que eu.

Esfuz. E talvez , que então tu as não queiras por tuas criadas.

Taram. Essa mesma grandeza me faz desconfiar da sua palavra.

Sang. Uy tolla , tu chegas a dizer , que des-

desconfias da palavra de hum Principe?
 Senhor, releve, que são raparigas, que
 cuidaõ que o mesmo são alhos, que bu-
 galhos.

Esfuz. Já he costume nas senhoras mulhe-
 res cuidarem, que os homens sempre as
 enganaõ : pois para que vejas, que mais
 depressa faltará agua no mar, do que
 amor em meu peito, quero praguejar-
 me, que he o verdadeiro juramento dos
 amantes.

Canta Esfuziote a seguinte.

A R I A.

Se cuidas, menina,
 Que eu seja perjuro,
 Pois olha, eu te juro,
 Hum rayo me parta,
 Me abraze hum corisco,
 O diabo me leve,
 Se eu falso te for.

Mas ay, Taramella,
 Se es linda, se es bella,
 Terás em meu peito
 Seguro o amor.

Vai se

Sabe Licas Embaixador.

Licas. Viste a Tezeo por aqui?

Sang. Ainda agora daqui se vai. . . . Naõ
 he despreciando o meu futuro noivo! *à p.*

Licas. Vou a fallarlhe, que importa.

Taram. Espere , Senhor , que minha tia tem que lhe dizer cousa de importancia: falle , tia.

Sang. Ay rapariga , deixa-me tomar o folego , que estou embaçada.

Licas. Diga depressa , que não tenho muito vagar.

Sang. De sorte Senhor , que eu bem sey , que não sou capaz de ser tua criada.

Licas. Que mais ?

Sang. Que mais hey de dizer ? Vossa Senhora não me entende já o que quero dizer ?

Taram. Ora Senhor , não seja acanhado , que isso he não ser homem.

Licas. Que dizem , que as não entendo ?

Sang. Não se faça agora moquenco , já sabemos que he curto dos nós.

Taram. Não disfarce o negocio ; não seja vergonhoso.

Licas. Está galante historia ! Que he o que querem de mim ?

Sang. O matrimonio.

Licas. Que matrimonio ? Que he isso ?

Sang. Faça-se agora de novas.

Licas. Deixem-me , doidas , que diabo querem ?

Sang. *Taram.* O matrimonio.

Licas. Estas mulheres estão loucas ; vão-se já

já, não me perfigaõ.

Vai-se.

Sang. Taram. O matrimonio, Senhor Embaixador, o matrimonio.

Vaõ-se.

S C E N A IV.

Gabinete. Sabe Tezeo.

Tezeo. **A** Gora acabo de conhecer, que he o amor mais valente, do que a morte, pois quando por instantes me ~~espera~~ a furia do Minotauro, vence na minha memoria mais a tyrannia do amor, que o imaginado estrago da sua crueldade. May ay, soberana Ariadna, quanto sinto, que a cruel Parca corte o vital alento da minha vida, pois quizera eternizar a minha fineza a pezar da mesma morte!

Sabe Fedra.

Fedra. Inviçto, e sempre esclarecido Tezeo, cujo valor, depois de ser adorado fusto do Orbe, passou a dominar as furias do Cocito; commovida a minha piedade de que taõ generoso alento seja infeliz despojo dessa fera, intenta salvar a vossa vida.

Tezeo. Galharda Fedra, se eu nas infelicidades sou taõ venturoso, devo estimar a minha desgraça.

Sabe Ariadna ao bastidor.

Ariad. Aqui Fedra, e Tezeo? Ay de mim que já o coração começa a temer!

Fedra. Para triunfardes pois desse invencível monstro, darvos-hey huma certa confeição composta de tão activo veneno, que ao minimo contacto do Minotauro fique prostrada a sua furia, lem que vos possa offender o seu furor.

Ariad. Aquella fineza he mais que piedade: zelos, não vos declareis, que ainda me não convem mostrarme amante.

Tezeo. Que recompensa poderey achar em mim, que possa ser igual à vossa generosidade? Esta vida, Senhora, de cujos alentos sois tutelar divindade, vereis que como milagre do agradecimento a dedicarey nas aras da vossa belleza.

Ariad. Ah falso amante, não te quizera agradecido.

Fedra. Não quero outra recompensa mais, que vos lembreis de não ser ingrato a quem expoem a sua vida, por redimir a vossa.

Vaise.

Tezeo. Quem vira este amor em Ariadna, ou a sua belleza em Fedra!

Sabe Ariadna.

Ariad. Principe, como para a isenção da morte não basta só vencer o Minotau-

ro, pois sempre ficarcis prezo no enlevo do Labyrintho, e para que com a fuga completeis essa fortuna, quero prevenir o remedio da vossa liberdade.

Tezeo. Ariadna sem duvida sabe o intento de Fedra *à part.* Senhora, se Fedra compassiva da minha desgraça.

Ariad. Para que me contaes, o que eu sey?

Tezeo. Foy preciso, que agradecido. . . .

Ariad. Já sey, que agradecido vos mostrastes à sua fineza.

Tezeo. Porém, Senhora, nunca o meu amor.

Ariad. Não tendes, que satisfazerme: não sabeis quanto me agrada saber, que sois agradecido, nem em vossa pessoa cabião desatencões; e para que tambem eu o seja na vida, que me déstes, quero dar-vos a liberdade; para o que atareis na porta do Labyrintho hum fio, que sendo farol naquelle pelago de confusões, vos conduzirá à liberdade, e com ella podereis tornar para Athenas vossa Patria.

Tezeo. Se cuidais que com a liberdade hey de perdervos dos meus olhos, nunca fahirey do Labyrintho, que ao menos em Créta não vivo desterrado da vossa vista.

Ariad. Pois eu acaso habito no Labyrintho,

tho, para que nelle me possais ver ?

Tezeo. Se vos não encontrar no Labyrintho de Creta, sempre vos acharey no labyrintho do amor.

Ariad. Muito tendes adiantado o vosso pensamento; não cuideis, que como amante vos proponho a industria do fio para a vossa liberdade; pois só o faço obrigada ao juramento, que dey, de salvar a vossa vida, agradecida à que me déstes.

Tezeo. Pois, Ariadna, se o intento de redimirme he só como agradecida, e não como amante, protesto às supremas Deidades desse soberano Empyrêo, que já não quero meyos de salvar a vida, e a liberdade; pois sem a certeza da vossa correspondencia, nem liberdade, nem vida quero.

Canta Tezeo a seguinte.

A. R. I. A.

Na magoa, que sinto,
No mal, que padeço,
A vida aborreço;
Que afflicto, e confuso,
Mayor labyrintho
Encontro no amor.

Naõ temo esse monstro,
Que horrivel me espera;
Só temo essa féra

Cruel

Cruel tyrannia
De tanto rigor.

Vaise.

Ariad. Espera, Tezeo, que se o meu rigor te precipita, a minha fineza te livrará.

Vaise.

S C E N A V.

Sala Regia. Sabe ElRey.

Rey. **A** Gora fim, respire alegre o meu coração, pois que hum Principe de Athenas he hoje o tributo do Minotauro: sinta Athenas a pena de Talião, que se aleivosamente conspirou contra a vida de meu filho Androgeo, bem he que Creta se arme vingativa contra Tezeo.

Dentro. Peguem nelle, peguem nelle.

Sabe Esfuziote.

Esfuz. Senhor, Vossa Magestade me valha

Rey. Que tens? que te succedeo? e de quem foges?

Esfuz. Fujo de Vossa Magestade.

Rey. Se foges de mim, como vens para mim?

Esfuz. Porque fujo de Vossa Magestade justiceira para Vossa Magestade commiserante; fujo da justiça para refugiarme na misericordia.

Rey.

Rey. Que te succedeo?

Esfuz. Que ha de ser? Deraõ em dizer, que eu era hum dos sete peccados mortaes, que vinha para o inferno do Labyrintho a ser comido do diabo do Minotauro, e sem que me valesse o sagrado de palacio, quizeraõ levarme à força, & *invito domino*, quando sey que Vossa Magestade não quer que se force ninguém.

Rey. Ainda que segundo o pacteado com Athenas não devera receber menos numero, que o de sete mancebos; com tudo esta vez quero dispensar na ley para contigo a instancias de minha filha Ariadna, a quem hoje debes a vida.

Esfuz. Não sabe quanto folgo com essa noticia; não por mim, que não temo a morte, por não estar muito contente da minha vida; senaõ por quebrar a castanha na boca a muita gente.

Rey. Porém entendaõ os Athenienses, que para o anno haõ de ser oito os do tributo.

Esfuz. Sim, Senhor, e fará Vossa Magestade muito bem; porém Vossa Magestade sem esperar para o anno que vem, póde agora mesmo completar o numero dos sete.

Rey.

Rey. De que fórte ?

Esfuz. Mandando Vossa Magestade , que o Embaixador suppra esta falta , que como tem grande cabeça , e muita carne no cachaço , terá o monstro que roer.

Rey. Os Embaixadores pelo direito das gentes gozaõ de inviolavel immuniidade.

Esfuz. Pois Senhor , em minha consciencia acho , que só o Embaixador era capaz de desempenhar aquelle lugar , que pelo seu bom modo até com a morte havia de ter bons termos.

Rey. E tu se não quizeres ir para Athenas , poderás ficar em Creta servindome em palacio.

Esfuz. Aceito o favor de Vossa Magestade ; e já que em palacio fico , tomara ter algum emprego , que cá se me casasse com o genio ; que quando a occupaçaõ he forçada , até o palacio he galé.

Rey. Elege tu a occupaçaõ , que queres , igual à tua esféra.

Esfuz. Como sou respoñdaõ , quizera ser reposteiro.

Tocaõ caixas destemperadas.

Rey. Mas que triste , e confuso som rompe a vaga raridade dos ventos ?

Esfuz. He hum moço , que está aprendendo a tambor.

Sabem Lidoro, e Tebandro.

Rey. Lidoro, e Tebandro, que he isto?

Lidor. He chegada a occasião de ser o Principe Tezeo conduzido ao Labyrintho.

Teband. E certamente, que o Principe não he merecedor de semelhante infortunio

Rey. Não vos compadeçais de Tezeo, que al fim he Atheniense.

Esfuz. Ay pobre Tezeo, tomaras tu ser Esfuziote nesta hora.

Sabe Fedra.

Fedra. Como a Tezeo já entreguey o remedio da sua vida, não quero perder os instantes de vello.

à part.

Sabe Ariadna.

Ariad. Como Tezeo já tem o fio, com o qual se ha de livrar do Labyrintho, venho sem susto notar a afflicção do seu sentimento.

Sabe Licas, e da porta diz o que se segue.

Licas. Entre só Tezeo, e fiquem os mais esperando até a ultima resolução del Rey.

Rey. Estaõ promptos esses infelices, para serem conduzidos ao Labyrintho?

Licas. Sim, Senhor, que nunca foy remissa a nossa obediencia.

Sabe Tezeo.

Tezeo. Sinto, ò inclyto Rey Minos de Creta, que esta acção, que parece precisa
ley

ley do tributo, não seja voluntario feudo do meu affecto, para que mais do que a morte na vida, tenha imperio a vontade na obediencia.

Esfuz. Aquillo he fazer da necessidade virtude. *à part.*

Rey. Sempre os Athenienses foraõ mais loquazes, que fieis. Tezeo, o sangue de Androgeo em purpureas linguas está pedindo vingança contra as vossas aleivofias, e assim não esperéis remedio na vossa desgraça.

Lidor. Senhor, Vossa Magestade se compadeça de Tezeo, que al fim o alenta o regio esplendor de Principe.

Teband. Advertete, Senhor, que he indigna da Magestade a tyrannia; e assim perdoa a Tezeo.

Rey. Aqui não obro como Rey, senão como Juiz.

Esfuz. Eu bem sey, que se pedisse a El-Rey por Tezeo, que o havia de perdoar, mas não quero darlhe essa confiança. *à p.*

Fedra. Ainda sendo fingida aquella humildade em Tezeo, he em mim verdadeiro o pezar. *à part.*

Ariad. Parece realidade o seu fingimento.

Licas. Rey, e Senhor, se o motivo desse *à part.*
im-

implacavel rigor he o esparsido fangue de Androgeo , vede , que o naõ refuscitais com a morte de Tezeo ; e mais quando a clemencia nos Principes he attributo inseparavel da sua grandeza : perdoa , Senhor , a Tezeo , que tambem o perdaõ he hum generoso modo de castigar.

Rey. Inutil he o voso requerimento.

Tezeo. He definitiva essa sentença?

Rey. E naõ ha mais para onde apellar. O' lá , levay a Tezeo , e a esses miseros companheiros ao Labyrintho , para serem despojos do Minotauro.

Licas. Pois sabe , tyranno Rey , que Athenas tomará cruel vingança da tua crueldade , reduzindo a Creta à ultima ruina.

Vaise.

Rey. A mim com ameaços ? Se naõ foras Embaixador , pagarias com a vida esse atrevimento.

Esfuz. Era bem feito , que ElRey o mandasse esquartejar. *à part.*

Lidor. O Embaixador fallou com insolencia.

Teband. Sinto , Senhor , ver ultrajado o teu respeito.

Rey. Por isso mesmo será Tezeo conduzido ao Labyrintho , para o Minotauro o devorar. *Te-*

Tezeo. Não cuides, tyranno Monarca, que has de ultrajar o meu decóro , por me considerares reduzido a esta miseria , pois em qualquer estado sempre sou Tezeo , que saberey vingar a minha injuria.

Rey. Não sabes , que es meu prizioneiro? Pois como me tratas com tanta soberba, sabendo que te posso castigar?

Tezeo. E não sabes , que no meu braço consiste a tua ruina , e a minha felicidade?

Esfuz. Mão , mão , isto me vay cheirando a carolo : queira Jupiter que Tezeo não faça das suas ! *à part.*

Ariad. Temo , que Tezeo padeça mayor infortunio. *à part.*

Fedra. Ay de mim , que Tezeo quer desvanecer o remedio de sua vida ! *à part.*

Lidor. Se atéqui me compadeci de vós , agora crimino a vossa soberba.

Teband. A não estares taõ perto da morte, eu despiciaria a desatzenção da Magestade.

Rey. Basta que o Minotauro me vingue , levai-o. *Vaise.*

Esfuz. Eu tambem me vou , , antes que me levem por erro. *Vaise.*

Tezeo. Ay Ariadna , que por ti reprimo o furor de meu peito ! *à part.*

Canta Tezeo o seguinte Recitado, e depois cantão as duas Damas, e os dous Principes com Tezeo a Aria.

R E C I T A D O.

Barbaro Rey, eu vou ao Labyrintho,
Mas sabe, que não finto

Essa tyranna morte, que me espera;
Que a ser possível, delcerey à esféra
Desse sulfureo, e rápido Cocyto

E do trifauce monstro a furia incito,
Porque vejaõ, que nada me intimida
Perder a cara vida.

De outro monstro, (ay amor!) só temo a
ira,

Que tyranno conspira
Hum veneno taõ forte,
Que ainda por favor concede a morte;
Pois com doce influencia
Faz seja sympathya o que he violencia.
Este monstro de amor, esta chimera
Me horroriza, me affusta, e desespera.

A R I A A 5.

Tezeo. Não me acovarda a morte,
Porque he vida
Este modo de morrer.

Lidor. Como intentas dessa sorte.
Sem respeito
Hum decóro assim perder?

Fed. Ariad. Que ardor activo, e forte
Em meu peito

Chega amor hoje a incender!

Teband. Se nem da Parca o golpe
Te intimida,
Nada deves de temer.

Tezeo. A morte não temo.

Lid. Teb. A morte não temes?

Tezeo. Não, porque he vida
Este modo de morrer.

Fed. Ariad. A vida desprezas?

Tezeo. Sim, porque he vida
Este modo de morrer.

Todos. Que morte ditosa! Que doce
morrer!

Teband. Seu peito arrogante

Lidor. No brio, que ostenta,

Fedra. Se a morte o alenta,

Ariad. Se vive na morte,

Tezeo. Quem morre de amante,

Todos. Eterno ha de ser.

P A R T E II.

S C E N A I.

Camera. Sabe Sanguixuga, e Taramella.

Sang. **T**aramella, vai-te ensayando para Princeza, toma bem a lição, aprende de Ariadna a severidade, e de Fedra o carinho; que temperar a aspereza com affagos he a verdadeira maxima do reinar.

Taram. Bofé, tia, que me não cansarey com isso; porque sendo Princeza, quer seja azeda, quer doce, assim me haõ de tragar; porém se tal for, que diraõ de mim os murmuradores? Olhem a ranhosa, ha dous dias mixella, e hoje Senhora de mão beijada!

Sang. E logo te haõ de descozer a geração; e ao som do villaõ tambem eu hey de vir à bailha, pois não faltará quem diga: que seja possivel, que a sobrinha de huma cristalleira nos falle já por vidracas! Hontem em chichellos, e hoje em berlinda!

Ta-

Taram. Olhe, tia, por amor desses rayos não quero thronos.

Sang. Ay filha, não se te dê disso, que também os Reys tem costas; tomara eu cazar com o Embaixador, porque sendo eu Embaixatriz, direy ao mar que ronque, e ao rio que murmure.

Sabem ao bastidor cada huma pela sua parte, Ariadna, e Fedra, e cada huma com huma banda na mão.

Ariad. Amor me descubra meyos para o meu intento. Mas alli estaõ Taramella, e Sanguixuga; tomara, que me não vissem, por me não observarem os passos.

Fedra. Que importuno encontro! Sanguixuga, e Taramella se me vem com a banda, que levo, poderáõ penetrar o meu designio; esperarey que se vão.

Sang. E que dizes tu, cuidarem todos em Palacio, que o Principe Tezeo he morto, não o sendo? E na verdade que quando às vezes ouço fallar na morte de Tezeo, não posso suffer o rizo.

Taram. A industria toda via não foy má.

Ariad. Ay de mim, que já se sabe, que Tezeo he vivo!

Fedra. Ay infeliz, que sabendo-se já, que Tezeo não he morto, algum damno experimentarey!

Taram. Porém não nos dilatemos mais, que as Infantas podem procurar por nós.

Sang. Pois, rapariga, não te descuides de bater o mato; tu bem me entendes.

Vaise Sanguixuga pela parte donde está Fedra, e esta a segue, depois que disser o seguinte.

Fedra. Vou a declararme com Sanguixuga para que me guarde segredo. *Vaise.*

Sabe Ariadna.

Ariad. Já que Taramella sabe, que Tezeo está vivo, não ha mais remedio, que fazer do ladraõ fiel.

Taram. Que terá Ariadna estes dias, que anda suspenfa? *à part.*

Ariad. Taramella, como sey o muito, que me amas, quero fiar de ti hum particular de meu peito, pois só tu podes remediar o meu mal.

Taram. Esse conceito merece a lealdade, com que te sirvo.

Ariad. Desde que vi a Tezeo, infeliz Principe de Athenas, communicando-me amor pela vista o seu veneno, foy facil me cegasse o seu precipicio; e assim como amante preveni industrias, que o podessem livrar do Minotauro.

Taram. Quero fazerme ignorante do caso.

à part.

Ariad.

Ariad. E como ElRey vanglorioso de ver vingado o sangue de Androgeo, meu irmão, com a morte de Tezeo, para ostentação de seu desafogo tem preparado hoje hum faráo, em que havemos de dançar com os Principes, para o que quero, que tambem Tezeo venha a Palacio, pois com o disfarce da mascara não poderá ser conhecido; e para que só eu o conheça, darlhe-has esta banda azul para divisa. *Dá-lhe a banda.*

Taram. Ah tyrannos zelos, que me deixais com a alma a huma banda! *à part.*

Ariad. E como tu, pela continuação, que tens em hir ao Labyrintho comigo, já sabes os caminhos, vai-te ao centro d'elle, e leva a banda a Tezeo, para que venha ao faráo esta noite, e saberey agradecer-te como merece a tua lealdade. *Vaise.*

Taram. Haverá no mundo mulher mais desgraçada! Quando eu cuidey, que só sabia, que Tezeo era vivo, tambem Ariadna o não ignora; e demais a mais namorada d'elle! Ay como temo, que me tire a fortuna! E sobre tudo fazerme alcoviteira do meu mesmo amante! Que farey neste calo? Se não levo o recado, e a banda, encontro as iras de Ariadna; e se a levo, atico mais o seu amor; não

sey de que banda me vire. Eu bem pudera com a raiva dos zelos romper a banda em fanaticos : Mas não quero senão cara a cara darlhe com a sua falsidade nos narizes.

*Sabem Fedra com huma banda branca na mão,
e Sanguixuga.*

Sang. Vai-te daqui, Taramella, que ao depois temos muito que fallar.

Taram. Tambem eu : vou huma vibora.
à part. e vaife.

Fedra. Como tenho dito, libertey a Tezeo da morte; e para que venha ao larão esta noite, levalhe esta banda branca, (*dá-lhe a banda*) para que saiba, que he o alvo de minhas finezas, e por esta divisa o possa conhecer. Bem vês, que te constituo secretaria de meu peito; espero, que não desmereças o conceito, que faço da tua prudencia. Já que o sabe, ao menos tenha preceito para o não dizer.
à parte e vaife.

Sang. E para dizerme huma cousa, que eu já sabia, esteve fazendo mil escarcéos, tomando-me duzentos juramentos. Porém que farey eu agora desta banda, pois se a levo a Tezeo, dou armas contra minha sobrinha Taramella? Ay, não permitta Deos, que eu seja traidora ao meu sangue,

fangue , que primeiro estaõ parentes , do que dentes.

Sabe Tebandro.

Teband. Sanguixuga , não me dirás , porque motivo despreza Fedra taõ repetidos extremos do meu amor? Por ventura não sey amar não só as suas perfeições , mas ainda os seus rigores? Desengana-me já se aquelle desdem inventa a sua tyrannia , para apurar a minha fineza , ou para desenganar a minha confiança.

Sang. Senhor Tebandro , não sabe que huma futura noiva sempre affecta repudios , desdenha carinhos , inculca crueldades , e atropella finezas , e no cabo está desejando , que já chegue a hora de se ver nos braços de seu esposo?

Teband. Aquelle desdem não póde ser aparente ; e se me não dás outra certeza de seu amor , hirey sentir os seus desvios em Chipre ; para que lá só finta a memoria , e não aqui todas as potencias.

Sang. Que me dará Vossa Alteza , se lher huma certeza do seu amor? Mas eu não sou interesseira ; agora matarey com hum cajado dous coelhos. *à part.*

Teband. Não faças ludibrio de hum desgraçado.

Sang.

Sang. He taõ verdadeiro o amor de Fedra, que te envia esta banda, para que entre os mascarados te possa conhecer à noite no farão. *Da-lhe a banda.*

Teband. Que dizes? Eu mereço os agradamentos de Fedra?

Sang. Sabe Deos o que me tem custado pol-la em termos de dar a conhecer a sua inclinação: mas Vossa Alteza tudo merece.

Teband. Aceita por ora esta joya, como principio do meu agradecimento.

Sang. Dativas de Principe naõ se rejeitaõ: ora já tenho prenda, que dar ao Embaixador, quando casarmos; porém Fedra enganada, e o Principe desvanecido tudo he hum. *à parte e vaise.*

Teband. Ainda naõ posso acreditar a minha ventura, pois quando a tea ardente do Hymenêo já quasi se extinguia aos assopros de hum desengano, vejo que torna a incenderse com os alentos de hum suspiro. Oh ditoso eu, que depois dos pezares, alcanço prazeres!

Canta Tebandro a seguinte

A R I A.

O navegante,
Que combatido
De huma tormenta

Logo

Logo experimenta
Quieto o vento
Tranquillo o mar.

Como eu, nem tanto
Se alegra, vendo,
Que vay crescendo
Minha ventura,
E vay cessando
De meu gemido
O suspirar.

S C E N A II.

Labyrintho. Sabe Tezeo.

Tezeo. **E** Sta he a ultima estancia deste
intrincado Labyrintho, aonde
Dedalo fixou a méta a seus artificios.
Atarey o fio de Ariadna a esta columna,
para que me sirva de Norte em o pela-
go de tanto enleyo. Que admiravel edi-
ficio! Que variedade de architecturas!
Que porticos! Que marmores! Que
columnas! Aqui toda a confusão alegre,
e toda a alegria se confunde; pois, equi-
voco o horror, e a belleza, horrorisa o
bello, e deleita o horror, que neste qua-
dro de luzes, e sombras, brilhaõ as som-
bras, e assombraõ as luzes. Porém De-
dalo,

dalo, que ficou de esperar por mim neste lugar, sem duvida arrependido da palavra, se quiz aproveitar da mina, que abrio.

Sabe Dedalo da escotilha, que estará na boca do Theatro.

Dedal. Tezeo, Dedalo não falta ao que promette, pois escondido te esperava na boca desta mina, que vay dar às ribeiras do mar, de donde me viste sahir, quando te encontrey.

Tezeo. Vem a meus braços, fiel amigo, e releva-me o errado conceito, que de ti formey: mas quizera saber como estando eu no centro do Labyrintho, não encontro ao Minotauro?

Dedal. Ainda o não soltariaõ talvez, porque o tal monstro vive encerrado em hum funesto carcere, e quando ha victima humana de sua tyrannia, o soltaõ, para que enfurecido venha por dirigido conducto a este lugar, que he o campo da batalha do seu furor.

Tezeo. Dezejo, que já esse monstro feroz venha a accometterme, que a pezar da sua voracidade, me verás triunfador.

Dedal. Eu estou prompto para ajudarte nesta empreza, e vê se queres, que dis-
corramos em alguma industriosa maqui-
na,

na, para o venceres, sem que perigues a tua vida.

Tezeo. Se eu o quizera vencer a meu salvo, remedio trago comigo, administrado por huma Deidade, com o qual seguramente posso triunfar desse monstro; mas não intento valerme de extraordinarios remedios, quando no meu braço tenho a defeza da minha vida.

Dedal. Ay, quanto temo, que esta temeridade seja a causa de tua ruina!

Tezeo. Não temas, que sempre a fortuna foy companheira da temeridade.

Esfuziote dentro diz o seguinte.

Esfuz. Em boa estou metido! Ay, que não atino com a porta! Vamos por aqui: peyor! Vamos por alli: repeyor! Ay misero Esfuziote, que estás quando nada metido nas profundas do Labyrintho, e a cada passo me parece, que encontro o Minotauro!

Tezeo. Alli cuido, que disserão Minotauro.

Dedal. E passos tambem ouvi: sem duvida já o foltariaõ. Tezeo, outra vez te requero, te não exponhas a taõ evidente perigo; e se para o vencer tens o favor dessa Deidade, (já que te não queres valer do meu) não pereças como temerario;

rario; guarda o teu valor, para mais heroica façanha.

Tezeo. Mais val morrer valente, que viver cobarde: retira-te tu, que eu com subito furor sem mais armas, que os meus braços, vencerey essa féra.

Sabe Esfuziote.

Esfuz. Vamos por aqui, saya o que sahir.

Esconde-se Dedalo: poem-se Tezeo a traz da bastidor, por onde sahirá Esfuziote com a cara para o povo; e ao sahir, Tezeo o investe repentinamente, e luta com elle.

Tezeo. Morrerás, ò monstro, despedaçado em meus braços.

Esfuz. Ay de mim, que cahi nas garras do Minotauro! Quem me acode!

Tezeo. Este he Esfuziote: ora muy effi-
caz he huma fantasia! *à part.*

Esfuz. Ay de mim, que me meteo a garra em cheyo pelo vasio; eu me sinto molhado, não sey se he sangue, suor, ou outra cousa mais inferior.

Larga Tezeo a Esfuziote; e este estará com as mãos no rosto.

Tezeo. Esfuziote, não te affustes.

Esfuz. Ay, que o Minotauro já me sabe o nome!

Tezeo.

Tezeo. Não me respondes? Olha para mim.

Esfuz. De burro, que eu tal olhe, quando nem pintado o quero ver.

Tezeo. Que tens, que ficaste immovel?

Esfuz. Eu bem sey o que tenho. Só a voz que elle tem me faz amedrenrar. *à part.*

Tezeo. Deixa loucuras : dize-me , quem te trouxe ao Labyrintho?

Esfuz. Os meus peccados veniaes , que agora são mortaes.

Tezeo. Falla , senão te despedaço aqui.

Esfuz. Senhor, vossa monstrosidade não me faça perguntas , que estou com a lingua pegada ao ceo da boca ; deixe-me hir embora em cortesia , antes que o medo destempere em alguma descortesia ; pois não he razão , que depois de comer hum Principe , queira encher o seu bandulho com a carne dura , e magra pelhancra de hum lacayo.

Tezeo. Quem cuidas tu , que sou eu ?

Esfuz. Eu bem o sey.

Tezeo. Pois sabe , que não sou , quem tu cuidas.

Esfuz. Pois quem he ? Quem he ?

Tezeo. Olha , e verás.

Esfuz. Senhor medo , com licença , deixe-me abrir piscamente os olhos. Ah que d'ElRey , que he a alma de Tezeo ! Ay que
que

que estou feito hum trêmedario !

Tira a mão dos olhos.

Tezeo. Nescio, que alaridos são esses ?

Esfuz. Fantasma, chiméra, sombra, illusão, coco, e papaõ, que he o que me queres ?

Tezeo. Olha, que sou Tezeo.

Esfuz. *Tanto fortius* ; não te chegues a mim, alma vadia, errante, e vagabunda.

Tezeo. Vem cá, não fujas.

Sabe Dedalo.

Dedal. Esfuziote, eu aqui estou tambem, não cuides, que Tezeo morreo.

Tezeo. Graças aos Deoses, que ainda estou vivo.

Esfuz. Eu bem sey, que as almas nunca morrem.

Tezeo. Basta, que cuidaste, que eu era morto? Certamente que o teu medo te allucinou.

Esfuz. Eu, Senhor, vendo que te chegavas para mim, que havia suppor, senão que eras cousa má; porque cousa boa nunca para mim se chegou?

Tezeo. Como te atreveste a penetrar até o centro do Labyrintho ? Não cuidey, que tinhas valor para tanto.

Esfuz. Se eu fora lisonjeiro, bem te podia dizer, que quiz vir acompanharte
nas

nas tuas penas, para ajudarte a matar o Minotauro; porém, Senhor, a minha fraqueza he tal, que me não póde deixar mentir; e foy o caso: Depois que te trouxeraõ para o Labyrintho, como o boy folto lambe-se todo, não me pezou o pé huma onça, e como tal de hum pullo entrey por huma porta, sahi pela outra, andey, desandey, corri, descorri, para dentro, para fóra, daqui para alli, até que dey comtigo neste lugar, neste Labyrintho, neste diabo, que bem escusado era, que o Senhor Dedalo fabricasse estes enredos; mas por donde cada hum pecca, por ahi paga.

Dedal. Já por meu mal me não posso eximir dessa censura.

Tezeo. Ainda te não sey encarecer a artificiosa maquina deste portento!

Esfuz. Tambem o filho da puta, que tal fez, merecia as mãos cortadas.

Tezeo. E que novas me dás de Ariadna? Sente muito a minha ausencia?

Esfuz. Muito, e com tanto extremo, que esta noite fazem hum saráo por exequias da tua morte.

Tezeo. Cruel he a sua condiçãõ! Pois não te fallou em mim?

Esfuz. Nem fallar nisso he bom, e mais
agora

agora que anda hum rum rum em Palacio, que Lidoro casa com Ariadna.

Tezeo. Ay infeliz, que se eu hey de ter vida para ver a Ariadna em poder de Lidoro, não resistirey ao Minotauro; que antes quero que a sua furia me devore, do que os zelos me despedacem!

Esfuz. Pois ainda o Minotauro está vivo?

Tezeo. Ainda; e do seu furor me não hey de eximir.

Esfuz. Bem aviados estamos! O Minotauro vivo, e eu aqui? Pois com licença, que eu me não quero minotaurear agora, nem esperar pela morte aqui a pé quedo; pois eu cuidava, que estavas vivo, por teres morto ao Minotauro.

Tezeo. Aonde has de hir, que o podes encontrar? Não te acobardes, estando comigo.

Esfuz. Por ventura Vossa Alteza he alguma coura danta, ou faya de malha, que me faça impenetravel aos dentes minotaurinos? E quando assim seja, se quizermos furtarlhe a volta, e fugir, como nos havemos escafeder daqui fóra, se em cada passo encontramos mil barafundas, e circumloquios?

Dedal. Mais facil será matar ao Minotauro,

ro, que atinar com os caminhos intrin-
cados do Labyrintho.

Tezeo. De hum , e outro , me verás vi-
ctorioso.

Esfuz. A mim tambem não me cheira.

Tezeo. Para que o saibas , attende.

Canta Tezeo a seguinte Aria , e

R E C I T A D O.

Nunca piedoso o Ceo a hum desgraçado
Negou favores de hum ditoso auspicio ,
Pois com anticipadas influencias ,
Antidotos prevenio a meus pezares ,
Dando-me Fedra a industria peregrina
Do triunfo do horrendo Minotauro ;
Quando Ariadna com subtil idéa
O fio me administra ,
Que tecido farol nestes horrores
Me guia o passo em tanto Labyrintho.
Mas ay , bella Ariadna ! Se piedosa
Me dás a liberdade ,
Inuteis considero os teus favores ;
Porque em tanta aspereza ,
Mais cativo me tem essa belleza.

A R I A.

Vem , ò monstro , a lacerarme ,
Vem , cruel , a devorarme ;
Porém não offendas
Com furia inhumana
A bella Ariadna ,

Que

Que dentro em meu peito
Se ostenta feliz.

Se morto me vires,
Só quero, que entendas,
Que tu me não matas,
Amor isso fim.

Esfuz. Ainda que mo diga cantando, ou chorando, eu vou-me, que não quero estar aqui hum minuto por amor do Minotauro. *Vay andando.*

Ao irse Esfuziote, sabe o Minotauro, e o atropella, e luta com Tezeo.

Esfuz. Mas ay, que elle he comigo! Senhor Minotauro, olhe, que eu não sou dos sete do tributo. Ay, ay, ay.

Tezeo. O' tu vivo sepulchro de Athenienses, hoje pagarás com a vida, os males que tens causado.

Dedal. Aqui me tens em tua defença.

Tezeo. Retira-te, Dedalo, que eu só domarey o furor deste monstro.

Esfuz. Isso, isso; com elle, e não comigo.

Tezeo. Por mais que empenhes a tua furia, hey de triunfar de tua crueldade, apertando-te em meus braços, até que exales o alento.

Cabe o Minotauro na mina com bramidos.

Dedal. O' sempre esclarecido Tezeo, ago-

ravejo, que ainda o teu valor he mayor, que a tua fama.

Esfuz. Oh sempre tremebundo Esfuziote! agora vejo, que o teu pavor ainda he mayor, que o Minotauro.

Tezeo. Relevame, Fedra, desprezar para a morte do Minotauro o piedoso remedio, que me administrafte; que seria injuria do meu valor buscar fóra de mim industrias para vencer; porém sempre no meu agradecimento fica recompensada a tua generosidade.

Esfuz. Diga-me, Senhor: dar-se-ha caso, que a bichinha não ficasse bem morta, e que possa resurgir daquella buraca?

Tezeo. Com tal vigor o apertey em meus braços, que nelles expellio o seu vital alento.

Esfuz. Quem me déra ter hum abraço desses, para dar ao meu amigo Embaixador.

Tezeo. Esfuziote, já que os astros te destinaraõ para companheiro de meus infortunios, quero valerme de ti para outra empreza mayor, que a do Minotauro.

Esfuz. Senhor, se eu não pude com a menor, como hey de poder com a mayor?

Tezeo. Para communicarme com Ariadna, parece que amor te conduzio a este Labiryntho.

Ruido.

Dedal.

Dedal. Pizadas ouço, parece que vem gente.

Esfuz. Senhor, não será licito, que te vejaõ, pois todos te julgaõ morto.

Tezeo. Dizes bem: Dedalo, aonde nos esconderemos?

Dedal. No concavo desta diafana columna ha hum pequeno, e limitado gabinete, donde muito apenas cabem duas pessoas, no qual nos poderemos esconder.

Tezeo. Pois vamos depressa, que o rumor já vem perto.

Esfuz. Escondaõ-se cobardes, que eu só resistirey aos Minotauros.

Escondem-se Dedalo, e Tezeo atraz da columna, que ha no meyo do Labyrintho, e sabe Taramella com huma banda azul na maõ.

Taram. Quero obedecer a Ariadna, só para investigar os meus zelos: mas entre tanto enleyo aonde acharey a Tezeo?

Esfuz. Ay que he Taramella em carne, que me vem buscar em osso de correr! e sem duvida que a industria de fazerme Principe a tem feito andar numa doba-doura.

Taram. Mas elle ahi está: ah fementido Principe, já vejo, que he certa a tua falsidade.

Esfuz.

Esfuz. Taramella, já sey, que o labyrintho da tua faudade te trouxe por teu pé a este, aonde por ti duas vezes me confidero perdido.

Taram. Para que he lifongeiro? Logo me pareceo, que o seu amor era fingido. Se adora a Ariadna, para que me engana? E se ella o busca, para que me persegue?

Tezeo. Que he o que ouço? *à part.*

Esfuz. Menina, isso são tramoyas de tua tia, por ver se nellas escorrega o arlequim de meu amor.

Taram. Ainda se atreve a negar, que adora a Ariadna?

Esfuz. Eu a Ariadna? Appello eu! He mulher, que nunca me cahio em graça.

Taram. Sim, que Ariadna havia de fazer excessos por quem a não requestasse primeiro muito bem.

Esfuz. Se ella para quererme achou motivos na minha gentilomeza, que culpa tenho eu?

Tezeo. Que enigma será este de Esfuziote com esta moça? *à part.*

Taram. Bem sey, que ella he hume Princeza, e eu huma criada; mas tenho a consolação, que eu o não roguey, para que me quizesse.

Esfuz. Taramella, não venhas a arengar: tanto se me dá a mim de Ariadnas, como da lama da rua. Tu cuidas, que eu faço caso de Princezas? He engano; pois mais me regala huma fregona des-enxovalhada, que os melindres, e file-tarias de huma Princeza.

Taram. Nada disso me entra cá, pois eu conheço o genio de Ariadna, e ley, que sem a requestar, lhe não havia mandar esta banda, para com ella hir ao saráo, que se faz em Palacio esta noite.

Dá a banda.

Tezeo. Tomara já saber, que banda será esta de Ariadna?

à part.

Esfuz. Pois Ariadna manda-me esta banda? Dar-se-ha caso, que me namore, sem eu o saber?

Taram. Não se faça de novas; e para que veja, que a mim me não engana, vá, vá ao saráo, caze com Ariadna, que eu me vingarey em pedir justiça ao Ceo contra hum falso enganador. Justiça! justiça!

Vaise.

Esfuz. Espera, Taramella, não feches a porta à minha innocencia.

Sabem Tezeo, e Dedalo.

Tezeo. Larga essa banda, insolente.

Esfuz. Por todas as bandas me vejo com-
batido:

batido: ahi está a banda. *Dá a banda.*

Tezeo. Que dizia de Ariadna essa mulher?

Esfuz. Foy galante caso! Supponho, que entendeo, que eu era Tezeo pelo circunspecção da minha personagem, e da parte da Senhora Ariadna deu-me esta banda, para que com ella fosse ao saráo, que se faz esta noite em Palacio.

Tezeo. Assim será; porém se cuidava, que tu eras Tezeo, como te dava ciumes, e indignada contra ti foy pedindo justiça?

Esfuz. Isso mesmo estava eu para te perguntar agora. Dar-se-ha caso, Senhor, que Vossa Alteza algum dia bichancreasse esta criada?

Tezeo. Estás louco? Mas tu para que lhe davas satisfações?

Esfuz. Porque entendendo, que Vossa Alteza tinha tinha de amor com esta rabujenta criada, não quiz deixasse de comer por mal cozinhado; e assim lhe fuy respondendo a troxe moxe.

Tezeo. Não te quero apurar mais por ora; e pois esta he a primeira fortuna, que amor me facilita, vamos, Dedalo, a procurar mascara, que quero hir ao saráo, que com ella de ninguem ferey conhecido, e só de Ariadna pela divisa desta banda.

Esfuz.

Esfuz. Giribanda me parece isto: oh queira Jupiter, que nessa dança não haja algum contratempo da fortuna.

Tezeo. Vamos, não nos dilatemos.

Dedal. Sempre ficarey temendo não se te quebre o fio, e te percas no Labyrintho.

Tezeo. Quem com favores me alenta, também com cautelas me defende desse cuidado.

Vaise.

S C E N A III.

Sala, e huma cadeira. Sabem Tebandro com mascara cabida, e Lidoro sem ella, e depois poem Tebandro a mascara; e no fim se correrá a corrediça do meyo, e apparecerá toda a Sala, em que haverá huma mesa composta em fórma de banquete.

Teband. **L**idoro, vós sem mascara, quando todos já vimos caminhando a este lugar do faráo?

Lidor. Deixa-me, Tebandro, voar nas azas das minhas penas aos incultos desertos da Lybia, aonde não hajaõ memorias deste infeliz.

Teband. Não desprezeis esta occasião, em que as Infantas também dançaõ, para que

que no contacto de tanta neve possais mitigar os incendios do vosso ardor.

Lidor. Não quero merecer ao rebuço da mascara, o que sem ella não alcanço.

Teband. Tambem eu vivia na mesma desesperaçãõ; porém Fedra compadecida dos golpes, que a setta de amor fulminou em meu coraçãõ, para ligar as feridas me enviou esta banda.

Lidor. Goza tu, ò Tebandro, essa fortuna, pois foste mais feliz no teu amor; que eu desenganado, por não morrer muitas vezes, hirey morrer huma só.

Vaise.

Vão sabindo Ariadna, Fedra, Sanguixuga, e Taramella com mascarilhas; poem Tebandro a sua; sabe ElRey sem ella, que se assentará, e em quanto vão sabindo, cantar-se-ha o seguinte.

C O R O.

Numa alma inflammada
De amor abrazada
Cruel labyrintho
Fábrica o Amor.

Porém quem espera
O bem de huma féra,
Acertos de hum cego,
De hum monstro favor?

Rey. He tal o prazer, que tenho de ver
vin-

vingada a morte de Androgeo com a de Tezeo, que não cabendo em meu coração, o intento publicar nesta exterior alegria.

Fedra. Já alli diviso a Tezeo pela senha da banda branca; dezejara me tirasse a dançar.

à part.

Ariad. Ainda não vejo a Tezeo aqui; sem duvida se quebraria o fio no Labyrintho. Oh quantos sustos padece quem ama!

à part.

Sang. Quem pudera conhecer ao Embaixador, que o havia de facar a passayo.

à part.

Taram. Se Tezeo me fosse amante leal, para bem não havia de vir ao sarão.

à p.

Sabe Tezeo com mascara.

Tezeo. A bom tempo chego: quem pudera conhecer a Ariadna!

à part.

Ariad. Alli vejo Tezeo; já descancará o meu coração.

à part.

Taram. Aquelle da banda azul he Tezeo, que sem ella o não conhecera; e pois tão galhardamente se soube disfarçar, certos são os meus males.

à part.

Sabe Esfuziote com mascara muito borrenda.

Esfuz. Só agora que tapo o rosto, he que tenho cara de apparecer. Queira Deos me não perca nas voltas de Andreza.

Sang,

Sang. Ay que galante mascara entrou agora!

Rey. Dê principio ao faráo a caçora harmonia dos instrumentos.

Teband. Seja eu o primeiro; que na ordem do amor devo preferir a todos. Aquella sem duvida he Fedra; dançarey com ella.

Fedra. Fortuna foy o conhecerme Tezeo.
à part.

Teband. Galharda Ninfa, a permittida faculdade desta occasião seja o indulto deste atrevimento.

Fedra. Se a occasião o permite, não pôde a vontade deixar de obedecer.

Dançaõ, e cantaõ os dous o seguinte

M I N U E T E.

Teband. Inda não creio
O bem, que gozo:
Serey ditoso
No meu amar?

Fedra. Estas as voltas
São da fortuna:
Sorte opportuna
Amor te dá.

Teband. Serás amante?

Fedra. Serás constante?

Ambos. Esta constancia
Firme será.

Fedra. A' manhã à noite te espero na sala
dos

dos enganos do Labyrintho. *à p. para Teb.*
Teband. Amor, tanta fortuna junta, temo
 me mate o gosto de possuillas. *à part.*

Rey. Quem dançou com Fedra, sem du-
 vida foy Tebandro, e o fez galharda-
 mente. *à part.*

Faz Ariadna acenos para Tezeo.

Tezeo. Aquella por acenos me diz a tire a
 dançar; sem duvida he Ariadna, que
 me conheceo pela banda. Oh que va-
 garosos são os passos de hum acelerado
 dezejo! Formosa Ninfa, para que me
 não perca no labyrintho da dança, per-
 mitti, que o norte de vossas luzes seja o
 indice de meus acertos. *à p. para Ariad.*

Ariad. Bem he, que aprendais acertos nes-
 te Labyrintho, para que no de amor
 não vos percais. *à part. para Tezeo.*

Dançaõ, e cantaõ os dous o seguinte

M I N U E T E.

Tezeo. Na pura neve
 De teus candores
 Os meus ardores
 Se ateaõ mais.

Ariad. Se essa ventura
 Feliz alcanças,
 Nessas mudanças
 Temo o meu mal.

Tezeo. Serás amante?

Ariad.

Ariad. Serás constante?

Ambos. Esta constancia
Firme será.

Ariad. Na Sala dos enganos espera-me à
manhã a estas horas. *à part. para Tezeo.*

Tezeo. Ao meu dezejo, e ao teu preceito
obedecerey.

Rey. O que dançou agora com Ariadna,
seria Lidoro. Quem me dera ver já con-
cluidas estas ditosas nupcias. *à part.*

Esfuz. Aquella das ancas roliças he Tara-
mella; e ainda que o não seja, como
imaginatio facit causam, supponho que
he ella; e já que he menina do açafate,
dançarey com ella huma giga. Senhora
mascarada, aqui todos somos huns, er-
ga o rabete, e vamos dançando.

Taram. Bem condizem as palavras com o
gesto; tenho entendido, que em tudo
he ridiculo.

Esfuz. Ella he sem duvida, que agora a
conheço melhor pelo falso metal da voz:
ora entiricemonos em fórma dançatriz.

A R I A A D U O

Em fórma de Minuete.

Esfuz. Inda que gaste
Duzentas solas,
Mil cabriolas

Por

Por ti farey.

Taram. Ay que bichancro!
Que horrenda cara!

Quem lhe cascara

Hum cambapé. *Faz Esf. que tropeça*

Esfuz. Dá-me essa mão,
Para me erguer.

Taram. Vá-se dahi,
Quem he vossé?

Esfuz. Sou quem por ti
Mil cabriolas

Juntas farey,

Queres tu ver?

Ora la vay,

Huma, duas, e tres, e quatro, e
cinco, e seis. *Em pulos.*

Ambos. Muy buliçoso
Tens esse pé!

Rey. Basta, demos por acabado o faráo.

Olá, preparem-se as mesas, pois quero
banquetear esta noite aos Principes.

Taram. Vamo-nos, tia, que os Principes
querem cear. Ah falso Tezeo, eu me
vingarey de ti. *à part. e vaise.*

Sang. E que se passasse a noite, sem haver
hum Embaixador, que comigo dançaf-
se, para mostrar as minhas habilidades!

Paciencia, vamos a codear. *à part. e vaise.*

Coro

Corre-se a corrediça do meyo , apparece huma mesa , e tiraõ todos as mascaras , excepto Tezeo , e Tebandro.

Rey. Principes, tiray as mascaras, que não haveis de comer com ellas.

Tezeo. Estou perdido, se ElRey teima, em que nos descubramos, pois já me não posso retirar, sem que me veja, e se me for à sua vista, talvez que mo não consinta. Quem já mais se vio em tão apertado lance! *à part.*

Fedra. Ay de mim, que se Tezeo tira a mascara, ElRey o conhece! Não tires a mascara, que nisto está a tua vida.

à parte para Teband.

Teband. A minha vida? Não entendo a Fedra. *à part.*

Ariad. Que será de Tezeo, se ElRey porfiar em que tire a mascara? Tezeo, não tires a mascara, que primeiro está a tua conservação. *à parte para Tezeo.*

Tezeo. Bem sey, mas que hey de fazer?

Rey. Que he isso Lidoro? Que he isso Tebandro? não tirais as mascaras? Recusais o meu convite?

Esfuz. Eu por mim, Senhor, sem preceito de Vossa Magestade já tirey a malcarilha, se bem que para taes funções ainda com mascara mascára.

Teband.

Teband. Fedra me diz, que não tire a máscara, e ElRey ordena o contrario, como ha de isto ser? *à part.*

Tezeo. Hoje será a minha total ruina. *à p.*

Esfuz. Não te disse eu, Senhor, que temia nesta dança algum contratempo? *à parte para Tezeo.*

Rey. Essa desobediencia he ludibrio do meu decóro. Que receyo tendes em vos descobrires? Alguma traição indica esse recato, e esse rebuço. Olá da minha guarda.

Fedra. Ay infeliz Tezeo, eu me vou, antes que os meus olhos vejaõ tal desgraça. Quem nunca te mandara chamar! *à part. e vaife.*

Ariad. Que infelicidade! *à part.*

Esfuz. Eis aqui os bailes! Coufa de pés sempre dá na cabeça. *à parte.*

Tanto que ElRey chama a guarda, viraõ dous Soldados, e com elles o Principe Lidoro com mascara, pela parte donde está Tezeo, e este se hirá logo, e ElRey estará virado com as costas para elle, e Tebandro tira a mascara.

Tezeo. Agora neste tropel, e confusão, me hirey. *Vaife.*

Lidor. Não pude acabar comigo deixar de vir ao faráo; mas cuido, que já venho tarde. *à part.* *Ariad.*

Ariad. Já se foy Tezeo : já respiro com
socego. *à part.*

Rey. Agora fará o rigor , o que não póde
o respeito.

Teband. Aqui não ha mais , que obedecer.
Senhor , Vossa Magestade não accuse
de remissa a minha obediencia , pois eu....
eu.... *Tira a mascara.*

Rey. Está bem , Tebandro. E vós Lidoro
nem o exemplo de Tebandro , nem o
meu preceito he bastante , par que aca-
beis de tirar a mascara? Porém não de-
veis de ser Lidoro , que a ser , ferieis mais
attento ; e nessa supposiçaõ : Olá , ti-
ray a mascara a esse homem , para que
depois de conhecido , pague com a vida
o seu atrevimento.

Lidor. Senhor , que diz Vossa Magestade,
se eu ainda agora entro , sem que em
nenhum tempo fosse inobediente a teu
preceito? *Tira a mascara.*

Rey. He boa desculpa esta , Lidoro , que-
rer contradizer huma ocular evidencia.

Lidor. Hum Principe de Epyro não sabe
mentir ; e para que me acredites , per-
gunta-o a esses Soldados , que comigo
vieraõ.

Sold. 1. Assim he , Senhor , que o Princi-
pe Lidoro com nosco entrou.

Esfuz.

Esfuz. Isso está muito bem, mas o caldo
estará de neve. *à part.*

Ariad. Estimo, que fosse Lidoro o culpa-
do. *à part.*

Rey. Lidoro, eu creio o que me dizeis;
porém deixay que creia também aos
meus olhos, que viraõ hum malcara dan-
çar com Ariadna, a quem mandey se des-
cobrisse, cuja desobediencia foy tal, que
para seu castigo me obrigou a chamar
a estes Soldados de minha guarda.

Lidor. Pois, Senhor, eu não dancey com
Ariadna, que a minha fortuna sempre
adversa me privou desse bem, por não
querer conseguir favores no disfarce de
quem na realidade me despreza; e assim
peço-te, Senhor, me dês licença para
retirarme à minha Corte, que como ha
em Palacio quem dance com Ariadna,
e ha nella repudios, que me defenganaõ,
bastante motivo parece, que abona o
meu retiro. *Quer irse.*

Rey. Não vos ausenteis, Lidoro, levando
hum escrupulo taõ indecente ao meu de-
coro. Eu vos prometto averiguar quem
foy o que dançou com Ariadna, para o
que empenho a minha Real palavra.

Esfuz. Isso assim será; porém a sopa es-
friata est.

Ariad.

Ariad. Lidoro, se pelos meus desvios vos ausentais, digo, que tendes razão; porém sempre andastes descomedido em dizer, que ha em Palacio quem dance comigo, quando não póde haver tão atrevido pensamento, que intentasse com o dissimulo do disfarce aproveitarse do contacto da minha mão; pois só com a permittida faculdade d'ElRey commetterias, com esse indulto, esse delicto.

Lidor. De tão ditoso crime dezejara ser o culpado.

Esfuz. Senhores, guardem isso para sobre mesa, pois naquella babilonia de payos não faltaõ linguas para deslindar esse novo caso da consciencia.

Rey. Eu confesso, que estou perplexo, e ainda não posso crer, que não dançastes com Ariadna.

Lidor. Nem ao menos pelo vestido pudestes distinguir se me parecia eu com esse mascara, que dançou?

Rey. Como já os annos me vão privando da perspicacia do melhor sentido, não fiz apprehensão no vestido; diga-o Ariadna, e Tebandro.

Teband. Não ha duvida, que o vestido era differente a este de Lidoro.

Ariad. Pois a meu ver nenhuma differen-

ça tinha; e para que Lidoro se não atre-
va em minha presença a proferir tão
inauditas offensas, Vossa Magestade me
permitta licença, pois que não posso
castigar o seu atrevimento, ao menos
me retire de ouvir tão loucas palavras.

Vaise.

Esfuz. Ora isto já se não póde aturar; eu
não hey de ser Tantaló, ainda que este-
ja no Inferno; valhaõ-me as minhas ra-
pantes habilidades, que com a disputa-
finha em nada reparaõ a estas horas.

*Esconde se Esfuziote debaixo da mesa, e de
quando em quando deita a mão em hum prato.*

Rey. O caso está duvidoso.

Esfuz. Por isso vou commentando.

Deita a mão.

Rey. Lidoro, descansay, que vos promet-
to averiguar quem foy, o que dançou
com Ariadna; pois a não seres vós, co-
mo dizeis, e não vermos retirar-se o ou-
tro, que se suppoem, não sey quem
possa ser, salvo se for o vivo morto,
que o Oraculo predisse para total extin-
caõ do Minotauro.

Vaise.

Esfuz. Isso dizem todos à boca cheya.

Comendo.

Teband. Vou confuso, sem saber, porque
causa

causa me diria Fedra, que me não descobrisse. *à part. e vaise.*

Lidor. Quem vio mayor confusão!

Esfuz. Pergunte-mo a mim, que eu porey isto em pratos limpos. *à part.*

Lidor. Que enleyo será este? Tudo em Creta são labyrinthos, e enigmas! Pois affirmar ElRey, que eu dancey com Ariadna, quando vinha para esse effeito, e o que mais he, não apparecer, nem saberse quem com ella dançou, não sey o que presumo!

Esfuz. O supino de presumo he o presunto, e este que não he máo! *à part.*

Lidor. Presumir em Ariadna, que admite outro amante, he desacerto, por não haver em Creta, quem a mereça: eu, vacilante no Oceano tempestuoso de tanta confusão, não sey discernir o que será isto.

Esfuz. He chouriço, que sabe como gaitas. *à part.*

Lidor. Oh nunca caprichara em não vir ao baile, que se a tempo chegasse, nunca haveria quem tanta fortuna conseguira! Oh que tormento me penetra o intimo do coração, pois em tanta duvida não posso descifrar a causa de minhas penas!

Esfuz. Na verdade, que isto he hum bocado, que se não póde tragar: valha o diabo ao cofinheiro, que deixou o gallo com esporões.

Repete Lidoro o seguinte

S O N E T O.

Se este mal, que padeço, hey de mostrallo,
 Perifrazis não acho a definillo;
 Pois quando dentro d'alma sey sentillo,
 Balbuciente he o gemido a declarallo.
 Por mais que intento em vozes descriptallo,
 Me suffoca o pezar ao proferillo,
 Pois contém este mal hum tal sigillo,
 Que parece he delicto o publicallo.
 Se o tormento, que n'alma se resume
 Reside inexplicavel cá no interno
 Do peito, donde sinto hum vivo lume:
 Sómente caberá seu mal eterno,
 Ou na lingua do fogo do ciume,
 Ou na boca voraz do mesmo inferno.

Esfuz. Já que deu o mote, cá vay a gloria.
Comendo.

Sabe Taramella.

Taram. Já que o falso Tezeo corresponde a Ariadna, pois com a banda, que lhe dey em seu nome, veyo ao larão, e com ella dançou com notorio desprezo de minha pessoa, que espero, que me
 não

naõ vingo estorvando os intentos do seu amor?

Esfuz. Lá vem Taramella, se me naõ engano: e como vem comefinha!

Taram. Senhor Lidoro, taõ só por aqui a estas horas? Já me naõ pergunta por Ariadna?

Lidor. Já se acabou esse cuidado, que como Ariadna tem quem dance com ella, naõ he muito, que encontre mudanças na minha fortuna.

Taram. Tem muita razãõ Vossa Alteza, e muito mais dançando com quem dançou.

Esfuz. Temos o caldo entornado, que a moça he capaz, como eu aqui faço, de dar com a lingua nos dentes. *à part.*

Lidor. Pois, Taramella, tu sabes quem dançou com Ariadna?

Taram. Se guardas segredo, eu to direy: Zelos, he tempo de derramar já tanto veneno. *à part.*

Esfuz. Vejaõ lá, se assim como me deu a banda no Labyrintho, se a dèsse a Tezeo, que tal seria?

Lidor. Dize-mo, Taramella: e para que vejas o meu agradecimento, ahi tens nesta joya o anticipado premio do meu affecto. *Dá a joya.*

Taram. Ay Senhor, para mim naõ ha mais joya,

joya, que o seu bom modo, e cortezia que o modo, com que se dá, augmenta o valor da dadiva.

Esfuz. Porém sempre lambendo. *à part*

Lidor. Dize, não tenhas pejo.

Esfuz. Eu cuido, que ella está pejada, pois a vejo em termos de vomitar. *à p.*

Taram. Vigie não venha Ariadna, que se me acha fallando com Vossa Alteza só por só, me matará certamente; pois diz, que nem cousa sua quer que com Vossa Alteza falle.

Lidor. Pódes dizer, que ella não vem agora.

Taram. Pois, Senhor, saberá, que quem dançou com Ariadna ay Senhor, veja por sua vida não venha ella.

Lidor. Dize, que não vem; pois quem foy?

Taram. Foy Tezeo.

Lidor. Tezeo? Que dizes? Como pôde ser, se elle morreo no Labyrintho? Vai-te, e deixa-me com essas quimeras.

Esfuz. A mulher he capaz de desenterrar mortos.

Taram. Senhor Lidoro, Tezeo não morreo: Ariadna se corresponde com elle, e veyo ao baile, e por final. . . .

Lidor. Espera, que ahi vem Ariadna por aquella sala.

Taram.

Taram. Ay desgraçada de mim, se aqui me vê! Esconda-me em algures.

Esfuz. Bem haja Ariadna, que veyo; nunca to pé doa. *à part.*

Lidor. Em quanto ella passa, esconde-te debaixo daquella mesa, que de outra forte não podes hir, sem que te veja.

Taram. Pois eu me escondo, e avize-me, quando se vay.

Esfuz. Anda para cá, que eu te perguntarey. *à part.*

Esconde-se Taramella debaixo da mesa, donde está Esfuziote, e brigaõ de sorte, que virá a mesa ao chaõ.

Taram. Ainda estou sem pinga de sangue no corpo.

Esfuz. Aqui se pagaõ ellas, velhaca, embusteira.

Taram. Ay, que não sey, quem aqui está!

Esfuz. Cala-te, marafona.

Taram. Ah que d'ElRey, acuda-me Senhor Lidoro; acuda-me Vossa Alteza. *Cabe a mesa.*

Esfuz. Antes que te vejaõ, Esfuziote, vay-te esfuziando. *Vaise.*

Lidor. Quem vay ahi? Quem he, Taramella?

Taram. Elle ahi vay, veja se eu fallo verdade?

Lidor.

Lidor. Irei em seu seguimento. *Quer irse.*
Sabe Ariadna.

Ariad. Em seguimento de quem? Que foy isto, Taramella? Que disturbio he este?

Taram. Vindo levantar a mesa, estava hum caõ roendo hum osso; foy elle, que me queria levar a carne da perna por amor do osso, que para ambos foy de correr; eu para fugir, e o caõ para morderme; e com o medo tropecey na mesa, e veyo tudo ao chaõ.

Lidor. Que não pudesse distinguir, quem era o que fugio! Mas quem havia de ser, senão quem disse Taramella; que talvez por esse respeito viesse Ariadna a este lugar, estorvando-me o seguillo?

à part.

Ariad. Vay chamar quem levante a mesa. Ouves, dirás a Tezeo, que se por acaso me não ouvio no baile, que o espero na sala dos enganos à manhã à noite. *à part.*

Taram. Eu vou, Senhora. Olhe o negro caõ o susto que me meteo!

Lidor. Cuido, Senhora, que já vindes tarde; mas quem he vivo sempre apparece.

Ariad. Não entendo essa nova fraze de fallarme.

Lidor,

Lidor. Não sem causa eraõ os teus desvios, ingrata ; pois desprezando a viva confiança , com que te adoro , idolatras a hum morto na apparencia , que vive em teu coração na realidade.

Ariad. Ay desgraçada ! Que he o que ouço ? *à part.*

Lidor. Agora morrerey com mais suavidade , conhecendo a causa de teus desvios ; mas não desesperado na incerteza da causa de teu desdem.

Ariad. Como desattento a meu decóro fabricais em vosso pensamento esses temerarios conceitos , indignos de minha soberania ?

Lidor. Que offensa faço em dizer , que amas a Tezeo , e que foy quem com tigo dançou disfarçado ? E se hum Principe como Tezeo he o teu emprego , em que se póde offender o teu decoro ?

Ariad. Que mais claro o ha de dizer ? Louco Principe , bem se vê , que todas as maquinas , que fabricas , são fundadas em aereas desconfianças ; pois ainda que Tezeo pudesse resuscitar agora , nem vós , nem elle , nem ninguem podia contrastar a minha isenção : ide-vos , ide-vos , barbaro , temerario , que essas fingidas idéas não podem escurecer as purezas do Sol. *Lidor.*

Lidor. Adverti, que o Sol com ser puro,
 não deixou de amar a Daphne.

Ariad. Ide-vos, tenho dito.

Lidor. Eu me vou; porém não sey, se me
 tornarás a ver; que os zelos, em que
 me abraço, não cabendo dentro do co-
 ração, talvez fação mayor estrago, do
 que imaginas. *Vaise.*

Ariad. Ay de mim, que Lidoro zeloso,
 sabendo que Tezeo he vivo, o hirá com-
 municar a ElRey! Que farey? Amor,
 influe acertos a meus intentos, para que
 Tezeo não fique opprimido a violencias
 de hum cego ciume.

Canta Ariadna a seguinte

A R I A.

Confusa, e perdida,
 Sem alma, e sem vida,
 Alivio em meus males
 Aonde acharey?

Se a infiel tyrannia
 De hum cego me guia,
 Em tantos enleyos
 Que acertos terey?

Vaise.

SCE.

S C E N A IV.

Gabinete , e espelho no fim delle. Sabem Tezeo , e Dedalo.

Dedal. **N**otavel foy a traça , com que te fahiste do saráo ! E pois entaõ lograſte eſſa fortuna , naõ he juſto entendas , que ſempre terás os fados propicios.

Tezeo. Nunca me vi em taõ evidente perigo ; porém por mayor que ſeja , nunca deixarey de ver a Ariadna ; que hum eſpirito armado de amor naõ teme as iras de Marte.

Dedal. Eſſas palavras ſaõ eſſeitos de hum juvenil ardor ; algum dia reputarás ignorancia o meſmo , que agora julgas diſcriçaõ : diga-o eu , quando fabriquey eſte Labyrintho , eſpecialmente eſte gabinete , no qual empenhey com particularidade a minha ſciencia ; porém o que naquelle tempo foy vangloria da idéa , hoje vejo , que foy erro da fantaſia.

Tezeo. Em todos os quartos do Labyrintho admiro tanto artificio , que naõ ſey diſcernir qual he o melhor ; eſte naõ ha duvida que admira , mas naõ excede.

Dedal.

Dedal. Se tu , Senhor , souberas a virtude que tem aquelle espelho , verias o quanto este gabinete he digno de estimação.

Tezeo. Não me dilates o gosto de sabello,

Dedal. Aquelle espelho , que alli vês , fica fronteiro àquella janella , da qual , ainda que muito distante , se vem os jardins de Palacio ; e sem embargo da sua distancia , he tal o artificio com que fabriquey esse espelho , que aquelle objecto remoto o avifinha tanto aos olhos , que nelle se distingue a minima flor daquelle jardim : repara , e vê.

Tezeo. Não ha duvida. Que ameno pensil ! Mas que muito , se Ariadna ostentando-se Flora desse jardim , veste de purpuras as rosas , e de candores as assuceñas!

Dedal. Conheces quem he aquelle , que lá vem ?

Tezeo. Já vejo , que he Lidoro , e taõ distinctamente , como se estivesse aqui com nosco.

Por detraz do espelho apparece Lidoro.

Lidor. Ainda me não posso capacitar , que Tezeo he vivo , só pelo leve informe de Taramella ; he necessario mayor averiguação , para que com mais certeza o
com-

communique a El Rey em vingança dos meus zelos : bem sey , que as conjecturas são efficazes ; porque haver quem com Ariadna dançasse , sem que se visse quem foy , e logo fahir hum homem de baixo da mesa com arrebatada fuga ; isto argue huma quasi verosimilidade , de que Tezeo he vivo ; porém para condemnar não bastaõ indicios.

Dedal. Muy triste , e pensativo está Lidoro !

Tezeo. Sem duvida os desvios de Ariadna , são a causa de seus pezares.

Dedal. Lá vem Ariadna ; vê que mais queres ?

Apparece Ariadna por detraz do espelho.

Tezeo. E como vem galharda ! Ay Dedalo , que considero naquelle espelho as propriedades de ustorio ; pois na esfera de seus rayos me abraço Salamandra de suas luzes , se já não he Telescopio , em que diviso a bella grandeza daquele astro.

Ariad. Aqui está Lidoro : quanto temo , que dos seus zelos a furia finta Tezeo ! Quero desvanecellos , mostrando-me amante ; que nas guerras de amor , vencer com enganos he o melhor systema. *à part.*

Lidor. Vossa Alteza , Senhora , taõ só por este

este jardim, podendo estar acompanhada no Labyrintho?

Ariad. Lidoro, ainda se vos não desvanecio essa fantasia? Pois sabey, que a ser possível viver Tezeo, e eu capaz de amar, nunca por Tezeo vos desprezara.

Tezeo. Quem me dera poder ouvir o que fallaõ Ariadna, e Lidoro!

Dedal. A tanto não pôde chegar a sciencia Optica.

Tezeo. Pois para que me facilitaste o ver, se me havias negar o ouvir?

Lidor. Se até aqui, cruel, me matavas com defenganos, agora com enganos me queres tyrannizar? Não me desvanecas com possíveis carinhos a isençaõ do teu peito, que bem informado estou, que adoras a Tezeo vivo, ou ao menos as memorias de Tezeo morto; pois de toda a forte sey, que o amas.

Ariad. Para desvanecer esse errado projecto do teu ciume, quero, violentando a minha natural isençaõ, obedecer a teu rogo: vay, Lidoro, dize a ElRey meu Pay, que abrevie os nossos desposorios, para que vejas, que o meu desvio não se origina de occultos affectos. Perdoa, Tezeo, estas fingidas vozes de minha cautella, que todas são dirigidas à tua liberdade. *à part.* *Tezeo.*

Tezeo. Que estará Ariadna dizendo a Lidoro com tanta efficacia?

Lidor. Bellissima Ariadna, agora conheço a temeridade de meus ciumes. Porém quando não foraõ indiscretos os zelos? E pois com tantos favores premeyas os meus delictos, deixa que prostrado, novamente a minha liberdade te sacrifique.

Poem-se Lidoro de joelhos, e Ariadna o levanta.

Tezeo. Que he o que vejo? Ay de mim, Dedalo! Que importa estar aqui ocioso o ouvido, se os olhos como testemunhas de vista me informaõ dos meus zelos? Não viste a Lidoro rendido aos pés de Ariadna; e ella com alegres carinhos recebendo a victima de suas adorações?

Dedal. Póde ser, que não seja de amor o motivo desse rendimento, mayormente quando não podes ouvir, o que dizem.

Tezeo. Hum impaciente amante, como Lidoro, que assumpto podia ter para as suas vozes, senão expressões de seu amor? Ay infeliz, que como basilisco dos zelos a mim mesmo me mato, quando os vejo no diafano daquelle espelho!

Lidor.

Lidor. Porém já que o suave espirito de tua fineza communica novos alentos à minha esperança, permite-me algum final externo de tua constancia.

Ariad. Cresça o engano, augmente-se a industria. Supposto que o abono de minha palavra para me acreditares bastava, com tudo, este retrato meu será o fiador, para que creias mais à copia, que ao original. *Dá-lhe o retrato.*

Lidor. Com o favor deste retrato alentas ao meu coração de vivas cores.

Tezeo. Que dizes, Dedalo? Póde agora enganarse a vista? Não viste dar Ariadna hum retrato leu, que no peito trazia, a Lidoro? Que mais clara evidencia de sua falsidade? Ah ingrata! Ah falsa Ariadna! Essas eraõ as tuas isenções? Porém se es mulher, que muito sejas mudavel!

Dedal. Oh quem nunca trouxera a Tezeo a este lugar!

Lidor. Para que me possa vangloriar de ditoso, só falta, que hum favor me concedas.

Ariad. Dize.

Lidor. Attende.

Cantai Lidoro, Ariadna, e Tezeo a seguinte

A R I A.

Lidor. Se ostentas no pintado
Constante o teu agrado,
Oh peço-te não seja
Pintado o teu favor.

Ariad. Se o vario dessas cores
Adoras por favores,
Nas sombras da pintura
Mitiga o teu ardor.

Tezeo. Falsa, cruel, avára,
Na duvida repara,
Verás nesse retrato
Copiada a minha dor.

Lidor. Dize, serás constante?

Ariad. A mim não mo perguntes,
O tempo to dirá.

Tezeo. Tyranna, eu desespero,
Eu me abraço, eu enlouqueço!
Quem vio tormento igual!

Lidor. A copia que me anima,

Ariad. A gloria que me alenta,

Tezeo. A dor que me atormenta,

Todos. Se intenta eternizar.

Lidor. Mas ay, que essa fortuna
Não posso acreditar!

Ariad. Mas ay, que a tua idéa
Se póde allucinar!

Tezeo. Mas ay, que o meu ciume

Me quer precipitar!

Lidor. Ar. Pois que ouço,

Tezeo. Pois que vejo,

Todos. Que nada no Orbe constante será.

Vão-se Lidoro, e Ariadna.

Dedal. Principe, não te entregues todo ao sentimento, deixa loucuras de amor.

Tezeo. Nada me digas; deixa-me seguir a huma inimiga, que na fragrancia daquelle jardim se ostenta Venus daquelle Adonis; porém o meu mavorcio furor em sanguinolenta metamorfose escreverá nas folhas das brancas rosas as rubricas de minha vingança. *Quebra o espelho.*

Dedal. Que he o que intentas?

Tezeo. Arrancar aquella traidora dos braços de seu amante.

Dedal. Que culpa teve o crystal, para experimentar o teu rigor, quando nelle só por reflexo viste a causa de tuas penas?

Tezeo. Ainda que errey o tiro, sempre acertey o golpe; porque espelho, que foy theatro dos meus zelos, he bem que em atomos desfalleça, para que no estrago de seus crystaes se represente melhor a tragedia de meu amor; já que o furor, que me abraza, não sabe liquidar no espelho de meus olhos o crystal de meu pranto.

Dedal.

Dedal. Em hum instante desvaneceste o trabalho de tantos annos.

Tezeo. Dedalo, guia-me à sala dos enganos, aonde me disse Ariadna a esperasse esta noite; pois já o Delio Planeta em mal distinctas luzes quasi toca a diafana méta do ultimo horizonte.

Dedal. Para que procuras a Ariadna, se a viste seguir a Lidoro?

Tezeo. Por isso mesmo, para que na sala dos enganos encontre o ultimo desengano. Ay Dedalo, que ha no mundo mais labyrinthos do que cuidas!

Dedal. Não sey, que até aqui haja outro, fóra deste.

Tezeo. Pois sabe, que dentro deste Labyrintho existe outro labyrintho.

Dedal. Não entendo.

Tezeo. Para que me entendas, attende, e verás.

S O N E T O.

Labyrintho mayor, mais intrincado,
Tem amor em meu peito construido,
De quem se ostéta aos golpes do gemido,
Sinzel a magoa, artifice o cuidado.
Na memoria se vê delineado,
O tormento de hum gosto amortecido,
Na confusão da dor o bem perdido

132 *Labyrintho*

Nunca se encõtra , ainda quando achado
 A' maquina mental desta estrutura
 Adornaõ , em funestos parallelos ,
 Lamina o susto , sombras a pintura :
 Columnas saõ os miseros desvélos
 Estatua o desengano se affigura ,
 Fio a esperança he , monstros os zelos.
Vaise.

Dedal. Quem duvida , que amor he o
 mayor labyrintho ? *Vaise.*

S C E N A V.

*Sala de columnas , que a seu tempo cabiraõ , e
 ficará tudo em outra vista , e no fim da
 sala haverá huma Vaca.*

Sabe Esfuziote.

Esfuz. **A**gora que a boca da noite vay
 engolindo o manjar branco do
 dia : não digo bem ; agora que a lingua
 do Sol se vay encolhendo na boca da
 noite , a quem o cadeado do silencio lhe
 fura os beiços da escuridade , venho se-
 gunda vez ao Labyrintho ; que se a pri-
 meira vim , porque nella me perdi , ago-
 ra venho , porque fóra delle me querem
 deitar a perder. Fiai-vos lá em mulhe-
 res , que em tendo zelos saõ peyores ,
que

que caens damnados ! Tomara perguntar a Taramella , para que foy dizer a Lidoro pá pé , tudo quanto lhe disse , e por hum triz , que me não apanha com o rabo na ratoeira : não lhe perdoo o máo cozimento , que me causou com os sustos ; porém para me livrar delles , e della , hirey buscar a Tezeo ; que antes quero viver no Labyrintho , que morrer em Palacio ; que póde fer , que se lhes meta em cabeça , que eu sou Tezeo de verdade , e me torção o pescoço , assim como quem não quer a coufa ; pois çafaõ daqui fóra. Oh , esta sem duvida he a Vaca , que disse Dedalo fabricara para Pazife ! Cá está a escotilha , por onde a tal Rainha vio os touros de palanque ! Mas eu , se me não engano , aqui vem gente ; seja quem for , escotilha aberta , justo pecca ; eu me escondo dentro da Vaquinha feito Rainho , até que passe quem quer que he.

*Esconde se Esfuziote na Vaca , e sabe
Taramella.*

Taram. Outro recado temos de Ariadna para Tezeo. He para ver se se namoraõ à chucha callada ! Bem fiz eu em dizello a Lidoro. Esta he a sala dos enganões para onde hey de dizer a Tezeo ,
que

que venha : mas isto he quasi noite , para hir ao centro do Labyrintho , e temo que me anoiteça no caminho ; o melhor será hir-me embora , que assim como assim já não tenho mais que saber , que certos são os touros.

Esfuz. Mais certa he a vaca : esta he Taramella ; não sey se lhe falle , pois quando a sua falsidade me esconde , a sua belleza me escancarea ?

Taram. Ay ! Ainda aqui está esta negra Vaca ? Não sey como se consente este trafte em ser !

Esfuz. Bom trafte es tu.

Taram. Só de a ver me tremem as carnes.

Esfuz. A rapariga tem tremendas carnaças.

Taram. Oh maldito seja Dedalo , que tal fez para occasião de tanta ruina !

Esfuz. Oh maldita sejas tu , que tão lambareira es !

Taram. Ella sem duvida parece couisa viva.

Esfuz. Ora viva quem se chega.

Taram. Para que mais , até a pelle tem cabellos.

Esfuz. A occasião pelos cabellos. Espera , cabelluda Deidade , que hoje o pente de meu carinho te tirará as lendeas de tua desconfiança.

Sabe da Vaca.

Taram.

Taram. Ay! Quem me acode, que a Vaca sabe fallar?

Esfuz. Ha cousa mais eloquente em hum banquete, que huma lingua de vaca? Mas a tua com tua licença merecia sal, e pimenta.

Taram. Uy! Vossa Alteza cá está na sala dos enganos? Não quiz deixar de obedecer a seus amores? Fez muito bem, que ella tudo merece.

Esfuz. Quem he essa ella, Taramella?

Taram. Já lhe esquece? He aquella, com quem dançou a noite passada.

Esfuz. A noite passada dancey comtigo.

Taram. Não me queira desesperar; eu não o vi dançar com Ariadna com a mesma banda azul, que lhe levey ao Labyrintho, e por final que dançou melhor, que ninguem?

Esfuz. A'gora, já estou muy pezado; isto he chaõ, que já foy vinha.

Taram. Logo não nega, que dançou com Ariadna?

Esfuz. Não, filha, que eu não podia dançar bem, senão comtigo.

Taram. E a banda azul?

Esfuz. Azul he ciumes; quem os tem, anda cego; quem anda cego, não vê; e quem não vê, não póde julgar de cores.

Taram.

Taram. Ora, Senhor, tenho entendido, que Vossa Alteza faz zombaria de mim.

Esfuz. Já te disse, que me não altezees, que o amor, e a Magestade, sempre se assentaraõ em iguaes tripeças.

Taram. Senhor, com que estamos? Vossa Alteza póde negar, que eu lhe trouxe huma banda azul ao Labyrintho em nome de Ariadna?

Esfuz. Assim foy, que a verdade manda Deos, que se diga.

Taram. Póde negar, que agora o acho aqui nesta sala dos enganos, na qual me disse Ariadna a esperasse Vossa Alteza, por se acaso não tivesse ouvido bem, o que ella lhe disse? He isto verdade?

Esfuz. Verdade he, que eu estou aqui.

Taram. Logo digo eu bem, que namora a Ariadna?

Esfuz. Isso he mentira.

Taram. Como póde ser verdade, e mentira ao mesmo tempo?

Esfuz. Porque neste tempo tudo saõ mentiras, e verdades.

Taram. Se isso he conceito, não o entendo.

Esfuz. Pois eu era taõ descortez, que dissesse conceitos na tua presença?

Taram. E para mais prova, diga, que fazia

zia

zia debaixo da mesa escondido, sendo hum Principe?

Esfuz. Estava para fazer certa prova.

Taram. Prova? De que?

Esfuz. Da tua falsidade, pois foste tão linguatriz, que disseste a Lidoro, que eu estava vivo. Dize, tyranna, assim desempensas a catarata do teu nome? Se es Taramella, porque te não fechas? Mas se es Taramella devassa, por isso te abriste, desenterrando mortos, para enterrar vivos: que dizes agora?

Taram. Digo, que fiz muito bem; pois já que eu o não hey de lograr, não quero que me logre tambem; já que eu choro o seu desvio, finta Ariadna o que eu padeço; mas diga-me: por ventura quando se meteo debaixo da mesa, já sabia o que eu havia de dizer a Lidoro?

Esfuz. Calte, tolla, mecanica, não sabes, que nós os Principes temos o dom de adivinhar? E para que o vejas, essa joya, que trazes no peito, te deu Lidoro, não he verdade?

Taram. He verdade, pois que temos?

Esfuz. Temos embargos a isso: dize-me, insolente, leviana, fragil, pois tu accitas joyas de Lidoro, estando para cazar com hum Principe de Athenas?

Taram.

Taram. Elle não ma deu por mal.

Esfuz. Pois eu por mal a tomo; lar- *Tira a*
ga essa joya, indigna futura Prin- *joya.*
ceza, que não he decente à minha hon-
ra, que adorne teu peito falso diamantes finos. He boa graça! Estou ardendo!
E quando nada saquey a joya por bom modo. *à part.*

Taram. Com que Vossa Alteza me leva a joya, ainda em cima de me ser desleal?

Esfuz. Olha, filha, aqui ninguem nos ouve; eu bem sey, que Lidoro te não deu por mal essa joya; mas não he brio meu, que tu tragas diches desse sevandija.

Taram. Senhor, estava muito bem, se Vossa Alteza não amasse a Ariadna.

Esfuz. Olha, permitta Deos, que se eu cazar com Ariadna, que berrando vá a minha alma parar aos quintos infernos a fazer filhozes com Plutaõ.

Taram. Quanto mais jura, mais mente.

Esfuz. Que por amor de meu amo perca eu essa tolã! Ora vem cá, minha Taramella, façamos as pazes, tem lastima deste amante coração, que por ti chora pelas barbas abaixo como huma criança. Não te compadecem os soluços de hum Principe, que assoando o monco da magoa no lenço da ingraticidã, destila

tila o nariz da fineza o estilicido do soffrimento? Digo alguma couza?

Taram. Ay, deixe-me, não seja importuno, antes que lhe perca o respeito.

Esfuz. Perde-o muito embora, que nisso pouco se perde.

Taram. Pois já que me dá licença, ouça com o devido respeito.

Canta Taramella a seguinte

A R I A.

Que tremulo marres,
Que estatico morras,
Que estitico mirres,
Que morras, que marres, que mirres,
E a mim que se me dá?

Por mais que em teus males
Em ancias te estales
E em prantos te estiles,
De balde será.

Quer irse, e sabe Sanguixuga.

Sang. e Esfuz. Espera, aonde vás, Taramella?

Taram. Deixe-me, que vou desesperada.

Esfuz. Oh quanto folgo, que viesse tua tia!

Sang. He possível, rapariga, que me faças vir tropeçando por esses Labirinthos, vendo, que nelle entraste a estas horas?

horas? Que loucura foy essa?

Taram. He vir segunda vez verificar os meus zelos, para que com duas testemunhas de vista sentencee a este falso Principe a perpetuo desterro de meus carinhos.

Esfuz. Bem folgo eu, Senhora tia, que viesse vossa Sanguixuguisse, só para ver a insolencia, com que sua sobrinha trata ao segundo filho primogenito d'El Rey de Athenas, só porque a Infanta se affeicou de mim; e veja, tia, que culpa tenho eu de ser querido?

Sang. Senhor, se minha sobrinha lhe não tivesse amor, não teria zelos. Que fará se ella soubesse, que Fedra tambem o namora? *à part.*

Esfuz. E foy taõ insolente, que em vilipendio da minha pessoa aceitou huma joya do Principe Lidoro.

Sang. Ay, Senhor, não seja ciumento, que em Palacio he estylo darem os Principes joyas às Criadas do Paço. Olhe, esta, que aqui vê, ma deu o Principe de Chypre.

Esfuz. Inda mais essa temos? Venha, tia, essa joya muito depressa.

Sang. Ay! A minha joya? Para que?

Esfuz. Para que sim, senão *à fortiori* lha vou

vou tirando. Arre lá, a tia vindoura de hum Principe de Athenas ha de trazer joyas do Principe de Chifre! Isso não; não Senhora, em quanto eu tiver o olho aberto. Já temos duas joyas. *à part.*

Sang. Dê-me a minha joya, Senhor.

Esfuz. Nada, nada, não tem que se cançar. Que dirá o Embaixador, que he zeloso como os diabos, se lhe vir essa joya? Não queira pelo pouco perder muito.

Sang. Eu entendo, que isso do Embaixador he palhada, pois ha muito, que o não vejo.

Esfuz. Como recusava o teu matrimonio, mandey-o degradado para a sua Patria; mas logo virá deitar-se a teus pés.

Taram. Tia, não gastemos tempo; vamos, que he tarde.

Esfuz. Diga-lhe primeiro, que faça as pazes comigo; e para que não cuide, que amo a Ariadna, aqui mesmo neste lugar quero cazar com sua sobrinha; ande, leve o diabo quem não quer.

Sang. Ay menina, aproveita-te da occasião.

Taram. Ah falsario, não cuides, que me has de lograr. *à part.* Pois, Senhor Tezeo, meta-se outra vez na Vaca, e espere por mim, que eu vou buscar luzes, para celebrarmos o matrimonio com
lumi-

luminarias. Tu verás como me vingo.
à part. e vaife.

Sang. He possível que hey de ver com estes olhos esbugalhados a minha sobrinha Princeza ! Senhor, faiba Vossa Alteza, que por esta obra pia de amparar huma orfã sem mãy, haõ de os Deoses fazello victorioso de seus inimigos. *Vaife.*

Esfuz. Eu sou o noivo, e levo o dote em joyas : com esta casta de gente sou eu gente. Aparelha te, Esfuziote, que hoje has de senhorear a melhor Deidade, que calçou cothurno. Ay, que já estou pulando ! Ora sem duvida, que o fazerme Principe muito me grangea na confeitaria do amor : vamo-nos esconder na Vaca ; comece a obedecer, quem principia a triunfar.

Mete-se Esfuziote na Vaca. Sabem Tezeo, e Dedalo.

Dedal. Esta he a sala dos enganos : nella não temas perigos, que no mayor, em que estiveres, te defenderey com hum certo artificio, que só para mim refervey.

Tezeo. Pois não te apartes nunca de mim, em quanto espero o sol de Ariadna, para clarificar a opáca sombra deste cáos ; e quando não, o Cometa de meus zelos

los será luzido farol, que me allumie.

Esfuz. Frito seja eu, se aquella voz parada não he de Tezeo azul no seu ciume: alguma cancaburrada temos!

Sabe Tebandro.

Teband. Muy valente he o amor, pois desprezando horrores, e confusões, me conduz a este confuso abyssmo de enleyos, facilitando-me o caminho a esta sala dos enganos hum pratico deste Labyrintho.

Sabe Ariadna pela parte de Tebandro, e Fedra pela de Tezeo.

Ariad. Não disse bem, quem affirmou, que o amor carecia de olhos; que a ser cego, não me guiaria a esta sala dos enganos, ló a buscar o bem que adoro.

Fedra. Verdade fallou, quem disse, que o amor era lince, (*Sabe*) que a não ser, mal me conduziria a este pelago de horrores, a procurar a causa de meu tormento.

Tezeo. Passos ouço; sem duvida he Ariadna.

Teband. Gente vem; mas quem ha de ser, senão Fedra?

Tezeo. Vem, brilhante estrella de Venus, a influir... mas que digo? Tu não es a tyranna, que me offendeste?

Esfuz.

Esfuz. Estrella de Venus he estrella Boeira, aqui deve de haver algum touro, que vem namorar a esta Vaca.

Teband. Feliz mil vezes eu, que em anticipadas luzes vejo confundir os rayos da Aurora com os resplandores da Lua.

Esfuz. Se a Lua tem cornos, claro está, que falla com a Vaca metaforicamente.

Fedra. Es tu acaso aquelle ingrato, que não sabe corresponder à minha fineza?

para Tezeo.

Tezeo. E tu, sem ser acaso, não es aquella mudavel, que grata, e carinhosa te ostentaste com Lidoro esta tarde no jardim?

para Fedra.

Fedra. Vê que te enganas.

Ariad. Oh quanto estimaras mais nesta occasião, que eu não fosse eu, senão minha irmã, a quem como agradecido saberás ser amante.

para Tebandro.

Teband. Tu não sabes, galharda Fedra, que nunca Ariadna me mereceo hum cuidado?

para Ariadna.

Ariad. Tezeo cuida que sou Fedra: ah cruel, que mal pagas hum constante amor!

à part.

Esfuz. Que diabo de sussurro ouço aqui! Sem duvida isto he algum viveiro de cochichos!

Fedra.

Fedra. Não sey, que motivos tenhas, para fabricar esse pensamento contra a lealdade com que te adoro?

Tezeo. Se tu souberas o como te vi com Lidoro, talvez que o não negasses; porém mal poderão as tuas vozes contradizer aos meus olhos?

Fedra. Já sey, que isso he maxima, que inventa a tua falsidade, para que me falte o tempo de dizerte, que só estimas os favores de minha irmã; mas se o teu amor não fora cego, talvez que souberas avaliar as finezas, que me debes.

Tezeo. Tu bem sabes, Ariadna, que sempre foste primogenita de meu amor, sem que lograsse Fedra já mais as prerogativas de querida.

Fedra. Ay de mim, que Tezeo cuida, que sou Ariadna! Oh ingrato Principe, quem nunca te conhecera! *à part.*

Esfuz. Muito tarda Taramella: eu confesso, que já não posso estar embezerado.

Teband. Já não sey, formosa Fedra, quando me verey completamente feliz.

Ariad. Deixa-me, ingrato, traidor, que já me falta a paciencia para ouvir as tuas falsidades.

Teband. Jupiter com seus rayos me abra-

ze, se algum dia quiz a Ariadna; pois só a ti formosa Fedra. . . .

Ariad. Cala-te: ay de mim, que cada vez me offendes mais!

Fedra. Basta que nunca idolatrasse a Fedra?

Tezeo. Só tu, ingrata Ariadna, a pezar das tuas falsidades soubeste usurpar toda a liberdade de meu alvedrio.

Fedra. Calla-te, desagradecido, que já te não posso escutar.

Tezeo. Eu nunca amey a Fedra, tu a Lidoro sim; deixa me, ingrata, não te compadeças da minha vida.

Ruido dentro.

Dedal. Tezeo, retira-te; ahi cuido, que está alguém.

Fedra. Retira-te por hum pouco, ingrato, que se me não engano, alli vem gente.

Tezeo. Será illusão; mas com tudo por amor de ti me retiro.

Esfuz. Ainda não vem esta maldita Taramella; pois o verde de minha esperança se vay mudando no amarello da desesperação.

Esconde se Tezeo, e Dedalo. Sabe Lidoro com espada na mão, e Taramella.

Taram. Senhor Lidoro, esta he a sala dos enganos.

enganos, busque-o na Vaca, que elle lá está esperando pela Senhora Ariadna.

Lidor. Ah falsa cruel, hoje me vingarey de ti, e desse tyranno, que me offende. Mas quem está aqui? Ariadna he sem duvida.

Encontra-se com Fedra.

Fedra. Quem ha de ser? Já me desconheces? He a tua Ariadna.

Lidor. Não me enganou Taramella. *à part.*

Teband. Querida Fedra, cuido, que gente veyo.

Ariad. Não sou Fedra, falso, traidor amante.

Teband. Ay de mim! Quem será?

Lidor. Dize, ingrata Ariadna, ainda não achaste nesta escuridade a luz de teus olhos?

para Fedra.

Dedal. Espera, Tezeo, aonde vás com essa espada?

Tezeo. A vingar injurias de meu amor: morra o traidor que me offende.

Sabe Tezeo com espada, briga com Lidoro, e com a confusão se trocã as Damas, ficando Fedra ao lado de Tebandro, e Ariadna ao de Lidoro.

Lidor. Morra o aleivoso, que me opprime.

Fedra. Que desgraça! Ampara-me, Principe.

Ariad. Que infelicidade ! Sempre a teu lado morrerey constante.

Dedal. Que confusão !

Teband. Fedra, primeiro está a tua vida: vem comigo.

Esfuz. Nesta arrenegada da confusão fahio o trunfo de espadas: ainda bem, que estando o meu Sol em Tauro, estou metido em hum sino.

Taram. Ay mofina de mim, que eu tive a culpa disto ! Hirey chamar quem acuda. Acudaõ todos, acudaõ a estorvar a mayor desgraça, que já mais se vio: acudaõ, acudaõ. *Vaise.*

Tezeo. Debalde resistes ao vigoroso impulso de meu braço.

Lidor. Por isso será mayor o meu triunfo: valente fois !

Tezeo. Tenho amor, e tenho zelos.

Esfuz. He hum regalo ver touros de palanque.

Teband. Fedra, segue-me.

Fedra. Como, se estou quasi mortal?

Ariad. Senhor, ampara a minha vida.

Dentro ElRey.

Rey. Cercay todos o Labyrintho, para que se investigue a causa deste alboroto.

Dedal. Retiremo-nos, que vem ElRey.

Tezeo.

Tezeo. Dedalo, agora he tempo para que a tua industria me valha.

Dedal. Anda comigo, que desta sorte nos não poderãõ seguir. *Retiraõ-se.*

Sabe ElRey, e hum criado com luz; e depois que ElRey diz: Suspendey as armas, vaõ-se Tezeo, e Dedalo, o qual dará huma grande pancada, e cabem as columnas, e fica em vista de pateo.

Rey. Suspendey as armas. Mas ay de mim, que a sala toda vem vindo sobre nós! Estranho successo!

Lidor. Isto he terremoto sem duvida!

Todos. Deoses clemencia!

Esfuz. Senhores, que diabo será isto? Tanta bulha, e algazarra ao redor da Vaca? Sem duvida isto he algum assougue!

Rey. Perplexo, e confuso, não sey o que pronuncie.

Ariad. Lidoro aqui, e Tebandro? Tezeo sem duvida se retirou, antes que o vissem. Oh quanto estimo, que o não encontrassem! *à part.*

Fedra. Aonde estará Tezeo? Talvez se ausentou, vendo que vinha gente. *à part.*

Teband. Com quem brigaria Lidoro, não estando aqui mais do que eu, e elle? *à p.*

Lidor. Tebandro foy sem duvida o com quem briguey. *à part.*

Rey.

Rey. Ainda não estou em mim, confuso entre tanto assombro. Lidoro, Tebandro, que foy isto nesta sala?

Lidor. Se bem reparo, Senhor, isto não foy terremoto, seria algum artificio de Dedalo, que occulto estaria aqui; pois outro novo edificio se deixa ver, apezar da artificiosa ruina das columnas.

Rey. Isso he sem duvida; porém como Dedalo ainda vive encerrado no Labyrintho, delle mesmo me poderey informar; mas por ora não me importa saber isso tanto, como a causa de vossos insultos, inquietando o silencio da noite, e o sagrado deste Labyrintho com desafios; e o que mais he, ver eu aqui as Infantas neste sitio, e a estas horas, e vós, Lidoro, com essa espada na mão.

Ariad. Eu, e Fedra, Senhor, vindo-nos a divertir, e admirar, como sempre, este Labyrintho, succedeo anoitecernos; e perdendo o tino na confusão da noite, e do lugar, começámos a chamar quem nos acodisse, e os Principes, talvez informados das nossas vozes, e clamores, se animaraõ a vir libertarnos deste enleyo. Esta he a causa, Senhor, de nos achares aqui, e Vossa Magestade me permitta licença, que a fadiga do susto
me

me obriga, a que me recolha. *Vaise.*

Fedra. Bem fingio Ariadna. *à part.*

Esfuz. Tambem quem quer que he, mente que trezanda.

Teband. Como Vossa Magestade já está informado da verdade, não tendo mais que saber, não tenho eu mais que esperar; mas sim a Fedra. Ay louco amor, quando teraõ fim os meus males? *à p. e vaise.*

Lidor. Por cuja causa, Senhor, não havia vir desarmado, vindo a este lugar. Diforcemos ainda a falsidade de Ariadna.

à part.

Rey. Já tenho dito, que quando quizerem vir ao Labyrintho, não venhaõ desacompanhadas; e já que se fez inutil o meu preceito, agora inviolavelmente ordeno sob pena de minhas iras, que nem vós, nem Ariadna, venhaõ mais ao Labyrintho.

Fedra. Senhor, Vossa Magestade.... eu se....

Esfuz. Aquella finge, que está turbada.

Rey. Eu evitarey estes sustos: e vós, Lidoro, já tendes visto, que não ha em Creta, quem pudesse dançar com Ariadna; e assim satisfeito o vosso escrupulo, podeis eleger, ou o hirvos para Epyro, como querieis, ou cazar com Ariadna, como

como pertendo, por não fazer infructifera a vossa vinda.

Lidor. Como já sey quem foy o que dançou com Ariadna, será justo, que eleja o hirme para Epyro.

Rey. Pois que esperais, que o não dizeis?

Fedra. Que será isto?

Esfuz. Lá vay Tezeo com os diabos desta vez.

Rey. Vede, Lidoro, não seja isso delirio de vossos zelos.

Lidor. Não são delirios, são realidades, pois me atrevo a mostrallo neste mesmo lugar.

Esfuz. Agora isso tomara eu ver pelo buraco desta escotilha.

Rey. Neste mesmo lugar? Aonde, se aqui não está ninguem?

Lidor. Dentro daquella Vaca acharás quem com Ariadna dançou.

Esfuz. Ay que elles comigo! Por aqui anda Taramella.

Fedra. Tomara já ver quem dançou com Ariadna. *à part.*

Rey. Olá, investigay essa Vaca, que segunda vez se conserva para a minha afronta, já que o meu descuido a não reduzio em cinzas, para que na minha lembrança só se conservasse esta memoria.

Chega

Chega hum Soldado a tirar Esfuziote da Vaca.

Lidor. Agora me vingarey de Ariadna. *à p.*

Soldad. Quem ahy está faya para fóra.

Esfuz. Vaca não tem faya.

Soldad. Vá-se sabindo dahi.

Esfuz. A Vaca he de páo , e não póde andar.

Rey. Quebrem essa Vaca. *Daõ na Vaca.*

Esfuz. Querem carne de chacina? *Espe-*
rem, que eu me patenteo, antes que me
metaõ os tampos dentro. Pois que he
isto cá? *Sabe.*

Lidor. Que he o que vejo! Este he Tezeo,
que me disse Taramella? *à part.*

Rey. Que he isso Lidoro? Este criado he
o que dançou com Ariadna? Vês, que
tudo foy delirio do teu ciume?

Lidor. Não sey o que responda. Senhor,
já sey, que o meu ciume me pôde allu-
cinar, mas não foy sem fundamento.
Estou corrido! *à part. e vaife.*

Esfuz. E eu parado. Senhor, sirvo aqui
de alguma cousa, senão quero buscar
minha vida?

Rey. E tu, Esfuziote, que fazias dentro
dessa Vaca? Dize.

Esfuz. He que eu sempre fuy muito ami-
go de vaca.

Rey. Responde a proposito.

Esfuz.

Esfuz. Senhor, como sou Filosofo natural, meti-me dentro da Vaca, por ver se se dava vaca *in rerum natura*.

Rey. Se não fallas a verdade, mando-te lançar ao Minotauro.

Esfuz. O Minotauro já me não mete endo, para dizer a verdade: saberá V. Real Magestade, que fuy criado de Tezeo, que o escuro Cocyto haja; quando de mim se apartou, me pedio de joelhos com lagrimas de quatro em quatro, que fizesse eu muito por lhe apanhar alguns ossos seus, que sobejassem ao Minotauro, e que os enviasse para Athenas para consolacão de seu Pay; pois não queria, que quem lhe comeo a carne, lhe roesse os ossos. Eu por lhe cumprir a sua ultima vontade, entrey neste Labyrintho, e cuidando, que a vaca era carneiro, entrey nella, para ver se achava algum osso, a tempo que se armou huma brigga, e veyo Vossa Magestade, e acabou-se esta historia.

Rey. Por seres fiel a teu amo, te perdoo este excesso; porém te ordeno, que não venhas mais ao Labyrintho, aliás te matarey.

Esfuz. Sim, Senhor, vá Vossa Magestade descansado.

Rey.

Rey. Folgo, que ficasse desvanecida a pre-
sumpção de Lidoro: vem, Fedra. *Vaise.*

Fedra. Eu te obedeco. *Vaise.*

Esfuz. Isto já anda muito bolido com en-
ganos, e chismes de Taramella; hirey
avisar a Tezeo, que se çafe daqui para
tóra, pois se ElRey me aperta mais, eu
sem estar bebado, me esborracho, e lá
hia quanto Ariadna fiou. *Vaise.*

Lidor. Todos se foraõ, só comigo ficou o
meu cuidado, pois ainda que o que es-
tava escondido na Vaca, naõ era Tezeo,
como me disse Taramella, com tudo
póde ser, que a prevençãõ variasse o
successo, pois nem Taramella me havia
de enganar, nem podia desconhecer o
sujeito, que dentro na Vaca se escon-
deo. Oh funesto labyrintho de amor,
aonde até os desenganos saõ confusões!

Canta Lidoro a seguinte Aria, e

R E C I T A D O.

Quem será, justos Deoses,
Esse feliz amante, que escondido
De Ariadna no idolo elevado
Victimas sacrifica?

Quem será [ay de mim!] esse gigante
Que a tanto ceo de amor subir pertende?
Que supposto naõ veja esse incentivo
Que meus zelos fabrica,

Com

Com tudo o coração sempre preságo
 Não sey que vaticina ;
 Pois tímido, cobarde, e pensativo,
 Cada objecto que vejo, he hum ciume,
 E até do que não vejo zeloso formo.
 Que muito se eu de mim, em taes desvelos,
 Por amor de Ariadna tenho zelos !

A R I A.

Qual Leoa embravecida,
 Que se vê destituida
 Do filhinho tenro, e caro,
 Que com furias, e bramidos,
 Rompe a terra, e fere o ar :
 Assim eu em meus gemidos
 Bramo, peno, sinto, e choro,
 Vendo (oh Deos!) o que eu adoro
 Noutros braços descansar.

S C E N A VI.

Labyrintho. Sabe Tezeo.

Tezeo. **G**Rande confusão causaria a súbita ruina das columnas, entre cujo horror pudemos sahir, sem sermos notados de ninguem; porém que importa, que de hum susto me redima, se de hum cuidado me não separo? Quem seria (oh duras penas!) aquelle, que ap-
 pellidan-

pellidando de ingrata a Ariadna, quiz com instrumento de Marte vingar offensas de amor? Mas quem havia ser, senaõ Lidoro, tyranno usurpador de minha fortuna?

Sabe Ariadna.

Ariad. Tezeo, o amor, e o medo, ambos me deraõ azas para buscarte.

Tezeo. Olha que vens enganada, pois entendendo, que buscas a Lidoro.

Ariad. Deixa por ora essas loucuras, e fallemos no que mais importa.

Tezeo. Haverá coula, que mais importe, que os meus zelos?

Ariad. Que zelos? Que Lidoro? Que delirio he esse?

Tezeo. Pergunta-o às flores do jardim, que testemunharaõ os reciprocos carinhos, com que attrahiste a Lidoro, que ao depois na sala dos enganos, chamando-te ingrata, me intentou matar.

Ariad. Quanto ao jardim, logo verás, que mais te defendo, do que te offendo; e quanto à sala dos enganos, ha mais que apurar na tua inconstancia, que na minha firmeza; pois cuidando tu, que eu era Fedra, por quem talvez esperavas, me disseste, que nunca Ariadna te mereço

receo hum só cuidado. Vê agora se achas desculpa a este delicto?

Tezeo. Ariadna, a lingua não tem mais vozes, que as que lhe dicta o coração, aonde se conserva eterno o original de tua belleza, melhor que a tua copia no peito de Lidoro; e assim não intentes recompensar huma fingida offensa com hum aggravo verdadeiro.

Ariad. Para que não formes esse conceito contra a minha lealdade: saberás, que como a Lidoro aborreço a pezar de seus extremos, me disse hum dia, que a causa de meus delvios era, porque eu te adorava, pois sabia, que tinhas triunfado do Minotauro. Considera tu, que sustos estes para hum coração amante. E para que zeloso o não communicasse a ElRey, fuy mantendo a sua esperança com fingidos carinhos, até que te viesse avisar, para que com a fuga nos isentassemos deste imminente perigo, que nos espera. Vê agora se póde ser desleal, quem tão finamente sabe ser amante? Mas como vejo, que só Fedra te merece cuidados, já não he licito, que eu te acompanhe, mas sim avisarte do perigo, por não faltar ao juramento, que dey de defender a tua vida, em remuneração

neraçãõ da que me dêste no bosque.

Quer irse.

Tezeo. Espera, Ariadna, que não he justo, que ao mesmo tempo, que me deixas agradecido, te aulentes queixosa. Já sey o extremo do teu amor; não te persuadas, que Fedra, sendo capaz para a minha veneraçãõ, o possa ser para a minha fineza; tu só, bellissima Ariadna, occupas ditosamente todo o meu coraçãõ; de sorte, que nelle não ha lugar, que possa accomodar outro objecto.

Ariad. Mal te posso acreditar, quando esta noite te ouvi differentes expressões. Deixa-me, ingrato, que esses affectos só são para Fedra.

Tezeo. Farás com que desespere na incredulidade de meus extremos.

Cantaõ Tezeo, e Ariadna a seguinte

A R I A A D U O

Tezeo. Tanto te adoro, tanto,
Que em ondas de meu pranto
Fluctua o meu amor.

Ariad. Tu dizes que me adoras,
Que gemes, e que choras,
Eu não te creyo, não.

Tezeo: Pois, cruel, para que me creas,
Rompe o peito, abre esta alma,
Verás nelle o meu ardor.

Ariad.

Ariad. Na tua alma, e no teu peito;
Que de enganos acharey?

Tezeo. Sómente firmezas,

Ariad. Nenhumas finezas

Ambos. Neste peito encontrarás.

Tezeo. Oh quem mostrar pudera!

Ariad. Oh quem te conhecera!

Ambos. Ingrat^o_a, mas talvez

Que as chammas, que desprezas
Em cinzas acharás. *Quer ir-se Ariad.*

Tezeo. Ariadna, não augmentes a minha
desgraça com a tua semrazão.

Ariad. Ay que lá vem Fedra! Considera,
ingrato, se ha motivos para a minha
queixa.

Tezeo. Se Fedra vem, não será, pois eu...

Ariad. Não he agora tempo de ouvir des-
culpas; só tomara esconderme, para
que me não visse.

Tezeo. No concavo dessa columna ha hum
limitado gabinete, em que apenas ca-
bem duas pessoas, esconde-te, já que
assim o queres.

Ariad. Observarey as tuas falsidades.

Esconde-se.

Tezeo. Qual será o intento de Fedra? Quei-
ra amor não se encontre com o de Ari-
adna.

Sabe Fedra.

Fedra. Tezeo, parece que querem os fados seja eu sempre tutelar de tuas infelicidades, a pezar de tuas ingratições; e porque huma vez empenhada a defender a tua vida não era justo desistisse deste nobre intento; sabe, que já em Palacio ha claros indicios de que estás vivo; e assim, antes que ElRey o chegue a saber, trata de ausentarte com a brevidade possível.

Tezeo. Será forçoso seguir o teu conselho.

Ariad. Não sey que intenta Fedra com tantos extremos!

Fedra. E pois não ignoras, que eu fuy o instrumento da tua vida na morte do Minotauro, para que se não venha a saber, que eu dey armas contra esse monstro, e sinta a indignação d'ElRey, será forçoso, que me leves contigo para Athenas, se acaso o darte duas vezes a vida te póde fazer menos ingrato.

Tezeo. Notavel empenho! Que responderey a Fedra, ouvindo-me Ariadna! *à p.*

Ariad. E que viesse Fedra pôr o ultimo fim à minha desgraça! *à part.*

Fedra. Não me respondes? Porém nada me digas, que se eu tivera, os meritos de

Ariadna, talvez fosse venturosa a minha supplica.

Tezeo. Não crimineis a Ariadna, pois nella nunca encontrey huma ló piedade, nem creio, que huma lembrança; pois he sem duvida, que imaginará, que estou morto.

Ariad. Bem fez Tezeo em negallo.

Fedra. Como póde ser, que Ariadna ignore, que tu es vivo, se na sala dos enganos esta noite, aonde te disse me esperasses, estando tu comigo?

Tezeo. Espera, que estás enganada, pois não indo eu à sala dos enganos, mal te podia fallar. Oh que incentivos para os zelos de Ariadna! *à part.*

Ariad. Por isso o traidor me chamava Fedra, cuidando que fallava com ella.

Fedra. Se huma evidencia intentas contradizer, já não tenho mais que te arguir; e assim, Tezeo. . . .

Sabe Esfuziote.

Esfuz. Senhor, esconda-me por vida sua, que ahi vem ElRey, e se me vê, certamente me enlabyrinthha para sempre. Ay delgraçado Esfuziote!

Tezeo. Que dizes? ElRey vem ahi?

Esfuz. Sim Senhor, ElRey em pessoa: escondamo-nos depressa.

Fedra.

Fedra. Ay de mim, se ElRey me vê; pois tenho inviolavel preceito para não vir ao Labyrintho! Tezeo, esconde-me, antes que perigue a minha vida.

Ariad. Que notavel desgraça, se ElRey vir à Tezeo!

Tezeo. Este sim, que he verdadeiro labyrintho em que me vejo; pois não ha aonde esconder a Fedra, senão aonde está Ariadna! Que faraõ, se se encontraõ?

Fedra. Tezeo, esconde-me, e tu tambem, para que ElRey não nos veja.

Esfuz. Senhor, esconda-me a mim se quer!

Tezeo. Senhora, o lugar que ha capaz para esse ministerio, apenas he sufficiente para occultar huma pessoa; e assim hum de nós ha de ficar exposto ao perigo de ElRey nos ver.

Esfuz. Senhor, veja que Dedalo da outra vez disse, que alli cabiaõ duas pessoas; e assim eu, e a Senhora Fedra bem cabemos nelle.

Fedra. Pois Tezeo, perigue a minha vida, antes que a tua; que melhor he conservar a hum morto, que livrar da morte a hum vivo.

Ariad. Oh quanto invejo aquella fineza de Fedra!

164 *Labyrintho.*

Tezeo. Não he razão, Senhora, que eu por salvar a minha vida, exponha a vossa ao perigo; occultai-vos, que o tropel já vem perto. Perdoe Ariadna, que esta acção he filha do meu brio, e não do meu amor. *à part.*

Fedra. E se fores visto d'ElRey, que será de ti?

Tezeo. O mais que póde fazer he matar-me; anda, esconde-te já.

Esfuz. E eu, Senhor, aonde? he boa graça!

Fedra esconde-se aonde está Ariadna, e sabe esta.

Ariad. Pois não ha de ser assim, que Tezeo não ha de ficar exposto ao rigor d'ElRey. Tezeo, se tu por salvar a Fedra expões a tua vida; eu por redimir a tua offereço a minha: anda, esconde-te aonde eu estava, que isto he saber conservar a tua vida.

Tezeo. Ariadna, esse excesso transcende aos limites da mayor fineza; torna a esconderte, senão por Jupiter soberano te juro, que ambos aqui ficaremos.

Esfuz. Melhor será, que nesse lugar me escondaõ a mim.

Ariad. Primeiro está a tua vida.

Tezeo. A tua está primeiro.

Fedra. Aquella he Ariadna; quem vio mayor

yor confusão? Ah traidor Tezeo!

Tezeo. Occulta-te, Ariadna, que eu buscarey industrias, que me defendão.

Esfuz. Senhor, que diabo he isto? Não ouvem a estropeada já nessa casa vizinha?

Ariad. Como te não queres occultar, quero conservar a minha vida, para defender a tua.

Esconde-se Ariadna. Sabe ElRey sem olhar para Tezeo.

Esfuz. E agora, Senhor Tezeo?

Tezeo. Poem-te atraz de mim, e segue os meus movimentos.

Rey. Já parece que he tempo de perdoar a Dedalo o delicto de fabricar a Vaca para Pazife, pois bastante castigo he a dilatada, e horrorosa prisão, em que está, e com o motivo de sua liberdade poderme-ha declarar todos os artificios deste Labyrintho, que muitos ignoro, como o de cahirem as columnas na sala dos enganos.

Tezeo. Em grande perigo estou! Valha-me todo o meu valor, e toda a minha industria.

Esfuz. Eu estou aqui tão agarrado como piolho ladro em sovaco de almocreve.

Vaise ElRey voltando para Tezeo.

Rey. Eu me resolvo; eu vou a libertar a
Dedalo,

Dedalo. Mas ay de mim ! Que he o que vejo ? Parece , que se me figura naquella errada sombra a imagem de Tezeo ! Ay infeliz , que os cabellos se me ericção !

Tezeo. ElRey se assustou de verme ; pois o seu engano me valha. *à part.*

Esfuz. Ah Senhor , já que me leva ao reboque , não haja por ora vento em popa.

Rey. Palida sombra , vago horror da fantasia , que pretendes de mim ?

Tezeo Barbaro Rey , esta que vês em corporea fôrma , he a alma de Tezeo , que errante por este Labyrintho vem a notiarte da parte de Plutaõ , supremo Juiz do Cocyto , a tua malevolencia , e injustiça , com que tyrannamente me usurpaste a vida , para que vivas na certeza , que haõ de os Deoses vingar a minha morte com o eterno supplicio , que te espera.

Esfuz. Ninguem faz papel de defunto como meu amo ! Andar , se não somos duas almas em hum corpo , ao menos somos dous corpos em huma alma.

Rey. Não me horrorizes mais , funesto espectáculo ; já sey , que fuy cruel para contigo.

Esfuz.

Esfuz. Ay que nos vamos submergindo!

Naõ será a primeira vez, que os amos levem comfigo os criados ao inferno.

Tezeo com passos vagarosos se meterá na mina com Esfuziote, de sorte que a este o naõ veja ElRey.

Ariad. Com bella industria se livrou Tezeo!

Fedra. Notavel idéa por certo!

Rey. Quasi que naõ tenho alentos para respirar. Olá da minha guarda, acudaõ todos.

Sabe Tebandro, e Soldados.

Teband. Senhor, que te succedeo? Que tens, que taõ palido o teu semblante nos informa de algum extraordinario successo?

Rey. Naõ sey se poderey dizer o que vi, que o susto me privou do uso de todos os sentidos.

Teband. Conta-me, Senhor, a causa de tanto excessõ.

Rey. Tebandro, eu vi distinctamente neste lugar huma agigantada, disforme, e horrorosa visaõ, que caminhando para mim com passos lentos, e vagarosos, me disse com voz irada, e rouca, ser o espirito de Tezeo, que da parte de Plutaõ me vinha notificar, que pela injusta morte,

morte , que lhe dey , se me esperava hum eterno tormento ; e com isto , abrindo-se a terra com espantoso bramido , o sepultou em suas entranhas.

Ariad. Sempre o medo representa mayores os objectos.

Teband. He caso verdadeiramente notavel ! Vem , Senhor , a prevenir algum remedio a esse susto.

Rey. Vamos , Tebandro : e vós outros cerray as portas deste Labyrintho com travessas , além das guardas , para que fique inhabitavel para sempre este cadafalso , aonde ouvi a sentença de minha condemnação.

Teband. Senhor , e Dedalo , e o Minotauro ?

Rey. Morra Dedalo , pereça o Minotauro ; pois hum , e outro toraõ instrumentos de meu precipicio. *Vaõ-se.*

Sabem da columna Ariadna , e Fedra.

Ariad. ElRey [ay desgraçada !] manda fechar o Labyrintho ; como sabiremos daqui ?

Fedra. A que fim , Ariadna , vieste ao Labyrintho ?

Ariad. A reposta , que tu me havias de dar , se eu o mesmo te perguntara , servirá para a tua pergunta ; mas agora não he tempo

tempo de averiguar zelos, quando maior causa nos afflige.

Fedra. Nunca me enganey, que Tezeo amava a Ariadna. *à part.*

Ariad. Que dizes, Fedra, da nossa desgraça?

Fedra. Deixa-me, que o coração dividido a sentir tantos golpes, não sabe distinguir os sentimentos.

Ariad. Aonde estará Tezeo? Tezeo?

Sabem da mina Tezeo, e Esfuziote.

Tezeo. Apenas fayo de hum perigo, quando logo me vejo em outro mayor!

Esfuz. Não ha cousa como servir a Principes, que ainda depois de mortos amparaõ os criados.

Ariad. Não cuides, Tezeo, que quero arguirte de tuas falsidades, vendo aqui a Fedra; só quero dizerte, que ElRey mandou fechar o Labyrintho: vê como havemos daqui fahir, com tal brevidade, que ElRey nos não ache menos em Palacio; e quando por mim o não faças, faze-o por Fedra, que tanto te merece.

Esfuz. Ainda mais essa temos? Em boa me vim eu meter!

Fedra. Não te perturbes, Tezeo, nem o meu respeito te obrigue a ser menos extremoso

tremoso para com Ariadna, de cuja vida compadecido, vê como has de livralla, que pelo mesmo caminho, que a libertares, me salvarey à sua sombra, só por te não merecer algum favor especial.

Tezeo. Que farey em tão precipitado empenho?

Esfuz. Senhores, Vossas Altas Potencias deixem por ora cousas, que não vão, nem vem; cuidemos em materias de vir, e hir daqui para fóra, não tanto pelas Senhoras Infantas, quanto por mim, que tenho occupaço no Paço, e não será razaõ, que falte às obrigações d'ElRey meu amo.

Ariad. e Fedra. Que dizes, Tezeo?

Esfuz. Senhor, diga alguma cousa, pois já se não póde livrar das ballas desta Infantaria.

Tezeo. Senhoras, não vos afflijais, que tudo terá remedio. Dedalo, Dedalo, pódes subir sem susto.

Sabe Dedalo da mina.

Dedal. Que me ordenas? Mas que vejo! Aqui Vossas Altezas?

Ariad. Dedalo, sabe que tambem viemos a ser companheiras na tua desgraça.

Fedra. Quem te dissera, que para nosso estrago

trago fabricavas este Labyrintho!

Dedal. São altas disposições dos Deoses, que se não podem evitar.

Tezeo. Dedalo, por successos de amor, e fortuna, se achão aqui hoje as Infantas; o Labyrintho por ordem d'ElRey está fechado, vê por onde havemos de sair?

Dedal. Por aquella mina, que vay ter às ribeiras do mar, como sabes, pois não ha outro caminho.

Tezeo. Bem advertiste.

Dedal. Oh quanto me peza haver fabricado este Labyrintho!

Esfuz. O certo he, que este labyrintho, em que estamos, não o fabricou o Senhor Dedalo.

Ariad. Pois quem foy?

Esfuz. Foy o amor, que he mayor architecto, que quantos Dedalos ha no mundo; e se o querem saber, dem-me attenção a este

S O N E T O.

Ser labyrintho amor, ninguem duvida,
 Que este rapaz cruel, cego frecheiro,
 Fabricou, como quiz, mestre pedreiro,
 Dêtro de huma alma hũ beco sem sahida.
 O magano tomou bem a medida;
 Valha-te o diabo amor, q̃ es marralheiro,
 Pois por dar cos narizes num sedeiro

No

No alfuje de hum rigor lança huma vida!
 Anda neste Palacio, o mais diffuso,
 O triste coração num corropio,
 Porque todo o querer he parafuso:
 E por mais que da idéa arda o pavio,
 Em torcicolos mil se vê confuso,
 Pois sempre no melhor se quebra o fio.

Ariad. Na tua tosca fraze disseste verdades puras.

Esfuz. Que me faça bom proveito.

Tezeo. E pois está determinado o fugirmos pela mina, para nos transportarmos para Athenas, será preciso, que vá Esfuziote logo com joyas a fretar humano, e que junto à mina tenha escaletres promptos para o embarque, sem que declare as pessoas, que haõ de hir nella, e te esperemos na boca da mesma mina, ao dares senha, que será esta: *Venhaõ Senhores*: e já que até o presente tens sido fiel, espero, que com esta accaõ coroes a tua fidelidade.

Esfuz. Está muito bem, mas saibamos por onde hey de hir eu?

Tezeo. Por aquella mina, que vay dar ao mar.

Esfuz. Qual mina? Aquella aonde cahio semivivo o Senhor Minotauro? De burro, que eu tal vá.

Tezea.

Tezeo. Tu bem viste, que o Minotauro cahio morto, e já não pôdes ter medo, pois Dedalo, eu, e tu, estivemos agora nesta mina.

Esfuz. Eu com o medo não sey aonde me meti, e era eu capaz naquella hora de meterme pelo fundo de huma agulha, que tão pequeno me reduzio o pavor: com que, Senhor, eu não vou pela mina, que o mesmo será lembrarme no caminho o Minotauro, que ficar tolhido sem poder dar hum passo.

Dedal. O' Esfuziote, parece mal dizer hum homem, que tem medo.

Esfuz. Pois os homens são os que tem medo, que quanto os animaes, esses investem como brutos.

Fedra. Pois como ha de ser, que cada vez se difficulta mais a nossa liberdade?

Dedal. Eu darey o remedio: como Esfuziote recusa hir pela mina, hirá pelo ar com humas azas, que lhe hey de pôr, e com ellas voará tão seguro, como qualquer ave.

Tezeo. Agora não tens desculpa; que dizes, Esfuziote?

Esfuz. Isso tem que cuidar: vamos, que entendo, que para isto de voar não se-rey desazado: venha, Senhor Dedalo.

Vaise.

Dedal.

Dedal. Tu verás o meu artificio. *Vaise.*

Fedra. Tezeo, espero de ti, que em Athenas saibas agradecer as finezas, que me deves. *à part. e vaise.*

Tezeo. Tu verás a minha constancia.

à part. para Fedra.

Ariad. Em fim me levas a mim, e a Fedra? Já sey, que vou experimentar, ingrato, as tuas inconstancias. *Vaise.*

Tezeo. Não temas variedades no meu amor. Oh Deoses soberanos, se for ingrato a Fedra, não me crimineis; pois não podendo ser esposo de ambas, e a ambas devendo iguaes finezas, razão será, que fique isenta a vontade para preferir a Ariadna. *Vaise.*

S C E N A VII.

Bosque, e marinha, como no principio, e a mesma gruta, mas desfeita; e dizem dentro o seguinte.

Rey. BUSquemos todos as Infantas, não fique penha, ou tronco, por mais inculto, que o nosso cuidado não investigue. *Dentro.*

Lidor. Ariadna, aonde te escondem os teus desvios? *Dentro.*

Zeband.

Teband. Querida Fedra, quem te aparta dos meus olhos?

Dentro.

Todos. Busquemos as Infantas, que não apparecem.

Dentro.

Sabem Sanguixuga, e Taramella.

Sang. Ay desgraçada, que Fedra amolou as palanganas!

Taram. Que será de V. m. minha tia?

Sang. Que será de ti, minha sobrinha?

Ambas. Que será de nós?

Taram. E o peyor he, que o Senhor Tezeo entendendo fugiria com Ariadna, e irá cazar com ella. Ah cruel Tezeo, que me deixaste burlada!

Sang. Antes cuido, que irá cazar com Fedra, que por mim em certa occasião lhe mandou huma banda.

Taram. Ou case com huma, ou com outra, eu fiquey chuchando no dedo.

Sang. E eu sem Embaixador, por meus peccados!

Taram. E sobre não cazar comigo, levarme a joya, que me deu Lidoro, que nella tinha o meu dote!

Sang. E a mim a joya, que me deu Tebandro!

Taram. Oh Principe de huma balla, os diabos te levem.

Sang.

Sang. Oh Principe de huma figa, má raios te partaõ.

Taram. Eu sem Ariadna, e sem joya!

Sang. Eu sem joya, e sem Fedra!

Ambas. Que será de mim?

Vaise Sanguixuga, e apparece Esfuziote com as azas voando.

Esfuz. Nenhum alcoviteiro se vio até o presente em mayores alturas! Isto he, que he subir de hum pullo! Agora nada me dá cuidado com ter tantas penas pois nunca me vi taõ desempenado, como agora, que me vejo com azas: eu em minha consciencia, se quizer, daqui posso mijar no mundo.

Taram. Cada vez, que cuido naquelle insolente, naõ sey como naõ desespero.

Esfuz. Ora olhemos agora cá para baixo. Muito grande he o mundo! Ay que lá está Taramella feita mulher do mundo! Pois eu quero debicar hum pouco com ella: trás. *Chegando-se ao ouvido de Taram.*

Taram. Ay! Que bizouro me anda pelos ouvidos?

Esfuz. Trás, tris.

Taram. Xó daqui, maldito bizouro.

Esfuz. Adeos, Taramella, trás.

Taram. Quem me falla ao ouvido, se aqui naõ está ninguem?

Esfuz.

Esfuz. Taramella, Tezeo querte muito, mas he aqui para traz.

Taram. Quem he que me falla? Isto he encanto.

Esfuz. Amor, que tem azas, he o que falla.

Taram. Aonde estás?

Esfuz. Aqui atraz.

Taram. Que he o que vejo? Não es tu, fingido ingrato Tezeo, a quem sem duvida os Deoses, por castigo da tua falsidade, em ave te converteraõ? Anda cá para baixo, que eu te abaterey os voos.

Esfuz. A quem não attrahiráõ aquelles doces reclusos? *Desce.* Ay Taramella, que já preza a minha liberdade no visgo dos teus olhos, deixo por elles o ceo de Venus, em que me vi, pela esféra de tua belleza, em que me abraço.

Taram. Agora, que cahio no laço, não me escapará. *à part.*

Esfuz. Vês, tyranna, que as tuas falsidades me fazem aereo?

Taram. Quem deu essas azas a Vossa Alteza?

Esfuz. Das penas que me dás, nasceraõ as azas que me vês.

Taram. Bem sey, que penas lhe causo, e só Ariadna lhe dá glorias.

Esfuz. Não queiras, traidora, com esse fingimento encobrir o engano de me mandares meter na Vaca, para tomar degoladouros na espada de Lidoro, a quem duas vezes mixiriqueira intentaste entregarme; vai-te, que já contigo uão quero nada, pois para fugir de ti, já tenho azas.

Taram. Quem me dera, que viesse alguem, para o agarrar, e entregallo a ElRey; porém eu o deterey com carinhos. *à part.* Meu Senhor, meu esposo, meu bem, meu, meu....

Esfuz. Calte, calte, Taramella, que estás taramellando?

Taram. Eu... porque foy o meu amor... porque os zelos... mas eu prometto...

Esfuz. Nada, nada, não admitto lograções; já sou passaro çafaro, que não cayo com essa facilidade.

Taram. Olhe, verá que nunca mais, nunca mais.

Canta Esfuziote a seguinte Aria, e

R E C I T A D O.

Deixa-me, fucinhuda Taramella,
Que eu não quero cahir nessa esparrella
Tu falsa, tu cruel, tu aleivosa,

Com

Com fucinho de gata langanhosa,
Querias em taes penas
Que ficasse sem filho ElRey de Athenas?
Pois hum chuço amolado que te paffe,
Huma faca flamenga que te espiche,
E huma bomba de fogo que te esguiche.

A R I A.

Naõ ha cousa como ver
Huma destas presumida,
Muy lambida, e deslambida,
Com mil chularias,
Com caras de monos,
Com unhas de arpias,
Chupando-me o sangue,
Roendo-me os ossos,
Deixando-me em pelle,
E depois de chuchado, roido, e lambido,
Me prega hum gatasio:
Isto he amor? Arrelá!
Hey de amarte? Isto naõ.

Sabe Sanguixuga.

Sang. Ay rapariga, que quanto mais buscaõ as Infantas, menos se achaõ.

Taram. Tia, agora he tempo de recuperarmos as nossas joyas; ajude-me a pegar neste traidor: venhaõ, Senhores.

Pegaõ em Esfuziote, e lhe tiraõ as azas.

Esfuz. Dessa me rio eu, pois tenho azas
ad volandum.

Mii

Taram.

180 *Labyrintho*

Taram. Arranquemos-lhe as azas, para que não fuja.

Sang. Agora pagará tudo junto : venhão todos.

Esfuz. Não me agarres, Sanguixuga; olha, que deito sangue.

Taram. Venhão, Senhores.

Esfuz. Calte, tolla, não digas tão alto: venhão Senhores.

Tezeo. Alli disse Esfuziote, venhão Senhores, vamos sahindo. *Dentro.*

Sabem ElRey, e Tebandro por huma parte, e pela gruta hiraõ sabindo diante Dedalo, Fedra, e Ariadna, que ficará com as costas na gruta.

Rey. e Teband. Que he isto aqui?

Taram. Eis aqui quem te póde dar conta das Infantas.

Ariad. Ay de mim, que Esfuziote nos entregou! *à part.*

Fedra. Fugamos outra vez.

Dedal. Oh que desgraça!

Esfuz. Desta ninguem se livra. *à part.*

Rey. Traidoras, aleivosas, viboras mal nascidas, como atropellando a minha authoridade, e o vosso decoro, desta forte Porém a minha vingança suprirá as minhas vozes. *Vay para ambas.*

Fedra. e Ariad. Não ha quem me ampare?
Teband.

Teband. Senhor, Vossa Magestade advirta.

Tezeo. Anda, Ariadna, desvia-te da boca da mina; deixa-me sair.

Ariad. Espera hum pouco.

Rey. E tu, aleivoso Dedalo, como te atreves a ver a face do Sol, e a minha, quando a tua insolencia... *Tambores dentro.*

Dentro. Arma, arma, guerra, guerra.

Sabe Lidoro.

Lidor. Senhor, estamos perdidos, pois de improvizo nos vemos cercados de huma poderosa armada de Athenas, e já muita parte dos Soldados tem desembarcado.

Rey. Pois vamos a resistir-lhes: ay de mim, quantos golpes penetraõ este afflicto coração!

Esfuz. Quanto folgo!

Licas. Não fique pedra sobre pedra, que não prostrem as nossas armas. *Dentro.*

Lidor. Senhor, he já quasi impossivel a defenfa, pois os esquadrões tudo vem destruindo.

Tezeo. Que he o que ouço? Desvia-te, Ariadna,

Ariad. Espera, não te sobrefaltes.

Teband. Vamos, Senhor, que o meu valor sabera castigar aos Athenienses.

*Ao querer entrar , sabem Licas , e Soldados ,
e tocaõ tambores.*

Licas. Dá-te à prisaõ , barbaro Rey ; pois já te não podes livrar do nosso furor.

Rey. Oh tyranna forte ! Para isto me dilataste a vida , supremo Jove ?

Licas. Para que vejas , tyranno Rey , que Athenas sabe vingara morte de seu Principe Tezeo , já que cruel , sem attenderes a seu regio sangue , o fizeste reo da mais affrontosa morte , em cuja vingança , destruido o teu Reino , serás com toda a tua familia levado para Athenas , a seres despojo de nossas armas.

Teband. e Lidor. Que desgraça !

Ariad. e Fedra. Que desventura !

Esfuz. Que regias folganças !

Rey. Oh quem tivera a Tezeo vivo ! Mas em vão são os meus desejos.

Taram. Senhor , não se amofine , que Tezeo está vivo , que he este , que aqui está disfarçado em Esfuziote.

Sang. Sim Senhor , eu , e minha sobrinha só sabiamos este segredo.

Rey. Deixai-me , tontas.

Esfuz. Calem-se , cavalgadasuras.

Licas. Anda , Minos.

Sabe Tezeo.

Tezeo. Espera , Licas , que ainda sou vivo,

vo, pela piedade de huns generosos affectos, que constantes me redemiraõ, livrando-me do Labyrintho, e matando o Minotauro, cessando a ruina da nossa Patria na extinçaõ desse monstro.

Licas. Deixa-me, Senhor, prostrarme a teus pés: que feliz nova para ElRey teu Pay, que já te julgava morto aos impulsos dessa féra!

Lid. e Teb. Que extraordinaria maravilha!

Rey. Tezeo, a teus pés rendido te peço perdaõ da inhumanidade, que usey contigo; e pois das tuas armas me vejo hoje prisioneiro, peço-te, te compadeças de huma desgraçada velhice.

Esfuz. Vejaõ como desandou a roda; e o que vay de moer a ser moido, pois Minos de author veyo a ser reo!

Fed. e Ariad. E se acaso, Senhor, as nossas lagrimas tem algum valimento na tua piedade, por ellas perdoa a nosso Pay.

Tezeo. Senhoras, basta Minos ser vosso progenitor, para que não só lhe restitua a liberdade, mas tambem o Reino; e para completar a minha, e a sua fortuna, Ariadna ha de ser hoje minha esposa, em premio das finezas que lhe devo, e por não faltar ao juramento, que lhe dey.

Ariad. Ditoso amor, que de tantos impossiveis se vê já triunfante!

Fedra.

Fedra. Infelizeu, que malogrey tantas firmezas!
à part.

Rey. Venturosa bonança depois de tanta tormenta! E agora em Tezeo, que reputado por morto matou o Minotauro, se verifica o Oraculo de Venus, pois Tezeo foy o vivo morto na extinção do Minotauro.

Lidor. Ah cruel Ariadna, que para ver a tua falsidade sustentaste de enganos a minha esperança! Logra tu esse Hymenêo, que eu hirey sentir a minha sorte infeliz.

Teband. Senhor, nesta occasião he justo, que os favores de Fedra premeem as minhas firmezas.

Rey. Fedra, reconhece a Tebandro por teu esposo.

Fedra. Não posso resistir ao teu imperio. Obedecemos aos fados.
à part.

Lias. Oh quanto estimo esta concordia!

Tezeo. E tu, Dedalo, vem comigo para Athenas a receber o premio de tua lealdade.

Dedal. Não quero mais premio, que a tua felicidade.

Sang. E que ficasse eu lograda, sem joyas, e sem Embaixador!

Taram. Basta, Esfuziote, que me enganaste,
te,

te, dizendo-me que eras Tezeo, para que tantas vezes enganasse a Lidoro?

Esfuz. Não se perdeu mais, que o feitio; porém posso affirmarte, que te não enganey; pois quem duvida, que quando eu era menino, era infante? porém se só he Principe, quem faz acções generosas, eu quero fazer huma estupenda, que he cazar contigo; porque em sua casa cada hum he Rey, e senhor de seus narizes; venha a mão, Taramella, com licença dos Senhores.

Taram. Do mal o menos, vá feito.

Rey. Repitaõ todos os vivas desta soberana gloria.

Tezeo. Esperay, que primeiro Lidoro me ha de dar hum retrato de Ariadna, que fingidamente lhe deu.

Lidor. Razaõ tendes; tomay-o, que não he bem, que conserve a verdadeira copia de hum falso original. *Dá o retrato.*

Tezeo. Agora sim, publiquem todos o mayor triunfo de Cupido, confessando, que só o amor he o verdadeiro labyrintho.

Esfuz. Vá de festa, e folia, celebrando-se este desposorio com armoniosas vozes.

CORO.

C O R O.

Numa alma inflammada
De amor abrazada
Cruel labyrintho
Fábrica o amor.

Porém quem espera
O bem de huma féra,
Acertos de hum cego,
De hum monstro favor?

F I M.

GUERRAS
DO
ALECRIM,
E
MANGERONA,

OPERA JOCOSERIA,

Que se representou no Theatro do Bairro
Alto de Lisboa, no Carneval de 1737.

INTERLOCUTORES.

D. Gilvaz.

D. Fuas.

D. Tiburcio.

D. Lanferote, *Velho.*

D. Cloris. } *Sobrinhas de D. Lanferote.*
D. Nize. }

Sevadilha, *Graciosa, Criada.*

Fagundes, *Velha, Criada.*

Simicupio, *Gracioso, Criado de D. Gilvaz.*

SCE-

SCENAS DA I. PARTE.

- I. *Prado, com casaria no fim.*
- II. *Camera.*
- III. *Praça.*
- IV. *Gabinete.*

SCENAS DA II. PARTE.

- I. *Praça.*
- II. *Sala.*
- III. *Camera.*
- IV. *Praça.*
- V. *Camera.*
- VI. *Fardim.*
- VII. *Sala.*

PARTE I.

SCENA I.

Prado, com casaria no fim. Sabem D. Cloris, D. Nize, e Sevadilha com os rostos cubertos; e D. Fuas, D. Gil, e Simicupio, seguindo-as.

D. G. **D**iana destes bosques, cessem os acelerados desvios desse rigor, pois quando remora me suspendeis, sois iman, que me attrahis.
para D. Clor.

D. F. Flora destes prados, suspendey a fatigada porfia de vosso desdem, que essa discorde fuga com que me desenganais, he armoniosa attracção de meus carinhos; pois nos passos desses retiros fórma compassos o meu amor.
para D. Nize.

Simic. E tu, que vens atraz, serás a syringa destas brenhas; e para o seres com mais propriedade, deixa-te ficar mais atraz, pois a pezar dos esguichos de teu rigor, hey de ser conglutinado raboleva das tuas costas.
para Sevadilha.

D. Clor. Cavalhero, se he que o sois, pe-
çovos,

190 *Guerras do Alerim*;

çovos , me não sigais , que mal sabeis o perigo , a que me expoem a vossa porfia.

para D. G.

D. G. Galhardo impossivel, em cujas nubladas esféras ardem occultos dous foes, e se abraza patente hum coração , permitti, que esta vez seja fineza a desobediencia; porque seria agravo de vossos reflexos negarlhe o inteiro culto na visualidade desse esplendor ; porque assim, formosa Ninfa, ou hey de vervos, ou seguirvos, porque conheça, já que não o sol desse oriente, ao menos o oriente desse sol.

D. Clor. Que será de mim, se este homem me seguir?

à part.

D. Niz. Já parece teima essa porfia : vêde, Senhor, que se me seguis, que impossibilitais o meyo, para verme outra vez.

D. F. Para que são, bellissimo encanto, esses avaros melindres do repudio? Se já comecey a querervos, como posso deixar de seguirvos? Pois até não saber, ou quem sois, ou aonde habitais, ferey eterno gyrasol de vossas luzes.

Sevad. Ora batta já de porfia, senão vou revirando.

para Simicupio.

Simic. Tem maõ, Sargeta encantadora, que

que com embiocadas denguiſſcs, feita papaõ das almas, encobres olho, e meyo, para matares gente de meyo olho: ſaõ eſcuſados eſſes eſconderelos, pois pela unha deſſe melindre conheço o leaõ deſſa cara.

D. Clor. Iſſo já parece teima.

D. G. Iſto he querervos.

D. Niz. Iſſo he porfia.

D. F. He adorarvos.

Sevad. Iſto he empurraçaõ.

Simic. A'gora, iſto he bichancrear, pouco mais, ou menos.

D. G. Senhoras, para que nos cansamos? Ainda que pareça groſſaria naõ obedecer, entendey, que a noſſa curiosidade, e amor naõ permittirá, que vos ausenteis, ſem ao menos com a certeza de vos tornarmos a ver, dando-nos tambem o ſeguro de onde morais, para que poſſa o noſſo amor multiplicar os votos na peregrinaçaõ deſſes animados templos da formofura.

D. F. Eis-alli, Senhora, o que queremos.

Sevad. Em termos, ſem tirar, nem pôr.

D. Clor. Pois, Senhor, ſe ſó por iſſo eſperais, baſtará, que eſſe criado nos ſiga; porque de outra ſorte deſtruis o meſmo, que edificais.

D. G.

192 *Guerras do Alecrim,*

D. G. E admittireis a minha fineza?

D. Clor. Sendo verdadeira, porque não?

D. F. Admittireis os repetidos sacrificios de meu amor?

D. Niz. Sim, se for amor constante.

D. G. e D. F. Quem essa dita me abona?

D. Niz. Este ramo de Mangerona. *para D. F.*

D. F. Na minha alma o disporey, para que sempre em virentes pompas se ostente troféo da Primavera.

D. G. Mereça eu igual favor para segurança da vossa palavra.

D. Clor. Este ramo de Alecrim, que tem as raizes no meu coração, seja o fiador, que me abone.

D. G. Por unico na minha estimação será este Alecrim o Fenix das plantas, que abrazando-se nos incendios de meu peito, se eternizará no seu mesmo ardor.

Simic. Isso he bom, segurar o barco; mas a tacita hypotheca não me cheira muito, digaõ o que quizerem os Jardineiros.

D. Clor. Cada huma de nós estima tanto qualquer dessas plantas, que mais facil será perder a vida, do que ellas percaõ o credito de verdadeiras.

Simic. Ay! Basta, basta, já aqui não está quem fallou: vossas merces perdoem, que eu não sabia, que eraõ do rancho do

Ale-

Alecrim, e Mangerona: resta-me tambem, que tu cofinheirafinha vivas arranchada com alguma ervinha, que me dês por prenda, pois tambem me quero segurar.

Sevad. Eisahi tem esse malmequer, que este he o meu rancho; estime-o bem, não o deixe murchar.

Simic. Ditoso feria eu, se o teu malmequer se murchasse.

D. Clor. Pois, Senhor, como estais satisfeito, dezejarey estimasseis esse ramo, não tanto como prenda minha, mas por ser de Alecrim.

D. Niz. O mesmo vos recomendo da Mangerona.

D. Clor. Advertindo, que aquelle, que mais extremos fizer a nosso respeito, coroará de triunfos a Mangerona, ou Alecrim, para que se veja qual destas duas plantas tem mais poderosos influxos para vencer impossiveis.

D. Niz. Dezejara, que triunfasse a Mangerona.

Vaise.

D. Clor. E eu o Alecrim.

Vaise.

Sevad. Cuidado no malmequer.

Vaise.

Simic. Cuidado no bemmequer.

D. G. O' Simicupio, vay seguindo-as, pa-

194 *Guerras do Alecrim,*

ra fabermos aonde moraõ; anda, naõ as percas de vista.

Simic. Ellas já lá vaõ a perder de vista; mas eu pelo faro as encontrarey, que sou lindo perdigueiro para estas caçadas.

Vaise.

D. F. Quem seraõ, amigo D. Gilvaz, estas duas mulheres?

D. G. Essa pergunta naõ tem reposta, pois bem vistes o cuidado, com que vendaraõ o rosto, para ferir os corações como Cupido; mas pelo bom tratamento, e aceyo, indicaõ ser gente abastada.

D. F. Oxalá, que assim fora; porque em tal caso, admittindo os meus carinhos, poderey com a fortuna de esposo ser meeiro no cabedal.

D. G. Ay, amigo D. Fuas, que direy eu, que ando pingando, pois já naõ morro de fome, por naõ ter sobre que cahir morto?

D. F. Ellas foraõ atordidas com palanfros.

D. G. Já que do mais somos famintos, ao menos sejamos fartos de palavras.

Sabe Simicupio.

Simic. Já fica assinalada na carta de marear toda a Costa de Leste a Oeste, com seus cachopos, e baixios.

D. G.

D. G. Aonde moraõ?

Simic. Saõ as noffas visinhas, sobrinhas de *D. Lanferote*, aquelle mineiro velho, que veyo das minas o anno passado.

D. F. Basta que saõ essas? Por isso ellas cobriraõ o rosto.

Simic. Isso tem ellas, que naõ saõ desca-
radas; antes saõ taõ fizudas, que nun-
ca encararaõ para ninguem.

D. G. Huma dellas sey eu, que se chama *D. Cloris*.

Simic. E a outra *D. Nize*, isso sabia eu ha muito tempo.

D. F. E como saberey eu, qual dellas he a da *Mangerona*?

Simic. Isso he facil, em sabendo-se qual he a do *Alecrim*, logo se sabe qual he a da *Mangerona*?

D. F. Grande subtileza! Vamos *D. Gil*.

Simic. Já que se vaõ, advirtaõ de caminho, que segundo as noticias, que tenho, bem pódem desistir da empreza; porque o velho he taõ ciofo das sobrinhas, como do dinheiro; a casa he hum recolhimen-
to; as portas de bronze; as janellas de encerado; as frestas saõ oculos de ver ao longe, que nem ao perto se vem; as tra-
peiras saõ zimbórios taõ altos, que nem as nuvens lhe passaõ por alto; as pare-

196 *Guerras do Alecrim,*

des do jardim são mestras, e as chaves das portas discipulas, porque ainda não sabem abrir; mas só hum bem ha, e he, que tendo tudo tão forte, só o telhado he de vidro. Com que, Senhores meus, outro officio, contentem-se com cheirar a sua Mangerona, e o seu Alecrim; que amor, que entra pelo nariz, não he bem que chegue ao coração.

D. G. Simicupio, não temo impossiveis, tendo da minha parte a tua industria, que espero de ti apures toda a força de teu engenho para os combates dessa muralha.

Simic. Ah Senhor D. Gilvaz, o meu Arie-te já se acha muy cançado com tanto vaivem, pois nem todo o artificio de minhas maquinas póde abrir brecha nessa diamantina bolsa, que tão cerrada se difficulta aos meus merecimentos.

D. G. Simicupio amigo, tem animo, que se montamos a burra de D. Lanferote, saltaremos de contentes.

Simic. Tal he a minha desgraça, e a sua miseria, que ainda com essa burra me dará dous couces.

D. G. D. Fuas, ficai vos embora, que me vou armar de esperanças, para que nos combates de amor triunte o Alecrim.

D. F.

D. F. *D. Gil*, vamos a forro, e a partido pois que *Simicupio* he taõ déstro na materia.

D. G. Por ora não póde ainda ser; deixai-me primeiro tentar o váo, que vós também navegareis no mar de *Cupido*.

D. F. Isso não merece a nossa amisade.

D. G. Se vós sois do rancho da *Mangerona*, já me podereis conhecer por inimigo declarado, seguindo eu a parcialidade do *Alecrim*; e como nas guerras destas plantas havemos os dous ser contrarios, mal poderey socorrervos; e assim, ficai-vos embora, *D. F.* uas, e viva o *Alecrim*. *Vaise.*

Simic. E viva o malmequer. *Vaise.*

D. F. Vivirá a *Mangerona* a pezar do mais intensivo ardor de oppostos Planetas.

Sabe Fagundes com manto, e capello.

Fag. He bom sumiço! Aonde estaráõ estas meninas, que ha mais de quatro horas, que foraõ à *Missa*, e ainda não ha fumo dellas? Meu Senhor, vossa mercê acaço veria por aqui duas mulheres com huma criada?

D. F. Que sinaes tinhaõ?

Fag. Tinha huma dellas huns sinaes pretos no rosto, e a outra huns sinaes de bexigas.

D. F.

198 *Guerras do Alecrim,*

D. F. E que mais?

Fag. Huma dellas tem os olhos verdes, cor de pimentaõ, que não está maduro, e a outra olhos pardos, como raiz de oliveira; huma tem cova na barba, e a outra barba na cova; huma tem a espinhela cahida, e a outra hum leisenso num braço.

D. F. Com effes sinaes, nunca vi mulher nesta vida.

Fag. Meu Senhor, huma dellas trazia hum ramo de Alecrim no peito, e a outra de Mangerona.

D. F. Vi muito bem, que são as sobrinhas de D. Lanferote.

Fag. Essas mesmas são: ora diga-me aonde as vio?

D. F. Promette vossa merce fazerme quanto lhe eu pedir?

Fag. Ay, que cousa me pedirá vossa merce, que lhe não faça, dizendo-me aonde estão as minhas meninas?

D. F. Pois descance, que ellas aqui estive-
raõ, e agora foraõ para casa.

Fag. Ay, boas novas tenha.

D. F. Ora pois em alviçaras desta boa nova quero me diga, como se chama....

Fag. Eu? Ambrosia Fagundes para servir a vossa merce.

D. F.

D. F. Digo, como se chama a que trazia a Mangerona no peito?

Fag. Chama-se D. Nize.

D. F. Pois, Senhora Ambrosia Fagundes, saiba, que eu adoro taõ excessivamente a D. Nize, que em premio do meu extremo me franqueou este ramo de Mangerona.

Fag. He verdade, que pelo cheiro o conheço, que he o mesmo.

D. F. E como me dizem os impossiveis, que ha de a poder communicar, quizera deverlhe a galantaria de ser minha protectora nesta amorosa pretensaõ; e fie de mim, que o premio ha de ser igual ao meu dezejo.

Fag. Meu Senhor, difficil empreza toma vossa merce; porque além da excessiva cautella do tio, que nisto naõ se falla, huma dellas está para cazar com hum primo, que hoje se espera de fóra da terra, e a outra qualquer dia vay a ser freira; com que, meu Senhor, desengancese, que alli naõ ha que arranhar.

D. F. E qual dellas he a que casa?

Fag. Ainda se naõ sabe; porque o noivo vem à escolha daquella, que lhe mais agradar.

D. F. Como o vencer impossiveis he proprio

prio de hum verdadeiro amante, nós havemos intentar esta empreza, faya o que fahir; que a diligencia he máy de boa ventura: favoreça-me vossa merce, Senhora Fagundes, com o seu voto, que eu terey bom despacho no tribunal de Cupido: tenho dinheiro, e resolução, e tendo a vossa merce da minha parte, certo tenho o triunfo da Mangerona.

Fag. Pois por mim não se desmanche a festa, que eu não sou desmancha prazeres: esta noite o espero debaixo da janella da cosinha; sabe aonde he?

D. F. Bem sey.

Fag. Pois espere-me ahi, que eu lhe direy o que ha na materia.

D. F. Deixe-me beijarlhe os pés, ò insigne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

Fag. Ay! Levante-se, Senhor, não me beije os pés, que os tenho agora muy suados, e hum tanto fétidos: descanse, Senhor, que D. Nize ha de ser sua a pezar das cautellas do tio, e das caricias do noivo.

D. F. Se tal consigo, não tenho mais, que dezejar.

e Mangerona.

201

Canta D. Fuas a seguinte

A R I A.

Se chego a vencer
De Nize o rigor,
De gosto morrer
Vossé me verá.

Porém se hum favor
Alenta o viver,
Quem morre de amor
Mais vida terá.

Vaise.

Fag. Estes homens, tanto que são amantes, logo são musicos; e eu neste entendendo terey boa melgueira; e mais eu que sou abelha mestra, que hey de chupar o mel da Mangerona, e do Alecrim.

S C E N A II.

Camera. Sabem D. Nize, D. Cloris, e Sevadilha.

Sevad. **A** Y Senhora, que ainda não creio, que estamos em casa, pois se vimos mais tarde, não nos acha o Senhor velho!

D. Clor. Em boa nos metemos!

D. Niz. Nunca tal nos succedeo: que te parece, D. Cloris, a porfia daquelles
homens

202 *Guerras do Alecrim,*

homens em nos querer conhecer?

Sevad. Sim Senhora, como se nós fôssemos suas conhecidas.

D. Clor. E a facilidade com que se namoraõ logo estes homens, he o que mais me admira!

Sevad. Pois o maldito do Criado, que tanto se meteo comigo, como piolho por costura!

D. Clor. Que te veyo dizendo?

Sevad. Mil delpropósitos misturados com varias finezas esfarrapadas.

Sabe Fagundes com o manto apanhado no braço.

Fag. Ainda esses Alecrins, e Mangeronas haõ de dar nos narizes a muita gente.

D. Niz. Que diz, Fagundes?

Fag. Digo, que bem escusados eraõ estes sustos: ora digaõ-me, Senhoras, se seu tio viesse, e as naõ achasse em casa, que seria de mim?

D. Clor. Naõ fallemos nisso, que ainda estou a tremer.

Fag. Apostemos, que isso foraõ conselhos desta Senhora, que aqui está?

Sevad. Apello eu, que testemunho! Olhe o diabo da mulher, parece, que me tem tomado à sua conta!

Fag. Coitada, como se desconjura!

Sevad.

Sevad. Ainda por amor della me hey de hir desta casa.

Sabe D. Lanferote.

D. L. Fagundes, depressa vá deitar mais hum ovo nos espinafres, que ahi vem meu sobrinho *D. Tiburcio*, já que sou taõ desgraçado, que por mais meya hora naõ chega depois de jantar.

Fag. Eu vou, meu Senhor; mas cuido, que o noivo a estas horas comerá novilhinho. *Vaise.*

D. L. Agora, minhas sobrinhas, he chegado o voffo esposo; naõ tenho, que encomendarvos o modo, com que o haveis de tratar.

D. Clor. Já vem tarde. *à part.*

D. Niz. Veremos a cara a este noivo. *à part.*

Sevad. Pois dizem, que he hum galante lapuz. *à part.*

Sabe D. Tiburcio com botas vestido ridiculamente.

D. L. Amado sobrinho, dá-me os braços. He possivel, que vejo a hum filho de meu irmaõ!

D. T. Sim Senhor; mas primeiro mande voffa mercê ter cuidado naquellas choiças, que vem no alforje, naõ as dizime o Arrieiro, que tem em cada maõ cinco aguias rapantes.

D. L.

204 *Guerras do Alecrim,*

D. L. Isso me parece bem, seres poupa-
do; eu vou a isso. *Vaise.*

D. Clor. Que te parece, Nize, a discriçãõ
do noivo?

D. Niz. Muito bom principio leva.

Sevad. Parece, que o seu genio mais se
cafa com o Alforje. *à part.*

D. T. As primas não são más; porém a
moça me toa mais. *à part.*

Sabe D. Lanferote.

D. L. Socegay, Sobrinho, que já tudo
está arrecadado.

D. T. Agora sim; amado tio meu, por
cujos humanos aqueductos circula em
nacarados licores o fangue de meu pro-
genitor, permitti, que os meus sequio-
fos labios calculem esses pés, dedo por
dedo.

D. L. Levantai-vos; sois discreto, meu
sobrinho: pois vosso pay era hum peda-
ço d'asno, Deos lhe perdoe.

D. T. Não está mais na minha mão; em
abrindo a boca me chovem os concei-
tos aos borbotões.

D. L. Fallay a vossas primas, e minhas so-
brinhas, *D. Nize,* e *D. Cloris.*

D. T. Eu vou a isso.

Primas, que na guitarra da constancia
Taõ iguaes retinis no contraponto,
Que naõ ha contraprima nesse ponto,
Nem nos porpontos noto dissonancia:
Oh falsas naõ sejais nesta jaçtancia;
Pois quando attento os numeros vos cõto,
Nessa belleza armonica remonto
Ao plectro da Phebina consonancia;
Já que primas me sois, sede terceiras
De meu amor, por mais que vos agaste
Ouvir de hum cavalete as frioleiras;
Se encordoais de ouvirme, ò primas, baste
De dar à escaravelha em taes asneiras,
Que é fim isto de amor he hũ lindo traste.

D. L. Tambem sois Poeta, meu sobrinho?

D. T. Tambem temos nosso entuziasmo,
Senhor tio; isto cá he vea capilar, e
natural.

D. L. Oh quanto me peza, que sejais Poe-
ta, pois por força haveis de ser pobre.

D. T. A'gora, Senhor, eu sou hum rico
Poeta. Pois, primas, que dizeis da mi-
nha eloquencia? Naõ me respondeis?

D. Clor. Os Anjos lhe respondeão.

D. Niz. Ahi naõ ha mais que dizer.

D. T. Ah Senhor tio, esta rapariga he cá
da obrigaçaõ de casa?

D. L.

206 *Guerras do Alecrim,*

D. L. He moça da almofada.

D. T. Não he mal estreada; e que olhos que tem! Benza-te Deos!

Sevad. Quer Deos, que trago hum cor-ninho por amor do quebranto.

D. L. Eu cuido, Sobrinho, que mais vos agrada a criada, do que a noiva.

D. T. Tudo o que he desta casa, me agrada muito.

D. L. Agora vamos ao intento: Sabereis, minhas Sobrinhas, que vosso primo *D. Tiburcio*, filho de meu irmão *D. Trifonio*, e de *Dona Pantaleoa Reboldan*, o qual tambem era irmão de vosso pay, e meu irmão *D. Blianís*, vem a eleger huma de vós outras para esposa, pela mercê que me faz; que a ser possível cazar com ambas, o fizera sem cerimonia, que para mais he o seu primor.

D. T. Por certo que sim; e não só com ambas, mas até com a criada; pois, como digo, dezejo meter no coração tudo o que for desta casa.

D. L. Eu o creio, meu Sobrinho: nisso sahis a vosso Pay.

D. Clor. Não vi mayor asno! *à part.*

D. Niz. Nem eu mayor simples! *à part.*

Diz dentro Simicupio.

Simic. Quem merca o Alecrim?

D. Clor.

D. Clor. O' Sevadilha, chama a esse homem do Alecrim; anda depressa.

Sevad. Entrou no fadario! *à part.*

D. L. Sobrinho, não estranheis este excesso de minha sobrinha; porque haveis de saber, que ha nesta terra dous ranchos, hum do Alecrim, outro da Mangerona, e fazem taes excessos por estas duas plantas, que se mataráõ humas às outras.

D. T. E vossa mercê consente, que minhas primas sigaõ essas parcialidades?

D. L. Não vedes, que he moda, e como não custa dinheiro, bem se póde permittir?

D. T. Bem sey, que isso são verduras da mocidade, mas com tudo não approvo.

D. L. E a razão?

D. T. Não sey.

D. Clor. Vossa mercê como vem com os abusos do monte, por isso estranha os estylos da Corte.

D. Niz. Callai-vos, mana, que elle ha de fer o mayor apaixonado, que ha de ter o Alecrim, e a Mangerona.

D. T. Se eu enlouquecer, não duvido.
Sabe Simicupio com hum molho de Alecrim ao hombro.

Simic. Quem quer o Alecrim?

D. Clor.

208 *Guerras do Alerim*;

D. Clor. Anda para cá : tem mão, não o ponhas no chão.

Simic. Pois aonde o hey de pôr ?

D. Clor. Aqui no meu colo : ay, no chão o meu Alecrim ? Isto não.

Simic. Pois não só o ponha no colo, mas no pescoço.

D. Clor. A quanto he o mólho.

Simic. A real e meyo, por ser para vossa mercê.

D. Clor. Poem ahi cincoenta mólhos.

Simic. Pelo que vejo, esta he *D. Cloris.*

à part. Eisahi tem todos os mólhos, reparta lá com a Senhora, que supponho tambem quererá o seu raminho.

D. Niz. Ay, tira-te para lá, homem, com esse máo cheiro.

Simic. Já sey, que esta he a da Mangerona de *D. Fuas.*

à part.

D. T. Bem haja minha prima, que não he destas invenções.

D. L. Porque he da Mangerona, por isso aborrece o Alecrim.

D. T. Resta-me, que vossa merce tambem tenha algum rancho.

D. L. Olhay vós, não deixo cá de mim para mim de ter minha parcialidade.

Simic. Ora demos principio à tramoya. *à p.*
Ay Senhores, quem me acode?

D. L.

D. L. Que tens, homem?

Simic. Ay, ay, confissão.

*Cabe Simicupio estrabuxando, fingindo hum
accidente.*

D. Clor. Coitado do homem! Que tens?
Que te deu?

D. Niz. Taõ venenoso he o teu Alecrim,
que mata a quem o traz?

D. L. Olá, tragaõ agua.

Sabem Fagundes, e Sevadilha com hũa quarta.

Sevad. Ay, Senhores, que ilto he acci-
dente de gota coral!

Simic. O coral de teus labios que acciden-
tes não fará? *à part.*

D. L. A unha de graõ besta he boa para
isto.

D. T. Puxem-lhe pelos dedos, que tam-
bem he bom remedio.

*D. Lanferote, D. Tiburcio, Sevadilha, e Fa-
gundes pegão em Simicupio, e este com o
estrabuxamento fará cahir a todos.*

D. L. Mostra cá o dedo.

Simic. Agradeço o anel. *à part.*

D. T. E a força que tem o salvaje!

Sevad. Eu não posso com elle.

Simic. Lá vay o dedo polegar cos diabos!

Eu estou capaz de tornar a mim, antes
que me deixem despedaçado.

D. L. Borrifa-o Fagundes.

210 *Guerras do Alecrim,*

Fag. Ora deixem-no comigo. *Borrifa-o.*

Simic. Pó diabo! E o que fedem os bor-
rifos da velha! A maldita parece, que
tem apóstema no bofe.

D. Niz. Não se cansem, que elle não tor-
na a si tão cedo.

Simic. Essa he a verdade.

Fag. Mas pelo fim pelo não, eu lhe vazo
esta quarta; que quando Deos quer,
agua fria he mézinha.

Simic. Valha-te o diabo, que me deitaste
agua na fervura! Eu não tenho mais
remedio, que aquietarme, senão virá
como remedio algum páo santo sobre
mim. *à part.*

Fag. Senhores, elle está mais socegado
depois da agua; venhão jantar, que a
mesa está posta.

D. L. Vay buscar o meu capote, e co-
bre-o, que está tremendo o miseravel.

Simic. He maravilha, que hum miseravel
cubra outro. *à part.*

D. T. Aquillo são convulsões; mas bom
he cobrillo por amor do ar.

Sabe Fagundes com hum capote.

Fag. Eisahi o capote; se elle o babar,
babado ficará.

Simic. Anda, tolla, que não me babo. *à p.*

D. L. Tu, Sevadilha, tem sentido neste
homem,

e Mangerona. 211

homem, em quanto jantamos : vinde,
Sobrinho. *Vaise.*

D. T. Vamos, que tenho huma fome horrenda. *Vaise.*

D. Niz. He galante figura o tal meu primo!
Vaise.

D. Clor. Fagundes, agazalha esse alecrim!

Fag. Tanto me importa; se fora Mangerona, ainda ainda. *Vaise.*

Sevad. Só isto me faltava, ficar eu guardando a este defunto!

Simic. Vejamos quem he esta Sevadilha, que ficou por minha enfermeira. Ay, que supponho, que he a menina do malmequer, que lá traz hum no cabello: Vamo-nos erguendo, por ver se nos quer bem. *Vaise erguendo.*

Sevad. Deite-se, deite-se. Ay, que o homem tem frenesis! Acudaõ cá.

Simic. Calte, Sevadilha, não perturbes esta primeira occasião de meu amor.

Sevad. Deixe-se estar cuberto.

Simic. Bem sey, que o calafrio de meu amor he taõ grande, que se póde cobrir diante d'ElRey; mas confesso-te, que já não posso aturar o gravamen deste capote.

Sevad. Ay, que o homem está louco, e furioso!

Oii

Simic.

212 *Guerras do Alerim ;*

Simic. A furia com que te ausentas, me faz enlouquecer : não fujas, Sevadilha, que eu sou aquelle sujeito do malmequer, e tão sujeito aos teus imperios, que sou hum criado de vossa mercê.

Sevad. Eu te arrenego, maldito homem ! Tu es o desta manhã ?

Simic. Cuidavas, que não havia saber buscar modo para verte ?

Sevad. Queres, que vá chamar a D. Cloris, ou D. Nize ?

Simic. Logo irás chamar a D. Cloris ; mas primeiro attende à chamma de meu amor ; que se o fogo tem linguas, e as paredes tem ouvidos, bem póde a dura parede de teu rigor escutar a lavareda em que me abraço : muita cousinha te poderia eu dizer ; porém a occasião não he para isso.

Sevad. Nem eu estou para effoutro.

Simic. Eu o dissera, que o teu malmequer não he para menos.

Sevad. Nem a tua pessoa he para mais.

Simic. Pois isso he de veras ? Olha, que desconfio.

Sevad. Bem aviada estou eu ! Bom amante tenho ! Bonito eras tu para aturar vinte annos de desprezos, como ha muitos que aturaõ, levando com as janellas

nos

nos narizes, dormindo pelas escadas, aturando calmas, soffrendo geadas, apurando-se em Romances, dando descantes, feitos estatuas de amor no templo de Venus, e com tudo estaõ muy contentes da sua vida; e assim para que me buscas?

Simic. Para que me defenganes, se me queres, ou não.

Sevad. Pergunta-o ao malmequer, que elle to dirá.

Simic. Se eu o tivera aqui, fizera essa experiencia.

Sevad. E aonde está o que eu te dey?

Simic. Lá o tenho empapelado, que cuida que o ar mo leva.

Sevad. Assim te leve o diabo.

Simic. Levará que he muito capaz disso. Pois em que ficamos? Bem me queres, ou mal me queres?

Sevad. Apanha aquelle malmequer, que está junto àquella porta, e pergunta-lho, que elle to dirá.

Simic. Pois acaso nas folhas do malmequer estaõ escritos os teus amores, ou os teus desdens?

Sevad. Da mesma sorte que a buena dicha na palma da mão.

Simic. Eu vou apanhar o dito malmequer.

Vaise.

Sevad.

214 *Guerras do Alecrim*;

Sevad. Quem me dera, que ficasse em malmequer, para o fazer andar à pratica!

Sabe Simicupio com hum malmequer.

Simic. Eisaqui o malmequer: ora vamos a isso; que se ha flores, que são de engano da vida, esta o será do amor.

Sevadilha, toma sentido, vê se fica no bemmequer.

Sevad. Isto he como huma sorte.

Simic. Queira Deos não se converta o malmequer em azar. Tem sentido, Sevadilha: amor, se sahe a couza como eu quero, eu te prometto hum arco de pipa, e huma venda nos Romolares em que ganhes muito dinheiro.

Canta Simicupio a seguinte

A R I A.

Oraculo de amor

Propicio me responde

Nas ancias deste ardor

Bem me queres, mal me queres

Bem me queres, mal me queres,

Mal me queres, disse a flor.

Ay de mim, que me quer mal

Teu ingrato malmequer!

Acabou-se o meu cuidado,

Que mais tenho que esperar?

Vou-me agora a regalar,

Levar boa vida, comer, e beber.

Sabe

Sabe D. Cloris.

D. Clor. Oh quanto folgo, que já estejas bom!

Simic. É tão bom, que parece que nunca tive nada.

D. Clor. Com que faraste?

Simic. Com o mesmo mal; porque tambem ha males, que vem por bem.

D. Clor. Que dizes, que te não entendo? Estás louco?

Simic. Meu amo ainda o está mais, do que eu, desde que te vio assim por mayor, esta manhã; e assim para significarte a tremendissima efficacia de seu amor, aqui me manda a teus pés, minto aos teus atomos, para que com os disfarces do Alecrim possa merecer os teus agrados.

D. Clor. Sevadilha, poem-te a espreitar não venha alguem.

Sevad. Sim Senhora. Arrelá com o ardil do homem! *Vaise.*

D. Clor. E quem he esse teu amo, que tanto me adora?

Simic. He o Senhor D. Gilvaz, cavalheiro de tão lindas prendas, como *verbi gratia* Londres, e Pariz.

D. Clor. Que officio tem?

Simic. Ha de ter hum de defuntos, quando morrer.

D. Clor.

216 *Guerras do Alecrim,*

D. Clor. E em quanto vivo, em que se occupa?

Simic. Em morrer por vossa merce.

D. Clor. Falla a proposito.

Simic. Senhora, meu amo não necessita de officios para manter os seus estados, porque tem varias propriedades comfigo muito boas; além disso tem huma quinta na semana, que fica entre a quarta, e a festa, tão grande, que he necessario vinte e quatro horas, para se correr toda.

D. Clor. Quanto fará toda de renda?

Simic. Não se pôde saber ao certo; sey, que tem varias rendas em Flandes, e outras em Peniche, e estas bem grossas; tambem tem hum foro de fidalgo, e hum juro de nobreza.

D. Clor. Basta que he fidalgo?

Simic. Como as estrellas, que as vê ao meyo dia, e a estas horas não vê outra cousa; e certamente lhe posso dizer, que he tão antiga a sua descendencia, que diz muita gente, que descende de Adão.

D. Clor. Se isso he assim, talvez, que me incline a querello para meu esposo.

Simic. Venha a reposta, Senhora, que meu amo está esperando com lingua de palmo.

D. Clor. Pois ouve o que lhe has de dizer.

Canta

Canta D. Cloris a seguinte

A R I A.

Dirás ao meu bem,
Que não desconfie,
Que adore, que espere,
Que não desespere,
Que à sua firmeza
Constante ferey.

Que firme eu tambem
A tanta fineza
Amante, constante
Extremos farey.

Vaise.

Simic. Vencido está o negocio ; mas o capote do velho cá não ha de ficar por vida de Simicupio ; que se a occasião faz o ladraõ, hey de sello por não perder a occasião. *Vaise com o capote.*

Sabe Sevadilha.

Sevad. Espera, homem, onde levas o capote? E foy-se como hum cesto rosto! Ay mofina desgraçada, que ha de fer de mim, se meu amo não achar o seu rico capote?

Sabe D. Lanferote.

D. L. Já farou o homem, Sevadilha?

Sevad. Sim Senhor.

D. L. Já se foy?

Sevad. Sim Senhor.

D. L. Guardaste o capote?

Sevad.

218 *Guerras do Alecrim*,

Sevad. Ahi he ella. *à part.*

D. L. Não ouves? Guardaste o capote?

Sevad. Qual capote?

D. L. O meu.

Sevad. Qual meu?

D. L. O meu de C,aragoça.

Sevad. Ah fim, o capote do homem do Alecrim?

D. L. Qual homem?

Sevad. O do accidente.

D. L. Tu zombas?

Sevad. Zombaria fóra, o homem levou o capote.

D. L. O meu capote?

Sevad. Eu não sey, se elle era de vossa merce; o que sey he, que o homem do Alecrim levou hum capote, com que estava cuberto.

D. L. E como o levou?

Sevad. Nos hombros.

D. L. O meu capote furtado?

Sevad. Pois nunca se vio furtar hum capote?

D. L. Não, bribantona, que era hum capote aquelle, que nunca ninguem o furtou. Oh dia infeliz, dia aziago, dia indigno de que o Sol te visite com os seus raios!

Sevad. Santa Barbara!

D. L.

D. L. Tu , descuidada , has de pôr para
alli o meu capote, ou do corpo to hey
de tirar.

Sevad. Como mo ha de tirar do corpo, se
eu o não tenho ?

D. L. Desta sorte.

Cantaõ D. Lanferote , e Sevadilha a seguinte

A R I A A D U O

D. L. Moça tonta, descuidada,

Sevad. Ha mulher mais desgraçada
Neste mundo? Não, não ha.

D. L. Se não dás o meu capote,
Tua capa hey de rasgar.

Sevad. Não me rasgue a minha capa.

D. L. Dá-me, moça, o meu capote

Sevad. Minha capa.

D. L. Meu capote.

Ambos. Trata logo de o pagar.

D. L. Meu capote assim furtado!

Sevad. Meu adorno assim rasgado!

Ambos. Que desgraça!

D. L. Contra a moça

Sevad. Contra o velho

Ambos. A justiça hey de chamar :
Meu capote donde está? *Vaõ-se.*

S C E N A III.

Praça: no fim haverá huma janella. Sabe D. Gil embuçado.

D. G. **D**isse a Simicupio, que aqui o esperava; mas tarda tanto, que entendo o apanharaõ na empreza. Mas se será aquelle, que alli vem? Não he Simicupio, que elle não tem capote. Quem será?

Sabe Simicupio embuçado em hum capote.

Simic. Lá está hum vulto embuçado no meyo do caminho; queira Deos não me cheguem ao vulto; não sey se torne para traz, mas peyor he mostrar cobardia; eu faço das tripas coração; vou chegando, mas sempre de longe.

D. G. Elle se vem chegando, e eu confesso, que não estou todo trigo.

Simic. Este homem não está aqui para bom fim; eu finjo-me valente: afaste-se lá, deixe-me passar, aliás o passarey.

D. G. Vossa merce póde passar.

Simic. Ay, que he D. Gil! Pois agora farey, com que me tenha por valeroso. Quem está ahi? Falle, quando não despeça-se desta vida, que o mando para a outra.

D. G.

D. G. Primeiro perderá a sua, quem me intenta reconhecer.

Simic. Tenha mão, Senhor *D. Gilvaz*, que sou *Simicupio*.

D. G. Se não fallas, talvez que a graça te sahisse cara.

Simic. Igual vossa merce, que se o não conheço pela voz, sem duvida, Senhor *D. Gilvaz*, lhe prego com o seu nome na cara.

D. G. Deixemos isso, dá-me novas de *D. Cloris*; dize, podeste darlhe o recado?

Simic. Não sabe que sou o *Cesar* dos alcoviteiros? Fuy, vi, e venci.

D. G. Dá-me hum abraço, meu *Simicupio*.

Simic. Não quero abraços, venhão as alviceras, senão emmudeci como *Oraculo*.

D. G. Em casa tas darey: conta-me primeiro, que fazia *D. Cloris*?

Simic. Isso são contos largos, estava toda rodeada de brazeiros de *Alecrim*, com hum grande mólho d'elle no peito, cheirando a *Rainha de Hungria*, mascando *Alecrim*, como quem masca tabaco de fumo; e como acabava de jantar, vinha palitando com hum palito de *Alecrim*, e finalmente, Senhor, com o *Alecrim* anda toda tão verde, como se tivera tiricia.

D. G.

222 *Guerras do Alecrim,*

D. G. E do mais que passaste?

Simic. Isso he para mais de vagar, basta que saiba por ora, que apenas lancey o anzol no mar da simplicidade de *D. Cloris*, picando logo na minhoca do engano, ficou engasganhada com o engodo de mil patranhas, que lhe encaixey à mão tente.

D. G. Incriveis são as tuas habilidades: e que capote he esse?

Simic. Este he o despojo do meu triunfo; joguey com o velho os centos, e ganhei-lhe este capote; e se vossa merce soubera a virtude, que elle tem, pasmaria.

D. G. Que virtude tem?

Simic. He hum grande remedio para farar accidentes de gota coral.

D. G. Conta-me isso.

Sabe D. Fuas embuçado.

Simic. Fallemos de manso, que ahi vem hum homem.

D. F. Esta he a janella da cosinha de *Dona Nize*, que a pezar da escuridade da noite, a conhece o meu instincto pelos effluvios odoriferos, que exhala a *Pancava* daquella *Fenix*.

D. G. *Simicupio*, hum homem ao pé da janella de *D. Cloris*? Isto não me cheira bem.

Simic.

Simic. Como lhe ha de cheirar bem, se isto aqui he hum monturo?

Apparece Fagundes à janella.

Fag. Cé, he vossa merce mesmo?

D. F. Sou eu mesmo, e não outro, que impaciente espero novas de meu bem.

D. G. Não ouviste aquillo, Simicupio?

Simic. Aquillo he, que não cheira bem, Senhor D. Gilvaz.

Fag. Não basta que vossa merce diga, que he mesmo, he necessario a senha, e a contrasenha.

D. F. Pois attenda.

Canta D. Fuas o seguinte

M I N U E T E.

Já que a fortuna
Hoje me abona,
A Mangerona
Quero exaltar.

No seu triumpho
Que a fama entoa,
Palma, e coroa
Ha de levar.

Ha de por certo,
Que a sua rama
Na voz da fama
Sempre andarà.

D. G. Este he D. Fuas, pela senha da Mangerona: que te parece, Simicupio, o quanto

224 *Guerras do Alecrim,*

quanto tem adiantado o seu amor?

Simic. *Quidquid sit*, o primeiro milho he dos passaros, o segundo he cá para os melros.

Fag. Suba por essa escada. *Lança a escada.*

D. F. Segure bem. *Sobe.*

Simic. Senhor D. Gil, agora he tempo de subir tambem, pois estamos em era de atrepar; não perca a occasião.

D. G. Vem tu tambem. *Sobe.*

Simic. Eu tambem vou a render à escala vista esse castello de Cupido.

Fag. Tenha mão, Senhor, que he o que quer?

D. G. Mangerona.

Fag. Vossa merce, meu fidalgo, quem procura?

Simic. Tambem Mangerona em lugar de Sevadilha, que tudo faz bom tabaco.

Fag. Isto cá está por estanque, não entra quem quer.

Simic. Se não entra quem quer, entrará quem não quer.

Fag. Vá-se dahi, que não conheço Framengos à meya noite.

Simic. Tem mão, não me empures.

Fag. Não ha de entrar.

Simic. O' mulher, não me precipites, que sou capaz de te escalar.

Fag.

Fag. Vá-se cos diabos, seja quem for.

Empurra a escada, e cabe com Simicupio.

Simic. Ay, que me derreaste, bruxa infernal! Tu me pagarás o simicupio, que me fizeste tomar. Estes são os ossos do officio; mas para que tudo não sejaõ ossos, vamos levando esta escada, que sempre valerá alguma cousa: ao menos se não morri da quéda, vou para casa em humma etcada.

Vaise Simicupio, e leva a escada.

S C E N A IV.

Gabinete. Sabe Fagundes trazendo pela mão a D. Fuas, e de traz virá D. Gil embuçado.

Fag. **P**Ize de mansinho; que se acorda, terá para nos enforcar.

D. F. Recontou a D. Nize os extremos, com que a idolatro?

Fag. Não me ficou nada no tinteiro: meu Senhor, nessa materia tenho tanta elegancia, que sou outra Marca Tulia Cicerona.

D. F. Ay Fagundes, se casará D. Nizé com o primo! Mas quem está aqui atraz de nós?

D. G. Não quero dar-me a conhecer a D.

226 *Guerras do Alecrim,*

Fuas, por ver se com os zelos de fite da empreza, para que só triunfe o Alecrim.

à part.

D. F. Cavalhero, vós daqui não haveis de passar, ou ambos ficaremos aqui mortos, sem dizerme primeiro o que buscais nesta casa?

D. G. O mesmo que vós buscais.

D. F. O que eu busco, não vos póde pertencer.

D. G. Nem o que me pertence, podeis vós buscar.

Fag. Senhores meus, accomodem-se, que póde acordar o Senhor D. Lanserote, e o damno será de todos.

D. F. Queres que me calle à vista dos meus zelos?

Sabe D. Nize.

D. Niz. Que ruido he este, Fagundes?

D. F. Sinto, Senhora Dona Nize, que a primeira vez, que me facilitais esta fortuna, me hospedeis com zelos.

D. Niz. Não sey, que motivo haja para os haver.

D. F. Este Senhor embuçado, que aqui me vem seguindo, e diz, que procura o mesmo que eu busco.

D. Niz. Sabe elle por ventura o que vós procurais?

D. F.

D. F. Elle que diz que sim, certo he que o sabe.

D. Niz. Senhor, vós acaso vindes aqui a meu respeito? *para D. Gil.*

D. G. Nada hey de responder. *à part.*

D. F. Quem calla consente: não averiguemos mais, Senhora Dona Nize, só finto, que a sua Mangerona admitta enxertos de outras plantas.

D. Niz. Esse he o pago que me dais, de admittir a vossa correspondencia, de obrar este excesso a vosso respeito, e de me expor a este perigo por vossa causa?

D. F. Melhor fora defenganarme, que essa era a melhor fineza, que vós podia merecer.

D. Niz. Pois eu digo-vos, que estou innocente, que não conheço este homem; e me parece, que basta dizello, para me acreditar.

D. F. E bastava ver eu o contrario, para não acreditar essas desculpas.

D. Niz. Pois visto isso, fiquemos como dantes.

D. F. De que sorte?

D. Niz. Desta sorte.

228 *Guerras do Alecrim,*

Canta D. Nize a seguinte

A R I A.

Supponha, Senhor,
Que nunca me vio,
E que he o seu amor
Assim como a flor,
Que apenas nasceo,
E logo murchou.

Pois tanto me dá
De seu pertender,
Que firme supponho
Seria algum sonho,
Que pouco durou.

Vaise.

D. F. Nize cruel, isso ainda he mayor ty-
rannia; escuta-me. *Vaise.*

Fag. Vá lá darlhe satisfações, que ella he
bonita para essas graças. E vossa merce
Senhor rebuçado, a que fim quiz pro-
fanar o sagrado desta casa?

D. G. A ver o bem que adoro.

Fag. Vossa merce está zombando? Aqui
não ha quem possa ser amante de vossa
merce; pois bem vê o recato, e honra
desta casa.

D. G. Eu bem vejo o recato, e honra des-
ta casa. Que? Aquillo de subir hum
homem por huma janella, e hirse para
dentro atraz de huma mulher, não he na-
da?

Fag.

Fag. Aquelle homem he primo carnal da Senhora D. Nize.

D. G. Pois eu tambem quero ser muito conjunto da Senhora D. Cloris : ora faça-me o favor de a hir chamar.

Fag. Que diz? A Senhora D. Cloris? Olha tu lá D. Cloris não te enganes; sim, a outra, que anda cuberta de cilicios, jejuando a pão, e agua; tire dahi o sentido, meu Senhor.

D. G. Se a não fores chamar, a hirey eu buscar.

Fag. Ay Senhor, vossa merce tem alguma legião de diabos no corpo? E que remedio tenho, senão chamalla, antes que o homem faça alguma asneira, que elle tem cara de arremeter. *Vaise.*

D. G. Venha logo, que eu não posso esperar muito tempo. A velha queria corretaje: basta que lha dê D. Fuas.

Sabe D. Cloris.

D. Clor. Senhor, vossa merce, que pretende com tantos excessos? A quem procura?

D. G. Eu, Senhora D. Cloris, sou D. Gilvaz, aquelle impaciente amante, que atropellando impossiveis vem, qual salamandra de amor, a abraçar-se nas chamas do feu Alecrim, como victima da mesma chamma. *D.*

230 *Guerras do Alecrim,*

D. Clor. Senhor D. Gilvaz, como entendendo o seu amor só se encaminha ao licito fim de ser meu esposo, por isso lhe facilito os meus agrados, mas não tão francamente, que primeiro não haja de experimentar no critol da constancia os raios do seu amor.

D. G. Muy pouco conceito fazeis da vossa belleza; pois se antes de admirar essa formosura em occultas sympathias soubestes attrahir todos os meus affectos, como depois de admirar o mayor portento de perfeição, poderia haver em mim outro cuidado mais, que o de adorarvos com tão immovel constancia, que primeiro se moverão as estrellas fixas, que sejaõ errantes as minhas adorações?

D. Clor. Isto he de veras, Senhor D. Gil?

D. G. Se eu morro de veras, como hey de fallar zombando?

S O N E T O.

Tanto te quero, ò Clori, tanto, tanto;
E tenho neste tanto tanto tento,
Que em cuidar q̄ te perco, me espavento,
E em cuidar que me deixas, me ataranto.
Se não sabes (ay Clori!) o quanto o quanto
Te idolatra rendido o pensamento,
Digaõ-to os meus suspiros cento a cento,
Solettra-o nos meus olhos pranto a pranto.

Oh

Oh quem pudera agora encarecerte
Os exquisitos modos de adorarte
Que amor soube inventar para quererte!
Ouve, Clori; mas não, que he y de affustarte;
Porque he tal o meu incendio, q̃ ao dizerte
Ficarás no perigo de abrazarte.

D. Clor. Senhor D. Gil, as suas finezas
por encarecidas perdem a estimação de
verdadeiras; que quem tem a lingua taõ
folta para os encarecimentos, terá pre-
za a vontade para os extremos.

D. G. Como ha de haver experiencias na
minha constancia, feraõ os successos de
minhas finezas os chronistas de meu
amor.

Canta D. Gil a seguinte

A R I A.

Viste, ò Clori, a flor gigante,
Que procura firme, amante,
Seguir sempre a luz do Sol?
Dessa sorte, sem desmayos,
Sol, que gyra, saõ teus rayos,
E meu peito gyrafol.

Mas ay, Clori, que a luz pura
De teus rayos mais se apura
De meu peito no crisol.

D. Clor. Cessa, meu bem, de encarecerme
o teu amor; já sey saõ verdadeiras as
tuas

232 *Guerras do Alecrim,*

tuas expressões. Oh se eu tivera a fortuna, que essas vozes as não levasse o vento, para augmentar com ellas a força de sua inconstancia!

Sabe Sevadilha.

Sevad. He bem feito! He bem empregado!

D. Clor. O que, Sevadilha?

Sevad. O Senhor, que está acordado.

D. Clor. Não póde ser a estas horas; não te creio, que es huma medrosa.

Sevad. Fallo verdade, e não minto.

Canta Sevadilha a seguinte

A R I A.

Senhora, que o velho,

Se quer levantar!

Mofina de mim,

Que ouvi escarrar,

Fallar, e tossir!

Senhor, vá-se embora, *para D. G.*

Vá já para fóra,

Senaó o papaó

Nos ha de engolir.

Fag. Uy Senhores, isto he cousa de brinco? O Senhor seu tio está com tamanho olho aberto, que parece hum leão, que está dormindo; deite fóra esse homem, e venha-se agazalhar, que já vem amanhecendo.

D. Clor.

D. Clor. Pois deitem fóra a *D. Gil*: meu bem, estimarey, que as suas obras correspondão às suas palavras. *Vaise.*

Sabem D. Nize, e D. Fuas.

D. Niz. Fagundes, encaminha a *D. Fuas*, que meu tio está acordado.

D. F. Ainda o embuçado aqui está? He para ver! Ah cruel! *à part.*

D. Niz. Anda, Fagundes.

Fag. Senhora, que não ha escada para descerem.

D. Niz. E aquella por onde subio, aonde está?

Fag. Empurrey-a com hum homem, que tambem queria subir.

D. G. Devia ser Simicupio. *à part.*

D. F. Pois como ha de ser?

Sevad. Não ha mais remedio, que saltar pela janella.

Fag. Mas vejaõ não cayaõ no alfuje.

D. G. Em boa estou metido! *à part.*

D. F. Aonde está a chave da porta?

Sevad. A chave tem guardas, e está agazalhada no travesseiro do velho, por não dormir n'uma porta.

D. L. Fagundes, venha abrir esta janella, que já vem amanhecendo. *Dentro.*

Fag. Eis aqui vossas merces o que quize-
raõ!

D. L.

234 *Guerras do Alecrim,*

D. L. Fagundes, que faz, que não vem

Dentro

Fag. Estou enxotando o gato da vizinha: çape gato. Senhores, escondaõ-se aonde for.

D. Niz. Ay que desgraça!

D. L. Sevadilha, que he isso lá? *Dentro.*

Sevad. He o gato da vizinha: çape gato.

Dentro.

Simic. Abraõ a porta que se queima a casa: fogo, fogo. *Dentro.*

Fag. Ay que ha fogo na casa! São Marçal.

D. Niz. Eu estou morta!

D. Clor. Ay que se queima a casa, que desgraça! *Sabe.*

D. F. Peyor he esta!

D. G. Ha horas minguadas!

Simic. Abraõ a porta, que ha fogo, fogo.

Dentro.

Sevad. Mofina de mim, que lá vaõ os meus tarecos!

Simic. Não ouvem? Pois lá vay a porta pela porta fóra. *Dentro.*

Sabe Simicupio com huma quarta às costas, e ao mesmo tempo sabe D. Lanferote em fralda de camiza, e D. Tiburcio embrulhado em hum lançol, com huma candeya de garavato na mão.

Simic. Fogo, fogo.

Fag. Adonde he, meu Senhor.

D. T. Que he isto cá?

D. L. Fogo aonde, se eu não vejo fumo?

Simic. Como ha de ver o fumo, se o fumo faz não ver?

D. T. Aqui me cheira a Alecrim queimado.

D. L. Dizes bem: Cloris, accendeste algum Alecrim?

D. Clor. Eu, Senhor, não foy porque sempre

D. L. Calla-te, que eu porey o Alecrim com dono; ha mais mofo no homem! Lá vay o suor de tantos annos.

Simic. Com elle podia vossa merce apagar este fogo.

D. G. Estou admirado de ver a traça de Simicupio! *à part.*

D. T. Senhores, acudamos a isto, que se acaba a torcida.

D. L. Vede, sobrinho, ainda assim não se entorne o azeite.

D. Niz. Ay os meus craveiros de Mangerona!
D. Clor.

236 *Guerras do Alecrim,*

D. Clor. Ay os meus olhos de Alecrim!

Fag. Ay a minha canastra!

Sevad. Ay os meus tarequinhos!

D. L. Ay a minha burra!

D. T. Ay o meu alforje!

Simic. Ay com tanto ay! Senhores, aonde he o fogo?

D. L. Vejaõ vossas merces bem por essas casas aonde será.

Simic. Entremos, Senhores, antes que se atee o incendio.

D. G. e D. F. Vamos.

*Entraõ Simicupio, D. Fuas, e D. Gil,
e logo tornaõ a sabir.*

D. L. Vereis vós, tramposinha, que fim leva o Alecrim.

D. Clor. O Alecrim não tem fim, que nunca murcha.

Sabem os tres.

D. G. Não se affustem, que não he nada.

D. F. Já se apagou Deos louvado.

D. L. Aonde foy?

Simic. Foy no almofariz, que estava ao pé da isca.

Sevad. Pois eu não fuy a que petisquey.

Fag. Pois eu nem no ferrolho.

Simic. Pois eu ainda estou em jejum.

D. L. Ora, meus Senhores, vossas merces me vivaõ muitos annos pela honra, que me fizeraõ.

D. G.

D. G. Sempre buscarey occasiões de servir a esta casa. *Vaise.*

D. F. E eu não menos. *Vaise.*

Simic. Agradeça-nos a boa vontade não mais.

Fag. Se não houvessem boas almas, já o mundo estava acabado.

D. *Clor.* Eu estou pasmada do successo!

à part.

D. *Niz.* E eu não estou em mim! *à part.*

D. *T.* Ora com licença, meus Senhores, que me vou pôr em fresco. *Vaise.*

D. *L.* Eu todavia ainda não estou socegado. Vio vossa merce bem na chaminé?

Simic. Para que vossa merce descanse de todo, vazarey esta quarta nos narizes daquella velha, que são duas chaminés.

Fag. Ay que me ensopou! Senhor, que mal lhe fiz?

Simic. He darlhe a molhadura de certa obra.

D. *L.* Que fez vossa merce?

Simic. Deixe, Senhor; isto he para que se lembre, e tenha cuidado no fogo, que facilmente se póde atear por hum accidente.

Fag. Vou mudar de camisa. *Vaise.*

D. *Niz.* Tomara aproveitar os cacos para a minha Mangerona.

D. *L.*

238 *Guerrasdo Alecrim,*

D. L. Esta advertencia merece esta moça,
que he huma descuidada, que por seus
desmazellos me deixou furtar hum capote

Cantaõ D. Lanferote, Sevadilha, Simicupio,
D. Cloris, e D. Nize a seguinte

A R I A A 5.

D. L. Tu moça, tu tonta
Sentido no fogo,
Senaõ tu verás.

Sevad. Debalde he o seu rogo,
Que fogo sem fumo
Naõ he bom final.

Simic. Que linda pilhage
Num fogo salvage,
Que lambe voraz!

D. Clor. Naõ sente quem ama.

D. Niz. Naõ temo esta chamma.

Ambas. Que he fogo de amor.

D. L. Cuidado no fogo.

Sevad. Debalde he o seu rogo.

D. L. e Sev. Que fogo sem fumo
Naõ he bom final.

D. L. Sentido, cuidado.

Simic. Que fogo salvage.

Todos excepto D. L. Que he fogo de amor.

Todos. Cuidado, pois, cuidado,
Que algum furor vendado
Fulmina tanto ardor.

PARTE II.

SCENA I.

Praça. Sabem D. Gil, e Simicupio.

D. G. **A**inda não sey cabalmente applaudir a tua industria, ò infigne Simicupio.

Simic. Nem applaudir, nem agradecer, Senhor D. Gilvaz.

D. G. As tuas idéas são tão impossiveis de applaudir, como de agradecer; pois todo o premio he diminuto, e todo o lóuvor limitado.

Simic. Visto isso, eu mesmo tenho a culpa de não ser premiado; porque se eu não servira tão bem, estaria mais bem servido. Senhor meu, eu nunca fui amigo de palanfrorios: mais obras, e menos palavras; eu quero que me ajuste a minha conta.

D. G. Para que?

Simic. Para porme no olho da rua, que ferey mais bem visto.

D. G. Simicupio, nem sempre o diabo ha de estar atrás da porta.

Simic.

240 *Guerras do Alecrim,*

Simic. Sim, porque entrará para dentro de casa.

D. G. Calte, que se configo a D. Cloris com seu dote, e arras, eu te prometto, que andes n'uma boléa.

Simic. Senhor, não me ande com a cabeça à roda com essas promessas; era melhor, que os premios andassem a rodo.

Sabe Fagundes.

Fag. Lá deixo a D. Fuas metido n'uma caixa, para o introduzir com D. Nize em casa sem sustos, como da outra vez; tomara achar hum homem, que ma carregasse.

D. G. Lá vem a velha, criada de Dona Cloris.

Simic. Retire-se vossa merce, e deixe-me com ella.

D. G. Pois eu aqui te espero. *Vaise.*

Fag. O' filho, por vida vossa quereis levar-me huma caixa?

Simic. Com que achou me vossa merce com hombros de mariola?

Fag. Pois perdoe-me, que cuidey, que era hom m de ganhar.

Simic. Todos nesta vida somos homens de ganhar; porém o modo he que desauthoriza.

Fag. Isto não era mais que levar huma caixa às costas.

Simic.

Simic. Pois se não he mais do que isso, entendo que não estará mal à minha pessoa.

Fag. Qual mal? Antes lhe estará muito bem.

Simic. Mas advirta, que isto em mim não he officio; he huma méra curiosidade.

Fag. Ora Deos lhe dê faude; olhe, ella peza pouco, e vem aqui para casa de D. Lanferote.

Simic. E de quem he a caixa?

Fag. He minha, que a que eu tinha, toda se desfaz em caruncho.

Simic. Pois esta não se livrará da traça, que intento usar com ella. *à part.* Vamos, Senhora. *Vaise.*

Fag. Ande, meu filho. *Vaise.*

Sabe D. Gil.

D.G. Aonde hirá Simicupio com a velha? O maldito não perde occasião: com semelhante jardineiro não murchará o Alecrim de Dona Cloris; porém elle lá vem com huma caixa às costas.

*Sabe Simicupio com huma caixa às costas,
e logo a poem no chão.*

Simic. Desencontrei-me da velha, que andarà tonta por mim.

D.G. Que he isto, Simicupio?

Simic. Não lhe importe, vá-se enrolando,

242 *Guerras do Alerim* ;

que se ha de meter aqui dentro , e hey de levar esse corpinho a casa de Dona Cloris.

D. G. Isso he quiméra ; como posso eu caberahi?

Simic. Isso não me importa a mim ; abata as presumpções , que logo caberá em toda a parte.

D. G. E como havemos abrilla , que está fechada ?

Simic. Não sabe , que a irmã gazúa sempre me acompanha ? Eu a abro. *abre.*

D. G. Esta tramoya he muy arriscada : que tem dentro ?

Simic. Eu vejo huns trapos estendidos. Ande , ande , que nos importa a nós.

D. G. Ora vamos a isso : ay Cloris , quanto me custas !

Mete-se D. Gil na caixa , e a fecha Simicupio , e logo a poem às costas , e dentro tambem virá D. Fuas.

Simic. Não ha de ser má esta encaixação. Arre o que peza a criança !

D. F. Ay que me esmagaõ os narizes !

D. G. Quem está aqui ? Espera , vejamos o que he.

Simic. O que for lá se achará.

D. G. Espera , que isto he traição.

D. F. Homem dos diabos , não me esborraches.

D. G.

D. G. Aque d'ElRey, não ha quem me acuda?

Simic. Calle-se, tamanhão, que para boa casa vay. *Vão-se.*

S C E N A II.

Sala. Sabem D. Tiburcio, e Sevadilha.

D. T. **S**Evadilha, agora que estamos sós, quero-te pedir hum conselho.

Sevad. Se vossa merce acha, que lhos posso dar, proponha, que eu resolverey.

D. T. Tu bem sabes, que eu vim para caçar com huma destas duas primas minhas: ambas são bellas, ao que entendo; só me resta saber as manhas de cada huma, para que escolha do mal o menos.

Sevad. Senhor, ambas são muy bastantes moças, a Senhora Dona Cloris he muy perfeita, sabe fazer os ovos moles muito bem; a Senhora Dona Nize tem melhor juizo; muito assento, quando não está de levante; grande capacidade; e tanto, que sendo tão rapariga, já lhe nasceo o dente do sizo; porém na condicaõ he huma vibora assanhada.

D. T. Não sey, Sevadilha, o que faça neste caso.

Q.ii

Sevad.

244 *Guerras do Alecrim,*

Sevad. Não cazar com nenhuma.

D. T. Pois eu vim cá por besta de páo?

Sevad. Eu digo o que entendo em minha consciencia.

D. T. Oh se pudera eu cazar contigo, *Sevadilha*, porque só tu me cabiste em graça!

Sevad. Ay que graça! Diga-me isso outra vez.

D. T. Não zombo, que não estou fóra de fazer eu huma parvoisse.

Sevad. Não será a primeira.

D. T. Queres tu que fuçamos? Olha, que estou com minhas tentações de te fazer dona da minha casa.

Sevad. Diga-me dessas, que gosto disso.

D. T. *Sevadilha*, não percas esta fortuna.

Sevad. Quem he a fortuna?

D. T. Sou eu, que te quero.

Sevad. Se he fortuna, será inconstante.

D. T. Ay que a moça me falla por equívocos! Es discreta.

Sevad. Ora vá-se com a fortuna.

Sabe Simicupio com a caixa às costas.

Simic. Quem toma conta deste arcaç?

D. T. Quem a manda?

Simic. Huma mulher já de dias grandes, porque era bastantemente velha.

D. T. A mim me mellem, se isto não he já

já alguma preparação para o casamento.

Simic. Vossa merce parece que adevinha, pois para casamento he, segundo ouvi dizer a hum terceiro.

D. T. Sabes, o que virá ahi dentro?

Simic. Cuido, que he hum vestido.

D. T. E que tal?

Simic. Bello na verdade, bordado com huns vivos brancos, e de cores taõ vivas, que estão saltando.

D. T. He de mulher, ou de homem?

Simic. Tudo o que aqui vem he para mulher.

D. T. Cuidey, que era para mim.

Sevad. Aquelle he Simicupio; elle que carrega a caixa, naõ he sem causa. *à p.*

Simic. Sevadilha lá me está deitando huns olhos, que se vaõ os meus traz delles. *à part.*

D. T. Já te pagaraõ?

Simic. Naõ Senhor; mas eu esperarey pela velha.

D. T. Pois, Sevadilha, em que ficamos? Ajustemos o negocio?

Sevad. He boa esta, ouvindo-me Simicupio! *à part.*

D. T. Olha, Sevadilha, eu te quero tanto, que fecharey os olhos a tudo, só por cazar contigo. *Simic.*

246 *Guerras do Alecrim,*

Simic. Tome-se lá, o que estavaõ ajustando os dous! Eu lho estorvarey. *à part.*

D. T. Que dizes, rapariga?

Simic. Ah Senhor, pague-me o carroto da caixa.

D. T. Espera, que logo vem a velha.

Simic. Sim, pois a moça logo vay. *à part.*

D. T. Tu ainda es menina, não sabes o que te convem.

Sevad. Eu não necessito de tutores.

D. T. Olha, que eu sou Morgado na minha terra, e terás tantos, e quantos.

Simic. Senhor, pague-me o carroto da caixa, que não posso esperar.

D. T. Logo, espera: ora, Sevadilha, isso ha de ser, dá-me hum abraço.

Simic. Venha o carroto da caixa; he boa essa!

Sevad. He boa teima!

D. T. Pois dá-me ao menos esse malmequer por prenda tua.

Simic. Ora venha já esse carroto, senão tudo vay cos diabos.

D. T. Espera homem: ouve mulher.

Sevad. Vá-se dahi, mal creado, aleivoso, maligno; he o que me faltava!

Canta Sevadilha a seguinte

A R I A.

Que hum tonto jarreta,
Que hum nescio pateta,
Me falle em amor,
Ou he para rir,
Ou para chorar.

Naõ cuide em amores,
Que nesses ardõres,
Se póde fregir,
Se póde abraçar.

Vaise.

Simic. Regalou-me esta Aria : vou dizer a Sevadilha, diga a Dona Cloris, que alli está meu amo, e finjo que me vou. Senhor, adeos : eu virey n'outra occasião.

Vaise.

Sabe D. Lanferote com hum castiçal, e vela acesa, e a porá em cima da caixa, donde ao depois se assentaráõ.

D. L. Sobrinho, vós bem sabeis, que hum hospede, passados os tres dias logo fede, como cavallo morto ; isto naõ he dizer que fedeis, mas vos affirmo, que me naõ cheira bem essa vossa irresoluçãõ, vendo que indeciso ainda naõ elegestes qual de vossas primas ha de ser vossa consorte.

D. T. Senhor, as perfeições de cada hu-
ma

248 *Guerras do Alecrim;*

ma são tão peregrinas, que vacilla a vontade na eleição dos fujeitos; pois quando me vejo entre Cloris, e Nize, me parece, que estou entre Scylla, e Caribdis.

D. L. Pois, Sobrinho, resolver, resolver logo, e já.

D. T. Pois, Senhor, se a hum enforcado se dão três dias, eu que no cazar noto a mesma propriedade, pois bem se enforca, quem mal se casa, peço tres dias tambem para me resolver.

D. L. Tres dias peremptorios concedo; e para que não hajaõ duvidas no dote, assentai-vos, e sabereis o que haveis de levar. *Assentão-se.*

D. T. Isso he santo, e bom, para que não seja a noiva de contado, e o dote de promettido.

D. L. Eu, meu sobrinho, supposto tenha corrido muito mundo, com tudo me acho alcançado.

D. T. Isso he bonito!

D. L. Primeiramente cada huma de minhas sobrinhas tem muito boa limpeza.

D. T. Sim Senhor, são muito assedadas, nisso não ha duvida.

D. L. Além disso: estay attento, meu sobrinho, não deis salabancos com a caixa,

xa, que isso he manha de bestas.

Bole a caixa.

D. T. Eu estou com os cinco sentidos bem quietos.

D. L. Como digo, sabereis, que todo o meu cabedal anda sobre as ondas do mar.

Naõ estareis quieto? *Bole a caixa.*

D. T. Naõ sou eu por vida minha.

D. L. Naõ vedes a caixa a saltar?

D. T. He verdade; será de contente.

Cabe a caixa com os dous.

D. L. Isto agora he mais comprido.

D. T. E isto he mais estirado.

D. L. Ay, quem me acode com huma luz!

Sabem Dona Cloris, Dona Nize, Fagundes, e Sevadilha com luz.

Todos. Que succedeo?

D. T. O mayor caso, que viraõ as idades.

D. L. Eu, que na mayor idade vi o mayor caso.

D. Niz. Pois que foy?

D. Clor. Que succedeo, Senhores?

Sevad. Que he isto?

Fag. Que foy? Que succedeo? Que he isto?

D. T. Esta caixa.

D. L. Esta arca.

D. T. Que em torcicolos.

D. L. Que em bamboleyos.

D. T.

250 *Guerras do Alecrim,*

D. T. Com pulos.

D. L. Com saltos.

D. T. Deitou-me no chaõ.

D. L. No chaõ me estendeo.

D. Niz. He raro caso!

D. Clor. He caso raro!

Sevad. He, naõ ha duvida: ay, que ella torna a bolir! Fugamos, Senhores.

Fag. Valha-te o diabo, D. Fuas, que taõ inquieto es! *à part.*

D. L. Esta caixa tem algum encanto, abramo-la.

D. T. Diz bem; abra-se a caixa.

D. Niz. Ay de mim, que será de D. Fuas! *à part.*

D. Clor. Que será de D. Gil! *à part.*

D. T. Vá o tampo dentro.

Sevad. Tenhaõ maõ, que póde vir dentro algum diamante, que nos mate aqui a todos.

Fag. Ay santo breve da marca!

D. Niz. Senhor, se se abre a caixa, defmayamos todos aqui.

D. L. Vamo-nos, que a prudencia he melhor, que o valor. *Vaise.*

D. T. Pois só naõ quero ser valente.

Vaise, e leva a luz.

Sevad. Ay! Naõ sey que pés me haõ de levar! Ande, Senhora.

D. Clor.

D. Clor. Fazes bem em disfarçar até ao depois. *Vaise.*

Fag. A caixa parece que tocou a recolher.

D. Niz. E não foy o peyor o ficarmos às escuras, que assim teráõ todos medo de vir aqui: ora abre a caixa, e dize a *D. Fuas*, que saya.

Fag. Ay a caixa está aberta! Seria com os salabancos: saya, meu Senhor, e perdoe o descommodo.

Abre a caixa, e sabe D. Gil.

D. G. O' tu nocturna deidade, que no caliginoso bosque destas sombras brilhas carbunculo da formosura, aqui tens segunda vez no theatro de tua belleza representante a minha constancia na Tragicomedia de meu amor.

Fag. Senhora, quem às escuras he taõ discreto, que fará às claras?

D. Niz. Já vou acreditando, meu bem, as tuas finezas; porém

Sabe D. Fuas da caixa.

D. F. Porém o teu engano, falsa, inimiga, segunda vez se repete para meu desengano, e tua affronta.

D. Niz. Que he isto, Fagundes? Que tramoyas são estas?

Fag. Eu estou besta, pois só a *D. Fuas* meti na caixa!
D. Niz.

252 *Guerras do Alecrim,*

D. Niz. Pois como ha aqui outro, fóra D. Fuas?

Fag. Eu não sey, em minha consciencia, que não he má.

D. F. Senhora D. Nize, para que são esses fingimentos? Peleije agora com Fagundes, para se mostrar innocente.

D. G. Esta he Dona Nize; eu me recolhho ao vestuario, até que venha Dona Cloris.

Mete-se D. Gil na caixa.

D. Niz. Já disse, Senhor D. Fuas, que a minha constancia vive isenta dessas calumnias.

D. F. A que d'ElRey, Senhora, quereis, que dê com a cabeça por essas paredes? He possivel, que ainda intentais negar o que tão repetidas vezes tenho experimentado?

D. Niz. Senhor, he pouca fortuna de minha firmeza, encontrar sempre com accidentes de falsidade.

Fag. Senhor D. Fuas, não cuide vossa merce, que somos cá nenhuma mulheres de cacaracá: mas alli vem gente.

D. Niz. Recolha-se outra vez, que eu em tanto aqui me retiro. Anda, Fagundes.

Vaise.

Fag. Senhor, nós já tornamos.

Vaise.

D. F.

D. F. Mais à minha conservação, que ao teu respeito, obedeço.

Esconde-se D. Fuas na caixa, e sabe D. Cloris.

D. Clor. Que se expozesse D. Gil ao perigo de vir em huma caixa a meu respeito! Ora o certo he, que não ha mais extremo amante; porém os fumos de Alecrim tem a mesma virtude, que o incenso nos pombos, que os faz tornar ao pombal. Mas adonde estará aqui a caixa? Esta supponho que he. Já meu bem pódes sahir sem susto.

Sabe D. Fuas da caixa.

D. F. Sim, tyranna, pois já me não affustaõ as tuas falsidades.

D. Clor. Que falsidades? Que dizes? Enlouqueceste, ou ignoras com quem fallas?

D. F. Comtigo fallo, que com outro amante duas vezes infiel te encontrou a minha infelicidade.

D. Clor. Cuido, que não são tantos os encontros que temos tido.

D. G. Aquella voz he de D. Cloris: estou ardendo com zelos! *à part.*

D. F. Já estou defenganado da tua falsidade. Já sey, que est'outro amante, que vive encerrado nessa caixa, he o que só merece os teus agrados.

D. G.

254 *Guerras do Alecrim,*

D. G. E como que o merece; pois só elle he digno desse favor; e a quem o impedir, lhe meterey esta espada até as guarnições.

D. F. Vês, ingrata, se he certa a minha suspeita?

D. Clor. Eu estou confusa, e não sey a quem satisfaça!

D. G. Ainda continúa, insolente? Não sabe que esta Dama he cousa minha?

D. F. Já agora por capricho, a pezar das suas aleivo fias, hey de dar a vida por mi dama.

D. Clor. Senhores, que desgraça!

D. G. Se não estivera às escuras, tu serias o alvo de minhas iras.

D. F. Pois se não fora a escuridade, eu te fizera ver o meu brio; mas ainda assim, eu vou dando, dê donde der.

D. Clor. Senhores, dem de manso, não os ouça meu tio.

*Cantaõ D. Fuas, D. Gil, e Dona Cloris
a seguinte*

A R I A A 3.

D. G. Se não fora por não sey que,
Te matara mesmo aqui.

D. F. Se não fora o velho alli,
Te fizera hum não sey que.

D. Clor. De mansinho, pouca bulha,
Calte

Calte gralha , calte grulha ,
Porque o velho ha de acordar.

D. G. Pois aqui muy mansamente
Matarey este insolente.

D. F. Tambem eu pela callada
Meterey a minha espada.

D. Glor. De vagar , não dem de rijo ,
Porque o velho ha de acordar.

Todos. Quem pudera em tanta luta
Sua dor defabafar !

D. F. D. G. Se não grito neste caso ,
Sou capaz de rebentar.

D. Glor. Mais que estallem , e arrebentem ,
Não se ha de aqui fallar.

Todos. Não se póde isto aturar ! *Vão-se.*

Sabe Simicupio pela mão de Sevadilha.

Simic. Donde me levas , Sevadilha ?

Sevad. Ande , não me faça perguntas.

Simic. Não ha huma candeya nesta casa ,
que se me meta na mão , que estou mor-
rendo por te ver ?

Sevad. Melhor fineza he amar por fé.

Simic. Como , se eu não dou fé de ti ?

Sevad. Ande , que o amor se pinta cego.

Simic. Muito vay do vivo ao pintado.

Sevad. Assim estamos mais à nossa vontade.

Simic. Andar , supponho que tenho o
meu amor na Noruega : mas ainda assim
isto

256 *Guerras do Alecrim,*

isto de estar às escuras, não he grande cousa para hum homem dizer à sua Dama quatro hyperboles, pois se não vejo, como poderey dizerte, que es estatua de alabastro sobre plintos de jaspe, neve vivente, e racional sorvete, mas só carapinhada, pois negra te confidero nesta Ethiopia: oh negregada occasião, em que por falta de huma candeya não sahe à luz a tua formosura!

Sevad. Pois o fogo de teu amor não basta para allumiar esta casa?

Simic. Se a luz excessiva faz cegar, tambem a minha chamma por excessiva não allumia; mas com tudo isto não nos metamos no escuro; fallemos claro: como estamos nós daquillo, que chamamos amor?

Sevad. E como estamos nós do malmequer, que esse he o ponto?

Simic. Cada vez está mais viçoso com a copiosa inundação de meu pranto.

Sevad. E teu amo com o Alecrim?

Simic. Isso são contos largos, o homem anda doido; tudo quanto vê lhe parece que he Alecrim; est'outro dia estava teimoso, em que havia de cear sellada de Alecrim, mais que o levasse o diabo.

Olha, para contarte as loucuras que faz,

faz, assentemo-nos, que isto se não pôde levar de pé.

Assenta-se Simicupio na caixa, que estará com o tampo levantado, e cabe dentro da caixa, que se fechará com a dita queda.

Simic. Mas ay Sevadilha, que cahi n'um poço sem fundo!

Sevad. Aonde estás, Simicupio?

Simic. Não sey aonde estou; só sey, que estou aqui.

Sevad. Aonde he aqui?

Simic. He aqui.

Sevad. Aqui aonde?

Simic. He boa pergunta! Eu sey cá donde são os aquis na casa alheya? Sey, que estou aqui n'um fole como criança, que nasce implicada, mas sem ventura.

Sevad. Pois sahe dahi, e anda para aqui.

Simic. Isso he, se eu soubera hir daqui para ahi.

Sevad. Quem te impede?

Simic. Estou entupido.

Sevad. Dá dous espirros.

Simic. Falta-me a Sevadilha, que a não acho, por mais que ando ao cheiro della. Ora filha, tira-me daqui, tu não ouves?

Sevad. Eu bem ouço; porém não vejo aonde estás.

258 *Guerras do Alecrim,*

Simic. Busca-me fóra de mim, porque não estou dentro em mim, metido nesta sepultura, donde só campa por infeliz a minha desventura.

Sevad. Calte, Simicupio, que ahí vem gente com luzes; adeos até logo. *Vaise.*

Simic. Estou no mais apertado lance, que ninguem se vio!

Sabem D. Lanferote com huma luz, e D. Tiburcio.

D. L. Apuremos este encanto. Sobrinho, nós havemos ver o que se encerra nesta caixa, ainda que o cabelo se arripie.

D. T. Se for couza desta vida, ficará sem ella, e se for da outra, a mandarey para o outro mundo.

D. L. Pois sobrinho, abri essa caixa com intrepido valor.

D. T. Abra vossa merce, que he mais velho, e em tudo tem o primeiro lugar.

D. L. Deixay cumprimentos, que a occasião não he para ceremonias.

D. T. Por nenhum modo: não tem que se cançar, que lhe não quero tirar a gloria desta empreza.

D. L. O magano contralogrou-me; pois eu confesso, que estou tremendo de medo.

D. T. Queria arrumarme o gigante? He bem esperto. *à part.*

D. L.

D.L. Ora pois , hey de ir eu , ou haveis de ir vós ?

D.T. Vá , não haja cumprimentos , que eu sou de casa.

D.L. Não ha mais remedio , que ir eu em corpo , e alma , a ver esta alma sem corpo , ou este corpo sem alma. Deos vá comigo , Anjo da minha guarda , e todo o Flos Sanctorum me defenda.

D.T. Ande tio , não tenha medo , que eu estou aqui.

D.L. Pois se não fora isso , já eu deitava a correr. *à part.*

Simic. Ay ! que sem duvida estou na caixa , em que trouxe a D. Gil , e segundo o que aqui ouço dizer , me intentaõ reconhecer : eu lhes tocarey a caixa.

Chega-se D. Lanferote à caixa , e tanto que a abre , deita Simicupio a cabeça de fóra , e dá hum assopro na véla.

D.L. O' tu quem quer que es , que estás nesta caixa... mas ay , que me apagaraõ a véla com hum assopro !

D.T. Assopra !

Simic. Muy fraca era aquella luz , pois de hum assopro a derribey.

D.L. Sobrinho , vós estais ahi ?

D.T. Como se não estivera.

D.L. Quem seria o cruel , que taõ alei-
voia-

260 *Guerras do Alecrim,*

vofamente matou huma innocente luz a affopros frios?

Simic. Deos lhe perdoe, que era huma luz a todas as luzes boa: mas eu quero çafarme daqui, e temo marrar de narizes com alguém; mas que remedio?

D. L. Agora vos chegais para mim, cobarde sobrinho? Hide, que por vossa culpa não acabey de defencantar este encanto.

D. T. Veja vossa merce como chama cobarde?

D. L. Calai-vos, abobora, que degenerais de quem sois.

D. T. A mim abobora?

Simic. Agora he boa occasião de hirme; porque ainda que encontre com algum, cuidarão que são murros: lá vay o primeiro. *Dá.*

D. L. O' mal ensinado, pondez mãos violentas em vosso tio?

Simic. Eu abrirey caminho desta forte, dando a troxe moxe. *Dá.*

D. T. He boa essa, Senhor tio, assim se dá n'um barbado?

D. L. Calai-vos, maganaõ, que não haveis de cazar: mas ay, que me déstes huma bofetada com a mão aberta! A que d'ElRey sobre este magano de meu sobrinho! *Vaise.* *D. T.*

D. G. A que d'ElRey sobre este caduco de
meu tio! *Vaise.*

Simic. A que d'ElRey que já me deixaraõ!
Vaise.

S C E N A III.

Camera. Sabem D. Gil, e D. Nize.

D. G. **S**Enhora Dona Nize, se acaso
em vossa piedade póde achar am-
paro hum desgraçado, peço-vos, que
me occulteis; pois já a rubicunda Au-
rora em risonhas vozes nos avisa da che-
gada do Sol, assim a vossa Mangerona
se veja coroada de louro no Capitolio do
amor.

D. Niz. Já o Alecrim pede favores à Man-
gerona?

D. G. Se Dona Cloris não apparece, que
quereis que faça?

D. Niz. Pois escondeivos nessa alcova, em
quanto a vou chamar.

Esconde-se D. Gil, e sabe D. Fuas.

D. F. Aonde vás, tyranna? Procuras aca-
so o teu amante? Oh murcha seja a tua
Mangerona, que como planta veneno-
sa me tem morto.

D. Niz. Homem do demonio, ou quem
quer

262 *Guerras do Alecrim,*

quer que es, que em negra hora te vi,
e amey, que desconfianças são effas?
Que amante he esse, com quem me an-
das aqui apurando a paciencia, e sem
que, nem para que, descompondo a
minha Mangerona?

D. F. Pois quem era aquelle, que sabio
da caixa a dizerte mil colloquios?

D. Niz. Que sey eu quem era; salvo fos-
se Mas retira-te, que ahi vem
gente.

D. F. Esconderme-hey aonde for.

Quer esconderse onde está D. Gil.

D. Niz. Não te escondas ahi. Ay de mim,
que se D. Fuas vê a D. Gil, fará o seu
ciume verdadeiro! *à part.*

D. F. Não queres, que me esconda ahi?
Agora por isso mesmo.

D. Niz. Tem maõ, adverte

D. F. Qual adverte? Tens ahi acaso es-
condido o teu amante?

D. Niz. Não, D. Fuas, porque só tu

D. F. Que he isso? Mudas de cor?

D. Niz. Se a cor he accidente, estou pa-
ra desmayar, vendo a semrazaõ, com
que me criminas.

Sabe D. Cloris.

D. Clor. Nize, que alarido he esse? Que-
res, que venha o tio, e ache aqui este
estafermo?

D. Niz.

D. Niz. São loucuras de hum zeloso sem causa.

D. F. São zelos de huma causa sem loucura. E senão diga-me, Senhora *D. Cloris*, por vida do Senhor seu Alecrim, não he para ter zelos ver repetidas vezes a hum sujeito procurar a *D. Nize* com tão repetidos extremos, que huma cousa he vello, e outra dizello; e supponho o tem agora escondido naquella alcova de donde me desvia para esconderme?

D. Clor. Isso verey eu, que tambem me importa essa averiguação.

D. Niz. *Cloris*, não te cances, que não has de ver quem ahi está. Estou perdida!
à part.

D. F. He para que veja, Senhora, a razão que tenho. Ah tyranna!

D. Clor. Já agora por capricho hey de ver quem ahi está. Vossa merce he, Senhor *D. Gilvaz*? Que he isso? Quer enxertar o meu Alecrim com a Mangerona de Dona *Nize*.

D. G. Ha caso semelhante!

D. F. Falso, traidor amigo, como sabendo, que eu pretendo a *D. Nize*, te expoons a embarçar o meu emprego?

D. G. *D. Cloris*, *D. Fuas*, para que são elles

264 *Guerras do Alecrim,*

esses extremos, quando a Senhora D. Nize nem a vós vos offende, nem a mim me corresponde?

D. F. Ninguem se esconde sem delicto.

D. Clor. Ninguem se occulta sem motivo.

D. Niz. Ora agora não quero dar satisfações, nem a huma louca, nem a hum temerario: he muita verdade; escondi a D. Gil, porque lhe quero bem; pois que temos?

D. F. Que isto soffra a minha paciencia!
Ah ingrata!

D. Clor. Que isto tolerem os meus zelos!
Ah falso amante!

D. G. A Senhora D. Nize está zombando, e aquillo nella he galantaria.

D. Niz. Não he senão realidade, e tenho dito. *Vaise.*

D. F. Não se vio mais descarado rigor!
Espera, cruel, e verás com os teus olhos os ultrajes, que faço à tua Mangerona. *Vaise.*

D. Clor. Senhor D. Gil, venha depressa o meu Alecrim.

D. G. O teu Alecrim he inseparavel de meu peito.

D. Clor. Deixemos graças, que eu não zombo.

D. G. Pois entendes, que D. Nize falla de veras?
D. Clor.

D. Clor. Quer fallasse de veras, quer não, venha, venha o meu Alecrim.

D. G. De que sorte queres, que te satisfaça? Ignoras acaso as firmezas de meu amor?

Canta D. Gil a seguinte.

A R I A.

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrazada,
Quando espira nos incendios
Solicita o mesmo ardor.

Tal, ò Clori, me imagino,
Pois parece, que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que appetença o teu rigor.

Sabem Simicupio, e Sevadilha.

Simic. Senhor D. Gilvaz, nunca Simicupio se vio em calças mais pardas.

D. G. Porque?

Sevad. Porque o velho já ahí vem caminhando como huma centopeya.

D. Clor. Anda, D. Gil, para dentro, até que haja occasião para sahires.

D. G. Vás ainda com escrupulos na minha constancia?

D. Clor. Cá dentro apuraremos essas finezas.

Vaise.

D. G. O' Simicupio, vê como havemos sahir

266 *Guerras do Alecrim*,

fahir daqui, que bem sabes, que tenho de escrever hoje para o correyo. *Vaise.*

Simic. Tomara que o fizessem em postas, e o levasse barzabú às vinte.

Sevad. E se lhes não dizemos, que vinha o velho, ainda se não hiaõ.

Simic. E hia-se a historia, sem nós fazermos nosso papel de Alfazema por causa do Alecrim.

Sevad. Não me dirás, Simicupio, em que ha de parar toda esta barafunda?

Simic. Em algum casamento, isso já se sabe; tomara eu tambem, que me disseses, em que havemos nós parar?

Sevad. Em correr, que se paramos aqui, talvez que nos envidem o resto.

Simic. Não embaralhes o sentido em que te fallo. Ay Sevadilha, que não só me chegaste ao coração, mas tambem aos narizes! E assim não ponhas por estaque os teus favores: antes affavel, dá-me alguma amostrinha de tua inclinação.

Sevad. Quem te meteo esses fumos na cabeça!

Simic. O dó, que tenho de te ver taõ matadora.

Sevad. Vai-te dahi, que tenho nojo de chegarme a ti.

Simic. Eu não te mereço, que me descomponhas

ponhas o carinho, com que te trato.
Ay Sevadilha, que sinto affarme nos
espetos quentes de teus olhos, aonde os
repetidos espirros de meu incendio

Sevad. Se me differas isso em dous dedos
de papel, ainda te crera.

Simic. Não só em dous dedos, mas em to-
da a mão da solfa, donde verás de teu
Simicupio as finas clausulas de suas fi-
micopadas.

*Canta Simicupio, espirrando no fim de cada
verso, a seguinte*

A R I A.

Não posso, ò Sevadi

Dizerte, o que padê

Que o meu amor travê

Chegando-me aos narê

N'um moto continuo me faz espirrar.

Mas se he tafullaria

Este vicio de quererte,

Toda inteira hey de sorverte,

Por mais que me veja morrer, e estallar.

Vaise.

Sevad. Ora Deos o ajude com tanto espir-
rar.

Sabem D. Lanferote, e D. Tiburcio.

D. L. Basta, sobrinho, que não fostes vós,
o que me derreastes?

D. T. Pois acha vossa merce, que havia
pôr

268 *Guerras do Alecrim,*

pôr as mãos violentas nas reverendas barbas de vossa merce? Igual eu me podia com mais razão queixar de vossa merce, que me fez em estilhas.

D. L. Eu, sobrinho? Isso he engano; eu havia erguer a mão para vós, quando fó as devo levantar ao Ceo, para darlhe graças, por dar-me para huma de minhas sobrinhas hum noivo tão gentil-homem?

D. T. Não vay a dar quebranto.

Sevad. E elle, que he muy bello. *à part.*

D. T. Pois se nenhum de nós reciprocamente deu hum no outro, quem seria?

D. L. Eu tambem não posso atinar; o que sey he, que a caixa para nós foy de guerra.

Sevad. E para o noivo de tartaruga do Alentejo. *à part.*

D. L. Sevadilha, anda cá, não o negues: quem andarà nesta casa, ha hum par de noites, que finto grande reboliço?

Sevad. Senhor, eu tenho para mim, que esta casa às escuras he affombrada.

D. L. Tens visto alguma cousa?

Sevad. Ay Senhor, tenho visto tantas cousas, que não me atrevo a dizellas.

D. L. Dize, rapariga.

Sevad. Só em cuidar no que vi, estou para me desmayar.

D. L.

D. L. Era cousa do outro mundo?

Sevad. Qual do outro mundo, se eu a vi neste?

D. L. Era fantasma?

Sevad. O que he fantasma?

D. L. He huma cousa branca, que poem os olhos em alvo.

Sevad. Senhor, eu não sey o que he; sey sómente, que vi sahir de huma caixa huma cousa como furacão de vento, que me deu muita pancada.

D. L. Vedes, sobrinho? He o mesmo, que nos succede em carne.

D. T. Na carne aliás.

D. L. Aqui não ha outro remedio mais, que çafares logo, e já, e levares vossa mulher com vosco, que eu ponho escritos nas casas, e mudo-me às carreiras.

D. T. Isso he o verdadeiro.

D. L. *Sevadilha*, vay chamar as raparigas, que venhão cá depressa.

Sevad. Genro, e sogro não os vi mais bestas!
à part. e vaise.

D. T. Para que manda vossa merce chamar a minhas primas taõ depressa?

D. L. Logo vereis.

Sabem D. Gloris, e D. Nize.

Ambas. Que nos ordenas, Senhor?

D. L. Sobrinho, ellas ahi estão, escolhey huma
huma

270 *Guerras do Alecrim,*

humã das duas para vossa esposa.

D. Clor. Eu fiz voto de ser freira, e assim não posso cazar.

D. L. Pois caze *D. Nize*.

D. Niz. Eu menos, que quero ser donzella.

D. L. Isso já não póde ser, que dey a minha palavra, que val mais que tudo.

D. T. Eu já me resolvera a aturar a rispida condição de *Dona Nize*, mas sem receber o dote, não me recebo.

D. L. Anday, que fois hum impolitico: algum homem, que tem brio, falla em dote?

D. T. E algum homem, que quer dote, attenta em brio?

Sabem D. Fuas, D. Gil, e Simicupio vestidos de mulher com mantos.

Simic. Senhor esta industria nos valha, que para sahir, sempre foy boa humã sayã.

D. G. Quem serve a Cupido, não he muito que se affemine. *à part.*

D. F. Até nisto mostra o amor, que he cobarde. *à part.*

D. L. Que mulheres são essas, que sabem da nossa alcova?

D. Clor. Estou tremendo não se descubra a tramoya. *à part.*

Simic. Senhor *D. Tiburcio*, as mulheres honradas, como eu, se não trataõ desta forte. *D. T.*

D. T. Senhora, vossa merce vem enganada.

D. L. Que he isto, sobrinho?

D. T. Eu o não sey em minha consciencia.

D. L. Senhoras, como entrastes nesta casa?

Simic. Este Senhor sobrinho de vossa merce merecia, que lhe dessem duas facadas, pois sem alma, nem consciencia; depois de o introduzir na minha casa, para cazar com huma de minhas filhas, que vossa merce aqui vê; teve taes ardis, que enganou a ambas, e de ambas triunfou; e para mais penas sentir, esta madrugada nos mandou viesse-mos a esta casa, que disse era sua, e no cabo sey, que não he, e está para cazar com huma sobrinha de vossa merce. Ah traidor, ladraõ, não sey como te não esgadanho, e te arranco essas goellas.

D. L. He notavel caso! Sobrinho defaldado, que he o que fizestes?

D. T. Senhor, eu estou tollo de ver mentir esta mulher!

D. G. Ah falso *D. Tiburcio*, o Ceo me vingue de tuas falsidades.

D. F. Ainda nega o magano? Tal estou, que lhe arrancara essas barbas.

Simic. Deixay, filhas, deixay, que ainda

272 *Guerras do Alerim;*

da no Ceo ha rayos, e no inferno a caldeira de Pero Botelho para castigo de velhacos. Vamos, meninas. *Vaõ-se.*

D. Clor. Já estamos livres deste susto. *à part.*

D. Niz. O criado val hum milhaõ. *à part.*

D. L. Senhor sobrinho, vossa merce a tem feito como os seus narizes; basta, que vossa merce he useiro, e viseiro a enganar moças?

D. T. Senhor, eu naõ conheço taes mulheres.

D. L. Se naõ tendes outra desculpa, essa naõ me satisfaz, e agora vejo, que por isso dilataveis o cazar com vossas primas, fingindo irresoluções, e regatcando o dote.

D. T. Senhor, permitta Deos, que se eu....

D. L. Naõ jureis falso; dizey-me, e tivestes atrevimento de meteres mulheres em casa, sem attenção ao decóro de vossas primas?

D. T. Primas do meu coração, eu estou para enlouquecer, pois estou taõ innocente....

D. Clor. Calle-se, tenha juizo; basta, que com esse feitio nos queria lograr?

D. Niz. He o Senhor fizudo, que naõ approvava os ranchos de Alecrim, e Mangerona!

D. T.

D. T. Ora basta, que diga eu, que não
conheço taes mulheres.

D. Clor. Calle-se, tonto.

D. Niz. Calle-se, simplez.

D. Clor. Basbaque.

D. Niz. Insolente.

Ambas. Que? Agora cazar? Aqui para
traz. *Vaõ-se.*

D. T. Senhor tio, deme attençaõ, senaõ
desesperarey.

Canta D. Lanferote a seguinte

A R I A.

Eis aqui: eu estou perdido,
Gasto feito, noiva prompta,
Porta aberta, e casa tonta;
Ah sobrinho! Mas que digo?
Emprestai-me a vossa espada,
Que me quero degollar.

Oh prudencia desgraçada,
Pois não faço huma fallada
Por ninguem me ouvir gritar.

D. T. Que isto a mim me succeda? Não
ha homem mais infeliz!

S C E N A IV.

Praça. Sabem D. Gil, e Simicupio.

D. G. **H**Uma, e muitas vezes te confidero, Simicupio, prodigioso artifice de meu amor, pois com as tuas maquinas vás erigindo o retorcido thalamo, que ha de ser throno do mais ditoso Hymenêo.

Simic. Já disse a vossa merce, que mais obras, e menos palavras: Simicupio, Senhor, já se acha muy cansado, tomara, que me aposentasse com meyo soldo, que este officio de alcofa he muy perigoso; que supposto tenha azas para fugir, tambem as azas tem penas para sentir.

D. G. Simicupio, já o peyor he passado: acabemos de deitar esta não ao mar, que então teremos enchentes.

Simic. E no cabo de tantas enchentes tudo nada.

D. G. Anda, não desmayes, que hoje havemos mostrar ao Mundo os triunfos do Alecrim.

Simic. E a Mangerona todavia não menos vicosa com os borrifos de Fagundes.

D. G.

D.G. Mas a galantaria he, que todas as suas idéas redundão em nosso proveito.

Simic. Ahi he que está a filagrana do jogo, Fagundes a semear, e nós a colher.

Sabe Sevadilha com mantilha.

D.G. Aquella que lá vem, não he Sevadilha?

Simic. Pelo cheiro assim me parece.

D.G. Que novidade he essa, Sevadilha? Tu só por aqui?

Sevad. Que ha de ser? A mayor desgraça do mundo.

D.G. Que? Morreo o velho!

Sevad. Isso então seria fortuna.

D.G. Pois que foy?

Sevad. Foy, que D. Tiburcio com a pena de se ver accommettido de tres mulheres, como vossa merce sabe, à vista das noivas, e do sogro, tomou tal paixão, que lhe deu esta noite huma colica, e está quasi indo-se por hum fio; e assim eu por huma parte, Fagundes, e o Galego por ambas, vamos a chamar o Medico. Adeos, que me não posso deter.

D.G. Espera.

Sevad. Não posso, que D. Tiburcio está morrendo por instantes.

276 *Guerras do Alecrim,*

Simic. Não te canfes, que já o achas morto : ande cá, tenha feição, e faça palestra com os amigos.

D. G. Que faz Dona Cloris?

Sevad. Não me detenha, adeos.

Simic. Dize-me primeiro, que tal te pareci em trages de mulher?

Sevad. Não estou para isso, deixe-me hir, que estou depresso.

Simic. Ha tal pressa! Como se estivera alguém para morrer!

Sevad. Não vê, que vou acodir a esta grande necessidade.

Simic. Vai-te, filha; vai-te, não te sofras.

Sevad. Bem puderas tu pouparme essas passadas, e hir chamar hum Medico às carreiras.

Simic. Vay descansada, que eu chamarey o Medico.

D. G. Sim com muito gofio.

Sevad. Ora faça-me esse favor, e adeos.

Vaise.

D. G. Anda depresso, vay chamar o Medico.

Simic. Que Medico? Cuide n'outra coufa.

D. G. Isso he zombaria? Não permitta Deos, que o homem morra por nossa omiffão.

Simic.

Simic. Vamos, que eu, e vossa merce
havemos fer os Medicos na enfermida-
de de D. Tiburcio.

D.G. Eitás louco? Pois nós sabemos Me-
dicina?

Simic. Assim como ha Filosofia natural,
porque não haverá natural Medicina?

D.G. E se o doente morrer por falta de
remedio?

Simic. Mais depressa morrerá por muitos
remedios.

D.G. E que lhe havemos applicar?

Simic. Tudo o que não for veneno; por-
que o que não mata, engorda.

D.G. Isso he temeridade.

Simic. Vamos, Senhor, e Deos sobre tu-
do.

Sabe D. Fuas.

D.F. Espera, traidor D. Gil.

Simic. Ay, que isto he alguma espera!

D.G. Que me quereis, D. Fuas?

D.F. Que metais a mão a essa espada.

D.G. Para que?

Simic. He boa pergunta! Para que será?
He para fazer alfeloia magana.

D.F. Vereis, que sabe o meu valor cas-
tigar offensas de hum amigo desleal;
pois sabendo vós, que Dona Nize era
o idolo da minha veneração, chegastes
a pro-

278 *Guerras do Alecrim,*

a profanar o meu culto com os sacrilegos votos de vossos sacrificios, a quem suavisarão os odoríferos halitos da Mangerona.

Simic. Ahi cos diabos!

D. F. E assim metey a mão a essa espada, para que se conserve Dona Nize, ou segura no templo de meu peito, ou no de vosso coração.

Simic. Senhor, aqui não he lugar de desafios, vamos para Val de cavallinhos a jogar os couces.

D. G. D. Fuas, estais louco? Vede, que sem causa he a vossa queixa.

D. F. Não quero satisfações, vamos puxando.

Simic. Este homem vem puxado.

D. G. Pois para que vejais, que o satisfazervos não he temervos....

Sabe Fagundes com mantilha.

Fag. Cé, ah Senhor *D. Fuas,* huma palavrinha depressa, que importa.

D. F. Aquella he Fagundes; que me querera? Esperay, *D. Gil,* em quanto fallo a esta mulher.

Simic. Senhor, não consinto, ou fallar, ou brigar.

D. G. Deixay mulheres, e brigay, que estou prompto a satisfazervos por este modo.

Fag.

Fag. Senhor, venha já depreffa.

Simic. Já vay, que quer aqui primeiro meter a espada pelo olho a hum amigo.

Fag. Ande senão voume.

D. F. Espera, que eu vou.

D. G. Briguemos, D. Fuas.

Simic. Vamos a isso, antes que se acabe a colera.

D. F. D. Gil, se tendes brio, esperay; que eu venho já. *Vay para Fag.*

Simic. Ora vá de seu vagar, que esta pendencia não he de cerimonia. Senhor D. Gil, abalemos com os cachimbos, que brigar com loucos he fer mais louco. *Vaise.*

D. G. Tomo o teu conselho. *Vaise.*

Fag. Sim Senhor, a casa está revolta; D. Tiburcio nos articulos da morte, e quasi moribundo; o velho banzando, e tudo banzeiro; e à vista disto póde vossa merce introduzir-se em casa o mais depreffa, que puder, em alguma fórma, que inventar a sua industria, e adeos.

D. F. Ouça cá.

Fag. Não posso, que vou à botica.

D. F. Pois essa ingrata de Dona Nize ainda....

Fag. Não estou para ouvir nada.

D. F. Espere, tome lá esses vintens pelo trabalho. *Fag.*

280 *Guerras do Alecrim,*

Fag. Mostre cá depressa.

D. F. Ora diga-me, pois Dona Nize....

Fag. N'outra occasião fallaremos, venha isso depressa.

D. F. Tome lá: mas diga-me, em quanto tiro a bolsa, essa falsa, essa cruel...

Fag. Ay, mostre cá, não me detenha.

D. F. Espere, que tenho o boldrié por cima da algibeira.

Fag. Pois Senhor, se a sua bolsa está aferrolhada, a minha lingua está ferrugenta.

Vaise.

D. F. Muito interesseira he esta velha! Mas aonde está D. Gil? D. Gil? Foy-se o cobarde; mas à fé de quem sou, que as não ha de perder comigo; e tu, ingrata Nize, hoje hirey a verte disfarçado; que à vista das tuas falsidades he justo, que me revista não só de outro habito, mas tambem de outro affecto.

Canta D. Fuas a seguinte

A R I A.

De hum amigo, e de huma ingrata
Offendido, e ultrajado?

Quem me dera ver vingado!

Oh não sey como ainda cabe

No meu peito tanta dor!

Mas fim cabe, porque as penas

Nos estragos repartidas

Pelas

Pelas bocas das feridas
Sahirá com mais vigor.

Vaise.

S C E N A V.

*Camera. Haverá huma cama, e nella estará
D. Tiburcio deitado, assistido de D. Lan-
serote, Dona Cloris, Dona Nize, e Se-
vadilha.*

D. L. **O** Que tarda este Medico!

Sevad. Não póde tardar muito; pois
me disse, que já vinha.

D. L. Como estais agora, meu sobrinho?

D. T. Depois que arrotey, acho-me mais
aliviado.

D. Niz. Vaso máo não quebra. *à part.*

D. Clor. Se fora cousa boa, não havia de
etcapar. *à part.*

D. L. Não sabeis quanto folgo com a vos-
sa melhora, pois me estava dando cui-
dado o enterro, e me podeis agradecer
a boa vontade, pois vos seguro, que
havia ser luzido; vós o verieis.

D. T. Outro tanto dezejo eu fazer a v.m.

Sabem D. Gil, e Simicupio vestidos de Medico.

Simic. Deo gratias.

D. L. Entrem, meus Senhores Doutores.

D. G. Em boa me meteo Simicupio! Eu
naõ

282 *Guerras do Alecrim,*

naõ sey o que hey de dizer. *à part.*

Simic. Qual de vossas merces he aqui o doente?

D. L. He este, que aqui está de cama.

Simic. Logo me pareceo pelos fintomas.

Sevad. Senhora, que são Simicupio, e *D.*

Gil. *para D. Clor.*

D. Clor. Bem os vejo : Nize, que te parece?

D. Niz. Que faz melhor effeito o teu Alecrim, que a minha Mangerona.

Sabem D. Fuas, e Fagundes.

Fag. Entre Senhor Doutor, aqui vem este Senhor, que tambem se entende muito bem.

D. F. Neste instante chego de fóra da terra, quando logo me chamou esta mulher, que viesse ver a hum enfermo.

D. L. Já era escuzado ; porém entre, e sente-se.

D. Clor. Nize, *D. Fuas* compete nas finezas com *D. Gil.*

D. Niz. Naõ me peza.

D. F. Aquelles são *D. Gil,* e *Simicupio;* estou ardendo! *à part.*

Simic. Ah Senhor, naõ vês a *D. Fuas* tambem como gente? *para D. Gil.*

D. G. Já sey.

D. T. Ay minha barriga, que morro! Acuda-me, Senhor Doutor. *Si-*

Simic. Agora vou a isso : ora diga-me ,
que lhe doe ?

D. T. Tenho na barriga humas dores muy
finas.

Simic. Logo as engrossaremos : e tem o
ventre tumido, inchado, e pullulante ?

D. T. Alguma coufa.

Simic. Vossa merce he casada, ou foltei-
ra ?

D. T. Porque, Senhor Doutor ?

Simic. Porque os sinaes são de prenhe.

D. L. Não Senhor, que meu sobrinho he
macho.

Simic. Dianteiro, ou trazeiro ?

D. L. Uy, Senhor Doutor ! Digo, que
meu sobrinho he varaõ.

Simic. De aço, ou de ferro ?

D. L. He homem, não me entende ?

Simic. Ora acabe com isso : eisaqui como
por falta de informação morrem os do-
entes ; pois se eu não especulara isso
com miudeza, entendendo que era ma-
cho, lhe applicava huns cravos, e se
fosse varaõ, humas limas ; e como já
sey, que he homem, logo veremos o
que se lhe ha de fazer.

D. L. Eisaqui como gosto de ver os Me-
dicos assim especulativos.

Simic. Pois o mais he asneira : diga-me
mais,

284 *Guerras do Alecrim;*

mais, ceou demasiadamente a noite passada?

D. T. Tanto como a futura; porque desde que se me acabaraõ as chouriças, que trouxe no alforge, me tem meu tio posto a paõ, e laranja.

D. L. Aquillo saõ delirios, Senhor Doutor.

Simic. Assim deve ser por força, ainda que naõ queira, pois conforme ao aforismo *Cum barriga dolet, cætera membra dolent.*

D. T. Naõ saõ delirios, Senhor Doutor, que eu estou em meu juizo perfeito.

Simic. Peyor, pois quem diz, que tem juizo, naõ o tem.

D. L. Senhor Doutor, o homem está alucinado, depois que huma fantasma, que sahio de huma caixa, o desancou; e sobre isso a grande pena, que tem tomado de humas moças, que aqui introduzio em casa, enganando-as, de cuja insolencia se me veyo aqui a mãy queixar, que era mulher de bem, ao que parecia.

Simic. Ella he muito criada de vossa merce.

D. T. Deixemos isso; o caso he, que a minha barriga naõ está boa.

Simic. Cale-se, que ainda ha de ter huma
ma

ma boa barrigada : deite a lingua fóra.

D. T. Ey-la aqui.

Simic. Deite mais , mais.

D. T. Não ha mais.

Simic. Essa bastará : he forte linguado !

Tem muy boa ponta de lingua ! Vejaõ
vossas merces , Senhores Doutores.

D. G. A lingua he de prata.

D. F. Humida está bastantemente.

Simic. Venha o pulso : está intermitente ,
languido , e convulsivo : ò menina to-
mou as aguas ?

Sevad. Ainda não veyo o aguadeiro.

Simic. Pergunto se o doente fez a mija ?

D. T. Nesta casa não ha ourinol.

Simic. Pois tome-as , ainda que seja n'u-
ma frigideira em todo o caso , *quia per
orinis optime cognoscitur morbus.*

D. L. Ah Senhores , grande Medico !

D. Niz. E D. Fuas como está melancoli-
co ! *para D. Cloris.*

D. Clor. Estará cuidando na receita.

Simic. Ora Senhores , capitulemos a quei-
xa. Este Fidalgo (se he que o he , que
isto não pertence à Medicina) teve hu-
ma colorica procedida de paixões inter-
nas ; porque o espirito agitado da repre-
sentação fantasmal , e da investida fe-
minil , retrahindo-se o sangue aos va-
fos

286 *Guerras do Alecrim,*

fos linfaticos, deixando exauridas as matrizes sanguinarias, fez huma revolução no intestino recto; e como a materia crassa, e viscosa, que havia nutrir o succo pancreatico, pela sua turgencia se achasse destituida do vigor, por falta do appetite famelico, degenerou em liquidos: estes pela sua virtude acre, e mordaz, vilicando, e pun- gindo as tunicas, e membranas do ven- triculo, exaltaraõ-se os saes fixos, e volateis por virtude do acido alcali- no, de forte, que fez com que o Se- nhor andasse com as calças na maõ to- da esta noite: *in calsis andatur, qui ven- tre evacuatur*, disse Galeno.

D. L. Eu naõ lhe entendi palavra.

D. T. Eu morro, sem saber de que.

Simic. Conhecida a queixa, votem o re- medio, que eu, como mais antigo, votarey em ultimo lugar.

D. G. Eu sou de parecer, que o sangrem.

D. F. Eu, que o purguem.

Simic. Senhores meus, a grande queixa, grande remedio; o mais efficaç he, que tome humas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retrocesso debai- xo para cima.

D. T. Como he isso de bichas nas meni- nas dos olhos?

Simic.

Simic. He hum remedio topico ; naõ se affuste , que naõ he nada.

D. T. Vossa merce me quer cegar?

Simic. Calle-se ahi ; quantas meninas to-
maõ bichas , e mais naõ cegaõ.

D. L. Calai-vos , sobrinho , que elle Me-
dico he , e bem o entende.

D. T. Por vida de D. Tiburcio , que pri-
meiro ha de levar o diabo ao Medico , e
à receita , que eu em tal confinta.

Ergue-se.

Simic. Deite-se , deite-se : o homem está
maniaco , e furioso.

D. L. Aquietai-vos , fois alguma criança?

D. Niz. Ora Senhores Doutores , já que
vossas merces aqui se achaõ , bem he ,
que os informemos , eu , e minha irmã ,
de varias queixas , que padecemos.

Simic. Inda mais essa ? Ora digaõ.

D. Clor. Senhor , o nosso achaque he taõ
semelhante , que com huma só receita
se pódem curar ambos os males.

D. Niz. Naõ ha duvida , que o meu acha-
que he o mesmo em carne , que o de
minha irmã.

Simic. Achaque em carne pertence à Ci-
rurgia.

D. Clor. Que como dormimos ambas , se
nos communicou o mesmo achaque ; e
assim,

288 *Guerras do Alecrim*;

assim , Senhor , padecemos humas an-
cias no coração , humas melancolias n'al-
ma , huma inquietação nos sentidos , hu-
ma travessura nas potencias ; e finalmen-
te , Senhor Doutor , he tal este mal ,
que se sente sem se sentir ; que doe
sem doer ; que abraza sem queimar ;
que alegra entristecendo , e entristece
alegando.

Simic. Basta , já sey , isso he mal Cupi-
dista.

D. L. O que he mal Cupidista , que nun-
ca tal ouvi ?

Simic. He hum mal da moda.

D. Niz. Que remedio nos daõ vossas mer-
ces ?

D. F. Eu dissera , que o oleo de Mange-
rona era excellente remedio.

D. G. O verdadeiro para essa queixa saõ
as fumaças do Alecrim.

D. F. Uy Senhor Doutor , a Mangerona
he hum excelente remedio.

D. G. Nada chega ao Alecrim , cujas ex-
cellentes virtudes saõ tantas , que para
numerallas naõ acha numero o algaris-
mo ; e naõ faltou quem discretamente
lhe chamasse planta bemdita.

D. F. Se entrarmos a especular virtudes ,
as da Mangerona saõ mais , que as da
erva santa.

Simic.

Simic. Daqui a polla no altar não vay nada.

D. F. A Mangerona he planta de Venus, de cujos ramos se coroa Cupido, e para o mal Cupidista não póde haver melhor remedio, que huma planta de Venus; pois se notarmos a perfeição, com que a natureza a revestio daquellas mimosas folhinhas, para que todo o anno sejaõ jeroglifico da immortalidade; aquelle suavissimo aroma, de cuja fragrançia he hidropico o olfato, ella he a delicia de Flora, o mimo de Abril, e a esmeralda no annel da primavera.

Simic. He verdete; não ha duvida.

D. Niz. Estou taõ contente! *à part.*

D. G. O Alecrim, Senhor, pela sua excellencia he titular na republica das plantas, cujas flores, depois de serem bella imitação dos çeruleos globos, saõ a doçura do mundo nos melifluos osculos das abelhas.

Simic. Toda via a materia he de *apicibus*.

D. G. Elle he a coroa dos jardins; o lenço vegetavel das lagrimas da Aurora; nas chammas he Fenix; nas aguas Rainha; e finalmente he o antidoto universal de todos os males, e a mais segura taboa da vida, quando no mar das queixas assopraõ os ventos inficionados; e

290 *Guerras do Alecrim,*

para prova deste systema repetirey traduzido em Portuguez hum Epigramma do Proto-Medico Avicena, Poeta Arabico.

S O N E T O.

Hum dia para Siques quiz amor
Huma grinalda bella fabricar,
E por mais que buscou, não pode achar
Flor do seu gosto entre tanta flor.
Desprezou do jasmim o seu candor,
E a rosa não quiz por se espinhar,
Ao gyrasol mostrou não se inclinar,
E ao jacintho deixou na sua dor.
Mas tanto que chegou Cupido a ver
Entre virentes pompas o Alecrim,
Hum verde ramo pretendeo colher;
Tu só me agradas, disse, pois em fim
Por ti desprezo, só por te querer,
Jacintho, gyrasol, rosa, e jasmim.

D. Clor. Viva o Senhor Doutor, eu quero as fumaças do Alecrim.

D. T. E morra o Senhor doente: ay minha barriga!

D. F. Se versos pódem servir de textos, escute huns de hum Antegonista desse Author a favor da Mangerona pelos mesmos consoantes.

SO-

S O N E T O.

Para vencer as flores quiz amor
Settas de Mangerona fabricar:
Foy discreta eleição, pois foybe achar
Quem foubesse vencer a toda a flor.
O jasmim desmayou no seu candor,
A rosa começou-se a espinhar,
No gyrafol foy culto o inclinar,
Ays o jacintho deu de inveja, e dor.
Entre as vencidas flores póde ver
Retirarse fugido o Alecrim,
Que amor para vingarse o quiz colher;
Cantou das flores o triunfo, em fim,
Nem os despojos quiz, por não querer,
Jacintho, gyrafol, rosa, e jasmim.

D. Niz. Viva o Senhor Doutor, eu quero
o remedio da Mangerona.

D. L. Não cuidey, que a Mangerona, e
Alecrim tinhaõ taes virtudes. Vejamos
agora o que diz o Senhor Doutor.

D. T. Que tenho eu com isso? Senhores,
vossas merces me vieraõ curar a mim,
ou às raparigas? Ay minhas barrigas!

Simic. Callado estive ouvindo a estes Se-
nhores da Escola moderna, encarecen-
do a Mangerona, e Alecrim. Não ha
duvida que *pro utraque parte* ha muy ner-
vosos argumentos, em que os Dou-
tores

292 *Guerras do Alecrim,*

res Alecrinistas, e Mangeronistas se fundão; e tratando Dioscorides do Mangeronismo, e Alecrinismo, assenta de pedra, e cal, que para o mal Cupidista são remedios inanes; porque tratando Ovidio do remedio *amoris*, não achou outro mais genuino contra o mal Cupidista, que o Malmequer, por virtude sympatica, magnetica, diaforetica, e diuretica, com a qual *curatur amorem*. Repetirey as palavras do mesmo Ovidio.

S O N E T O.

Essa, que em cacos velhos se produz
Mangerona miserrima sem flor,
Esse pobre Alecrim, que em seu ardor
Todo se abraza por sahir à luz.
Ainda que se vejaõ hoje a fluz
Desbancar nas baralhas do amor,
Cuido, que ellas o bollo haõ de repor,
Se não negro seja eu como hum lapuz.
O Malmequer, Senhores, isso fim,
Que he flor, que desengana, sem fazer
No verde da esperança amor sem fim.
Deixem correr o tempo, e quem viver
Verá, que a Mangerona, e o Alecrim,
As plantas beijaráõ do Malmequer.

Sevad. Viva, e reviva o Senhor Doutor,
e já

e já que he taõ bom Medico, peço-lhe me cure de humas dores taõ grandes, que parecem feitiços.

Simic. Dá cá as pulseiras. Ah perra, que agora te agarrey! Tu estás marasmódica, e impiamática. Ah Senhor, logo, logo, antes que se perpetue huma febre podre, he necessario, que esta rapariga tome huns Simicupios.

Sevad. Simicupios eu? He cousa, que abomino.

Simic. Eu desencarrego a minha consciencia, e naõ sou mais obrigado.

D. L. Ella naõ tem querer, ha de fazer o que vossa merce mandar.

Fag. Eu tambem sou de carne, tenho annos, e tenho achaques.

Simic. Pois cure-se primeiro dos annos, logo se curará dos achaques.

Fag. Naõ Senhor, que este achaque naõ he annual, he diario.

Simic. Se fora nocturno, naõ era máo. Pois que achaque he o seu, Senhora velha?

Fag. Que ha de ser? He esta madre, que me persegue.

Simic. Uy, vossé com esses annos ainda tem madre? E o que será de velha a senhora sua madre! Filha, isso naõ he madre, he avó.

Fag.

294 *Guerras do Alecrim,*

Fag. Talvez, que por isso tão rabujenta me persiga. E que lhe farey, Senhor Doutor?

Simic. A huma madre velha, que se lhe ha de fazer? Andar, ponha-lhe oculos, e muletas, e deixe-a andar.

D. L. Isto aqui he hum hospital, graças a Deos: só eu nesta casa sou saõ como hum pero, a pezar de duas fontes, e huma funda.

Simic. Oh ditoso homem, que vive sem males!

D. T. Senhores, o meu mal devia ser contagioso; porque depois da minha doença todos adoeceraõ. Ay minha barriga!

D. L. Pois em que ficamos?

Simic. Senhor meu, fallando em termos, o doente sangre-se no pé; vossa merce na bolsa; às senhoras suas sobrinhas tres banhos; à moça Simicupios; e a velha lancem-na às ondas, que está damnada.

Fag. Ay que galante coufa!

D. Clor. Eu não quero mais remedio, que os fumos do Alecrim.

D. Niz. E eu os da Mangerona.

Simic. Não seja essa a duvida, ainda que não sou desse voto, com tudo cada hum he senhor da sua vida, e se póde curar como quizer; lá vay a receita.

Canta

Canta Simicupio a seguinte

A R I A.

Si in medicinis
Te visitamus,
Non asniamus,
Sed de Alecrinis,
Et Mangeronis
Recipe quantum
Satis *aná.*

Credite mihi,
Qui sum peritus,
Non mediquitus
De cacaracá.

D. L. Esperem, Senhores, vossas merces perdoem, lá repartaõ essa ninharia entre todos, que eu naõ estou aparelhado se-naõ para hum.

Simic. Venha embora, que só este he o verdadeiro symptoma da Medicina. *Vaise.*

D. G. Ay Cloris, que quando o mal he de amor, só o morrer he remedio! *Vaise.*

D. F. Finjo que me vou, por ver se posso apurar a falsidade de Dona Nize. *Vaise.*

D. T. Mande-me cerrar este miombo, que vou entrando em hum suor copioso, abafem-me bem.

D. L. Aqui servia o meu capote: paciencia!

296 *Guerras do Alecrim,*

cia! vamo-nos, e deixemo-lo suar, ninguem lhe falle à mão. *Vaise.*

D. Clor. Vamos, Nize, a moralizar os extremos destes amantes, *Vaise.*

D. Niz. Tanto me importa, vamos a regar os nossos craveiros. *Vaise.*

Fag. O diabo de Simicupio temo, que me meta em hum chichello com seus ardís. *Vaise.*

Sevad. He para ver se o meu Malmequer tambem entra em restea. *Vaise.*

Sabe D. Fuas.

D. F. Já todos se foraõ. Quem me dera encontrar a esta tyranna, cruel, falsa, inimiga.

Sabe Fagundes.

Fag. D. Tiburcio fica a suar como hum cavallo. Mas ay! Quem está aqui?

D. F. Sou eu, Senhora Fagundes, não se affuste.

Fag. Senhor, que temeridade he esta? Vossa merce não vê, que ainda he luzquefusque? Como sem deixar anoitecer penetra estas paredes, aonde até o Sol entra às furtadellas?

D. F. Não reparey, que ainda era dia; pois no abyssmo de meu ciume sempre estou às escuras. Aonde está esta cruel Dona Nize?

Fag.

Fag. Estará no jardim.

D. F. Pois vamos lá, e de caminho quero me vá dizendo de meterme na caixa a mim, e a D. Gil.

Fag. Vamos, que eu lhe contarey o que foy; ande por aqui com pés de lã. Ay Senhor D. Fuas quanto me deve!

S C E N A VI.

Vista de quintal, em que houverão alguns alegretes; e huma capoeira, e vem D. Gil, e Simicupio descendo por huma corda.

D. G. **S**imicupio, deixa-me descer eu primeiro, para que se não quebre a corda com o pezo de ambos. *Desce.*

Simic. Agarre-se bem à corda, e deixe-se escorregar.

D. G. Ora já cá estou; mas eu não paro aqui, até encontrar com Dona Cloris.
Vaise.

Sabe D. Lanferote.

D. L. Este quintal he o meu divertimento, e encanto; hum homem aqui assentado, e tomando o fresco, não ha mayor regalo.

Simic. Agora já poderey descer afoitamente.

D. L.

298 *Guerras do Alecrim,*

D. L. Que he isto, que cahe sobre mim?
Quem me acode!

Ao descer Simicupio cahe sobre D. Lanferote.

Simic. Não he nada, escarranchei-me no
velho cuidando que era poyal; estou bem
aviado! *à part.*

D. L. Mas que vejo? A que d'ElRey, la-
drões!

Simic. Não o disse eu?

D. L. Ladrão, velhacaõ, tu descendo por
huma corda os altos muros de meu quin-
tal? Pois com essa mesma corda te ata-
rey de pés, e mãos, até que amanheça,
para entregarte à justiça.

Simic. He bem feito, já que eu mesmo
dey a corda para me enforcar.

D. L. Dá cá os braços.

Simic. Já está meu amigo? Querme abra-
çar?

D. L. Anda cá, ladrão, mostra cá os pul-
fos.

Simic. Não tenho febre.

D. L. Anda, que atado has de ficar.

Simic. Senhor, por sua vida, que me não
ate; basta o enleyo em que me vejo.

D. L. Dize, a que viste a este quintal?

Simic. Ora Senhor, ate-me muito embora,
mas não me aperte por isso.

D. L. Por isso he, que eu te aperto; has
de confessar a que viste. *Simic.*

Simic. Eu estou atado, não fey o que lhe
responda. *à part.*

D. L. Qual foy o fim, que aqui te trou-
xe?

Simic. A dar fim à minha vida, por dar
principio à minha morte por meyos desta
corda, que falsa me entregou nas
mãos de vossa merce.

D. L. Vieste roubarme, não he verdade?

Simic. Sim Senhor, mas foy a roubarlhe
as attentões.

D. L. Anda, ladraõzinho, para a capoei-
ra donde ficarás atado.

Simic. Para onde, Senhor?

D. L. Para a capoeira, até que venha o
Sol a ser testemunha do teu latrocinio.

Simic. Pois vossa merce quer encapoeirar-
me? Graças a Deos, que não sou cá ne-
nhuma gallinha, mas sabe porque falla?
porque me acha atado, quando não ha-
viamos jogar as cristas.

D. L. Anda, ladraõ, que aqui ficarás até
amanhecer. *Vaise.*

Simic. Ora criado Senhor Simicupio: já
sabemos, que isto he meyo caminho
andado para a forca; mas he bem feito,
que isto a mim me succeda. Que tinha
eu cá com D. Gil? Pois para que elle
fosse gallo, me vejo eu feito gallinha,
se

300 *Guerras do Alecrim,*

se bem que já podia ser frango pelo esfrangalhado; o magano estará a estas horas entre glorias, e eu entre penas; elle voando na esfera de amor, e eu de aza cahida na gema dos ovos.

Sabe Fagundes.

Fag. Que mais me falta para fazer? Eu já fiz a cama a todos; já fiz a sellada de rabos para cearmos; já temperey as gaitas para o gallego; já assey o fricassé; já cozi hum guardanapo; agora me falta deitar os arenques de molho, para ficar com as mãos lavadas. Ora sou humma tonta, esquecia-me o melhor, que he matar humma galinha para o doente, e mais trazia a faca na mão para isso.

Simic. Eu o estava dizendo; grande desgraça he ser hum homem galinha, pois até de humma mulher tem medo.

Fag. Mas confesso, que não sou para ver sangue, que logo desmayo; porém eu fecho os olhos, e meto a faca, que alguma ficará espichada.

Simic. Oh mulher! Deos te tire isso do pensamento.

Fag. Qual! Eu sou muito melindrosa, e fuzilanima; não tenho valor para matar humma formiga. Ora lá vay a Deos, e à ventura.

Simic.

Simic. Sem fallencia eu morro de morte gallinhal : não ha mais remedio , que fallar à velha ; mas se lhe fallo , he capaz de acordar o caõ do velho , que está dormindo , e encerrarme em parte mais apertada : não sey o que faça ; pois tal estou , que se a velha me mata , não tenho no corpo pinga de sangue para deitar.

Fag. Para que he cançar , eu não sou sanguinolenta.

Sabe Sevadilha.

Sevad. Fagundes , o Senhor está desesperado por vossé ; que faz ahí ?

Fag. Já que vieste , matarás huma galinha , que eu não me atrevo. *Vaise.*

Simic. Lá vem a Sevadilha : ora o certo he , que donde a galinha tem os ovos , ahí se lhe vão os olhos.

Sevad. Aborrece-me gente melindrosa ; vejaõ agora , que dó póde haver de matar hum animal ? Veraõ como eu faço isto brincando.

Simic. Não são bons brincos effes , Sevadilha ; mas se tu já me tens morto , para que me queres tornar a matar ?

Sevad. Ay que estamos em tempo , que fallaõ os animaes ! Este pela voz he *Simicupio.*

Simic.

302 *Guerras do Alecrim,*

Simic. Eu sou, que te fallo de papo; he o teu Simicupio, que está feito simigallo.

Sevad. Quem te meteo ahi?

Simic. O velho, por eu ser metedisso.

Sevad. Pois como foy?

Simic. Já me não lembra, que eu tenho memoria de gallo.

Sevad. Anda cá para fóra.

Simic. Não posso, sem tu me enxotares daqui.

Sevad. Como não pódes, se eu sey, que muito póde o gallo no feu poleiro?

Simic. Isso seria, se o velho me não desazara.

Sevad. Não sabes o bem que me pareces nessa capoeira! Estás guapo! Estás franca!

Simic. Sim, estou franca, porque estou feito gallo.

Sevad. Pois dá-me das tuas pennas para hum regalo.

Simic. Pois tu te regalas com as minhas pennas?

Sevad. Não, mas folgo de verte feito alma em pena.

Simic. Que fará, se souberas, que estou todo coberto de penas vivas? Ora anda, *Sevadilha*, tira-me de mais penas.

Canta

Cantaõ Simicupio, e Sevadilha a seguinte

A R I A A D U O

Sevad. Meu frangainho

Tupetudo

Como he galantinho!

Que lindo, que está!

Simic. Minha bella

Malfazeja,

Cahi na esparella,

Liberta-me já.

Sevad. Coitada da pila,

Pila, pila, pila,

Que te haõ de pilar.

Simic. Acode-me, filha,

Que estou ha meya hora

A cacarejar.

Ambos. Que triste cantar

He o cacarejar!

Sevad. Mas naõ te agastes,

Que eu vou-te a soltar.

Simic. Vem já, que naõ posso

Mais tempo penar.

Ambos. Que he pena, que he magoa,

Que huma ave de pena

Naõ possa voar.

Simic. Anda, deita-me pela porta fóra,
ainda que seja aos coices.

Vaise.

Sevad. Ora vamos.

Vaise.

Sabe

304 *Guerras do Alecrim,*

Sabe D. Fuas.

D. F. Para este quintal, ou jardim, ou o que for, me disse Fagundes viera Dona Nize a regar a sua Mangerona; mas em quanto ella não vem, me esconderey atrás deste canteiro de Alecrim, pois da Mangerona não quero auxilios, para encobrirme dos argentados esplendores da Lua, que tão clara se ostenta esta noite, talvez avisando-me na clara inconstancia de seus rayos a variedade de Dona Nize.

Esconde-se da banda do Alecrim.

Sabe D. Gil.

D. G. Grande temeridade foy a minha, pois sem avisar a Dona Cloris, me expuz a penetrar os quartos desta casa, com o perigo de me encontrar D. Lanferote; mas sem duvida Cloris virá a este seu jardim a namorar o seu Alecrim; e assim escondido nas sombras destas plantas Mas ay que he Mangerona! Perdoa, Cloris, que esta acção foy hum acaço, e não eleição.

Esconde-se da banda da Mangerona.

Sabe

*Sabem Dona Nize, e Dona Cloris cada huma
pela sua parte com aguadores na mão, re-
gando, e cantando o seguinte*

D. Niz. Sois no ceo de Flora,
Mangerona bella,
Naõ só verde estrella,
Mas luzida flor.

D. Clor. Alecrim florido,
Que de Abril na esféra
Sois na primavera
Fragrante primor.

Ambas. Esta pura neve,
Que tributa Flora,
Saõ risos da Aurora,
E lagrimas de amor.

R E C I T A D O.

D. N. Mas q̄ vejo? (rogante,
Ay de mim!) Quem ar-
Da Mangerona usurpa o ser fragrante?

D. G. Quê, ò Nize, escondido amãte espera
O Sol q̄ adoro nesta verde esféra? *Sabe.*

D. F. Pois traidor, como assim tyrãno intêtas,
Roubarme a Nize, q̄ meu peito adora?
Sabe.

E tu falsa inimiga. Mas ay triste,
Que mal a tanta pena a dor resiste!

D. Cl. É tu falso D. Gil, q̄ em torpe insulto
Tom. II. U Buf

306 *Guerras do Alecrim,*

Buscas a Mangerona amante occulto,
Deixa-me , fementido. . . .

D. G. Attende, ò Clori,
Que sem causa fulminas teus rigores,
Quando em puros ardores (abrazo.
Nas chammias do Alecrim feliz me

D. Niz. Sem motivo, *D. Fuas,* me criminas ;
porque eu firme. . . .

D. G. E eu constante. . . .

D. G. e D. Niz. Fiel te adoro, e te busco
amante.

A R I A A 4.

D. Gil. Attende, ò Clori, attende
Verdades de quem sabe
Ser firme em te adorar.

D. Clor. Suspende, infiel, suspende
Injurias de quem sabe
Já mais te acreditar.

D. Fuas. Nize ingrata, infiel amigo,
Cesse a barbara indecencia,
Que a evidencia
Naõ se póde equivocar.

D. G. e D. N. Pois tu só querida prenda,

D. F. e D. Cl. Já naõ creyo os teus enganos,

D. G. e D. N. Nas purezas de meu peito
Felizmente vivirás,

D. F. e D. Cl. Nos rigores de meu peito
Teu castigo encontrarás.

Todos.

Todos.

Mas, ò cego amor tyranno,
Como posso em tanto damno
Teu estrago idolatrar?

Sabe Fagundes.

Fag. Já acabaraõ de cantar? Pois agora
entrem a chorar.

D. Clor. Porque, Fagundes?

Fag. Porque o Senhor seu tio diz, que lo-
go vem ao quintal, affirmando, que ha
ladrões em casa, e diz, que se não ha
de deitar esta noite, ainda que faça rosa
divina.

D. G. Aonde estará Semicupio?

Fag. Não apparece; Senhores, escondaõ-
se, e não digaõ ao depois, que duro foy,
e mal se cozeu.

D. Niz. Metaõ-se nesta capoeira entre
tanto.

D. G. E que remedio, já que Semicupio
não apparece?

D. F. A necessidade sabe unir a quem se
dezeja separar. Nize cruel, eu me es-
condo na capoeira, que só o lugar das
penas he o centro de hum amante infe-
liz.

Mete-se na capoeira.

D. G. Quem serve a Cupido, às vezes he
leão, às vezes gallinha.

Mete-se na capoeira.

308 *Guerras do Alecrim,*

Fag. Ah Senhores não me esmaguem os ovos de huma gallinha, que ahi está de choco.

Sabem D. Tiburcio, e Sevadilha.

Sevad. Senhor, não me perfiga: olhem o diabo do homem!

D. T. Ahi no quintal te quero. Mas aqui está Cloris, e Nize, remediarey o negocio. Esta moça faz zombaria de mim; deixa-me tu cazar, que eu te porey a caminho.

D. Clor. Que he isso, Primo? Como estando doente, e tão perigoso, vem a estas horas ao sereno?

D. T. Que ha de ser, se vossés não sabem ensinar esta rapariga, pois nada lhe digo, que não faça as aveffas? De sorte, que me fez vestir, e sahir atrás della, como desesperado das perrices que me faz.

D. Niz. Tu não queres, Sevadilha, senão fer descortez a meu Primo?

Fag. Vossas merces não querem crer, que se ha de fazer desta moça a peste, fome, e guerra.

Sevad. Para que estamos com arcas encoiradas? O Senhor D. Tiburcio anda-me ao sucario, e não me deixa huma hora, nem instante.

D. T.

D. T. Calte, mentirosa.

Fag. Isso tem ella, que levanta hum testemunho, como quem levanta huma palha.

D. Clor. Não nos importa essa averiguação; só digo, Senhor D. Tiburcio, que parece muito mal estar vossa merce aqui com nosco a estas horas, e que póde vir meu Tio, e acharnos com vossa merce; que supposto seja primo, e com tentações de noivo, sempre o recato, e decencia se deve conservar; e assim lhe pedimos em cortezia se vá para o seu quarto.

Sevad. Ande, vá despejando o beco.

D. T. Nem eu quizera, que meu Tio me achasse aqui por nenhum modo. Mas coitado de mim, que elle lá vem! Tomara, que me não visse.

Sevad. Pois esconda-se nessa capoeira.

D. T. Dizes bem.

D. Clor. Estás louca, Sevadilha? Meu Primo ha de-se lá meter n'uma capoeira? Isso não.

D. T. Não importa, que para conservar o seu recato me meterey na parte mais immunda.

Entra na capoeira.

D. Niz. Estamos perdidas, que lá se encontra com os dous! Que fizeste, maldita?

Sevad.

310 *Guerras do Alecrim*;

Sevad. Eu bem sey o que fiz : veraõ que peça lhe prego.

D. G. Este deve ser Simicupio. Es tu Simicupio?

D. T. Qual Simicupio ? Sou huma Simibala para elle : quem está aqui ? O' Sevadilha , abre-me a porta , que eu quero fahir , corra a agua por onde correr.

Sevad. Calle-se , que ahi vem o velho.

D. F. Que tal me succeda !

D. G. Estou tremendo !

D. Niz. e D. Clor. Estamos perdidas !

Sabem D. Lanserote com huma luz na mão , e Simicupio vestido de Ministro com vara na mão.

Simic. Naõ se affustem , minhas Senhoras , que isto naõ he mais , que huma diligencia.

D. L. Vossa merce poupou-me o trabalho de o hir procurar de manhã para lhe entregar hum ladraõ , que tenho prezo naquella capoeira.

Simic. A isso mesmo venho , que já tive quem disso me avisasse.

D. Niz. Que será isto ? *à part.*

D. Clor. Saõ infortunios meus. *à part.*

Fag. Démos com o pé na peva. *à part.*

Sevad. Folgo por amor de D. Tiburcio.

à part.

Simic.

Simic. Hoje todos haõ de mamar o chasco, que a ninguem me hey de dar a conhecer. Ora, meu Senhor, como foy este caso?

D. L. Supponha vossa merce, que acabada huma junta de Medicos, que vieraõ assistir a meu sobrinho, sendo já quasi noite, estando eu assentado junto daquelle Mangerona, que naõ me deixará mentir, veyo descendo hum homem por huma corda, e cuidando que eu era poyal, me poz o pé no cachaco.

Simic. Isso foy o mesmo, que porlhe o pé no pescoco: naõ ha mayor desaforo!

D. L. Assustei-me, naõ ha duvida, quando me vi daquella sorte opprimido; mas tornando a mim, fuy sobre elle, e conhecendo que era ladraõ, o prendi nessa capoeira, donde a perspicaz diligencia de vossa merce saberá melhor obrar, do que eu fallar.

Simic. E como conheceo vossa merce que era ladraõ?

D. L. Pela cara, que era a mais horrenda, que meus olhos viraõ.

Simic. Estou já desenganado, que sou feyo.
à part.

D. L. Ande vossa merce, e verá.

Simic. Ah sô ladraõ, faya cá para fóra.

D. F.

312 *Guerras do Alerim*;

D. F. Vossa merce vem enganado, porque eu (*Sabe*) ha mayor desgraça! sou hum homem bem nascido.

Simic. He D. Fuas; quem me dera ver a D. Gil, que he o que cá me traz. *à part.*

D. L. Senhor, este não he o ladraõ, que eu encerrey.

Simic. Já se vê, que este não he taõ feyo, como vossa merce diz; vejamos se está lá mais algum? Oh cá está mais outro; *venite ad cam para fóram.* Ay que he D. Gil! Já estou descançado. *à part.*

D. L. Tambem não he este o ladraõ, que eu aqui encerrey.

D. G. Claro está, que não sou eu, pois eu graças a Deos não necessito de furtar.

D. L. E que faziaõ vossas merces aqui, se não eraõ ladrões?

Simic. Essa inquiriçaõ me pertence a mim, que sou juiz privativo desta causa; e vossa merce, meu amo, não se costume a mentir aos Ministros de vara grossa, dizendo-me, que o ladraõ era feyo, e horrendo, quando vemos, que estes Senhores saõ muy bem estreados.

D. L. Senhor Juiz, por vida minha, que era o mais feyo homem, que vi em meus dias.

Simic. Calle-se, não minta, que o hey de mandar carregar de ferros. *D. L.*

D. L. Ora Senhor, torne vossa merce a ver a capoeira, que assim como achou dous, que eu não meti, talvez que ache o que eu encerrey.

Simic. Já não tenho mais que buscar.

D. L. Faça-me esse gosto, que póde lá estar ainda mais algum.

Sevad. Isto que se perde? Veja, Senhor Doutor.

Simic. Bem sey que vou de balde, mas eu vou: mas não, entre vossa merce, que me não quero encher de piolhos; ande, que lhe dou patente de quadri-lheiro.

D. L. Eu vou, que quero agora apurar este enigma. Ay que elle aqui está! Não o disse eu?

Simic. Traga-o cá para fóra.

D. L. Eilo aqui. Mas que vejo! Não fois vós, meu sobrinho?

D. T. Eu sou por meus peccados.

D. L. Eu estou besta em besta.

Simic. Este sim, que he o ladraão, que tem horrendissima cara; todos tres venhão comigo.

D. Niz. Ay D. Fuas, que estou sem alma!

à part.

D. Glor. Ay D. Gil, que estou sem vida!

D. L. Senhor, advirta, que este he meu sobrinho.

Simic.

314 *Guerras do Alecrim;*

Simic. Por ser seu sobrinho, não póde ser ladraõ?

D. L. Senhor, elle mal podia descer pela corda, pois estava doente de cama.

Simic. Pois acaso elle dorme na capoeira?

D. L. Não Senhor.

Simic. Se não dorme, que fazia nella feito *socius criminis* destes dous machacazes?

D. L. Sobrinho, a que viestes à capoeira?

D. T. Eu Senhor estando. . . .

Simic. Chiton, não me usurpe a jurisdicção; já disse, que estas averiguações só a mim me pertencem: vamos andando *ad cagarronem*.

D. L. Não importa; hida sobrinho, que Deos he grande.

D. T. A minha innocencia me livrará.

D. L. Como he a sua graça, meu Senhor?

Simic. O Bacharel *Petrus in cunctis*, Juiz de fóra daqui com alçada na vara até o ar.

D. L. Pois Senhor Bacharel *Petrus in cunctis*, saiba vossa merce de caminho, que tambem me furtaraõ hum capote de C,aragoça em muito bom uso.

Simic. Capote de C,aragoça he caso de devassa: notificadõs vossas merces todos para que em amanhecendo venhaõ jurar a minha casa sobre este furto.

D. L.

D. L. E aonde mora vossa merce?

Simic. Junto a hum D. Gilvás, que mora. . . .

D. L. Já sey, eu perguntarey.

Simic. Pois lá estará quem lhe responda.

D. G. Ay, que he Simicupio! Agora reparo, já estou sem susto. *à part.*

Simic. Vamos: à manhã todos a minha casa, sobpena de prizaõ. *Vaise.*

D. F. Ay Nize, que as tuas falsidades me pozeraõ neste estado! *à part. e vaise.*

D. T. Tio, trate logo de soltarme. *Vaise.*

D. G. Quem não deve, não teme. *Vaise.*

D. L. Que mal socegarey esta noite, indo prezo meu sobrinho, e não apparecer o ladraõ que eu premdi: não ha homem mais desgraçado! *Vaise.*

D. Niz. Tal estou de sentimento, que até me faltaõ as lagrimas para o alivio. *Vaise.*

Fag. Eisaqui os Alecrins, e Mangeronas: coufas de ervas he para bestas. *Vaise.*

Sevad. E de que escapou Simicupio! Tambem alguma alma boa rezou por elle. *Vaise.*

D. Clor. Ay D. Gil, que a tua desgraça ferá a causa de minha morte! *Vaise.*

S C E N A VII.

Sala, em que haverá hum bofete, tinteiro, papel, penna, e cadeiras; e sabem D. Gil, e Simicupio vestido ainda de Juiz.

D. G. **N**Aõ te perdoo o susto, que me fizeste levar.

Simic. Nem eu o chasco da capoeira, que me fez soffrer.

D. G. E agora, que determinas com essa devassa, que queres tirar?

Simic. Logo verá.

D. G. E porque não soltas a D. Fuas, e a D. Tiburcio, que estão fechados naquelle quarto escuro?

Simic. Não poderey tambem ter meus segredos, sem que ninguem o saiba? O certo he, que como os trouxemos às escuras, entendem fixamente, que estão em rigorosa prizaõ. Mas ahi vem gente, e vossa merce faça vezes de Escrivaõ.

D. G. Ahi parou huma sege: se seraõ ellas?

Simic. Lá está quem as ha de encaminhar; *sedete*, que ahi vem subindo a primeira testemunha.

Sabe

Sabe D. Lanferote.

D. L. Senhor, aqui estamos todos à ordem de vossa merce.

Simic. Venhão entrando hum a hum.

D. L. Pois, Senhor, lembre-se do meu capote.

Simic. Eu já tenho tomado isso a mim; vá descansado, que eu puxarey bem pela justiça, e farey quanto ella der de si.

D. L. Não tenho mais que dizer. *Vaise.*

D. G. Homem, tu me tens attonito com as tuas industrias!

Simic. Bem he que as reconheças: ah Senhor, esteja de meyo perfil, para que o não conheça *D. Nize*, que lá vem.

Sabe D. Nize.

D. Niz. Venho morta: nunca em tal me vi!

Simic. Huma vez he a primeira: sente-se minha Senhora, desabafe-se, supponha, que está em sua casa.

D. Niz. Ay Senhor, não sey, que respeito infunde a cara de hum Juiz, que faz titubear o mais valente coração!

Simic. E mais eu, que pareço hum Papi-niano aflanhado! Diga o seu nome; vá lá escrevendo, Senhor Escrivão.

D. Niz. Chamo-me *D. Nize Sylvia Rufina Fabia Lizarda Laura Anarda*, e

Simic.

318 *Guerras do Alecrim,*

Simic. Basta, Senhora, e póde vossa merce com todos esses nomes?

D. Niz. Ainda faltaõ quatorze.

Simic. Visto isso he vossa merce a mulher mais nomeada que ha no mundo. Que idade tem?

D. Niz. Quinze annos escassos.

Simic. Liberal andou a natureza: em taõ poucos annos tanta perfeiçaõ! E do costume?

D. Niz. Naõ entendo.

Simic. Ponha lá, que do costume jejua. Sabe quem furtou aquelle capote ao Senhor seu tio?

D. Niz. Presumo, que foy hum criado de D. Gil, que entrou disfarçado a vender Alecrim.

Simic. Tenho largas noticias desse criado, e me dizem, que he ardiloso *quantum satis*.

D. Niz. Isso he pasmar!

Simic. E sabe se aquelles homens da capoeira seriaõ ladrões?

D. Niz. Naõ Senhor, porque hum era D. Gil, e outro D. Fuas, que ambos...

Simic. Diga, naõ se faça rubicunda.

D. Niz. Senhor, os ditos homens vieraõ por causa de amor; e como veyo meu tio, se esconderaõ na capoeira.

Simic.

Simic. Rapaziadas. Ora ande , vá-se ahi para dentro , e não faça outra : seja fizada , e virtuosa , que assim manda o direito , *honestè vivere.*

D. Niz. A' obediencia de vossa merce.

Vaise.

D. G. Homem , acabemos com isso , venha Dona Cloris , por quem estou suspirando.

Sabe Fagundes.

Fag. Muito bons dias , meu Senhor.

Simic. Chegue-se para cá ; olhe para mim , vossa merce a meu ver tem cara de testemunha falsa , ou eu me enganarey.

Fag. Serey o que vossa merce quizer.

Simic. Como se chama?

Fag. Ambrosia Fagundes Birimboa Franchopana e Gregotil.

Simic. Isso são nomes , ou alcunhas?

Fag. Será o que vossa merce for servido.

Simic. Casada , ou solteira?

Fag. Nem casada , nem solteira , assim , assim.

Simic. Assim como?

Fag. He que tenho o marido no Brasil ha quarenta e sete annos.

Simic. De que annos casou?

Fag. De quarenta justos , que os fuy fazer à porta da Igreja.

Simic.

320 *Guerras do Alecrim,*

Simic. Que annos tem?

Fag. Vinte e cinco bem puxados.

Simic. Não he nada, casou de quarenta, tem o marido no Brasil ha quarenta e sete annos, e diz que tem vinte e cinco de idade! Vá-se dahi bebada, falsaria, que a hey de amarrar a huma escada, e deitalla por essa janella fóra.

Fag. Eu não sey contar, senão pelos dedos: ouça vossa merce, que eu quero dar a minha quartada.

Simic. A quartada dey eu; ande, não cuide que se ha de lavar com huma bochecha d'agua; vá-se para dentro.

Fag. Eu vou rebolindo.

Vaise.

D. G. Acaba já com isso.

Sabe Sevadilha.

Sevad. Sou criada de vossa merce.

Simic. Ay, que já a justiça começa a abrir os olhos para ver a Sevadilha! Eu encosto a vara, que estou varado. Menina, como he o seu nome?

Sevad. Sevadilha sem mais nada.

Simic. Que annos tem?

Sevad. Sete muy fanados.

Simic. Só sete? Não fois má cartinha para hum sete levar. Casada, ou solteira?

Sevad. Estou para cazar com hum criado daqui do seu visinho D. Gil, que ainda

da que feyo, he muy carinhoso.

Simic. Esse foy o que furtou o capote a teu amo?

Sevad. Esse mesmo.

Simic. Logo he ladraõ ?

Sevad. He o vicio, que tem, que se naõ fora isso, era hum moço perfeito.

Simic. Ay Sevadilha, que esse ladraõ...

Sevad. Que tem, meu Senhor?

Simic. Nada, nada: e por hum triz, que naõ deponho a judicatura, e perco o juizo: affina-te aqui em branco, que eu estou pelo que differes.

Sevad. Eu naõ sey escrever.

Simic. Porém sabes muita letra: vaite ahi para dentro. A rapariga me poz a ver jurar testemunhas.

Sevad. Eu já vi huma cara, que se parecia com a deste Juiz. *Vaise.*

Simic. Entre quem falta.

D. G. Resta Dona Cloris; Simicupio, perdoa que hey de fallarlhe.

Simic. Faça o que lhe digo, e naõ tenha graças comigo.

D. G. Como estás inchado!

Simic. Se queres ver o villaõ, mete-lhe a vara na maõ.

Sabe Dona Cloris.

D. Clor. Senhor Juiz, logo declaro, que

322 *Guerras do Alecrim,*

eu de furtos não sey nada, e só que D. Gil foy hum dos da capoeira, e está innocente, porque. . . .

D. G. Porque foy preciso obedecerte, querida Cloris. *Levanta-se.*

D. Clor. Que vejo! D. Gil? Cobre alentos o meu coração.

D. G. Não te admires dos successos de meu amor, que os influxos do teu Alecrim sabem triunfar dos mayores impossiveis.

Simic. Aliás, que hum Simicupio sabe fazer possiveis as mayores difficuldades. Ahi tem, Senhor D. Gilvás, o feu bem de portas a dentro: tenho cumprido a minha palavra, e se não está bem servido, busque quem o faça melhor.

D. Clor. Huma vez, que me vejo em tua casa, não porey mais em contingencias a minha fortuna.

Simic. Isso mesmo; quem disse casa, casa. *Sabe D. Lanferote.*

D. L. Que he isto, Senhor Doutor? As testemunhas vem, e não tornaõ?

Simic. Já está concluida, e sentenciada a devassa.

D. L. Quem saõ os culpados?

Simic. As Senhoras suas sobrinhas, que saõ humas finas ladras.

D. L.

D. L. Minhas Sobrinhas ladras? De que sorte?

Simic. Desta sorte; vamos sahindo cá para fóra:

Vay Simicupio trazendo a todos para fora, e diz o seguinte.

Porque vistos estes successos, consta, que a Senhora Dona Nize furtou o coração do Senhor D. Fuas, e a Senhora Dona Cloris o de D. Gil; e assim he de razão, que lho restituão, casando com elles; porque no matrimonio se entregão os corações com as vontades.

D. F. Em cumprimento da sentença, eu a executo pela minha parte igualmente alegre, e admirado desta rara invectiva de Simicupio.

D. Niz. He de justiça esta acção: que alegria!

D. G. Dona Cloris, dame o coração, que me tens, na mão que te peço.

Simic. Isto he fallar com o coração nas mãos. Senhora Dona Cloris, case-se, mas não se arrependa.

D. Clor. Senhor D. Gil, o meu coração lhe entrego, em recompensa do que lhe roubey, se acaso he furto, o que se dá por vontade.

Simic. D. Tiburcio tenha paciencia, e

324 *Guerras do Alecrim,*

pague as custas de premeyo com o Senhor D. Lanferote, já que foraõ taõ basbaques, que se deixaraõ enganar de mim. Simicupio, tantos de tal mez, &c.

D. T. Senhor tio, seja-lhe para bem, que aqui já não ha para onde appellar.

D. L. Nem eu me posso aggravar, quando o matrimonio he o ditoso fim destes excessos.

Sevad. Quem casa a tantos, porque le não casa a si?

Simic. Não me falles em remoque; já sey, Sevadilha, que queres casar comigo; e pois a sentença passou em cousa julgada, demos as mãos, e a boa vontade.

Sevad. Oh discreta mão, que escreveo tal sentença!

Fag. E que ha de ser de mim, Simicupio, que neste negocio tambem dey minha pennada?

Sevad. Em vindo a frota, virá teu marido.

D. G. E pois te conseguí, galharda Cloris, publique a fama os vivas do Alecrim, que triunfou de tantos impossiveis.

D. F. Tende mão, que não he justo, que roubeis à Mangerona a parte, que lhe toca no applauso, que merece; pois à sombra de tuas folhas conseguistes muita parte da dita, que possuis.

Fag.

Fag. Isso he verdade; senão diga-o a esca-
da, e a caixa.

D. T. Foy boa caixa.

D. G. Que importa, que a Mangerona
abrisse os caminhos aos favores, se o
Alecrim serenava as tempestades na tor-
menta dos enleyos?

Simic. E senão diga-o tambem o fogo sal-
vaje, a Medicina, a Ministrice, e a
mãe de duas filhas.

D. T. Pois que vay, Senhor tio? He bi-
co, ou cabeça?

D. L. Paciencia por força.

D. Clor. Não se póde negar, que venceo
o meu Alecrim, pois elle tocou a mé-
ta, pondo fim a nossos desejos.

D. Niz. A Mangerona só merece applau-
sos, porque deu principio a este fim.

Simic. Então, visto isso, venceo o Mal-
mequer, pois elle foy o meyo entre o
principio da Mangerona, e o fim do
Alecrim.

Sevad. Pois viva o Malmequer.

D. G. Tenho dito, venceo o Alecrim.

D. T. Se a efficacia das razões não basta a
convencervos, esta espada tará confes-
sar o triunfo da Mangerona.

Simic. Deixe estar a folha, que as da Man-
gerona não são o Alcorão de Mafoma,

326 *Guerras do Alecrim,*

para que se defendaõ à ponta da espada; e pois estou feito Juiz, pela authoridade, que tenho, declaro, que ambas as plantas venceraõ o pleito, pois cada huma fez quanto pode; e para que se acabem essas guerras do Alecrim, e Mangerona, mando, que os dous ranchos façaõ as pazes, e se ponha perpetuo silencio nesta materia, sobpena de serem assumptos de minuetes, e andarem por boca de Poetas, que he peyor que pelas bocas do mundo.

Todos. Pois viva o Alecrim, e viva a Mangerona.

Simic. E viva todo o bicho vivo.

D. L. Vivamos todos, meu Sobrinho.

D. T. Essa he a verdade.

Simic. E como naõ ha triunfo sem acclamação; em quanto o Coro naõ principia a festejar este applauso, corremos esta obra, com as ramas da Mangerona, e Alecrim.

C O R O.

D. Niz. e D. F. Viva a Mangerona
Perpetua no durar.

D. Clor. e D. G. Viva o Alecrim
Feliz no florecer.

e Mangerona.

327

Todos.

Viva a Mangerona
Viva o Alecrim,
Pois que hum soube vencer,
E a outra triunfar.

D. Niz. e D. F. No templo de Cupido
Troféo de amor será.

D. Clor. e D. F. Nas aras da fineza
Em chammas arderá.

Todos.

Viva a Mangerona,
Viva o Alecrim,
Pois que hum soube vencer,
E a outra triunfar.

E I M.

AS VARIÉDADES
 DE
 PROTEO,
 OPERA QUE SE REPRESENTOU
 no Theatro do Bairro Alto de Lisboa,
 no mez de mayo de 1737.

ARGUMENTO.

*S*endo Polibio cabeça de huma parcialidade, que em Egypto se fulminou sobre a deposição de hum Monarca daquella Coroa; prevalecendo o poder contrario, foy preciso a Polibio retirar-se com huma filha unica chamada Cyrene, e chegando a Beocia, por caminhar mais occulto, deixou em huma rustica Aldea daquelle Paiz a Cyrene, até que achasse seguro porto a sua errante fortuna. Chegando a Flegra, Cidade do Archipelago, foy recebido del Rey Ponto, com distincão nas estimações; mandando o outra vez a Beocia para conductor da filha daquelle Monarca, tambem chamada Cyrene,

pa-

para Esposa de Nereo seu filho. Em Beocia soube Polibio ser fallecida de pouco aquella Princeza, por cujo motivo, incitado Polibio da ambição de ver coroada sua filha, dissimulando a embaixada, a conduzio a Flegra para esposa de Nereo, affirmando ser a filha del Rey de Beocia.

No mesmo tempo chegou Dorida, ou Doris, filha del Rey de Egnido, para esposa de Proteo, tambem filho del Rey Ponto; porém inflammando Proteo excessivamente na formosura de Cyrene, valendo se das variedades da sua forma (privilegio, que lhe concederaõ os Deoses) intentou com extremos persuadir-lhe o seu amor, que impedindo-lhe Polibio na brevidade, que intentava do Hymenêo de sua filha, Proteo o quiz matar, cujo golpe casualmente recebeo Cyrene, procurando impedillo; e sendo achado o punhal na mão de Polibio, foy condemnado ao sacrificio de Astrêa; e para mostrar a sua innocencia, e evitar a victima da sua vida, foy preciso a Cyrene declarar, que Polibio era seu pay. Vendo Nereo o engano, levado da altivez do seu genio, repudiou a Cyrene, a quem recebeo Proteo, estimando como fortuna o mesmo engano; ficando Dorida para esposa de Nereo, e ambos satisfeitos na mudança das esposas.

Servem de Episodio a esta obra as Variedades, e transformações de Proteo, para conseguir os favores de Cyrene.

INTERLOCUTORES.

- Cyrene*, *Reputada Princeza de Beocia, destinada para esposa de Nereo.*
Dorida, *Princeza de Egnido, destinada esposa de Proteo.*
Proteo. } *Filho del Rey Ponto.*
Nereo. }
Ponto, *Monarca de todo o Archipelago.*
Polibio, *Pay encuberto de Cyrene.*
Marefia, *Criada de Dorida.*
Caranguejo, *Criado de Proteo.*

A Scena se representa em Flegra.

SCENAS DO I. ACTO.

- I. *Selva, e mar, com ponte.*
 II. *Gabinete.*
 III. *Bosque, e montanha.*

SCENAS DO II. ACTO.

- I. *Sala.*
 II. *Gabinete.*

SCENAS DO III. ACTO.

- I. *Jardim.*
- II. *Sala.*
- III. *Templo de Astrêa.*

PARTE I.

SCENA I.

Porto de mar, em que haverá huma ponte, onde chegarão escaleres para o desembarque de Dorida, que o fará pela ponte acompanhada de Proteo, e nella estará Ponto, Caranguejo, e mais Criados; e antes disto apparecerá huma não à vela: e ao mesmo tempo passará hum coche pelo Proscenio do Theatro, que será de Selva, e nelle virá Cyrene, e Polibio, e recolbendo-se, sabirão os mesmos. Tudo se executará em quanto se toca a Sinfonia, e cantão alternadamente os Córros.

C O R O.

1. Coro. **E**M hora ditosa
Venha Cyrene,
2. Coro. **E**M hora festiva
Dorida venha.
1. Coro. A ser de Nereo,
2. Coro. A ser de Proteo,
Ambos. Esposa feliz.
1. Coro. Os prados com flores,
2. Coro. Com perlas os mares,

Ambos. Os Sceptros esmaltem
De eterno matiz.

Rey. Huma, e muitas vezes repitaõ as Náyades dos bosques, e as Ninfas do mar o suave Melibco de alternados vivas, para que se eternizem os applausos no mar, e na terra, ao mesmo tempo que se multiplicaõ as felicidades em ambos os elementos. Em hora festiva, e ditosa, tornem a repetir, que sejaõ bem vindas à minha Corte de Flegra as illustres Princezas de Egnido, e Beocia, para que nas regias nupcias de meus filhos Proteo, e Nereo, se perpetue a semideia estirpe das maritimas Deidades.

Cyren. Já que a fórte me destinou, ò excelso Ponto Monarca do Archipelago, às fortunas de esposa de Nereo, com a gloria de filha tua, não invejo o throno de Juno, nem os dominios de Thetis.

Nereo. Nem eu, ò Cyrene, com essa belleza o Solio de Jove, e o liquido Imperio de Neptuno.

Rey. Cyrene, quando em hum só dia se encontraõ tantas felicidades, sejaõ mudos intepretes de meu alvoroço os internos jubilos do coração. E tu, soberana
Do-

Dorida, vem a meus braços, em quanto nos de Proteo te não enlaça amor no mais ditoso Hymenêo.

Dorid. Os vinculos, com que amor me enlaça em Proteo, primeiro serãõ cadeas de minha escravidão, que voluntaria offereço a Vossa Magestade, a quem já respeito como pay, e venero como Senhor.

Proteo. Ay de mim, que só eu na mayor ventura sou o mais infeliz! *à part.*

Rey. Proteo, sem duvida, que o prazer deste dia se faz inexplicavel nas tuas vozes, notando no teu silencio a tua suspenção.

Proteo. Pois com effeito Dorida vem destinada para esposa minha, e Cyrene para meu irmão Nerêo?

Rey. Essa pergunta parece ociosa, pois antes do transporte das Princezas já estava destinada Cyrene para Nerêo, e Dorida para esposa tua.

Proteo. Não tem remedio o meu tormento. *à part.* Poderia ser, Senhor, que mudasses o primeiro intento, achando, que as riquezas de Egnido seriaõ mais convenientes a Nerêo, como mais moço; e que a mim me sobrava o pequeno patrimonio de Beocia; que a minha

vontade não se rege por outro imperio,
que o do teu preceito.

Carang. Adeos minhas encomendas : Proteo,
não he nada , ora escutemos. *à p.*

Nereo. Enganas-te, Proteo , na ambição,
que me suppoens nas riquezas de Egnido,
pois estimo tanto a Cyrenne Princeza
de Beocia , que a julgo inseparavel do
seu estado ; que o regio sangue de seus
progenitores a faz digna de mayor Im-
perio , e a mim me inhabilita para ou-
tro desejo ; e tanto que a ser menos re-
gia , e mais opulento o seu estado , a
não recebera esposa.

Polibio. Que ouço ! Grande arrojo foy o
meu ! *à part.*

Carang. Proteo todavia parece , que de-
seja alborcar a noiva ; pois eu não tro-
carey huma coufinha , que lá vejo , nem
por quantas Princezas tem a Berberia *à p.*

Rey. Principes , a sorte está lançada : Cy-
rene he de Nereo , Dorida de Proteo ;
e Polibio , que conduzio a Cyrene , ve-
nha comigo a receber as estimações , que
se devem à sua pessoa : e pois toda a Cor-
te impaciente nos espera com festivos
applausos , não dilatemos a nossa entra-
da.

Vaise.

Nereo. Vamos , formosa Cyrene. *Vaise.*

Cy-

Cyren. Polibio, não te apartes de mim hum instante. *Vaise.*

Proteo. Vamos, Dorida, vamos. Oh quem pudera trocar a sorte, se he sorte a que me acompanha! *à parte, e vaise.*

Dorid. O coração preságo não sey que me vaticina. *à parte, e vaise.*

Mares. Vou cambaleando, pois me parece que ainda estou no navio. *Quer irse.*

Carang. Espere, menina; donde se vay meter entre a barafunda das carroças? Deixe-se estar, que em vazando a maré, se embarcará na sua carruaje.

Mares. A mim me farão lugar em toda a parte.

Carang. Não vê a encangalhação, que lá vay? Vá, mas veja, que ha de suar bem para se meter na sua ettufa.

Mares. Parece que assim he: ora vossa merce viva mil annos pela advertencia.

Carang. Como poderey viver annos mil, se encontro mil mortes em cada olhadura de vossa merce?

Mares. Taõ máos olhos tenho eu, que dém quebranto?

Carang. Não são máos, pelo que são em vossa merce; mas sim pelo que sinto em mim.

Mares. Pois que sente?

Carang. Sinto-me muy aquebrantado.

Mares. Nunca vi dar quebranto em cou-
fa má.

Carang. Se as almas são coufa má, bem má
coufa sou eu; não pelo que tenho de
defalmado, mas porque toda a alma def-
fa formosura a tenho transferida em mim
amante Pythagorico de tua belleza.

Mares. Insolente, descomedido, que fra-
ze he essa de fallarme?

Carang. Não sey frazear melhor; e se ca-
da hum enterra seu pay como póde,
eu refuscito o meu amor como sey.

Mares. Para que se lhedesvaneça essa ten-
ração, faiba logo em continente, que
tenho feito a Diana hum voto solemne
de perpetua castidade.

Carang. Não por meu voto.

Mares. E assim espero, que esta seja a ul-
tima vez, que tal coufa ouça; porque o
meu voto não he coufa de brinco.

Carang. E quem votou nisso?

Mares. A minha devoção.

Carang. Pois antes queres ser casta, que
castiça?

Mares. Hey de ser solteira, para que em
mim se acabe a minha geração.

Carang. Vejaõ lá de que casta he ella? Pois
eu te armarey huma trempe, que tu te ve-

verás em sayas pardas : Ora diga, e não póde annullar esse voto ?

Mares. Está revalidado com trezentos juramentos.

Carang. Pois , filha , se não desfazes esse voto , terás todos a froxo para te sacrificarem.

Tocaõ os instrumentos do Coro.

Mares. Como he isso ?

Carang. Não he tempo agora de o saberes , pois a comitiva já se vay pondo em marcha.

Mares. Dize mais duas palavras : como he isso do sacrificio ?

Carang. Tu o saberás , anda depressa para o teu carrinho , que em Palacio to direy.

Canta o Coro.

S C E N A II.

Gabinete. Sabem Proteo , e Caranguejo.

Proteo. **D**Eixa-me , não me perfigas , que não ha mayor tormento para hum infeliz , que a privação do retiro.

Carang. Senhor Proteo , que mania he essa ? Ao mesmo tempo , que te vês propin-

pinquo a casar te vejo proximo a enlouquecer? Não esperavas com alvoroços a Dorida Princeza de Egnido? Não dizias muitas vezes lamentando nas costas do mar: [se he que o mar tem costas] vem querida Dorida, e se por falta de aguas encalhou o teu navio, as dos meus olhos te traráo ao reboque? Não andavas fazendo Sonetos a huma ausencia, e cantando minuets a huma saudade? Pois como agora depois de possuir o que desejavas, parece que não desejas o que possues?

Proteo. Tudo isso assim he; porém às vezes ha incidentes taõ fortes, que desflorem o mais firme pensamento.

Carang. Por ventura, ou por desgraça, não he Dorida muito bella, e senhora de hum Reino?

Proteo. Assim he.

Carang. Pois que mais desejas? O certo he, que dá Deos nozes a quem não tem dentes.

Proteo. Sabes tu o que he amor?

Carang. Oxalá que o não soubera tanto! Amor, ainda que mal pergunte, nos homens he o mesmo, que querer bem; nas bestas muares mormo; e nos outros animaes appetite.

Proteo. Pois como queres que não enlouqueça, se eu tenho amor?

Carang. Para que são esses terremotos, quando estás quasi propinquo a ter em teus braços a Senhora Dorida?

Proteo. Ay ! se souberas que mas não ; sepulte-se comigo a causa do meu tormento.

Carang. Se he por isso, diga-mo, que em mim ficará sepultado esse segredo.

Proteo. Bem sey, que não desmereces a estimaçãõ, que de ti faço; porém.

Carang. Porém que ? Com que estamos ?
Queres que to diga ?

Proteo. Não, não me prives da gloria de o pronunciar.

Carang. Isso he gloria do ceo da boca.

Proteo. Cyrene he a causa do meu tormento.

Carang. Não o disse eu? Oh como he certo o ditado da gallinha da minha vizinha!

Proteo. Confesso-te, que tal foy a violencia, com que me arrebatou a sua em tudo peregrina belleza, que não tive acordo para desmentir a inclinaçãõ: viste aquella perfeiçãõ, que immortalizando-se nas suas galhardias se fez adorar como Deidade? Viste aquelles olhos, que se adoptaraõ astros para adornar a esfe-

ra da sua formosura? Viste aquella neve, que derretida de melhor estrella, soube congelar os corações? Viste aquelle ondeado epilogo de luzes, em cujos annéis preza a memoria não se lembra de outra igual maravilha? Viste. . . .

Carang. Espere, Senhor, com quem falla? Isso he comigo?

Proteo. Sim, porque vejas se tem desculpa a minha loucura.

Carang. Agora vejo, que isso he loucura refinada. Eu por ventura vi nada disso, que dizes? Eu vi astros, estrellas, Deidades, nem luzes? Eu vi mais, que huma mulher, ou huma Princeza, que tudo he mulher, formosa sim, porém não agora lá cousa do sete estrello?

Proteo. Calte, nescio, que o teu genio grosseiro não sabe distinguir perfeições.

Carang. Eu cá no meu amor figo outra filosofia mais natural; a formosura cá para mim ha de ser clara, palpavel, que todos a entendaõ, como as pastoras do tempo antigo.

Proteo. Oh quanto invejo a fortuna de Nereo, e quanto temo, que este incendio, em que me abraço, consuma sacrilegamente os sacrificios de ambos os Hymeneos!

Carang. E que determinas com essa desordenada inclinação ?

Proteo. Deixar a Dorida , e pertender a Cyrene a pezar de todos os impossiveis.

Carang. E Nereo teu irmão , que dirá nesse caso ?

Proteo. Perdoe Nereo , que eu não posso reger a violencia da minha inclinação ; Numen superior parece que a domina.

Carang. Em quanto a Nereo , já não he a duvida ; porém Cyrene como ha de corresponderte , se he noiva , e Princeza ? e o fallarlhe em amor será crime de leza magestade.

Proteo. Tudo vence o tempo.

Carang. E se faltar o tempo ?

Proteo. Não faltaráõ os extremos , pois sou Proteo , que me saberey transformar em varias fórmãs , para possuir os favores de Cyrene.

Carang. Se não fora Cyrene Princeza ; te dissera , que te transformasses sempre em ouro , que he a melhor fórmula para atrahir.

Proteo. E não será defacerto participarte a mesma virtude de transformar , pelo que póde succeder.

Carang. Eu , Senhor ?

Proteo. Sim , tu.

Carang. Se eu sou capaz disso, já me começo a transformar na tua vontade, e me verás não só transformado, mas formado na faculdade amatoria; e ainda que sou Caranguejo, farey muito, que ande para diante o teu amor. *Vaise.*

Sabe Cyrene, e estará Proteo voltado com as costas para ella.

Cyren. Principe?

Proteo. Que ordenas, ò Princeza?

Cyren. Cuidey, que era Nereo.

Proteo. Já sey, que não ha mayor infelicidade, que ser Proteo.

Cyren. Porque?

Proteo. Porque sendo Nereo, tivera a fortuna de merecerte esse cuidado.

Cyren. Nereo, em quanto Nereo, não merece mais, que Proteo, em quanto Proteo; a qualidade de esposo, que está para conseguir, he que fórma a differença de Nereo a Proteo.

Proteo. Essa qualidade, ò Cyrene, he a que mais qualifica a minha desventura.

Cyren. Se a formosura de Dorida não pudesse fazer ditoso ao mais desgraçado, poderia queixarse de infeliz a tua sorte: mas como na sua belleza estão vinculadas as fortunas, mal podes appetecer as de Nereo por inferiores.

Pro-

Proteo. Mas com tudo a ser possível , que os astros mudassem de aspecto , e que os Planetas , que influirão no meu horoscopo , pudessem commutar os seus influxos entre mim , e Nereo , cu fora mais ditoso não sendo Proteo , do que o mesmo Nereo com a dita , que goza.

Cyren. Enigmas parecem as tuas palavras.

Proteo. Se Nereo soubera , Senhora....

Sabe Dorida.

Dorid. Oh quanto te agradeço , Cyrene , que divirtas as melancolias de Proteo ; mas cuido , que será estylo em Flegra receberem-se as esposas oom pompa funebre.

Proteo. Sempre as cousas intensas produzem effeitos contrarios ; pois assim como ha lagrimas de gosto , porque não haverá tristeza , que seja alegria ?

Dorid. Nem sempre são continuos esses sinais no excessivo affecto.

Cyren. Dorida , porque o não será o affecto , se o amor for excessivo ?

Dorid. Porque affecto , que não sabe mudar de affecto , he affectada demonstração da vontade. Proteo , bem sey que as tuas prendas mereciaõ mais bella Princeza , e mais digna esposa ; a tua tristeza me persuade o desgosto de nosso Hymenêo ;

menêo ; e porque não perigue a realidade na conjectura, defengana-me (que ainda he tempo) se acalo eu motivo os teus pezares ?

Proteo. Tu, Dorida, tu es a causa de minhas penas.

Dorid. Infeliz fuy ; porém. . . . !

Proteo. Não te affuste esta expressão, que como na gloria do amor ha sombras de inferno, que muito me entristeça o mesmo, que me alegra ? Pois quando contigo vejo a gloria, que me eleva, vejo tambem em ti o abyssmo, que me penaliza.

Cyren. Que bem expressado extremo !

Dorid. Que mal fingida fineza !

Proteo. Que mal entendido affecto ! *à part.*

Canta Proteo a seguinte

A R I A.

Em ti mesma considero
De meus males o motivo,
Por ti morro, por ti vivo,
Tu me matas, tu me alentas,
Pois contigo está meu mal,
E contigo está meu bem.

Deixa, pois, que triste viva
Quem alegre busca a morte,
E verás, que dessa sorte

Es,

Esta vida me horrorisa,
E esta morte me convem. *Vai-se.*

Dorid. Que te parece, Cyrene, este novo modo de querer?

Cyren. He que o seu amor não he vulgar.

Dorid. Achas acafo em Nereo semelhantes expressões?

Cyren. Ainda não houve occasião para a experiencia.

Sabe Caranguejo.

Carang. Se eu desta me layo bem, tenho muito que contar: lá estão as duas Princesas, Cyrenes, e Doridas, eu darey o recado de sorte, que Cyrene me entenda, e Dorida fique em jejum: finjo-me patéta, e mentecapto. Ainda que me matem não hey de casar.

Cyren. Que homem he este?

Dorid. Será algum tonto, com quem os Principes se divertem.

Carang. Tenho dito: contra minha vontade não se cansem.

Dorid. Não ley, que graça achão nestes tontos? Vaite daqui.

Cyren. Deixa-o, que gósto de o ouvir.

Carang. He boa teima! Digo que não quero casar. Irra! A' força me querem encaixar huma mulher à queima roupa!

Ca-

Cyren. Que tens, tonto?

Carang. Digo, que não quero, vá-se a noiva para a sua terra.

Dorid. Que noiva?

Carang. Tu cruel, vaite com Satanás.

Dorid. Arrebatado no seu frenesí imagina, que falla com alguém.

Cyren. No casar he a sua teima.

Carang. Ay adorado impossivel, que só tu me regalas esta alma!

Cyren. Com quem fallas?

Carang. Comtigo, comtigo hey de morrer a pés juntos: esperá, não fujas, que dos braços de teu amante te arrancarey. *Vaise.*

Dorid. As palavras deste louco não sey, que ecco formaraõ na idéa, que me penetrarãõ o coração.

Cyren. Não faças caso de hum simples.

Dorid. Se o coração não estivera ferido com as tristezas de Proteo, desprezara aquellas vagas loucuras; porém às vezes são presagios as casualidades; pois temo.....

Cyren. Que temes?

Dorid. Ay Cyrene, que os temores não se sabem tanto explicar como sentir!

Canta Dorida a seguinte

A R I A.

Naõ tenhas por delirios
 Meus temores ,
 Que em amores
 Em duvida he melhor
 Temer, que confiar.

Oh credula naõ sejas
 De amor no cego engano ,
 Que em tal damno
 Dos males o peyor
 Devemos esperar.

Vaise.

Cyren. A' vista daquellas expressões de Proteo venho a entender, que naõ são sem fundamento os temores de Dorida, nem verdadeira a simplicidade do Criado. Oh cego amor, que de absurdos vás fulminando, e que de horrores vás produzindo!

Sabe Polibio.

Polib. Filha Cyrene, naõ sey se me peza do engano, que tenho fabricado, trazendo-te para esposa de Nereo, em lugar de outra Cyrene, verdadeira Princeza de Beocia, querendo-me aproveitar do seu obito, e do teu nome semelhante ao della; pois já com as estimações de verdadeira Princeza se me difficul-

culta o verte as vezes, que o meu paternal amor deseja.

Cyren. Pay, e Senhor, se não houvera outro mal que temer, esse com facilidade se podia remediar.

Polib. Pois que receyas, levando tão bom principio a nossa industria?

Cyren. Temo que se chegue a descobrir, que a verdadeira Cyrene, Princeza de Beocia, he fallecida, e que tu es meu pay, e eu intrusa Princeza; e póde fer, que se converta em luto toda esta pompa festiva, e nupcial apparatus.

Polib. As empresas difficultosas não se intentaõ sem perigo, e sem susto não se adquire huma Coroa. Bem sey expõho a minha vida pela tua elevaçãõ; porém considerando a brevidade, com que se ha de effectuar este Hymenêo, e que quando se descubra o engano, te acharás Senhora do alyedrio de Nereo prezo nos laços de tua formosura, e estimando como fortuna o seu engano, terá ditoto fim o nosso premeditado intento.

Cyren. Oh queiraõ os Deoses prosperallo!

Sabe Nereo.

Nereo. Cyrene, como sey estimas o exercicio da caça, por te dar esse alivio, tem ElRey meu Pay determinado divertirte

tirte

350 *As Variedades*

te em huma caçada real , donde vejas a destreza , e valor dos nossos monteiros.

Cyren. Impulsos faõ da benignidade del-Rey , a quem agradeço , e a vossa Alteza o cuidado de meu divertimento.

Nereo. A taõ alta Princeza todo o excesso he devido.

Polib. Parece , Senhor , que apostaraõ os fados a fazerte ditoso , unindo na esposa , que possues , a ultima perfeiçaõ da formosura.

Nereo. Polibio , huma formosura naõ faz ditoso a hum Principe : os illustres Heroes , de quem descende Cyrene , a fazem digna da minha veneraçãõ : a belleza he vulgar attractivo de hum animo plebeo : a regia ascendencia he digna estimaçãõ de hum Principe : a formosura caduca com o tempo : a nobreza se immortaliza na posteridade. E assim , Polibio , podes entender , que a ser Cyrene menos regia , abandonara o thalamo , e desprezara a formosura , naõ sendo adornada da Magestade. *Vaise.*

Cyren. E que dizes agora , Senhor ? Estimarã Nereo com a fortuna de possuir a minha belleza o seu engano ? Vês cahida por terra a base , aonde erigias as tuas maquinas ? Ay de mim , Senhor , quan-

to melhor me fora viver occulta, como estava, nas rusticas aldeas de Beocia, que verme quasi propinqua a cahir da eminencia de hum throno no abyssmo de tua ambição!

Polib. Não me afflijas com essa ponderação: porém não foy pequena fortuna, poder no anticipado desengano de Ne-reo buscar o remedio deste iminente damno; e no em tanto procurar desvanecerlhe com porfiados carinhos a violencia de sua inclinação.

Canta Polibio a seguinte

A R I A.

Na onda repetida
Do Zefiro impellida
Talvez a dura penha
Amante não desdenha
Seu liquido cristal.

Se pois a clara espuma
Trofeo de hum monte alcança,
Bem póde haver mudança
Na instancia dos carinhos
Do genio seu fatal.

Vaise.

Sabe Maresia.

Mares. Dorida te espera, Senhora, para irem à montaria.

Cyren. Eu vou. Oh louca ambição a quantos precipitas!

*Vaise.
Mares.*

Mares. Tomara, que Caranguejo me acabasse de explicar aquella arenga do Sacrificio, que lhe não pude perceber com a bulha das cantarolas; porém se tal he, antes hey de dar hum olho ao demo, que huma mão ao amor.

Sabe Caranguejo.

Carang. Eu assim como tollo dey a entender a Cyrene o intento de Proteo, e ella a meu ver me não deixaria de entender, que tem olhos de grande tubercula.

Mares. Senhor Caranguejo.

Carang. Senhora Maresia minha Senhora.

Mares. Ha muito, que nos não vemos.

Carang. Que ha de ser? Esta occupação de Sota-Ministro de Venus não me deixa huma hora livre para ter o meu rega-bofe.

Mares. Bom officio deve elle ser.

Carang. Bom he; mas para o meu genio não he muiro cousa; esta tarde sacrificámos quatro moças, como quatro torres, por não quererem casar; e confesso-te, que quando levantey a machadinha para descarregar o golpe, que me fugio o sangue do corpo.

Mares. Ay de mim coitada! Diga-me, Senhor Caranguejo.

Carang. O que, Senhora Caranguejola?

Mares. Essa ley se cumpre tanto à risca, que todas, que não casaõ, morrem?

Carang. Uy, como dous, e tres são nove: saiba, (se he que o não sabe) que toda aquella mulher, que se mostra esquivada, e desdenhosa, como v. g. aquellas que tudo me fede, se não abrandar a condiçaõ, ha de ser sacrificio de Venus como Deosa dos amores.

Mares. Não ha ley mais barbara do que essa, querer violentar a vontade!

Carang. Bem se póde casar sem vontade, pois quantos se calaõ contra vontade?

Mares. Casamento sem vontade não he casamento.

Carang. A'gora não; olha, a vontade he cousa que se não vê, e vendo hum homem a noiva, não lhe abre o coração para lhe ver a vontade, pois basta saber, que tem as tres potencias da alma, memoria, entendimento, e vontade: porque isso de casar sempre vay na fé dos padrinhos.

Mares. E quem seria o magano, que tal ley inventou?

Carang. Calte, não sejas blasfemia; olha, que foy Apollo em despique do rigor de Daphne.

Mares. Bem haja ella; o mesmo fizera eu. Por força? Isso não, ainda que seja hum Sol; e além disso tenho feito voto de castidade a Diana, que me impossibilita o casar, e hey de cumprillo, mais que me matem.

Carang. Por mim faze o que quizeres, que isto não he mais que insinuar; que supposto não sejas minha proxima, pois do teu carinho vivo apartado, com tudo es criada de Dorida, e tenho dó dos teus poucos annos. Coitadinha, que lastima tenho de ti! Não olhes para mim, que cada vez que te vejo, se me parte o coração.

Mares. Não te compadeças de mim.

Carang. Não póde ser, que sou muy mavioso; em apertando os olhos logo choro.

Mares. Isso vay de ter bom coração.

Carang. Antes vay de ter bons olhos, que a mim nunca me chorou o coração no corpo, como as crianças na barriga.

Mares. Pois, Senhor Caranguejo, Marcia não ha de descer da burra ainda que a leve o diabo.

Carang. Pois eu montarey a cavallo, e irey dar parte à justiça; e sómente por descargo de minha consciencia te torno a
lem

lembrar arigorosa, levera , e fulminante ley de Apollo , a qual de cabo a rabo he a seguinte *per formalia verba , ibi,*

D E C I M A.

Toda a mulher, que não for
Inclinada ao matrimonio,
Ha de levalla o demonio,
Se a não levar o amor :
Trate logo de depôr
Seu tyranno desdenhar ;
Porém se não abrandar
Seu rigor , deve escolher
Ou casar , por não morrer,
Ou morrer , por não casar,

Vaise.

Mares. Ha entaladura semelhante ! Não sey o que hey de fazer neste caso ! Se caso , he matarme ; se não caso , he morrer : oh que apertado caso ! Pois se tudo he morrer , escolherey a morte , que me for mais suave,

Canta Maresia a seguinte

A R I A.

Naõ ha quem me diga
Por esta Cidade
Se devo casar ,
Se não , ou se fim ?
Porém que verdade
Me pódem dizer ,

Se eu hey de morrer

Affim como affim?

Vaise.

S C E N A III.

Bosque. Haverá hum Monte matizado de flores, e ao som de huma Sinfonia de trompas hiraõ sabindo varios monteiros com instrumentos venatorios, e se veraõ cruzar o Theatro varios animaes sylvestres, e sabiraõ encontrados Cyrene, e Nereo.

Nereo. **C**Yrene, naõ te empenhes tanto no seguimento dessas téras, nem por hum divertimento adventures a tua vida: espera, e verás, que apresento nas aras de tua formosura o mais feroz javalí, que occultaõ estes bosques.

Cyren. Naõ, Principe; suspende o excesso do teu valor, que temo em ti a tragedia de Adonis.

Nereo. Tendo a ventura de morrer nos braços dessa melhor Venus, ambicioso buscarey a morte.

Cyren. Se me comparas a Venus, já fey será fingida essa fineza.

Nereo. Fingida, porque?

Cyren. Porque a formosura per si naõ te póde obrigar a nenhum excesso, naõ sen-

fendo animado do Regio fangue.

Nereo. Affim he ; mas quando à Mageftade fe une a belleza , faõ mais venerados os Idolos da formofura : mais formofa , ao que parece , he a Lua , mas por fer taõ baixa a fua eféra , naõ merece tantos elogios de bella , como a minima efrel-la , pelo elevado folio , em que fe offenta galharda maravilha dos Ceos.

Cyren. Vifto iffo , a naõ ler eu Princeza , naõ seria objecto de teu amor ?

Nereo. Naõ fupponhas hum impossivel , quando alcanço a fortuna de poffuirte Princeza , e formofa.

Cyren. Pois adverte , (já que me appellidas de Venus) que como Deidade eftimarey mais os cultos de formofa , que os tributos de Princeza.

Nereo. Para mim naõ ha mais formofura , que a nobreza , e amando-te como Princeza , te adoro como bella.

Cyren. Defla fórte impossibilitas o Hymenêo , que defejas ; e para o conseguires , has de imaginarme fem qualidade de Princeza , aliàs.

Nereo. Que ?

Sabe ElRey.

Rey. Que te afflige , Cyrene ?

Cyren. Achar , Senhor , hum efpofo , que me

me adora por politica, mas não por affecto.

Quer irse.

Rey. Espera.

Sabe huma féra correndo.

Cyren. Mal poderey, até não vingar nesta féra as offensas de outra.

Vaise.

Rey. Que foy isto, Nereo?

Nereo. Senhor, permite-me, que evite em Cyrene algum perigo no seguimento daquella féra.

Vaise.

Rey. Esta condicão de Nereo austera, elevada, e soberba, sem duvida motivou em Cyrene algum desgosto; não he assim Proteo, cujo genio mais docil he o attractivo dos corações. Feliz Dorida ferá com tal esposo: mas ella alli vem.

Sabe Dorida.

Rey. Dorida, estimarey aches alivio no divertimento da caça.

Dorid. Antes me penaliza, por não achar a féra, que busco.

Rey. Se esconderia talvez temerosa do teu valor.

Dorid. Antes pudera eu esconderme temerosa da sua ferocidade.

Rey. Se a temes, como a buscas?

Dorid. Para desenganarme da qualidade da sua especie, pois tendo-a visto varias vezes, não sey distinguir a sua natureza.

Rey.

Rey. Declara-me esse enigma ; ou dize-me aonde habita essa féra ?

Dorid. Em palacio.

Rey. Em palacio que féra póde haver como essa que dizes ?

Dorid. Quem ? Proteo.

Rey. Proteo ? Como ? Declara-te , não me tenhas confuso.

Dorid. Proteo, Senhor, cujo genio indomito nem a politica o persuade a ser mais attento, nem a razão de espolo o obriga a ser mais amante.

Rey. Proteo ? Não me persuado.

Dorid. Vês por ventura aqui a Proteo, ao menos para lisongearme com as assistencias de espolo, ao mesmo tempo, que Nereo seguindo a Cyrene, adora os seus vestigios ?

Rey. Não imagines em Proteo menos attenção à tua pessoa ; a casualidade de seu desvio nesta occasião não seja argumento de seu desamor. Ah se souberas a suave indole de Proteo, verias, que não cabem em seu peito as ferocidades, que lhe imaginas !

Dorid. Ah se souberas, que ainda lhe não mereci hum só agrado !

Rey. A não serem tão dignas de fé as tuas palavras, as duvidara por incriveis. Proteo,

teo , ou mudou a natureza , ou perdeu o juizo ; porém , antes que se accumularem novos incentivos à queixa , na brevidade do Hymenêo remediarey as desordens da mocidade. *à part.*

Sabe Maresia.

Mares. Senhores , que huma féra muy féra vem correndo atrás de mim ! Ay que ella alli vem ! Acudaõ-me todos.

Rey. Seguilla será forçoso. Dorida , retira-te , que cedo darey providencia a teu sentimento. *Vaise.*

Dorid. Segue-me tu , que os instantes , que aqui me dilato sem Proteo , são continuadas offensas do meu decóro. *Vaise.*

Mares. Tomara-me já daqui cem legoas !
Ao querer irse Maresia , lhe sabe ao encontro Caranguejo transformado em porco montez.

Carang. Não será facil.

Mares. Ay de mim , que porco taõ porco!

Carang. Queira amor , que a faça limpa.

Mares. Ay , que o porco me investe ! Vaitte daqui , não me emporcalhes.

Carang. Não fujas , que eu sou o mais affeado porcalhaõ , que tem o Mundo.

Mares. Nem alentos tenho para fugir. Senhor porco montez , por vida de seus bacorinhos , que não suje o seu dente com o meu sangue.

Carang. Attende primeiro a esta amante porcaria , senão fico entendendo , que te não passa da garganta esta alporca.

Investe , e cabê Maresia desmayada , e torna Caranguejo na sua fôrma.

Mares. Ay de mim ! Quem me acode , que morri ?

Carang. Ora eu a fiz como os meus narizes ! Desmayou-se Maresia , sem dizer aqui estou ! O' Maresia , ò rapariga , desaccidenta-te , desmorre-te , olha que sou eu Daranguejo , que em eíquálida fôrma quiz comer a bolota de tua formosura . Mas ay de mim , que ella já está fria ! Se eítará morta ? Mas não , que ella mesma he huma neve : porém ella não respira , morta está : mas não ; que importa , que não respire , se ella he o meu alento ? Mas ay , que agora me defengano , que está morta de todo , que já me fede o seu desdem ! Anda cá para os meus braços , que te quero receber à hora da morte . [*Toma-a nos braços.*] Oh nunca tornes em ti cadaverica Deidade , pois sendo tu a defunta , eu sou o que tenho o jazigo quando te tenho !

Mares. Ay de mim !

Carang. Meus peccados , que se vay acabam

bando o prazo, que amor me concedeo!

Mares. Ay Caranguejo, que foy isto?

Carang. Foy isto mesmo.

Mares. Aonde está o porco?

Carang. Aqui torce a porca o rabo.

Mares. Ora dize, aonde está o porco, que me queria engolir?

Carang. Ainda não está fóra de te papar.

Mares. Mataste-o?

Carang. Morto está elle ha bem tempo.

Mares. E agora donde estou eu?

Carang. Nos meus braços.

Mares. Nos teus braços? Ay de mim desgraçada mulher! Não sey se quebrey o voto, que fiz a Diana.

Carang. Taõ vidrento he o teu voto, que com hum abraço se quebre?

Mares. Sou muy escrupulosa nessa materia: dize, Caranguejo, por tua vida, achas, que quebrey o voto, estando em teus braços?

Carang. Não estou bem certo; deita-te outra vez nos meus braços, para ver com mais circunspecção se quebraste o voto.

Mares. Desgraçada de mim! Eu nos braços de hum homem! Que me fará Diana, se o souber?

Carang. E quem lho ha de dizer? Eu por mim livre estás.

Ma-

Mares. Antes o javalí me emporcalhara ,
que verme em teus braços.

Carang. Para que tanto rigor?

Mares. Por não querer, que Diana me ma-
te.

Carang. Pois porque fugias da féra ?

Mares. Por não perder a vida.

Carang. Pois tolla , se fugias por querer
viver , porque não fóges da morte , que
te espera no sacrificio de Venus , pela
rebeldia do teu desdem ?

Mares. Porque assim como es de segredo ,
para não dizeres a Diana , que estive em
teus braços , tambem o serás para não
contares a Venus , que sou desdenhosa.

Carang. A Diana poderey ser desleal , mas
não a Venus , que sou seu sacerdote ;
e assim , Maresia , deixa-te destas lou-
curas ; trata de buscar marido , não
queiras experimentar o rigoroso golpe
do sacrificio.

Mares. Pois tu , que es o verdugo , não
has de ter dó de me matar ?

Carang. Dó terey , mas ha de ser depois
da tua morte. Maresia , não zombemos,
olha , que se te não resolves , que eu
mesmo hey de ser o beleguim , que te
leve às aras de Venus.

Mares. Que tens tu , que eu morra ?

Carang. Porque quem te avisa, bem te quer.

Canta Caranguejo a seguinte

A R I A.

Quando vires o duro cutello
 Na tua garganta luzente vibrar,
 Me dirás: basta, basta, eu me caso;
 Porém sem remedio, que entã grogotó.
 Busca amante o ditoso conjugio,
 E dize a Diana, que vá bugiar,
 E antes te aperte o nó do Hymenêo,
 Do que na garganta te aperte outro nó.

Vaise.

Mares. Oh desgraçada Maresia! Para isto vim eu cá acompanhando a Dorida? Não me fora melhor ser no mar alimento de hum tubaraõ, que ser em terra despojo de Caranguejo? Oh voto, quem nunca te fizera! Mas que digo? Ainda que morra, não hey de casar.

Vaise.

Sabe Cyrene.

Cyren. Que loucura será esta, com que andaõ estes criados, pois antes querem a morte do que casar? Porém para a fadiga da caça parece, que este virente monte, a quem a Aurora bordou de perolas, e Abril de flores, me está persuadindo com vegetantes linguas, que nelle des-

ance, em quanto não chega a comitiva.

Sen-

Senta-se , e reclinase no monte.

Oh deliciosa habitação dos bosques, ditosa quem logra a tranquillidade de tua delicia , onde mais segura vive a innocencia nas pelles dos pastores , que nas purpuras dos Principes !

Vaise insensivelmente desfazendo o monte , em que estava Proteo transformado , em cujos braços fica Cyrene reclinada como de antes , sem ver a Proteo.

Aqui as settas do amor , tendo mais por onde voar , não ferem com tanta violencia.

Proteo. Te enganas , Cyrene , pois até este monte se sente abraçar em amorosas chamas.

Cyren. Quem he , o que me responde ?

Levanta-se.

Proteo. Quem eternamente fora monte , a não ficar em duvida , se as penhas sabem amar.

Cyren. Proteo , que arrojo he este ? Mas aonde está o monte aonde me recliney ?

Proteo. Não te admires , que desappareça hum monte de flores , quando em seu lugar estás vendo hum vesuvio de fogo , donde se fraguaõ , não as armas de Marte , mas sim as settas de Cupido.

Cy-

Cyren. Ainda não posso comprehender o teu insulto.

Proteo. Qual he o amor , que não tem por azas o atrevimento ? Se amor se contivera só na extensaõ de seus limites , não seria excessivo ; remontarse à esféra do Empyreo he timbre de seu poder ; e assim não me crimines , Cyrene , que violando as leys do decóro , da politica , e do sangue , rompa o meu amor nestes excessos , que sobrenatural affecto , que em ti me arrebatada , póde desculpar o meu arrojo , e contrastar a tua isençaõ.

Cyren. Louco Principe , que intentas com teus extremos ?

Proteo. Amarte.

Cyren. Para que , se sabes , que não posso corresponderte ?

Proteo. Para quererte não necessito da tua correspondencia ; que seria menos pura a chamma de meu amor , se para arder necessitasse de teus favores.

Cyren. Pois se amas independente , para que me buscas amante ?

Proteo. Para que não ignores o meu sacrificio.

Cyren. E que importa deixar de o saber ?

Proteo. Seria usurparte a gloria desse triumpho , occultando-te o despojo da vitoria.

Cyren. Visto isso , como estás satisfeito ,
fica-te embora.

Proteo. Espera.

Cyren. Que mais queres , se satisfeito estás?

Proteo. Que te lembres do meu amor.

Cyren. Para que , se não hey de premiarte?

Proteo. Por não ser preciso tornarte a significar o quanto te adoro.

Cyren. Por evitar esta occasião , só por isso me lembrarey.

Proteo. Adverte , que se te disse , que não esperava favores , não he justo , que experimentes desprezos.

Cyren. Não sey , que meyo haja entre amar , e aborrecer.

Proteo. Huma inclinação , que nem he amor , nem deixa de o ser.

Cyren. Mas poderá ser amor.

Proteo. Se o for , será benignidade tua , mas não que eu o espere.

Cyren. Oh , que se esta chamma ardesse em Nereo , sem susto conseguiria a Coroa !

Canta Proteo o Recitado , que se segue , e depois cantão os dous a Aria a duo.

R E C I T A D O.

Belissimo prodigio , amado encanto ,

Se te eu dissera o quanto

Finamente te adoro ,

Julgarás fabulosa a realidade ,

Com

Com que me abraço amante
 Mariposa de amor nesses teus olhos,
 Que animadas estrellas
 Nortes luzidos são de hum peregrino,
 Que em votivos ardores
 Offerece lacrimoso em teus altares
 Dous liquidos incendios em dous mares.

A R I A A D U O.

Proteo. Se acalo te esqueceres
 Das lagrimas, que choro,
 A fé, com que te adoro,
 Lembrarte saberá.

Cyren. Não cabe na memoria
 Teu loco desvario,
 Pois de teu pranto o rio
 Do Averno só será.

Proteo. Ah, lembra-te de mim,
 Que terno te adorey.

Cyren. Esquece-te de mim,
 Que tua não serey.

Proteo. Mal poderey esquecerme,

Cyren. Mal poderey lembrarme,

Ambos. De tão violento ardor.

Proteo. Porque tanta impiedade,
 Cyrene infiel, porque?

Cyren. Porque faltar não devo
 De esposa à sacra fé.

Ambos Oh falte o meu alento,
 Mas não o meu amor.

Fim do primeiro Acto.

ACTO

PARTE II.

SCENA I.

Sala. Sabem ElRey, e Polibio.

Rey. **J**A' que as Princezas vivem estimu-
ladas das desattenções de Nereo,
e Proteo, abreviar as nupcias será o uni-
co remedio, para que cesse o seu esti-
mulo. Polibio tenho determinado, que
hoje se conclua o regio Hymenêo de
meus filhos: espero da tua diligencia,
que no exterior apparato conheçaõ as
Princezas a estimaçaõ, que dellas faço.

Polib. A teus pés prostrado, Senhor, te
rendo as graças por taõ grande mercê,
pois tambem me competem as glorias
deste dia.

Rey. A ti, porque?

Polib. Por ter a fortuna de ver coroada a
Cyrene, já que tive a dita de ser seu
conductor.

Rey. Com isto se atalhaõ as desordens dos
Principes; que a dilaçaõ às vezes he cau-
sa de grandes ruinas.

Polib. Acertos são da tua prudencia : na brevidade consiste a minha fortuna.

à part. e vai se.

Sabe Dorida.

Dorid. Vossa Magestade, Senhor, me permitta a licença de embarcarme para Egnido na armada, que me trouxe infaultamente a Flegra, porque se não augmente mayor injuria à minha pessoa; pois quem antes de ser esposo me desestima, que posso esperar depois, quando as facultades de marido ignorarem totalmente os estylos do carinho?

Rey. Dorida a essa desconfiança brevemente satisfarey; e adverte, que Proteo he meu filho, e não faltará às obrigações de seu sangue.

Sabe Cyrene.

Cyren. Senhor, como no Principe Nereo não busco honras, nem estados, pois estes, e aquelles me deu a fortuna, e a natureza; ainda que feudataria a teu vasto imperio; e como na doce unjaõ de Hymenêo deve só reger a vontade as leys do amor, e não as da razaõ de estado, e em Nereo tudo são politicas no seu amor; digo, Senhor, que quero irme para Beocia, por não soffrer o meu genio, que haja de se amar em mim, ou a
 poste-

posteridade, ou a ascendencia, ficando vacilante na divisaõ do culto a independencia do amor.

Rey. Rigorosos Deoses, como assim ides trocando em pezares as minhas bem fundadas esperanças? Princezas, essas defconfianças são demasiados escrupulos de huma fantazia indiscreta. Em Dorida a queixa he mais bem fundada; mas em ti, Cyrene, he sem fundamento o estimulo; pois não posso comprehender essa metafisica de amor. Em fim, Senhoras, porque não suspeite o Mundo nestes regressos mayor causa do que essa, hoje se completará esse Hymenêo, e entã vereis desvanecidos os vossos temores.

Dorida, e Cyrene com os lenços nos olhos.

Dorid. Já não ha tempo de esperar esse desengano; e quando não me permittas licença, nas corrientes de meu pranto navegarey para Egnido.

Cyren. E eu voarey para Beocia nas azas de minhas penas.

Rey. Haverá quem possa resistir a tantos martyrios!

Canta El Rey a seguinte

A R I A.

Refrea o pranto, Dorida,
 Cyrene, não lamentos,
 Não mais, não me atormentes,
 Que póde ter que troques
 As magoas em prazer.

De terra o medo panico, *Para Cyren.*
 Alenta no receyo, *Para Dorid.*
 Alenta, pois, que creyo,
 Que contra o meu imperio
 O mal não tem poder. *Vaise.*

Cyren. E que desgraça foy a nossa, Dorida,
 ou para melhor dizer a minha, pois te-
 nho hum espolo, que adora mais os meus
 progenitores, do que a mim; porque
 tudo he encarecerme a minha ascenden-
 cia, amando mais o passado, do que o
 presente!

Dorid. Pois eu, Cyrene, em nenhum tem-
 po sou amada; vê tu qual he mayor in-
 felicidade?

Cyren. Em Proteo será respeito esse desvio;
 pois me consta he extremo amo amante.

Dorid. Sabes mais, do que eu.

Sabem Caranguejo , e Maresia , cada hum por sua parte , sem verem as Princezas , como fallando só comfigo.

Maresf. Por mais que me matem , não hey de casar.

Carang. Não hey de casar , ainda que me matem.

Dorid. Ha loucura semelhante ! O peyor he que esta criada está com o mesmo delirio ! Maresia , que tens ? Comunicou-te este simplez a tua loucura ?

Carang. Aqui se descobre a patranha. *à p.*

Maresf. Minha Senhora , quero embarcar-me para a minha terra ; porque nesta , ou hey de morrer , ou hey de casar ; e eu nem quero casar , nem morrer.

Dorid. Ainda mais essa pena tenho , que sentir , vendo-te nesse estado ! Está tambem louca confirmada ! Que te parece , Cyrene ?

Cyren. Será força de astro , que influa neste hemisferio.

Maresf. Senhora , eu me quero embarcar por não morrer.

Dorid. Ha caso igual !

Carang. Senhoras , digaõ-lhe que sim , que se lhe contradizem , he capaz de se matar.

Maresf. De sorte que eu fiz voto de castidade

dade a Diana; e assim.

Carang. Sim, sim, o que tu quizeres.

Mares. Não me deixarás, Caranguejo?

Carang. Muy doidinha estás! Vaite dañi; não vês, que estás diante das pessoas Reaes?

Mares. Pois eu aqui não hey de dar a ostanta, isso não. *Vaise.*

Cyren. E a ti louco, quem te ha de reprehender?

Carang. Eu louco? He muy boa casta de louco este! Louco seria eu, se por amor de meu irmão me casasse contra vontade: isso não; ainda que meu pay me lançasse a maldição com a mão direita.

Dorid. Cala-te, nescio, que te aborreço.

Cyren. Muito se declara o fingido simplez.
à part. Quem he teu amo?

Carang. Eu sou huma virgula del Rey Ponto, e quando estamos juntos fazemos ponto, e virgula.

Dorid. Cyrene, diverte-te com o louco, que eu vou sentir meus males. *Vaise.*

Cyren. Anda cá, fingido; cuidas, que não penetro as tuas simuladas frases?

Carang. Isso mesmo he o que eu queria.

Cyren. Quem tão atrevidamente te indus-
triou?

Carang. Hum louco de amor.

Cyren. Quem he esse louco?

Carang. He cá huma creatura , que por mais que lhe disse , Senhor Proteo , veja que a Senhora Cyrene , que assim se falla em ausencia , he esposa de seu irmão Nereo , e que não póde casar com ella ; porque ainda que queiraõ os contrahentes , haõ de haver grandes impedimentos : mas elle , afferrando os dentes , bateo o pé na casa , e pondo a mão no peito disse : ou Cyrene ha de ser minha , ou eu não hey de ser eu.

Cyren. Com que Proteo concebeo taõ atrevido pensamento?

Carang. Não Senhora , não foy Proteo , foy cá huma creatura.

Cyren. Adverte que a não querer fazer publica esta temeridade , experimentarías o castigo de teu arrojo. Vai-te daqui insolente , antes que a colera domine a prudencia.

Carang. Tudo isso lhe disse eu : parece que adevinhava , pois lhe disse : olhe creatura , que a Senhora Cyrene se ha de enfadar : vay a creatura , e dizme : Bom remedio , quando vires , que se agasta , dize , que estás louco : com que , Senhora , não faça caso , do que diz hum lou-

louco ; e assim tornando ao meu lucido intervallo, digo, que não hey de casar, ainda que me matem. *Vaise.*

Cyren. Quem se vio em mayor enleyo ! Mas já que a ambição de meu pay fabricou este engano, porque não quizes-tes, injustos fados, que viesse destinada esposa de Proteo, no qual a cegueira de seu amor não distinguiria qualidades para amar, como em Nereo, que...

Sabe Nereo.

Nereo. Venturoso Nereo, que ouviu pronunciar o seu nome nesse vivo Oraculo de Venus !

Cyren. Ay de mim ! Se me ouviria ? Não ouviste mais, que o teu nome ?

Nereo. Essa foy a ultima clausula, que te ouvi.

Cyren. Bem estou. *à p.* Pois se não ouviste mais, ouve agora, o que não ouviste.

Sabe Proteo ao bastidor.

Proteo. Buscando venho o prodigio, que adoro : mas com Nereo está ; ay infeliz !

Nereo. Não dilates o venturoso discurso de quem foy assumpto à minha felicidade.

Cyren. Dizia, pois : que seja possível, que não encontre em Nereo hum verdadeiro amor, que deslustre o luzido da sua cham-

chamma com os fumos da politica! Que ame em mim mais o fangue do que as veas! Que venere o pincel, e não estime a copia! Oh que indigno amor! Isto dizia, Nereo; e te queres destruir este conceito, muda o systema do teu amor.

Nereo. Essa divisaõ, que intentas fazer da formosura, e da qualidade, he impraticavel na minha idéa; e senão dize-me: seria decente, que para esposa minha escolheffe outro sujeito, menos que hum Princeza?

Cyren. Ay de mim!

à part.

Nereo. Responde.

Cyren. Assim he.

Nereo. Responde-me mais: seria licito, que inflammado em hum vulgar formosura, abatesse o esplendor da Magestade, antepoendo o meu ardor ao meu decóro? Como se conservaria a nobreza, se só o amor fosse o director dos Hymênêos? Em fim, Cyrene, não imagines, que desestimo a tua formosura, por estimar a tua grandeza; que quando as adoro unidas, não sey distinguir a causa de meu amor.

Proteo. Que ouça isto, e que viva!

Cyren. O amor, Nereo, deve ser distincto,

cto, e não indifferente; que quanto maior he a causa, donde se origina, tanto mais efficaz he o seu effeito: a qualidade póde infundir venerações, mas não amor; a formosura he aquelle vinculo mais forte, que prende a vontade; e como só a chamma do amor ha de arder na sacra têa de Hymenêo, faltando-te a occasião desse amor, não ferá luzido o teu Hymenêo.

Proteo. Notavel capricho de Cyrene!

Nereo. Ensina-me a fazer essa differença, para saber no que erra o meu amor.

Cyren. Has de imaginarme, não Princeza, porém huma particular formosura, a quem só como amante tributes adorações.

Nereo. E para que he essa differença?

Cyren. Porque se algum dia perturbarem os fados esta prosperidade, que gozamos; arruinado o throno, quebrado o sceptro, e murcho o laurel, não me desestimes, porque já não sou Princeza.

Nereo. Quando tal aconteça, contentar-me-hey, com que tenhas sido Princeza; e porque te não canses com mais explicações de amor, este he o ultimo desengano, que te dou.

Canta Nereo a Aria, que se segue, e o seguinte

R E C I T A D O.

Deixa, Cyrene, deixa esse exquisito
Novo modo de amar, que em meus ardores
Não distingo outro modo de quererte,
Neste extremo de amarte,
Mais que hum puro adorarte,
Com tão cega violencia,
Que confundo em meu peito o requisito,
Que em enigmas propões a meus sentidos,
Pois que essa formosura me persuade.
Que belleza não ha sem Magestade.

A R I A.

Se em Mayo ostenta a rosa
Os timbres de formosa,
Não deve à formosura
As glorias de Princeza,
Que a Purpura, que veste,
Lhe deu a investidura
De bella Imperatriz.

Pois só, se na belleza
Amor se vinculára,
Que cedo le acabara
Do tempo nos estragos
A pompa dos Abrís.

Vaise.

Sabe Proteo.

Proteo. Acaço, bellissima Cyrene, vive
ainda na tua memoria aquelle efficaz ex-
tremo de meu amor?

Cy-

Cyren. Não me lembres tanto, que às vezes o muito lembrar faz esquecer.

Proteo. Pois nem queres, que te lembre a minha constancia?

Cyren. Para que, se me não esquece? Que mais queres?

Proteo. Nada mais; eu me retiro. *Quer ir-se.*

Cyren. Ouves? Não tornes mais a lembrar-me. *Faz que se vay.*

Proteo. Adverte, que te não has de esquecer.

Cyren. De que?

Proteo. Que dejesara, se possível fosse, não seres quem es.

Cyren. Para que?

Proteo. Para amarte independente da tua grandeza, pois bastava para fazerme feliz, possuir a tua belleza em qualquer estado da fortuna.

Cyren. Que ouço? Apurarey a sua fineza. *à part.* Não vês, que não estaria bem ao teu caracter menos esposa, que huma Princeza?

Proteo. Em hum Principe sem amor assim he; mas quando se sente abraçar o coração na formosura, rompem-se as leys da politica, e se promulgaõ as de Cupido.

Cyren. Pois a não ser eu quem sou, me
ado-

adoraras com o mesmo extremo?

Proteo. Eu não adoro em ti mais, que a belleza, de cujo peregrino imperio ambicioso dera, pelo conseguir, quanto posso: ainda he pouco, dera a liberdade: nada encareço, dera a mesma vida, se tudo já não tivera consagrado em os tyrannos altares de teu rigor.

Cyren. Como sabes ser impossivel deixar de ser quem sou, por isso affectas essa fineza.

Proteo. O' Cyrene, pelos Deoses do imperio do mar, e do abismo te juro, que as expressões, que me ouves, não são fantasticas, senão verdadeiros effeitos de meu amor.

Cyren. Basta, Principe, que isso he mais, que lembrarme o teu querer.

Proteo. He lembrarte com as circumstancias, com que te adoro.

Cyren. Mas já sabes, que sem a esperanza do premio.

Proteo. Basta-me não viver ignorado na tua idéa, por não haver premio, que corresponda a meu amor, nem merecimento, que contraste a tua isenção.

SONETO.

Naõ intento favores merecete,
 Cyrene, quando chego a idolatrate,
 Que excedendo os limites só de amarte,
 Nunca os principios toco de querete.

Com razãõ poderias offendete,
 Se ambicioso chegara a desejar-te,
 Que para ser mais fino no adorarte,
 Sem premio o sacrificio hey de incendete.

Amar, naõ he querer, que impura ardera
 A chamma de Cupido, se esperara
 Esutos, adonde tudo he Primavera;
 E se acaso, ò Cyrene, imaginara,
 Que na tua belleza premio houvera,
 Pelo premio a belleza desprezara. *Vaise.*

Cyren. Se direy a Proteo quem sou, para
 estabelecer melhor a minha fortuna? Mas
 como, se Dorida, e Nereo embarcaõ
 a minha prosperidade? Em Nereo vacilla
 a Coroa; em Proteo tenho constante
 Sceptro: oh desgraçada Cyrene! A tua
 felicidade te faz mais infeliz.

Sabe Polibio.

Polib. Chegou o venturoso dia, em que se
 haõ de coroar as nossas esperanças com
 o diadema da posse; pois ordenou ElRey,
 que hoje se concluaõ os hymenêos dos
 Principes.

Cy-

Cyren. Mas, Senhor, não te lembraõ as palavras de Nereo ?

Polib. Nem tudo o que se diz, se executa.

Cyren. E se o executar?

Polib. E que remedio, senaõ obedecer aos fados? Que se todos os successos se premeditassem, nenhuma acção extraordinaria se intentaria. Vamos, que na brevidade consiste muita parte da nossa fortuna.

Cyren. Espera, Senhor, que póde ser, que sem susto a consigamos.

Polib. Dize.

Cyren. Proteo me adora taõ excessivamente, que chegou a publicar entre varias expressões do seu amor, que ainda a não ser eu Princeza, como suppoem, me faria esposa sua, e revalidou com taes juramentos, que me fez persuadir a sua realidade.

Polib. Saberá acaso, que tu es minha filha?

Cyren. Não Senhor: e parecia-me, que se pudesse eu ser de Proteo, e . . .

Polib. Cala-te, não pronuncies tal, que para isso assim ser, dependia do consentimento delRey, da vontade de Nereo, e do beneplacito de Dorida; quanto mais, que pretexto decoroso para isso poderia ha-

haver? Sigamos o premeditado designio,
que os Deoses nos feraõ propicios. *Vaise.*
Cyren. Já nem esperanças tenho de ser fe-
liz, pois vejo frustrados todos os meyo
que podiaõ fazerme ditosa.

Canta Cyrene a seguinte

A R I A.

Misera já não posso
Fugir à crueldade,
Se hum pay me persuade
Que figa o vil destino
De hum barbaro furor.

Parece-me, que vejo
Nos braços de Nereo
A morte por trofeo
Do seu cruel amor.

Vaise.

S C E N A II.

*Gabinete adornado de cadeiras, e hum Relogio;
e sabe Maresia.*

Mares. **S**E Dorida me não manda para a
minha terra, sou capaz de me
enforçar pelas minhas mãos; pois antes
quero ser eu carasca de mim mesma,
que dar esse gosto a Caranguejo. Mas ay
de mim, que me não posso ter em pé,
que de continuo considerar na materia,
cayo

cayo com vertiges! Ay, ay, que tenho o miolo fofó! Se me não sento, cayo de narizes. Que seria de mim, se não fora o balsamo apopletrico, que me corrobora o cerebro?

Assenua-se em huma cadeira, que subitamente se transforma em Caranguejo, em quem ficará assentada Maresia, cuidando que está na cadeira.

Carang. Já que Maresia está de assento, verey se posso surrepticiamente aproveitar-me de seus culatraes favores, já que tão atrazado estou no seu amor.

Mares. Se não fora este voto de castidade, que me dera a mim de casar?

Carang. Agora, que amor navega vento em popa, verey quanto peza este Indiatico planeta.

Mares. Se eu tivera a certeza, que Diana se não havia enfadar, já me casara rebo lindo: mas eu peccadora, como o hey de saber? Bem podia Diana, vendo a barafunda, em que me acho, não digo cara a cara, mas dizerme ao ouvido o que neste caso devo obrar.

Carang. Casar.

Mares. Que ouço! Ditosa orelha, que tal ouviste! Logo posso sem offenderte casar?

Carang. Até rebentar.

Mares. Bem: visto isso o voto não val de nada?

Carang. Nada.

Mares. E a promessa val de pouco?

Carang. Como hum coco.

Mares. Não tenho mais, que ouvir: vou-me depressa a dar ordem a namorarme para casar, antes que Diana se arrependa.

Quer levantar-se, e a detem Caranguejo.

Carang. Suspenda.

Mares. Quem me agarra?

Carang. A minha garra.

Mares. Es tu Caranguejo? Ha mayor insolencia! Eu assentada em ti! Como foy isto?

Carang. Eu o não direy: o que sey he, que estando assentado em hum tamborete, vieste tu, e te sentaste nas minhas cadeiras.

Mares. Tal estava com as vertigens, que não reparey aonde me assentava: e tu porque te não desviaste?

Carang. Estava dormindo, e não te senti.

Mares. Por isso eu dizia comigo: valha-me Deos, que duro he este assento!

Carang. Por isso eu tambem dizia: valha-me amor, que molle he esta assentada! E logo

logo assentey comigo fazer disso hum
assento no canhenho de minha memoria.

Mares. Ouvirias tambem o que eu ouvi?

Carang. Que ouviste tu?

Mares. Não, dize tu primeiro.

Carang. Não quero, dize tu.

Mares. Eu não hey de dizer, sem tu dizeres.

Carang. Com que estamos aqui dize tu, di-
rey eu? O que eu ouvi foy huma voz,
ou hum ecco sussurrante, que dizia azar,
azar.

Mares. Casar he que dizia.

Carang. Casar diria, ainda que eu não ouvi
mais do que azar; porém casar, e azar
tudo he o mesmo.

Mares. Já sey, que não foy fantasia, nem
me enganey no que ouvi.

Carang. Pois que era?

Mares. Não era nada: que te importa?

Carang. A mim dous caracoos; nunca ti-
ve genio de inqueredor; o que me im-
porta saber he, se ainda estás com es-
tomago de ser sacrificada, que o tempo
se vay acabando, e Venus já me pergun-
tou: esta moça casa, ou não casa? E eu
fiz, que a não ouvia, por ouvirte o ul-
timo desengano: pois que dizes?

Mares. Senhor Caranguejo, eu já estou re-
soluta a casar.

Carang. Eu sempre disse , que tu morrias por casar.

Mares. Quero casar , que hey de fazer ?

Carang. Que dizes , minha Maresia ? Dá cá hum abraço em alviçaras dessa boa nova.

Mares. Abraço? Huma balla.

Carang. Que detaballado rigor !

Mares. Quero , que Venus me deva essa fineza.

Carang. Ella te agradecerá ; porém agora he necessario escolher marido logo , e já.

Mares. Ahi com tanta pressa ! Hey de escolher muito de meu vagar.

Carang. Qual vagar ? Venus he muy executiva , que se todas dislessem , ainda não escolhi marido , com esse pretexto nunca casariaõ : não Senhora , escolher logo , ou para melhor dizer , não escolher , senão fechar os olhos , e casar , seja com quem for.

Mares. Isso agora he mais apertado.

Carang. Não tem remedio.

Mares. Com quem hey de casar , se não conheço ninguem ?

Carang. Lança os olhos por esta casa ; vê vê , se achas aqui , com quem te empregues.

Mares. Aqui , fóra elle , não está ninguem.

Carang. Pois casa com esse elle.

Mares. Que? Comtigo!

Carang. Comtigo não, comigo.

Mares. Pois hey de casar comigo.

Carang. Não, com eu.

Mares. Ora isso he o que me faltava; antes morrer, que casar comtigo.

Carang. Pois eu sou mais feyo, que a morte?

Mares. Sim, que podes ser morte da morte.

Carang. Não me mortifiques com esse elogio funebre.

Mares. Era o que me faltava.

Carang. Talvez que te falte, quando me buscares.

Mares. Se for para isso, nunca tu appareças.

Canta Maresia a seguinte

A R I A.

Naõ vem o meu noivo

Como he galantinho?

Com esse fucinho

Queria mulher?

Que tolo, q' simples, q' necio he vossê?

Bem sey não mereço

Taõ lindos amores;

Porém taes favores

Os lanço de mim co-a ponta do pé.

Vaise.

Ca-

Carang. Ora , Senhores , digaõ o que quizerem ; a tal Marefia se naõ federa , era huma galante mocetona ; porque ainda que me naõ quer , disse me quanto quiz.

Sabe Cyrene.

Cyren. Louco , que fazes ahi ?

Carang. Estava vendo este relogio , que he huma galante pessa ; e me disseraõ , que dava horas por minuets , que parece gente , que canta.

Cyren. Começa com as tuas loucuras.

Carang. Naõ Senhora agora naõ tenho o relogio desconcertado : mas espere , que elle começa a dar horas.

Canta Proteo o seguinte

M I N U E T E .

Toda a minha alma
Se abraza amante ,
E a cada instante
Morrendo está .

Mais que os minutos
Saõ meus ardores ,
Nos teus rigores
Conta naõ ha .

Mas ay , tyranna ,
Se a quem te adora
Fosse esta hora
Hora de amar !

Cyren. Isto hemais, que artificio humano!
Confusa estou!

Carang. Estou vendo, que ha de vir tempo, em que os relogios comaõ, e casem, e tenhaõ filhos.

Cyren. Quem me dera, que tornasse a repetir esta suavissima consonancia.

Carang. O relógio he de repetição; se o quer tornar a ouvir, toque lhe naquelle ferrinho, e verá.

Cyren. Tu parece que sabes o segredo deste relógio.

Carang. Sim, Senhora, o segredo deste relógio só eu, e elle o sabemos.

Cyren. Pois faze, com que repita.

Carang. Para que? Toque Vossa Alteza mesmo com o seu altissimo dedo; que tem mais galantaria a mão de huma Senhora no mostrador de hum relógio.

Cyren. Pois eu toco. Mas ay de mim! Proteo, como assim.

Toca Cyrene no relógio, e este se transforma em Proteo.

Proteo. Não te admires, Cyrene, que busque o meu amor artificios, para communicarte; que donde não vence a força dos carinhos, vençaõ as subtilezas da industria. Tu sabes o quanto te adoro; não ignoras o extremo, com que te idolatro;

latro; e quantos mais impossiveis encontro para possuirte, mais incentivos me arrastão para quererte.

Cyren. Principe, o teu amor, ou o teu delirio não póde ter recompensa: não sabes, que estou destinada esposa de teu irmão, e que estás eleito consorte de Dorida? Como poderá huma paixã cega vencer tantos impossiveis, e difficuldades?

Proteo. Logo se as não houvera, conseguiria a tua belleza?

Cyren. Para que, se tu amas independente do premio?

Carang. Se dá corda ao relógio, não parará hum instante. *à part.*

Proteo. Ainda que ame sem esperanza, não desmereço o premio.

Cyren. Isso mesmo he esperar o premio do merecimento.

Proteo. Não, que bem posso merecer sem esperar.

Carang. Se espero que isto se acabe, tenho bem que esperar. *à parte, e vai se.*

Proteo. Só huma supplica te faço.

Cyren. E he?

Proteo. Que não busques os braços de teu esposo, que não serã tão firmes, como os meus.

Sabe Polibio ao bastidor.

Polib. Que vejo! Cyrene, e Proteo! Observarey o que dizem.

Cyren. Não sey se me declare com Proteo, que aquella fineza não he para desprezar.

Proteo. Que te suspendeo, Cyrene? Imaginas nos obstaculos, que propozeste? Pois sabe, que tenho no mar poder, e no peito fogo para consumir a mais forte opposiçãõ.

Cyren. Ay Proteo, quem pudera experimentar a tua constancia! Mas temo declarararte. . . .

Polib. Ay de mim, que Cyrene se declara!

Proteo. Não recees, que defestime a occasiãõ de possuir essa ventura, que me negas tyranna.

Cyren. Promettês, Proteo? Ay de mim! Não sey o que digo! Se acaso souberes... Que enleyo me embaraça?

Polib. Estou perdido, se lhe declara o segredo!

Proteo. Que receas? Não sabes o meu amor?

Cyren. Pois Proteo, já que o teu extremo me segura o receyo, saberás que eu. . . .

Sabe Polibio.

Polib. Eu lho estorvarey. *à part.* Senhora, ElRey ordena, que venhas já, para que se effeitue hoje o Hymenêo.

Cyren. Ay de mim!

Proteo. Hoje mesmo?

Polib. He vontade delRey.

Proteo. Não póde haver dilacão?

Polib. Nenhuma: vem, Senhora.

Proteo. Espera, Polibio, que celeridade he essa?

Polib. He obedecer aos imperios do Soberano.

Proteo. Obedece, mas não excedas; que isso mais parece violencia, que obediencia.

Polib. Mais val o excesso em hum vassallo, que a desobediencia em hum filho.

Proteo. Tu me reprehendes, barbaro, forasteiro? Não te lembra, que vieste de Beocia a mendigar favores em Flegra? Se não fora. . . .

Cyren. Senhor, Polibio nos seus annos tem a desculpa de seu excesso.

Polib. Senhor, como ElRey manda, que não vá sem a Princeza, todo o excesso he louvavel. Senhora, não te dilates.

Cyren. Principe, he força obedecer.

Proteo. Pois vás com effeito ao Hymenêo?

Polib.

Polib. Infallivelmente.

Proteo. Não te pergunto a ti; com Cyrene fallo.

Polib. Pois eu por ella respondo, que deixar de ir será impossivel.

Proteo. E eu tambem por ella respondo, que ir não póde.

Polib. Eu sem ella não hey de ir.

Proteo. E eu mando, que vás sem ella.

Polib. Cyrene não he Dorida.

Proteo. E eu sou Proteo, que huma vez empenhado em impedirte, que leves a Cyrene, o não has de conseguir.

Cyren. Principe, que te perdes! Polibio, que fazes?

Polib. Obedecer a ElRey.

Cyren. Principe, adeos: vou sem alma!

Proteo. Espera. Ay de mim, que a vida, e o coração me levas! *à part.*

Polib. Venha vossa Alteza, que assim importa. *à part.*

Proteo. Pois barbaro instrumento de minha morte, roubarey a tua vida, em recompensa da que me levas.

Puxa Proteo hum punhal contra Polibio, e fere a Cyrene; que se mete de premeyo, e cabe desmayada.

Polib. Que intentas?

Cyren. Suspende, Senhor: mas ay que me feriste, e o sangue ay de mim!

Proteo. Que vejo! Cyrene (ay infeliz!) enfanguentada! Ah cruel, que tu foste a causa. . . .

Polib. A tua imprudencia. . . . Ha tormento igual! Senhora? Cyrene?

Proteo. O sangue he copioso. Mas eu vivo, e Cyrene desmayada! Eu me tirey a vida para castigo de meu innocente delicto: morre, infeliz Proteo.

Ao querer ferirse Proteo, Polibio o detem, tirando-lhe o punhal, e fica com elle na mão.

Polib. Senhor, que fazes? Não sejas homicida de ti mesmo.

Proteo. De que me serve a vida, vendo sem vida a Cyrene?

Polib. Larga o punhal; não te mates.

Proteo. Não he necessario mais instrumento para a minha morte, que a minha pena.

Vaise.

Sabem El Rey, Nereo, Dorida, e Maresia.

Rey. Que excesso he este?

Nereo. Ay de mim! Cyrene enfanguentada!

Dorid. Sem alentos Cyrene!

Rey. Que foy isto, Polibio?

Polib. Quem se vio em mayor afflicção!

à part.

Rey,

Rey. Emmudeces? Não respondes?

Nereo. Queres mais reposta, [que aquella punhal, e aquella sangue?

Rey. Retirem a Princeza, e cuide-se exactamente na sua saude.

Mares. Vamos: coitadinha! Ainda assim o sangue real he vermelho como os outros sangues. *Leva a Cyrene.*

Rey. Dize, infame, temerario, que espirito sacrilego animou esse braço para tanto insulto?

Nereo. Não perguntes, castiga sem dilação.

Polib. Senhor, que direy? Este braço não se armou contra Cyrene, porque. . .

Rey. Pois quem, se esse punhal te contradiz?

Nereo. Aquella ferida te condemna.

Dorid. E aquella sangue te accusa.

Polib. E esta vida me falte, se eu. . .

Nereo. Em vão negas, quando vemos em ti o punhal, e em Cyrene o golpe.

Polib. Oh Deoses! Quem se vio em mayor consternação? Pois se crimino a Proteo, ha de prevalecer a sua defeza, e a minha innocencia perecerá. *à part.*

Rey. Nenhuma desculpa dás?

Polib. Cyrene o dirá.

Rey. Pois em quanto o não diz, levem-no
à tor-

à torre de Palacio, aonde se apure o seu delicto, e da sua culpa o castigo fique ao arbitrio de Nereo, como parte mais offendida.

Polib. Não pôde haver castigo, aonde não ha culpa.

Canta Polibio o seguinte Recitado, depois do qual cantão El Rey, Dorida, Nereo, e o mesmo Polibio a Aria a quatro.

R E C I T A D O.

Naõ me affusta, ò Monarca esse castigo,
 Que me intimas irado,
 Que o fangue de Cyrene idolatrado
 Derramar não procura, quem o estima,
 Qual outro pay; porém se a sorte impia
 Pretende assim, que eu morra,
 Morrerey satisfeito; mas adverte,
 Se acaso a minha vida
 A sua duplicara hoje no throno,
 Eu seria homicida de mim mesmo,
 E já na morte exangue
 Lhe fervirá de purpura o meu fangue.

A R I A A 5.

Polib. Sem culpa ao supplicio
 Me leva hum rigor.

Rey. Infame, traidor,
 Sem culpa não he.

Nereo. Não he; porque a culpa
 Bem clara se vê.

Polib.

Polib.

Teu rogo propicio *Para Dor.*
Senhora interceda
Por este infeliz.

Dorid.

Naõ posso, que a culpa
Desculpa naõ tem.

Polib.

Naõ ha quem acuda
Por este infeliz ?

Dor. Rey. Ner. Naõ ha; porque a culpa
Bem clara se vê.

Polib.

Que eu morro innocente
Vós Deoses sabeis.

Dor. Rey. Ner. Da justa vingança
O exemplo fereis.

Polib.

Da injusta vingança
Aos Ceos clamarey.

Dor. Rey. Ner. Os Deoses fulminem
Hum grave castigo,
Que a hum barbaro dê.

Fim do segundo Acto.

PARTE III.

SCENA I.

Jardim, em que estará sobre huma pilastra hum vaso de amor perfeito, e em outra mais inferior, outro de cravos amarellos, e sabe El Rey Ponto.

Rey. **Q**uem me aconselhará em tantos combates de duvidas, quantos assaltaõ a este afflicto coração? Deixo as imprudencias dos Principes na delattenção das Princezas, - como mal que póde ter remedio; mas a ferida de Cyrene não tem cura na minha magoa. Que furor fulminado do cavernoso Abyfmo impellio o peito de Polibio para tanto excesso? Não cabe na imaginação o seu atrevimento.

Sabe Cyrene.

Cyren. Senhor, a teus pés....

Rey. Que excesso he este, Cyrene? Como te vejo neste lugar ainda mal convalécida?

Cyren. A ferida não foy taõ grave, como
se

se imaginou, pois a penas penetrou a região da cutis; porém, ainda que fora mortal, nem por isso deixaria de vir a teus pés.

Rey. Que causa pôde obrigarte a tanto excesso?

Cyren. A liberdade de Polibio, por quem Senhor intercedo; e se o meu valimento pôde merecer alguma attenção, espero da tua benignidade, fatisfaças ao empenho do meu desejo.

Rey. Quando eu cuidava, que vinhas a fomentar o seu castigo, vens a interceder pela sua liberdade?

Cyren. Por isso mesmo, porque a vingança não cabe em peitos generosos.

Rey. E que diria o Mundo, vendo impunido hum tão grave delicto?

Cyren. Melhor he, que o Mundo ignore, que houve atrevimento em hum vaffallo para crime tão execrando; que ha casos às vezes, em que he melhor diffimular a culpa, que castigar o delicto.

Rey. E não pôdes penetrar o designio desta temeridade de Polibio, ou que interesse buscava na tua morte?

Cyren. Não sey mais, que pedirte a sua liberdade.

Rey. A Nereo, como parte mais offendi-

da, entreguey a culpa de Polibio ; del-
le depende a sentença ; a elle pódes re-
correr. *Vaise.*

Cyren. Ay de mim ! Que sendo Proteo o
que me ferisse, seja Polibio o culpado?
Mas Polibio, que se não desculpou com
Proteo, mostrando a sua innocencia, sem
duvida que o quer conservar para o fim
de seus intentos. Ay amado pay, quan-
tos extremos te devo, pois pela minha
fortuna offereces a tua vida ! Mas para
que neste oceano de confusões saiba o
norte, que devo seguir, lhe enviarey
hum aviso occulto nas flores de hum ra-
milhete, para que com esta cautella se
encubra o meu desígnio. Este amor
perfeito seja o instrumento de minha for-
tuna.

*Ao tirar hum ramo de amor perfeito, desap-
parece a pilestra, e o vaso, ficando em Pro-
teo, em cuja mão se une a de Cyrene, cui-
dando que pega na flor.*

Ay de mim ! Que vejo ? Atrevido
Proteo, solta me a mão, não queiras com
os disfarces de flor encubrir os venenos
de aspide, que tu não es o amor perfei-
to, que eu busco.

[Canta Proteo o seguinte Recitado, e Aria.

R E C I T A D O.

Amor perfeito sou, Cyrene bella,
 Que inundado da copia de meu pranto
 Ao Empyreo se estende a minha rama;
 Que só no Ceo de fogo busco a chamma,
 Como centro feliz de meu incendio;
 E se aquella ferida,
 Bellissima homicida,
 Augmenta teu rigor nessa impiedade,
 Huma casualidade
 (Ay de mim!) destruir não póde aquella
 Doce esperança, que me promettias;
 Mas se a innocente culpa, que não tenho,
 Teus rigores augmenta,
 Verás [oh impia sorte!]
 Buscar na minha dor a minha morte.

A R I A.

Se Amor, se a Parca irada
 Qualquer tirarme intenta
 A vida, que me alenta;
 Mais val que eu seja, [ò bella]
 Triunfo, não da morte,
 Despojo, sim do amor.

Pois quando afflicto intento
 Buscar mayor tormento,
 Morrendo só de amante,
 Será o penar mayor.

Quer irse.

Cyren. Espera, Proteo, que não te crimino, para te castigares; bem sey, que eu mesma me entreguey ao golpe, quando intentava ferir a Polibio.

Proteo. Tambem sey, que eu, ainda que innocente, fuy o instrumento de teu eclipse; e ainda que no sagrado de tua belleza acha immuniidade a minha culpa, permite-me, Cyrene, que a satisfaça morrendo.

Cyren. Não he tempo agora de ouvir finezas; sabe que Polibio.

Proteo, Já sey, que a Polibio se imputou o delicto de ferirte, e que prezo está na torre de Palacio.

Cyren. E sabe, que por te não criminar, consentio mudamente no crime, que se lhe impoz: agora Proteo, he escusado lembrarte a obrigação, em que estás de o libertares, como Principe, e como generoso; que he razão te empenhes em defender huma innocente vida, que pela tua tranquillidade se expoem ao mais funebre cadafalso.

Proteo. Supposto seja Polibio o instrumento de minha ruina na celeridade de teu Hymenêo; com tudo, como te empenhas na sua liberdade, por ella exporey a minha vida; que morrer por ti, ô Cyrene,

rene , não he novidade no meu amor.

Cyren. Não he necessario por ora tocar o ultimo extremo da fineza ; vença a industria primeiro , e depois a desesperaçãõ ; e só essa acçaõ poderá persuadir-me a tua constancia.

Proteo. Pois ainda della duvidas ?

Cyren. Sim ; pois até o presente não experimentey em ti mais , que variedades na tua fórma : deixa pois o mudavel , e sê firme na efficacia de tua fineza.

Proteo. Ainda que tenha por natureza o mudavel , isso he quanto ao exterior , pois todas essas mudanças , são demonstrativos de minha firmeza.

Cyren. Pois , Principe , na liberdade de Polibio a experimentarey.

Proteo. Na liberdade de Polibio o verás. .
Ao irem-se , sabem ao encontro Nereo a Cyrene , e Dorida a Proteo.

Dorid. O que ha de ver , Cyrene ?

Proteo. Na vida de Polibio o castigo de sua temeridade. *Vaise.*

Nereo. Que intentas experimentar ?

Cyren. A tua fineza na liberdade de Polibio , a pezar dos empenhos de Proteo.

Nereo. Ah tyranna , que bem percebo a tua industria ! *à part.*

Cyren. E assim , Nereo , espero da tua genero-

nerosidade, que libertes a Polibio ; que com este premio lhe satisfazo o ter ditoso instrumento de eu possuir a felicidade de esposa tua , na condução de Beocia para Flegra.

Nereo. Parece, que algum susto, ou perplexidade te fez mudar a intenção de tua supplica Ah tyranna! *à part.*

Cyren. A ancia , que tenho de libertar a Polibio, quando me afflige o coração , não me perturba o acordo , para pedirte a sua liberdade.

Nereo. Para te ostentares generosa , basta saberse , que intercedeste por Polibio ; mas eu como duas vezes offendido na sua vida vingarey as minhas offensas. *Vaise.*

Cyren. Que se falte ao respeito a huma esposa, e a huma Princeza ! Dorida , intercede tambem por Polibio , que talvez seja mais venturosa a tua supplica.

Dorid. Pede a Proteo, que não deixará de satisfazer ao teu empenho ; que eu me embarco para Egnido sem dilação, pois já conheço a caula , donde nascem os desvios de Proteo.

Cyren. Donde, Dorida ?

Dorid. Donde não imaginava, Cyrene. *Vaise.*

Cyren. Ay infeliz, que Proteo me intenta
pre-

precipitar com seus extremos , pois do semblante de Nereo , e das palavras de Dorida infiro os zelos , em que se abrazaõ ! Ah Proteo , já que tu es a causa de todos os meus males , sê algum dia instrumento de minha fortuna.

Canta Cyrene a seguinte

A R I A.

Fortuna , que inconstante
Te ostentas rigorosa ,
Quando serey ditosa ?
Quando serey feliz ?

Suspende por hum pouco
Teu moto acelerado ,
Naõ seja sempre o fado.
Cruel a huma infeliz.

Vaise.

Sabe Marefia.

Mares. Agora me disse Dorida , que me preparasse , que nos haviamos embarcar para a nossa terra ; isso já havia ser ha mais tempo ; e sem dizer nada a Caranguejo , me hey de despedir em Grego , que ainda he peyor , que em Latim ; e quantos trastes , e cacaréos tiver , tudo hey de levar comigo. E para sacrificar a Diana Deosa dos bosques , levarey este craveiro de cravos amarellos , em memoria da desesperaçãõ , em que me poz o sacerdotiso Caranguejo ; e assim já o
vou

vou levando, ainda que seja ao collo:
*Ao tomar Maresia o craveiro nos braços, se
 transforma este em a figura de Carangue-
 jo, e diz Maresia o seguinte.*

Mares. Mas ay! Que diabo he isto?

Carang. Não he diabo; sou eu mesmo,
 que sou endiabrado.

Mares. Es tu? Deixa-me negro mofino.

Carang. Mofina es tu, que nenhum favor
 me dás.

Mares. Larga-me, senão hey de chamara
 que delRey.

Carang. E eu hey de chamar a que de Ve-
 nus.

Mares. Tu não queres?

Carang. Quero, quero.

Mares. Pois toma. *Atira com elle ao chaõ.*

Carang. Só isso me podes dar; mas cahindo
 a teus pés, não quero mayor fortuna.

Mares. He muito atrevido: com enganos
 comigo?

Carang. Deixemos isso, Maresia, que já
 não estamos nestes termos, pois só a teus
 pés prostrado poem a boca hum Ca-
 ranguejo amante; e te pede com lagri-
 mas de sangue, que se has de escolher
 marido: que seja este pobre mendigo de
 teus favores, pois nisso farás huma obra
 pia; porque sou hum moço orfaõ sem
 pay, nem mãy.

Ma-

Mares. Já não se me dá de Venus; porque hoje me embarco, e mais Dorida, e nos vamos desta maldita terra.

Carang. Isso he fallar.

Mares. Quando o vires, ou quando me não vires, então o crerás.

Carang. Não poderas ter feito isso ha mais tempo, e escular de andar dando tratos ao juizo, empenhando-me com Venus, pedindo-lhe amatorias para te esperar, ficando eu por teu fiador, abonando a tua pessoa? Isto tudo tenho obrado a teu respeito, e agora, que ha de ser de mim?

Mares. Cada qual forra a sua pelle.

Carang. E a minha ha de ficar cativa, para Venus me tirar do coiro a fiança?

Mares. Que tenho eu com isso?

Carang. He boa essa! Não Senhora, que eu fiquey por vossê, que havia de casar mais dia, menos dia; e agora quer escapolar? Nada: mandado de segurança no caso.

Mares. Eu não vou por minha vontade, que Dorida me leva.

Carang. Pois casa primeiro, antes que te vás, ainda que seja comigo, e vaite depois muito embora, que isso basta para eu ficar liberto no forro interno.

Ma-

Mares. Qual casar ? Se eu por amor disso me vou ; e contigo muito menos.

Carang. Esse menos, he que he o mais.

Mares. O que posso fazer , he despedirme de ti : se queres , direy que te fiques embora.

Carang. Eu sempre ouvi dizer , que quem se despede , se abraça , e se me has de abraçar , despeçamo-nos já.

Mares. Hum abraço Francez não se nega a ninguem. *Abraça-o.*

Carang. Ora seja pela vida , e faude do Senhor seu pay : abraçada seja a tua alma todos os dias da tua vida.

Cantaõ Caranguejo , e Maresia a seguinte

A R I A.

Mares. Senhor Caranguejo ,
Adeos , que me vou :

Carang. Lá vay o meu bem ,
Meu mal me matou.

Mares. Não chore , barbado ,
Vossê he rapaz ?

Carang. Amor he que chora ,
Que amor he rapaz.

Mares. Adeos , que me vou

Carang. Não digas tyranna ,

Ambos. Adeos , que me vou.

Mares. Oh quanto me custa
Deixarte sem mim!

Carang. Oh quanto me affusta
Ficarme sem ti!

Ambos. Porém paciencia,
Que na agua do pranto
Amor se affogou.

Vaise.

S C E N A II.

Sala. Sabem Nereo, e Cyrene.

Cyren. H E possível, Nereo, que os
H rogos de huma esposa não te-
nhaõ valimento na tua attençãõ?

Nereo. Por isso mesmo, que para que se
saiba o quanto estimo a minha esposa,
hey de mostrar o quanto sey vingar a
sua offensa.

Cyren. Se eu demitto de mim essa offensa,
já te não fica acçãõ para a castigar.}

Nereo. As offensas da esposa saõ recipro-
cas ao esposo; e se da tua parte demittes a
injuria, da minha não perdoõ a offensa:
òlá, tragaõ aqui a Polibio, para que
veja Cyrene no seu castigo o meu amor.

Cyren. Barbara fineza he essa, Nereo: quem
vio mayor desgraça!

à part.

Sabe Polibio com cadeas, e Guardas.

Polib. A' tua presença chega o infeliz Po-
libio, e taõ infeliz, que pela mesma ac-
çãõ,

ção , que devera ser premiado , se vê na consternação de perder a vida.

Cyren. Mal posso conter as lagrimas.

Nereo. Polibio , já sabes , que sou o Fiscal de tua culpa ; do castigo não duvides ; porém para que seja menos horroroso o espectáculo , quero me digas , qual foy o fim de tão enorme delicto ?

Polib. Que delicto ?

Nereo. Ainda te atreves a negar , ou imaginas , que não delinquistes ?

Polib. Sim , porque não offendi a Cyrene.

Nereo. Não intentes negar hum delicto , que não tem defeza , que quasi aos nossos olhos foy comettido ; só quero me digas quem te impellio a tanto excessso ?

Polib. Senhor , eu não offendi a Cyrene ; ella sabe a minha innocencia.

Nereo. Pois quem ?

Polib. Cyrene o dirá.

Nereo. Cyrene , se queres a vida de Polibio , porque não declaras o offensor ?

Cyren. Ay infeliz ! Que farey entre hum pay , e hum amante? *à part.*

Nereo. Que dizes ? Mas nada digas , que o teu silencio eloquente me diz , que foy Polibio ; que se não fosse , quando lhe desejas a liberdade , accusarias o delinquente : não tenho mais , que averiguar:

guar : seja Polibio conduzido ao Templo de Astréa , aonde no rigor da justiça pague com a vida o seu delicto.

Chegão os guardas a levar a Polibio.

Cyren. Esperay , que Polibio não he o delinquente.

Nereo. Pois quem , Cyrene ?

Cyren. Que direy ! Oh abysmo de confuzões ! *à part.*

Nereo. Levay a Polibio , que Cyrene o condemna.

Polib. Vamos , que hum respeito me crimina. *Vay andando.*

Cyren. Vença ao amor a natureza : suspendey , que eu declaro quem foy o delinquente.

Nereo. Saõ escusados effes artificios para suspender a execuçaõ : levem a Polibio , que elle he o delinquente.

Cyren. Não he , Nereo ; não he : eu he que fuy a delinquente.

Nereo. De que sorte ?

Cyren. Desta sorte : como determinava El-Rey a brevidade do nosso Hymenêo....

Sabe Proteo com espada , e Soldados tambem com ellas , e Caranguejo armado.

Nereo. Que he isto , Proteo ?

Proteo. Libertar a Polibio , para que a supplica de Cyrene não fique sem satisfação decente à sua pessoa. *Ne-*

414 *As Variedades.*

Nereo. Pois tu intentas despicar as injurias de minha esposa?

Proteo. Não: mas as injurias de huma Dama offendida, sim.

Cyren. Mayor damno se vay originando. *à p.*

Polib. Proteo obra como Principe. *à part.*

Carang. Hoje ha de ir tudo com Berzabú.

Nereo. Proteo, enlouqueceste? Não sabes o perigo a que te expões?

Proteo. Já sey.

Nereo. Pois que intentas, se o sabes?

Proteo. Defender a Polibio.

Nereo. Como?

Proteo. Desta fórte. *Brigaõ.*

Carang. Ay que aqui está o homem! Que he isto lá?

Nereo. Intolente Proteo, saberey castigar a tua temeridade.

Polib. Valha-me o valor de Proteo.

Cyren. Nereo, Proteo, que intentas? Ay de mim! Polibio, retira te.

Polib. Não posso, que as prizões me embaraçam.

Proteo. Polibio, segue-me.

Nereo. Não em quanto esta espada se unir a este braço.

Carang. Ah cobardes, hoje ha de sentir o Mundo as mordeduras deste Caranguejo.

Sabem El Rey, e Dorida.

Rey. Que insulto he este? Que he isso, Principes? Suspendey as armas.

Proteo. Frustrou-se o meu intento. *à part.*

Dorid. Que lastimosa tragedia!

Carang. Bom padrinho tiveraõ.

Rey. Nereo, que excessõ foy este?

Nereo. Arrojo de Proteo, que com esta violencia intentou libertar a Polibio, por satisfazer aos empenhos de Cyrene.

Rey. Temerario Proteo, como sem attençaõ ao decóro deste Palacio com maõ armada assim o profanas?

Carang. Ponto de interrogaçaõ.

Proteo. Senhor, hum precipitado empenho naõ repara em attenções; que a cega paixãõ, que predomina em meu peito, naõ sabe distinguir a purpura, mais que a do sangue, que intento verter pela liberdade de Polibio.

Rey. Barbaro louco, imprudente, assim me respondes? Naõ sabes, que sou teu pay, e teu Rey? Levem-no prezo, e junto com Polibio seraõ ambos victimas de Astréa. Quem vio mayor insulto!

Carang. Ponto de admiraçaõ.

Proteo. Mais me vanglorias com esse castigo, pois quando naõ posso defender a Polibio, ao menos me servirá de desculpa

pa o não ter vida para libertallo.

Cyren. Espirou a minha esperança, e eu com ella. *à part.*

Dorid. Sem embargo das ingratições de Proteo, por elle supplico, Senhor.

Rey. Não peças por hum ingrato.

Dorid. Basta-lhe ter o nome de esposo meu.

Rey. Deixa, Dorida; deixa, que se viuguem em hum só castigo tantas offensas: sejaõ levados, como digo, ao Templo da Justiça, aonde no seu sangue se purifiquem as suas culpas.

Polib. Não val a minha innocencia contra esse rigor?

Cyren. Não póde o meu pranto abrandar essa dureza?

Proteo. Não se attende ao meu caracter?

Rey. Não póde, não val, não se attende: levay-os. *Vaise.*

Carang. Aquillo he ponto final.

Cyren. Cruel esposo, porque não te jactes, que triumphas de minhas lagrimas, não has de ter o prazer, de que eu veja a execução de tua vingança: pois desesperada buscarey quem me vingue desta injuria. *Vaise.*

Polib. Os Ceos mostraráõ a minha innocencia. *Vay com os guardas.*

Nereo. Vá tambem esse tyranno irmão per-
tur

turbador do socego de meus sentidos.

Proteo. Não ha de ter essa jactancia. *à part!*

Dorid. Vê Nereo, que contra hum irmão he indigno esse procedimento.

Nereo. Se souberas, Dorida, o que eu não ignoro, não intercederas por elle.

Dorid. Quem nunca o soubera! *à part!*

Carang. São boa casta de irmãos estes! Por elles se póde dizer: *quando fratres sunt boni, sunt bonifrates.*

Nereo. Em que vos detendes, que o não levais?

Proteo. Na fórma delRey me transformarey. *à part.*

Transforma-se Proteo na figura delRey.

Nereo. Levay-o: não me obedeceis?

Soldad. A quem, Senhor?

Nereo. A Proteo.

Soldad. Proteo não está aqui.

Nereo. E este quem he? Mas que vejo! Senhor, Vossa Magestade como aqui, e Proteo? Estou confuso! Que illusão he esta?

Proteo. Se Proteo não apparece, busquem-no, que importa não ficar sem castigo.

Vaise.

Carang. Ficaraõ pasmados: o certo he, que eu, e meu amo, somos dous.

Nereo. Dorida, não viste a Proteo ficar

entre os guardas , quando se ausentou ElRey ?

Dorid. Não ha duvida.

Nereo. Pois como Proteo , sem que o vissemos , desappareceo ? e ElRey estava entre os guardas ?

Carang. He que foy preciso fazer dous pontos na oração.

Dorid. He caso maravilhoso !

Nereo. Que fugisse Proteo , sem que delle pudessem os meus zelos vingarte ! O'lá toda essa comitiva , que armada veyo com Proteo na sublevação , seja conduzida ao mais escuro carcere.

Carang. Boas noites tenhaõ vossas mercês.

Nereo. E haja particular vigilancia nesse criado.

Carang. Sempre obrigado : cá para nós não he necessario ceremonias. He bem feito !

à part.

Dorid. Nereo , esse criado he louco.

Carang. He verdade ; nem tal me lembrava.

Nereo. E como sabes , que he louco ?

Dorid. Pelo ter visto varias vezes.

Carang. Essa ainda he melhor ! Que ? Prenderme para casar ? Pois desengagem-se , que ainda que me matem , não hey de casar.

Dorid.

Dorid. Com aquella teima anda sempre.

Nereo. Esse por louco, pois o abona Dorida, fique, e levem os mais.

Levaõ os guardas os que vieraõ com Proteo.

Carang. De boa escapey! Vi a morte diante dos olhos. O certo he, que a vida dos nescios, e loucos he mayor, que a dos entendidos. *à parte, e vaise.*

Dorid. Nereo, naõ te afflijas com tanto excessõ, buscando na tua pena a tua morte, que mais importa a tua vida.

Nereo. Ay Dorida, que o meu sentimento por inexplicavel he mais sensivel!

Dorid. Aprende de meu soffrimento, pois sentindo o mesmo mal, que tu padeces, procuro suavizallo com o retiro. *Vaise.*

Nereo. Dorida com prudencia me deu a entender os seus zelos: ay infeliz, que já com duplicado indicio póde dazafoegar publicamente a minha dor nos zelos de Cyrene! Ah Princeza indigna de taõ soberano epitheto! Oh Proteo aleivoso, digno de eterna infamia nos annaes da memoria! Huma contra as soberanias do caracter, outro contra as leys da lealdade, e da natureza, se armaraõ instrumentos de minha magoa no tormento de meu ciume.

*As Variedades**Canta Nereo a seguinte*

A R I A.

Selvatica féra

Da brenha mais tosca

Se encrespa , se enrosca ,

Se a cara consorte

Nos braços encontra

De amante rival.

Se o rustico instincto

De hum bruto padece ,

Desculpa merece

Huma alma abrazada

Dos zelos no mal.

Vaise.

S C E N A III.

*Templo de Astréa , com o simulacro da Justiça.**Sabe Maresia.*

Mares. **C**Om estas embrulhadas de Palacicio anda tudo taõ mexido , e remexido , que estou vendo como te ha de sahir desta mexuda : o que mais finto , he dilatarse o nosso embarque por causa das traicões do Senhor Polibio , que sem alma , nem consciencia , quiz tirar sangue donde o não havia : pois hey de regalarme de o ver pernear.

Sa:

Sabe Caranguejo.

Carang. Aqui se pagaõ ellas: vês como o teu peccado te trouxe por teu pé ao miserando supplicio no Templo de Venus?

Mares. Que dizes? Este he de Venus o Templo?

Carang. Assim dizem os contemplativos.

Mares. Pois a Estatua de Venus he daquelle fórte?

Carang. Sim Senhora; mas não me admira, que não conheça a Venus, quem não quer casar.

Mares. Venus com os olhos tapados, mais me parece Cupido, que Venus.

Carang. He que a formosura tem o amor nos olhos.

Mares. Mas se he mulher, porque traz espada?

Carang. Por amor dos virotes, que dá na gente.

Mares. E as balanças, que significação?

Carang. He para pezar as finezas; mas adverte, que aquellas balanças não tem fiel, porque todas as Venus são fallas.

Mares. Ora muito me contas.

Carang. E tu nada me dizes do casamento?

Mares. Verdade he, que já fazia tenção de casar.

Carang. Filha as tenções livraõ as almas, mas não os corpos.

Mares. Eu sim casara comtigo ; porém não sey que te diga.

Carang. Não sey como a Maresia te não faz vomitar tudo quanto tens no bucho.

Mares. Não sey como es ; não sey , que te falta , para seres de meu gosto.

Carang. Nada me falta , porque o teu rigor me tem acabado.

Mares. Acabado sim , mas não perfeito.

Carang. E plusquam perfeito : ora dize , leve o diabo paixões , aonde havias tu achar , quem mais te quizesse ? Por ti sendo muito limpo , me fiz hum porco ; por ti me fiz cadeira de braços , para ter pé de te possuir ; e finalmente por ti me amortalhey em hum craveiro de cravos de defuntos , para renalcer comobicho de seda no capulho de teu agrado ; e se tudo isto te não move , vê de que sorte me queres , que para tudo sou de cera.

Canta Caranguejo a seguinte

A R I A.

Tomara fazerme
Em mil pedacinhos,
Por ver se os carinhos

Te

Te posso colher:

S: queres me ver

Gigante, aqui estou: *Faz-se Gigante.*

Vê lá como sou

Affim tamanhaõ ?

Se ques, que me abaixe

Serey hum Anaõ. *Faz-se Anaõ.*

Mas naõ, Anaõ naõ,

Que Anaõ he agoiro,

Serey tamanhaõ. *Faz-se Gigante.*

Se affim naõ te agrado,

Serey desgraçado,

Mas naõ feanchaõ.

Mares. Basta com tanto desengonçamento.

Mas ay, espera, deixa-me esconder na-
quelle cantinho, que lá vem hum ho-
mem correndo a quatro pés, muito afros-
turado com huma faca na maõ. *Esconde-se.*

Carang. Espera, aonde te vás esconder ?

Sabe Proteo com hum punhal na maõ.

Proteo. Junto à ara do sacrificio de Astréa,
me occultarey, e com este punhal ma-
tarey o barbaro executor da justiça,
quando intente tirar a vida a Polibio.

Carang. Ah caso igual ! Senhor, vens-te
meter na boca do lobo ? Já que te trans-
formaste em Ponto taõ pontualmente,
para escapar das garras de Nereo, como
lhe

lhe queres agora cahir nas unhas? Para que, Senhor?

Proteo. Ou para matar, ou para morrer; que se hey de perder a Cyrene, que importa que perca a vida?

Carang. Ainda assim, aquillo de viver he bom para a faude.

Proteo. E tu como pudeste escapar, acompanhando-me tambem?

Carang. Pelo privilegio de louco, que he muy grande; que se eu tivera entendimento, donde estaria a estas horas?

Proteo. E Cyrene, (ay de mim!) quediz?

Carang. Ella alli vem, e Dorida.

Proteo. Occultarme quero, como disse. Amor, se es Deidade, favorece os meus intentos.

Esconde se Proteo junto à Estatua da Justiça; e sabem Cyrene acelerada, e Dorida detendo-a.

Dorid. Cyrene, que excesso he este? Não attendes ao teu decóro? Aonde caminhas precipitada?

Cyren. Dorida, não estou em mim; que queres que faça huma desesperada, huma afflicta, e huma infeliz?

Dorid. Retiremo-nos, antes que se horrorise a vista com o funesto espectáculo de Polibio, que já caminha para este Templo de Astréa.

Cy:

Cyren. A isso mesmo he que venho, não por ver a sua tragedia, mas por impedir a sua morte.

Dorid. Para que te empenhas em hum impossivel, quando Nereo impellido, não sey de que occulto sentimento, intenta vingarse na tua vida? Porém já occupados os pórticos de huma immensa turba, mal nos poderemos retirar.

Tocaõ tambores.

Carang. Grande trovoadá se vay armando!

Cyren. Ay que a vida se me vay acabandó!

Nem Proteo apparece para mayor pena minha! Que farey só, e afflicta, em tanta multidaõ de pezares?

Sabem ElRey Ponto, Nereo, e depois Polibio com guardas; e sabe Marefia donde estava escondida.

Rey. Com effeito, não tem apparecido Proteo?

Nereo. Parece que a terra o tragou por castigo de seu delicto.

Rey. Ay Proteo! Quem pudera... Mas não, não merece piedade hum filho ingrato.

Nereo. Agora verá Proteo, se póde libertar a Polibio, que nas Aras de Astréa, hoje ha de ser victima de seu rigor.

Canta Polibio a Aria, e o seguinte

R E C I T A D O.

Astréa Soberana,
Sagrada filha do brilhante Olimpo,
Como assim consentes, que huma innocencia
Profane teus altares
No impuro sacrificio,
Que incender hoje intenta huma impiedade?
Mas já sey, infeliz, que como es cega
Naõ verás da sentença a iniquidade;
Ouve ao menos os miseros clamores
Desta inculpavel vida,
Pois naõ pede a Justiça,
Ver no Templo de Astréa huma injustiça.

A R I A.

Se o recto instrumento,
Que vibras ingente
De huma alma innocente
Castigo naõ he:
Ao duro supplicio
Impávido vou.

Naõ fujo, naõ temo
Da morte os horrores,
Que a rigida espada
Em vida inculpada
Já mais penetrou.

*Querendo Polibio caminhar para a Estatua de
Astréa, o impede Cyrene.*

Cyren. Aonde vás, Polibio? Espera.

Polib.

Polib. Quem me defende?

Cyren. Cyrene te ampara.

Rey. Tu não podes impedir a execução da justiça.

Nereo. Execute-se a sentença.

Carang. Embargos temos. *à part.*

Cyren. Não póde executar-se a sentença ; porque sendo falsa a culpa, não póde ser a pena verdadeira.

Nereo. Se elle a não contradiz, que mais evidencia póde haver? Morra Polibio.

Cyren. Polibio está innocente ; affirmo, que me não podia offender.

Rey. Porque ?

Cyren. Rompa-se o silencio por huma vez. *à part.* Porque he meu pay.

Nereo. **Rey.** Teu pay Polibio? Que dizes?

Polib. Cahio a machina de minha idéa. *à p.*

Cyren. Senhor, meu pay he Polibio, não o duvides.

Polib. Não sou pay de Cyrene: não dilates, Senhora, com esse engano o teu Hymenêo ; deixa, que eu morra ; que pouco preço he huma vida, para comprar hum Reino.

Rey. Que mais podia excogitar a tua industria, para libertar a Polibio?

Nereo. A sentença se execute sem dilação.

Cyren. Soberano Monarca, não são industrias

trias da idéa, são realidades da natureza;
Polibio he meu pay.

Rey. Como póde isso ser, se tu es filha del-Rey de Beocia ?

Cyren. Attende-me, e saberás: Não ignoras as revoluções, e guerras, que houve em Egypto, aonde Polibio foy cabeça de huma parcialidade; e como esta ficasse superada, se retirou a Beocia comigo, e ahi me deixou occulta em a rustica montanha de huma Aldea, para que o furor inimigo não triunfasse de minha innocencia: passou Polibio a Flegra a servirte, como sabes, a quem deste o caracter de Embaixador para Beocia a conduzir a sua Princeza para esposa de Nereo: chegando Polibio a Beocia, achou ser falecida aquella Princeza, tambem chamada Cyrene; e dissimulando o motivo, me trouxe a mim para Nereo; querendo com esta industria verme coroada Princeza.

Proteo. Se será illusão o que ouço? *à part.*

Cyren. E já que este impensado acaso descobrio este engano, a teus pés, Senhor, eu, e Polibio, pedimos perdaõ desta temeridade, para que hum delicto verdadeiro seja indulto de outro, que o não he.

Rey.

Rey. Ha caso mais extraordinario !

Nereo. Nem alentos tenho para respirar.

Dorid. Prodigioso successo !

Mares. Quando eu vi, que tinha o fangue vermelho como o meu, logo duvidey, que fosse de fangue Real. *à part.*

Carang. E o que mamou de Altezas à chucha calada ! *à part.*

Polib. Desta fórte, Senhor, conhecido quem fou, bem se vê, que não podia intentar a morte de Cyrene.

Rey. Pois como tinhas o punhal na mão ?

Polib. Porque querendo matarme Proteo, Cyrene commovida do amor de filha, se meteo de permeyo, e casualmente a ferio Proteo ; ficando o seu punhal por outro semelhante incidente na minha mão.

Rey. Quanto desse crime estás perdoado ; mas não ficará sem castigo esse, que maquinaste para coroar a Cyrene. Dize, atrevido, e infame Polibio, como fabricaste tão pernicioso engano em ludibrio de minha Coroa, perdendo por tua causa Proteo a Patria, e eu a sua companhia ?

Nereo. Deixa, Senhor, que eu vingue essa offensa, pois eu era o alvo do seu engano ; e assim, fementido, barbaro, traidor, em meus braços. . . . *Ad*

Ao acometter Nereo a Polibio, sabe Proteo.

Polib. Não ha quem me soccora ?

Proteo. Proteo te defenderá ; suspende o furor, Nereo.

Cyren. Oh extremofo amante ! *à part.*

Rey. Proteo, es tu, ou he engano da fantasia, o que vejo ?

Nereo. Ainda intentas amparar a hum traidor ?

Cyren. Nereo, se acaso aquelle apparente nome de esposa pôde conciliar no teu peito algum affecto ; rogo-te, que releves os excessos de huma indilcreta ambição.

Nereo. Ainda te atreves, fementida, tyranna, a lembrarme o nome de esposa ? Por isso intentavas com cautellas, que te adorasse como bella, e não como Princeza ? Pois agora, que não variey de systema, não sendo tu quem eu imaginava, desprezo a tua formosura, por não ser adornada de Magestade.

Carang. Eppo mismo quiere la mona.

Proteo. Pois na minha estimação tanto val a formosura de Cyrene, como a mais egregia Princeza ; e assim, Rey, Pay, e Senhor, a teus pés prostrado te peço, me dês a Cyrene por esposa, que supposto não seja filha delRey de Beocia,

O nobre fangue de Polibio, e a sua belleza, pódem compensar hum incidente da fortuna.

Rey. Que dizes, Proteo? Enlouqueceste acaso?

Proteo. Se me negas esta ventura, com este punhal me tirarey a vida, pois sem Cyrene tudo he morrer.

Rey. E a Dorida como se ha de satisfazer?

Dorid. A' vista daquelle extremo de amor, que posso esperar? Logre Cyrene essa fortuna.

Rey. Como Dorida consente no desejo de Proteo, e Nereo demitte a Cyrene, não posso difficultar a tua supplica: Cyrene he tua, Proteo.

Proteo. Amada Cyrene, na tua belleza consigo o mayor imperio.

Cyren. E eu no teu amor a mayor fortuna.

Polib. Sempre se logrou o meu intento: ditosa idéa!

Rey. Dorida, se acaso quizeres, que Nereo seja teu feliz esposo, com essa dita se alcançará hum completo prazer.

Dorid. Não posso resistir ao teu preceito.

Nereo. Nem eu deixar de agradecer essa benevolencia, quando acho em ti a qualidade, que só adoro unida à tua belleza.

Carang. Marefia, queres tu agora sacrificar-te a casar comigo por descargo de tua consciencia?

Maref. Mais val hum ruim concerto, que huma boa demanda; anda casemos, que ao menos em hum marido tenho hum escravo.

Carang. Pois entãõ leve o diabo paixões; todos ficaõ accomodados, e satisfeitos com as suas consortes, e Proteo mais que nenhum, pois com as suas variedades, e mudanças, mostrou a mayor firmeza nos amores de Cyrene.

Proteo. E já que os fados prosperaraõ os meus intentos, repita outra vez o alternado accento em festivos jubilos.

C O R O.

1. *Coro.* Em hora ditosa
Venha Cyrene,

2. *Coro.* Em hora festiva
Dorida venha.

1. *Coro.* A ser de Nereo,

2. *Coro.* A ser de Proteo,

Ambos. Ésposa feliz.

1. *Coro.* Os prados com flores,

2. *Coro.* Com perlas os mares,

Ambos. Os Sceptros esmaltem

De eterno matiz.

F I M.

PRE

PRECIPICIO
 DE
 FAETONTE,
 OPERA QUE SE REPRESENTOU
 no Theatro do Bairro Alto de Lisboa,
 no mez de Janeiro de 1738.

ARGUMENTO.

T *Ages*, irmão de *Tirreno*, Rey de *Italia*, usurpa este Reino, o qual pertence a *Egeria*, Ninfa do *Eridano*, e filha de *Tirreno*. *Faetonte*, filho do *Sol*, e reputado por filho de hum *Pastor de Thessalia*, vendo o retrato de *Egeria*, rendido lhe tributa o seu amor; e para melhor o dar a conhecer a *Egeria*, sabe de *Thessalia*, e se occupa na *Italia* em acções do agrado desta Ninfa; por cuja causa sabe de *Thessalia* o *Magico Fiton* em seguimento de *Faetonte*, para o desviar deste amor, por quanto ainda neste tempo ignorava *Faetonte* o seu verdadeiro pay, e *Fiton* lhe receava a ruina, quan-

do o chegasse a conhecer. Estabelecido Faetonte nos agrados de Egeria, esta para restaurar o Reino pelas acções daquelles, que a pretendiaõ, para este fim usa occultamente prometter a mão de esposa a Mecenas, e a Faetonte, em que consistem os mayores lances desta Historia. Albano, Principe de Liguria, pretende ser esposo de Ismene, filha de Tages. Este, quando Faetonte se declara filho do Sol, o pretende para esposo de Ismene, e para o de Egeria a Albano; os quaes fingidamente se declaraõ amantes com a ferida dos zelos. Apparece Apollo, e declara a Faetonte por seu filho: este lhe pede faculdade para gyrar na carroça do Sol. Resiste Apollo; porém instando Faetonte, lho concede; e este depois à vista de Egeria se vê precipitado no Eridano. O mais se verá no contexto da Historia.

INTERLOCUTORES.

Faetonte, *Filho do Sol.*
 Albano, *Principe de Liguria.*
 Mecenas.
 Tages, *Rey.*
 Fiton, *Barbas, Magico.*
 Chichisbeo, *Criado de Faetonte.*

Ege-

Egeria, *Primeira Dama, sobrinha de Tages.*

Ismene, *Segunda Dama, filha de Tages.*

Chirinola, *Criada de Egeria.*

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Bosque frondoso nas Ribeiras do rio Eridano.*

II. *Sala.*

III. *Camera.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Sala.*

II. *Selva.*

III. *Gabinete bem adornado.*

IV. *Templo de Hymeneo.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Camera.*

II. *Sala.*

III. *Bosque, como no principio.*

PARTE I.

SCENA I.

*Bosque frondoso nas Ribeiras do rio Eridano.
Em quanto Faetonte canta o seguinte Recitado, irá sabindo Egeria em huma concha tirada por dous Delfins.*

RECITADO.

Faet. **E**geria peregrina,
Do sagrado Eridano Ninfa bella,
Deixa o ceruleo, errante, trono vago,
Em que habitas Deidade;
Que se aguas procuras em taes magoas
Vem a meus olhos, q̃ tãbem tem agoas.
Canta o Coro.

Alenta, respira,
Galhardo Pastor,
Pois vês, que a teu rogo
Partido o crystal
Se abrazaõ as aguas
Em fogo de amor.

Faet. Se da Italica esféra
Tutelar Divindade te appellidas,
Am.

Ampara hum peregrino ,
Que a teu sacro Eridano sacrifica
Outro rio em seu pranto : oh quanto temo ,
Que unido o sacrificio à Divindade ,
Se inunde o Orbe em liquida impiedade !

C O R O .

Alenta , respira ,
Galhardo Pastor , &c.

Faet. Outra vez , e mil vezes
Te busco impaciente ,
Por ver se rigoroso meu destino
Nos influxos brilhantes de teus rayos
Acha seguro asylo , e o passo errante
De hum animo constante
Encaminha propicia , porque vejas ,
Que idolatra numéra em vagos gyros
Tantos os votos , quantos os suspiros.

C O R O .

Alenta , respira ,
Galhardo Pastor , &c.

*A esta ultima clausula do Coro , desembarca
Egeria , e canta a seguinte Aria , e*

R E C I T A D O .

Hum peregrino affecto
Me occupa o coração , quando inquieto ;
Nem as aguas do mar , ou meus suspiros ,
Surcando em dous mil gyros

Me

Me deixaõ respirar, porque em meu peito
Me abraza o cego ardor de amor perfeito.

A R I A.

Naõ sey que novo affecto
Sinto no amante peito ;
Só sey , que o seu effeito
Me obriga a te adorar.

Do teu doce attractivo
Já sente o amante peito ;
E à vida naõ compete
Gosto mais singular.

Eger. Errante peregrino , a cuja vista com-
movido o Eridano divide o crystal de suas
aguas , para multiplicar a tua fórma nos
seus espelhos ; que incognito attractivo
occultas em ti , pois até eu , como Dei-
dade destas aguas , te estou amando , sem
saber a causa , porque te quero ?

Faet. Naõ sey , Egeria , naõ sey ; pergun-
ta aos Astros , de cujos influxos se ori-
ginaõ as sympatias : só sey , que haverá
tres dias , que occulto me tens neste fron-
doso bosque , verdes o beliscos do Eri-
dano , mais como foragido , que como
habitante.

Eger. Tambem sabes , que em todo esse
tempo naõ mereceraõ os meus agra-
dos arrancar do profundo silencio de teu
pei-

peito quem es, e a causa de tua peregrina-
nação.

Faet. Não sey mais de mim, que ser hum
Pastor, com espiritos tão altamente nasci-
dos, que intentaõ competir com os
Deoses mais brilhantes do Firmamento.

Eger. Como pôdem em hum Pastor caber
tão altos pensamentos?

Faet. Porque a alma, que me anima, ou
não he deste corpo, ou este corpo não
he daquella alma.

Eger. Dize-me ao menos o teu nome, e a
tua patria?

Faet. Faetonte he o meu nome, e a mi-
nha. . . .

Eger. Espera: Faetonte te chamas? Ay
de mim!

à part.

Faet. Que tens, Egeria? Assustou-te o
meu nome?

Eger. Sim, Faetonte, pois ao ouvillo pro-
nunciar, me senti abraçar em hum vivo
incendio.

Faet. Em fim, Senhora, para que te obe-
deça em tudo, Thessalia he a minha
patria.

Eger. E porque della te apartaste?

Faet. Ay de mim! Quem pudera decla-
rar-se!

à part.

Eger. Emmudeces?

Faet.

Faet. Como queres se contivesse em Thesalia hum coração, que não cabe em todo o mundo; pois só nas ethereas Regiões terá limite a minha ambição?

Eger. Agora entendo, Faetonte, que algum propicio Numen te conduzio a Italia, para seres venturoso instrumento das minhas idéas; pois só o teu valor, e a tua ambição, poderão suspender a roda de minha infausta fortuna.

Faet. Pois em que te dilatas? Propoem, galharda Ninfa, que a teu respeito (se necessario for) roubarey as luzes ao Sol, a Neptuno o tridente, e os rayos a Jupiter, para que com rayos, tridente, e luzes, possa triunfar do Sol, do Mar, e do Empyreo.

Eger. Já que a altivez de teus pensamentos me persuade a minha ventura, sabe, que eu sou a infeliz Egeria, filha de Tirreno, Rey que foy desta Região; o qual deixando-me pupilla debaixo da tutella de Tages, seu irmão, e meutio; este tyrannamente me tem usurpado o Cetro, intentando perpetuar a minha Coroa na sua descendencia, fazendo com que Ismene sua filha seja herdeira de minha fortuna, casando-a com Albano seu sobrinho, Principe da Liguria. Ah cruel

Al-

Albano! Ah falso amante! *à part.*

Faet. Que soffraõ os Deoses semelhantes injustiças!

Eger. Albano pois, com as armas da Liguria intenta segurar o throno de Ismene; e assim desvalida, e sem amparo, consinto esta violencia, este attentado, e esta injuria, até que o teu valor, animado de taõ altos espiritos, fãba segurarme o throno, que me usurpa huma tyranna, para que ambos configamos, eu a minha Coroa, e tu a minha mão.

Faet. Pois eu, Egeria, hey de ser Rey de Italia?

Eger. Cuidey, que perguntavas, se havias de ser meu esposo?

Faet. Sem o caracter de Rey, teu esposo como poderey ser?

Eger. Sim poderias, pela violencia, com que me attrahe o teu nome, e a tua pessoa; e pois da minha parte está o amor, esteja da tua a fortuna.

Faet. E para que a tua se estabeleça, discorramos o meyo para a conseguires.

Eger. Naõ acho outro mais efficaz, que feres tu homicida de Ismene, e eu de Albano, para que de huma vez se correm as esperanças de reverdecer o laurel.

rel nas suas cabeças ; pois extincta assim a estirpe Real , por força me acclamarão Princeza hereditaria.

Faet. Não seria melhor , que Albano ficasse ao arbitrio de minhas iras , e Ismene ao das tuas , para que na igualdade dos sexos ficasse sem perigo a resolução?

Eger. Não ; porque se não ha de presumir , que huma mulher haja de ser homicida de hum homem ; e assim no mayor disfarce se encobrirá o mayor veneno : e pois nesta quinta vizinha ao Eridano vive ElRey , a ella te encaminha , aonde espero introduzirte. Mas ay Faetonte , não sey se me saberás corresponder!

Faet. Não sabes , que a infidelidade não cabe em meu peito ? E se me não acreditas , sede-me testemunhas vós Padre Eridano , vós ceruleas Ninfas , que nesses pelagos habitais , de que já mais ferey infiel a Egeria ; e se o for , permitti , que sejam as vossas aguas os fiscaes do meu delicto.

Eger. Basta , Faetonte ; mas só te advirto , que has de ser o homicida de Ismene.

Faet. Para que me lembras essa circumstancia ?

Eger. Para que não aches desculpa na sua formosura.

Faet.

Faet. A que eu adoro, he objecto tão peregrino, que não admitte hospedar-se em meu peito outra qualquer belleza; e assim a de Ismene não poderá ser remora de meu impulso.

Eger. Não me desvanças com affectados periodos.

Faet. Que mal entendes aonde se dirigem os meus suspiros! *à part.* Mas também advertete, que has de ser homicida de Albano.

Eger. Para que me ratificas o que eu sey?

Faet. Não sey o para que; só sey, que Albano he Principe, e poderoso; e tu desvalida, e sem amparo.

Eger. Só no teu braço seguro a minha fortuna.

Faet. Pois, Egeria, a emprender.

Eger. Pois, Faetonte, a conseguir: mas lembro-te outra vez, que has de ser Monarca de Italia, e que Ismene he formosa; cinge a Coroa nos olhos, para que sejas Cupido da tua ambição, e não do teu amor.

Cantaõ Egeria, e Faetonte a seguinte

A R I A A D U O.

Eger. Se acaso a formosura
O golpe te suspende,
Na suspensão attende

- A' gloria do reinar.
- Faet.* A' copia, que idolatro
Tributo extremo tal,
Que só no original
Me posso retratar.
- Eger.* Oh peço-te não sejas
A tanta fé traidor!
- Faet.* Oh rogo-te, que creyas
As véras deste amor.
- Ambos.* Que affecto taõ constante
Mudavel não será.
- Eger.* Na fé, que me promettes
Socega o meu cuidado:
- Faet.* O meu amor prostrado
Fiel será comtigo.
- Ambos* Pois vê com segurança
No bem, que amante figo,
A gloria, que terá. *Vai-se Eger.*

Dentr. Por aqui foy ; segui-o todos.

Faet. Que rumor será este ? Será conveniente occultarme.

Esconde-se Faetonte , e sabe Fiton com hum livro na mão , que ao depois o lançará no chão , e se despe.

Fiton. Aonde achará refugio hum infeliz ?
Despojarme quero desta recopilada sciencia , que inutil me não ampara ; e para que mais disfarçado possa escapar de-

te barbaro furor , ferá preciso mudar de trage ; e ainda que me prendaõ , dizendo que naõ sou quem buscaõ , deixarey ao menos vacilante o seu intento. Oh sciencias , até quando deixareis de ser perseguidas !

Dentr. Vamos ao Eridano.

Fiton. Oh tu frondoso Bosque , sê propicio refugio de hum desgraçado , occultando-me em teu verde labyrintho. Mas quem está aqui ?

Ao hir esconderse , encontra-se com Faetonte.

Faet. Que vejo ! Tu naõ es Fiton ?

Fiton. Faetonte , he possivel , que te encontro ?

Faet. Naõ te deixey em Thesflalia ?

Fiton. Sim ; mas como soube , que precipitadamente vinhas a Italia , a buscar o original daquella copia , que casualmente veyo às tuas mãos , foy preciso seguirte , para que te naõ arruinassem os tens pensamentos. Oh nunca te eu differa , que em Italia habitava essa formosura !

Faet. Pois já , que estamos em Italia , porque me naõ declaras , quem he essa soberana belleza ? Para que me occultas o original de taõ bella copia , quando vês , que vagando por estas regiões , venho

inho louco amante , a ver se en contro o idolo , que adoro em sombras , e me abraza em chammas ?

Fiton. Faetonte , convém à tua conservação o ignorares de quem he o retrato ; pois tenho alcançado pelas minhas sciencias Magicas , e Astrologicas , que o original dessa copia ha de ser a causa do teu precipicio ; e se longe do perigo te recatey o dizerto , agora que estás perto do damno , como to poderey declarar ?

Faet. Como ? Desta fórte : arrancando-te do peito o coração , já que não posso o segredo , que me occultas.

Luta Faetonte com Fiton.

Fiton. Louco mancebo , que fazes ?

Dentr. Cercay todos esse bosque.

Fiton. Espera , não queiras , que ambos aqui pereçamos , pois sey , que esta tropa vem para nos prender. Com este engano estorvarey o seu furor. *à part.*

Faet. Deixo-te com vida , para em melhor occasião saber a causa de meu precipicio : anda. *Vaise.*

Fiton. Vamos , que por mais que te empenhes , o não has de saber. *Vaise.*

Sabe Chichisbeo.

Chich. Ora sou bem asno ! Mas não tenho vergonha de o dizer : que venha eu palmitan-

milhando desde Theffalia até aqui atraz de hum louco, ou de hum Faetonte, que tudo he o mesmo! E o peyor he, que me desencontrey delle, e ando perdido pelo moço! Que ha de fazer o pobre Chichisbeo, posto no centro de Italia, sem saber aqui aonde são as casas locandas, e o que mais he, sem quatrini? O que me val he ser eu Chichisbeo, que terey entrada franca em toda a casa. Mas que he isto, que alli está? Ora vejamos: oh, he hum vestido, que está despido: ora labia Deos, que já este meu estava por hum fio: se me chegará? Vejamos: bello! justamente! Alguma alma algebibista se compadeceo da minha piranguice. Olá, temos mais hum livro? Não ha duvida, he livro; e he de razão que o veja: ora bem dizem, que em Italia nascem os livros, como nascem as malvas: vejamos, se achamos nelle alguma cousa, pois dizem, que tudo se acha nos livros. *Assenta-se, e começa a foliar o livro.*

Abramos, e vejamos o que contém: *Liber astrolomagico*: Irra! Magico! Passa fóra: vejeõ lá, que materia taõ peçonhenta contém o tal livrinho! *Libera me!* Ora ainda assim, salva a consciencia,

vamos vendo o *Index rerum notabilium*.
 Capitulo primeiro, de *fisonomia*, quod
est narigorum confrontatio: isto ha de
 fer galante. Capitulo segundo, de *Ni-*
gromantia; isto he cousa de negros: ne-
 gra sciencia he esta! Eu não quero ver
 mais, que se me vão arripiando os ca-
 bellos.

Vão sabindo por detrás de Chichisbeo Mecen-
nas, e os Soldados.

Mecen. Aquelle sem duvida he o Nigro-
 mantico, que buscamos; vamos de man-
 so, e levemo-lo prezo, com o rosto ta-
 pado, para que nos não offenda com al-
 gum encanto.

Chich. E o diabinho me está dizendo, que
 torne outra vez a abrir o livro: tóra
 tentação; não sey se consinta nella.

Chegão os Soldados, tapaõ o rosto a Chichis-
beo, e o vão levando.

Mecen. Levem-no depressa,

Chich. Eu o dissera! *Fugite*, encantadores,
 que me quereis? Não me fecheis os
 olhos, que ainda não estou para morrer.

Mecen. Calle-se ahi: levem tambem esse
 livro.

Chich. Desta ninguem se livra.

Mecen. Vamos, vamos.

Chich. Para onde? Para o Inferno?

Me;

Mecen. Lá o verá.

Ghich. Lá o verey , se me destaparem os
olhos. *Vaõ-se.*

S C E N A II.

Sala. Sabe Albano.

Alban. **Q**Uando , ò bella Aurora , has
de amanhecer risonha , e ale-
gre a hum extremo amo-
te , para que nas delicias de Ismene se
acabem as minhas esperanças ? Mas que
diria Egeria da minha ingratitude ? Ra-
zaõ tem ; fuy-lhe ingrato ; mas como
podia não ler , se amor , e ambição ven-
ceraõ a minha constancia , se he que era
constancia , constancia que se mudou ?

Sabe Egeria.

Eger. Dizem-me , Albano , que a mã
de Ismene te sublima hoje ao throno de
Italia ; e assim como mais interessada
nos teus triunfos venho a darte os para-
bens de tanta fortuna.

Alban. Que has de responder , ingrato co-
ração ? *à part.*

Eger. Quem já poderá resistir a teu poder?
Se aos dominios de Liguria unes as pro-
vincias do Eridano , que inimigo te po-

derá resistir ? Como seraõ copiosos os teus exercitos ! Trata de erigir templos à tua fortuna , e altares à tua bella esposa , por não seres ingrato ; porque a ingratidaõ , ò Albano , he huma mancha , que deslustra o peito mais soberano.

Alban. Bem entendo a Egeria ; vou-me sem responderlhe. *à part.* *Quer ir-se.*

Eger. Que he isso ? Te vás sem responder-me ? Já te desvanece o futuro dominio ? Repara ao menos , que para o respeito , ainda que sou desvalida , sou filha de Tirreno , Monarca que foy desta Regiaõ.

Alban. Egeria em mim não he de lattençaõ este retiro ; he compadecerme da tua desgraça.

Eger. Bem o mostras , fomentando a minha ruina , por enthronizar huma tyranna : dize , ingrato , não prometteste defender a minha justiça , ou ao menos fazerme Princeza de Liguria ?

Alban. Assim he ; mas não sey se te diga , que

Eger. Que has de dizer , ingrato ? Sabe , que já não necessito dos teus favores , pois a piedade de Amphitrite me fez Ninfa do Eridano , aonde espero triunfar

far de hum tyranno , que me usurpa a Coroa , e de hum falso amante , que cruel me offende.

Alban. Pois , Egeria , se já como Deidade te vás immortalizando , não necessitarás de meus auxilios.

Eger. Mas tu necessitarás de minhas piedades.

Alban. Eu de tuas piedades ? De que sorte ?

Sabe ElRey Tages.

Rey. Albano , aqui se me avisa , que Fiton , aquelle celebre Magico de Thessalia , te acha nesta Provincia ; dey ordem , que mo trouxessem de qualquer parte onde esteja , para que delle saiba os occultos segredos , que importaõ à minha Coroa ; para que assim com mais socego possa completar o teu Hymenêo.

Alban. O teu preceito , Senhor , he a minha vontade.

Eger. Permittaõ os Deoses fazer propicias as tuas idéas.

Rey. Sim faraõ , pois os tenho gratos com repetidas victimas.

Eger. A melhor victima he sacrificar a razãõ nas aras da Justiça.

Rey. Não entendo.

Eger. Pois para que me entendas , me explicarey melhor : Bem sabes , invicto Tages , que nasci hereditaria Princeza de Italia , como unica filha de Tirreno , que foy Monarca desta mesma Italia ; tu Senhor me tens usurpado o Reino , com o pretexto de seres irmão de meu pay ; cousa que nenhum direito o permite.

Rey. Egeria , eu estou bem informado , que como irmão de Tirreno devo preferirte , pois tenho a qualidade de varão ; e outra vez não tornes a propor-me semelhante idéa ; que disputar com os Reys he crime de lesa Magestade.

Eger. Esse he o privilegio da razaõ , que póde entrar no mais iniquo Tribunal.

Rey. Está bem.

Sabe Mecenas com Chichisbeo , e Soldados.

Chich. Ora , Senhores , basta já de cabra cega.

Descobrem-no.

Mecen. Este que vês , Senhor , he o Nigromantico Fiton , que junto às margens do Eridano o achámos , e segundo as confrontações do traje Thessalico , e este livro de Magica com caracteres Gregos , que na mão tem , me persuade ser o proprio , que buscamos.

Chich. Isto sem duvida he algum palacio

en-

encantado ! Esta gente será cousa fingida ? Vejaõ lá o livrinho de que casta he ! *à part.*

Rey. Fiton, vem a meus braços ; naõ temas, que em Italia terás melhor fortuna, que na Grecia.

Chich. Assim sou eu asno, que lhe responde ; bem sey, que tudo isto he apparente. *à part.*

Rey. Naõ respondes ?

Alban. Adverte, que he ElRey.

Chich. Sim, Rey por encantamento, que he o mesmo que cousa nenhuma. *à p.*

Rey. Se naõ respondes, te mandarey justicar.

Chich. Toda via, a Magica deve ser negra : eu lhe respondo ; porque aos Reys ainda em sombras se lhe deve respeito. *à part.*

Rey. Que dizes, Fiton ?

Chich. Senhor, que naõ sou Fiton ; sou hum pobre Chichisbeo, criado de outro pobre, mais pobre do que eu ; pois tem obrigação de sustentarse a si, e a mim.

Rey. Naõ te encubras, que se por algum delicto te ausentaste de Theffalia, aqui te naõ pôdem offender as suas leys ; e pois tenho a fortuna de possuirte em meu Rei-

Reino, te espero honrar, como merece a tua sabedoria.

Chich. Que sabedoria, Senhor? Eu sou hum idiota: Vossa Magestade não me quer entender? Pois acha, que se eu fora Magico *quà* Magico, que me havia deixar prender?

Mecen. Da sorte, que te prendi, não podias usar das tuas Magicas.

Chich. Poderia adivinhar, e não estar naquelle sitio.

Mecen. A Magica não adivinha o futuro.

Chich. Mas podia adivinhar isto, que me succede de presente.

Alban. Sempre foy proprio dos homens doutos negarem o que sabem.

Rey. He o mayor homem do Mundo!

Chich. O certo he, que o ponto está em dizerem, que hum homem he sabio, que à força o há de ser, ainda que seja hum pedaço d'asno. *à part.*

Rey. Eiton, tem entendido, que estou bastantemente capacitado de quem es; e assim saberás, que ha tres noites, que em sonhos se me representa, que hum mancebo, filho do Sol, habita occulto em Italia; tomara me declarasses, aonde está, para que como filho de Apollo lhe consagre os cultos, que se lhe devem. *Eger.*

Eger. Filho do Sol! Quem será? *à part.*

Chich. Isso está muito bem; mas se eu não sou adivinhaõ, como posso dizer, aonde está esse senhor filho do Sol? E demais, Senhor, que tenho para mim, que isso foy sonho.

Rey. Ainda assim, he taõ repetida esta visãõ, que me perluade não ser erro da fantasia.

Chich. Pois, Senhor, não he erro crassissimo entender, que o Sol tem filho? Bem sey, que pela regra do *Sal, Sol, ac mugil*, que o Sol he masculino, e nem por isso se segue, que tenha filho; porque *Musa, Musæ*, he feminino, e com tudo as Musas são castas: *ergo &c.* não sey, se me explico?

Rey. Já isso he teima: tem entendido, que mo has de dizer, aliàs se acabará com a tua vida a tua sciencia. *Vaise.*

Alban. Homem, vê lá em que te metes; trata de fazer a vontade a ElRey. *Vaise.*

Chich. Ha semelhante entaladura! Querer Sua Magestade à força, que eu seja feiticeiro! E dado caso, que o fora, eu por ventura sou cá a roda dos engeitados, para saber dos filhos alheyos? Ah Senhor, Vossa Senhora desengane a ElRey, que eu isto de Magica não sey por onde ella corre. *Me-*

Mecen. Fiton , acho , que essa repetida negação he já imprudencia : todos sabemos , quem es ; e pois a sorte te conduzio a este Paiz , a tua sciencia ha de ser o meyo da nossa tranquillidade ; porque Egeria , esta Princeza , que vês , vive espoliada do throno de seu pay pelas violencias delRey , que intenta enthronizar a filha , casando-a com Albano Principe de Liguria ; mas isto he escusado dizerto , pois tu como Magico o não has de ignorar.

Cibcb. Não me diga nada , entãõ verã se eu sey alguma cousa.

Eger. Que intentas , Mecenas ?

Mecen. Communicar a Fiton os nossos intentos , para que possamos triunfar , ainda que seja magicamente.

Eger. E tens a certeza , que todos os Magicos são fieis , e leaes ?

Mecen. Não ; mas como elles tudo alcanção pela sua sciencia , não ignorará o pacto , que temos celebrado , de restituirte o throno de teu pay com a fortuna de ser eu teu esposo.

Eger. Pois , Fiton , se a tua sciencia tudo alcança , peço-te , que a empenhes toda , para que confira a Coroa , que me usurpa a ambição delRey meu tio :

favorece os intentos de Mecenas ; pois conseguindo a fortuna , que elpero , te prometto ser agradecida. *Vaise.*

Chich. Senhor Mecenas , com quem esteve fallando agora aquella Senhora Egeria , que por nome não perca ?

Mecen. Comtigo.

Chich. Comigo ? He boateima ! Pois acha Vossa Senhoria , que se eu pudera dar Coroas , que as não tomara para mim , por não estar às ordens de ninguem ?

Mecen. Deixa loucuras : bem vês o empenho , em que estou de coroar a Egeria ; patrocina os meus designios , que do seu bom exito pende toda a minha fortuna ; pois te confesso , Fiton , que ardo em hum vivo incendio de amor , e cego intento emprender por Egeria as mayores difficuldades.

Chich. Ahi vay parar tudo : já me a mim admirava , que o trampo do rapaz não havia meter a sua colherada !

Canta Mecenas a seguinte

A R I A.

Naquella Deidade
Galharda , que viste ,
Consiste
De minha ventura
A gloria feliz.

Se a sorte me nega
 Fortuna taõ bella,
 Sem ella
 Serey desgraçado,
 Serey infeliz.

Vaise.

Chich. Isto já vay de foz em fóra; eu entendendo, que isto he realidade pura, e naõ Magica sonhada; e o peyor he, que eu sou o que faço na oraçaõ, e cuidaõ, que sou Magico! Em negra hora apanhey o tal vestido, e o tal livrinho! Mas ainda assim, devo muito a todos, pois hum me descobre o seu peito; outro me vomita o seu bucho; e eu com tanta couza estou para rebentar.

Sabem Faetonte, e Fiton.

Faet. Ainda naõ creyo, que me veja habitar em palacios: quanto me agradaõ estes marmores! Quanto me recreya esta magnificencia! Parece, que nestas altas torres habitaõ os meus pensamentos; nestes edificios se elevaõ os meus espiritos! Estes pórfidos saõ polidos espelhos de minha ambiçaõ; estas columnas talvez se erigiraõ, para nellas se collocarem os meus triunfos!

Fiton. Naõ gastes o tempo em aereos pensamentos, quando sabes, que es filho de hum Pastor.

Faet.

Faet. Tambem Apollo foy Pastor de Admeto : nada me injurias com isso.

Fiton. Oh quem pudera declararte quem es ! Reprime esse genio ; não bulques essa copia , torno-te a recomendar ; pois mal sabes a ruina , que te espera , Faetonte.

Chich. Faetonte disse ? Ay que alli está meu amo ! Pois por vida minha , que hey de magicar com elle.

Faet. Já que me não queres dizer o que te pergunto, recorrerey a outro Magico, que me disse agora Egeria habitava em Palacio , e elle me informará , quem he o adorado enigma, que adoro : mas aquelle he, segundo os sinaes , que me deu Egeria.

Chich. Elle comigo.

Faet. O' tu sabio portento da Nigromancia', compadece-te de hum peregrino, que inflammado de amor , procura o original de huma copia, que. . . .

Chich. Que achaste em Thessalia; que te disserão estava em Italia ; que vens em cata della; não he isto, Faetonte ?

Faet. Que ouço ! Nada ignora : Fiton , que te parece ?

Fiton. Quasi que me confundo.

Faet. Pois dize-me : de quem he este retrato? *Mostra o retrato.*

Chich.

Chich. *Vidoamus*; queres que to diga? Mas ao depois talvez, que te arrependas.

Fiton. Não lho digas, se achas, que lhe póde succeder algum damno.

Faet. Deixa-me, cruel; que damno póde causar a formosura?

Chich. Que damno? Muito grande; porque ha formosuras damnadas: olha, huma mulher formosa por força ha de ser presumida; da presumpção segue-se o ser tola; da tollice o fazer asneiras; das asneiras o dar couces; quem dá couces, tem mataduras: com que, Senhor, quem albardar huma formosura, ha de aturar o ser raivosa, zelosa, comichosa, pedinchona, desvanecida; pois se tiver accidentes da madre, ainda são outros quinhentos.

Faet. Se tudo isso são effeitos da formosura, nada temo, tendo tão soberana causa; dize-me, não me tenhas suspenso.

Chich. Com effeito queres, que te diga, de quem he o retrato?

Faet. Dize.

Chich. Ao depois não te arrependas.

Faet. Dize, que me não hey de arrependder; de quem he?

Chich. He de huma mulher.

Faet. Mas que mulher he essa, e aonde está?

Chich.

Chich. Está pintada em cobre, não a vê ?

Faet. Isso he a pintura.

Chich. Sim , a pintura ; pois que pergunta vossa mercê ?

Faet. De quem he o retrato ?

Chich. Parece-me, que he de Apelles ; ou eu me enganarey.

Faet. Já me desesperas : dize-me , e desengana-me já , qual he o original deste retrato ?

Chich. Isso he outra cousa : já me retrato ; e para lho dizer com mais certeza, deixe-me ver nos meus alfarrabios.

Foliando Chichisbeo o livro , canta a seguinte

A R I A.

Vagos espiritos
Do negro Cocyto,
Respondeime já
Por magica, megica, migica,
Quem he de Faetonte
A bella Fregona
Seu pay, seu avó,
Quem he, quem será ?
Que a furia sómente
Do abyssmo fervente
De huma mulher
Saber poderá.

Fiton. Senhor , agora reparo , aquelle he
o meu

o meu livro, e o meu vestido: este homem deve ser algum velhaco.

Faet. Assim me parece; já sey, que es hum fingido ignorante.

Chich. Sabes mais do que eu.

Fiton. Quem te deu esse livro.

Chich. Ninguém, porque o achei.

Faet. Pois como, insolente, me pretendias enganar?

Chich. Venha cá; tão louquinho está, que me não conhece? Não vê, que sou Chichisbeo?

Faet. Agora reparo: Chichisbeo, he possível, que te vejo?

Chich. O verme he o menos, que isso fará quem não for cego: o acharme feito Magico he o mais.

Faet. Como he isso? Conta-me.

Chich. Depois que de Thessalia partimos atrás do original daquelle maldito retrato, chegamos a Italia, quando em duas palhetadas, embrenhando-se vossa mercê pelos bosques do Eridano, o perdi de vista, sem que a foroa da diligencia o pudesse delencovar: nesta soffrogicidade andava, quando, palavras não eraõ ditas, porque eu não dizia palavra; eis-que acho este vestido, e este livro; eis-que apenas eu o abri; eis-que me
pren-

prendem , e me apresentão a ElRey em pessoa , affirmando , que eu era Fiton , aquelle Magico de Thessalia , que eu nunca vi ; e por mais que me desempulhey , não foy possível tirarlhe dos cascos , que eu era Fiton.

Fiton. Mais seguro estou agora disfarçado em Chichisbeo. *à part.*

Faet. Já que tens essa fortuna , vay vivendo com o tempo.

Chich. Isso sim ; mas se me pedirem , que faça alguma magica , como ha de ser , se eu sou desfazado para isto de pactos ;

Fiton. Não tenha medo disso , que fará quanto quizer.

Chich. Ah Senhor , quem he este lapuz , que tambem se quer meter em reſtea magica ?

Faet. He hum criado , que tomey na tua falta.

Chich. Pois vossê me segura , que hey de fazer magicas ?

Fiton. Parece-me que sim ; que quem tem esse livro , faz quanto quer.

Chich. Com tudo isso não he possível adivinhar , quem he hum filho do Sol , que em Italia habita ; e diz ElRey , que lho hey de dizer , porque elle o sonhou , e que senão , me ha de separar a alma do corpo. *Faet.*

Faet. Filho do Sol?

Fiton. Como se altera Faetonte! *à part.*

Faet. Chichisbeo, em todo o caso tu has de dizer a ElRey, que eu sou o filho do Sol, para com esse pretexto completar as minhas idéas.

Fiton. Ay de mim, que Faetonte procura a sua ruina! *à part.*

Chich. E se depois apparecer o verdadeiro filho do Sol, e me aoanharem na mentira?

Faet. Nunca tal succederá, porque não ha filho do Sol: e se o ha, ferey eu, pelo elevado espirito, que me anima.

Chich. Se vossa merce tivera os cabellos louros, ainda ainda.

Fiton. Que intentas? Não sabes, que he sacrilegio appropriarte ati a dignidade de filho do Sol, e que Apollo irritado póde castigarte, e a quem para isso concorrer?

Chich. He verdade, que eu sou o concorrente: não temos nada feito.

Faet. Deixame, infame estorvo de minhas felicidades: que tens tu, que me aruine? Homem dize, que eu sou o filho do Sol.

Chich. Se es hum filho das ervas, como queres ser filho do Sol?

Fiton. Adverte, que nisto te faço hum grande

de favor ; porque tu , ou has de dizer quem he o filho do Sol , ou te haõ de matar ?

Chich. Essa razaõ concludio-me : vossa merce he o filho do Sol , e tenho dito : *Constituo te filium Solis.*

Fiton. Oh violento poder dos fados ! Quem póde resistir a teus imperios ? *à part.*

Faet. Naõ sabes , quanto estimo esta occasiaõ , para que assim possa frequentar sem perigo este palacio , e servir aos designios de Egeria , huma Princeza....

Chich. Sim Senhor , huma Princeza , filha de quem Deos tem , esporiada do throno , naõ he assim ?

Faet. Muito sabes.

Chich. Naõ vê , que sou Magico ? Pois ainda sey mais.

Faet. Dize.

Chich. Naõ posso , que está *sub sigillo magicali.*

Faet. Nada me importa saber mais , que o bello original deste retrato , pois quanto intento , he para ver se descubro este encanto de amor.

*Precipicio**Canta Faetonte a seguinte*

A R I A.

Nas pupillas de meus olhos
 O meu bem hey de buscar,
 E verey se posso achar
 Entre a copia de meu pranto
 Desta copia o exemplar.

Se te encontro , objecto amado,
 Acharás nesta alma amante
 Hum morrer a cada instante ,
 Hum viver por te adorar. *Vaise.*

Fiton. Vaite , errado mancebo , que algum
 dia te pezará do engano , que intentas
 fabricar. *à part.*

Chich. O vossê?

Fiton. Que diz?

Chich. Não diga a ninguem , que eu sou
 Magico , entendeo-me ?

Fiton. Bem entendo ; mas eu farey , com
 que te tenhaõ por Magico , exercitan-
 do na tua pessoa varios encantos , para
 que fiquem na certeza , de que es o Fi-
 ton , que buscaõ , e eu livre de che-
 gar às mãos delRey. *Vaise.*

Sabe Chirinola.

Chirin. Venho pé antepé a ver este Magi-
 co , que tem alvoroçado todo este pa-
 lacio , e he cousa , que nunca vi em mi-
 nha vida. *Chich.*

Chich. Que estará espreitando aquella moça? O' menina, procura alguma coufa?

Chirin. Vinha a ver hum Magico, que está em palacio.

Chich. E para que?

Chirin. Só por ver como he a cara de hum feiticeiro.

Chich. He como esta, que vossa merce está vendo.

Chirin. Pois vossa merce mesmo he o feiticeiro?

Chich. Para servir ao diabo, e a vossa merce, que tudo he hum.

Chirin. Ay, chegue-se para lá, que se me arrepião os cabellos!

Chich. De que te assustas? Que cuidas tu, que he ser Magico?

Chirin. Com licença de vossa merce, dizem que he gente, que falla com o diabo.

Chich. Esses são outros; que eu cá não fallo com o diabo, o diabo he que falla comigo.

Chirin. Isso tudo vem a ser o mesmo.

Chich. E ati que se te dá dislo? Tomaras tu, que hum Magico deesses te amasse, então verias não digo nada.

Chirin. Deos me livre!

Chich. Queres tu , que eu seja teu Chichif-beo ? Zombaria fóra.

Chirin. Para que ? Naõ jure , que bem lho creyo.

Chich. Hey de ser o mais fino Chichif-beo , que ha de haver em toda a Italia.

Chirin. Vá-se dahi , que he hum feiticeiro.

Chich. Feiticeira es tu , que me tens enfeiticado.

Chirin. Só de huma sórte me poderá render.

Chich. Como ?

Chirin. Renunciando o pacto , e depondo a Magica.

Chich. Se nisso confiste , já renuncio , naõ só o pacto , mas tudo o que te possa dar pena ; pois só quero , que voe o meu amor à esféra dos teus olhos.

Chirin. Estamos justos ; porém veja lá o que faz : agora o apurarey. *à part.* Ora dize , como me chamo eu ?

Chich. Se eu já naõ sou feiticeiro , como posso adivinhar o teu nome ? Está galante a Chirinola !

Chirin. Naõ temos nada feito ; va-se dahi , que ainda he quem de antes era.

Chich. Porque ?

Chirin. Disse-lhe , que me adivinhasse o

nome, e mo escarrou na bochecha.

Chich. Eu o teu nome? De que sorte?

Chirin. Não disse Chirinola? Que mais havia de dizer?

Chich. Pois tu te chamas Chirinola?

Chirin. Sim Senhor, faça-se de novas.

Chich. O' Chirinola, em chirinola me torne eu, se eu sabia, que tu te chamavas Chirinola.

Chirin. Pois para que disse Chirinola?

Chich. Nunca se vio hum *lapsus nominis*? Se havia de dizer charamella, disse chirinola.

Chirin. Ora admitto a desculpa, mas não lhe succeda outra.

Chich. Qual outra? Eu quero mais encanto, que essa belleza, nem mais adivinhar, que os teus pensamentos, nem mais pacto, que esse Cysne de Venus, de cujas azas formou Cupido as suas, de cujas penas armou as settas para férir, e para voar? Teu Chichisbeo hey de ser, e se o não for, não seja embora.

Chirin. Veja lá o que diz, olhe bem para mim.

Chich. Tenho dito.

Immediatamente lhe cresce o nariz a Chichisbeo com desformidade.

Chirin. Ahi que nariz! Isto atura-se? Ha homem mais mentiroso?

Chich.

Chich. Que fiz eu? Que nariz? Explicante não falles pelos narizes.

Chirin. Como queres, que te creya, se ao mesmo tempo, que dizes não has de ser Magico, facas por hum nariz tamanho como hoje, e à manhã?

Chich. He verdade! Cresceo-me o nariz! Ha caso igual! Oh Chirinola, este não he o meu nariz, e nisto podes assentar.

Chirin. Vá-le dahi, embusteiro, Magico, feiticeiro.

Chich. Filha do meu coração, eu estou innocente; verdade he, que me rebentou este nariz à flor da cara, mas eu não concorri para isso.

Chirin. Não? Fuy eu?

Chich. Vê tu não seja isto algum leicenso.

Chirin. He nariz em nariz.

Chich. Tu tens razão; he forte penca!

Chirin. Arre lá! Com nariz mais da marca? Isso não le atura: ande, vá-se, antes que lhe chegue aos narizes.

Canta Chirinola a seguinte

A R I A.

Se quer adorarme,

Da Magica fuja;

Se quer desprezarme,

Fará o que quizer,

Que-

Que he muito senhor
Do senhor seu nariz.

Bem sabe não gosto
De feitiçarias ,
Que são rapazias ,
Que estallaõ num trás ,
E estaõ por hum triz.

Vaise.

Chich. Vio-se nariz mais intrometido , do que este meu ! E que por amor d'elle vá Chirinola ventando por ahi fóra ! Isto deve ser contagio do tal livrinho : arre com tal nariz ! Mas aonde está elle ? *Escondese-lhe o nariz.* Sumio-se ? Sem duvida foy o nariz atrás de Chirinola a pedir-lhe bom quartel ; mas eu vou a pedir-lhe as alviçaras : ò Chirinola , espera , que já estou desnarigado. *Vaise.*

S C E N A III.

Camera , em que haverá hum bofete , e sobre este huma véla accesa ; e haverá mais huma cadeira. Sabem Ismene , e Albano , e este não passará do bastidor.

Ismen. Basta até aqui , Albano.

Alban. Limitada esféra para tanto Sol.

Ismen. He estylo do decóro , e da politica
pôr

pôr limites à entrada dos esposos, aonde habitaõ as esposas; e assim já sabes, que aqui não pôdes estar, e he preciso retirar-te.

Alban. Poderia, se o nosso hymenêo voara mais acelerado.

Ismen. Não basta a certeza da posse para suavisar o martyrio da esperança?

Alban. Não, Ismene, que toda a posse he duvidosa, que tem a esperança por fiadora.

Ismen. Quando eu, e ElRey a abonamos, seguro pôdes estar.

Alban. Pois Senhora, já que não tenho licença para me dilatar, neste papel verás a causa de meu tormento.

Vaise Albano, dando hum papel a Ismene, e esta assenta-se a lello, e sabe ao bastidor Egeria, e Faetonte com hum punhal na mão, e Ismene estará de sorte, que lhe não veja o rosto.

Eger. Chegou o tempo da nossa vingança; alli tens a Ismene; a occasião he oportuna, esgrime o valeroso braço, pois para te coroares, necessitas da purpura daquelle sangue. *Vaise.*

Faet. Estou immovel, pois parece especie de cobardia matar huma mulher.

Ismen. Enigmas me parecem as cifras de
Al-

Albano ; quero repetillas para as comprehender melhor.

Faet. Mas em que reparo , se muitas vezes a tyrannia he o primeiro degráo para subir ao throno ?

Ismen. Senhora , (diz Albano aqui) este excesso delRey em procurar o filho do Sol me persuade , que achando-o , quererá darlhe a gloria de teu esposo , para divinizar com hum filho de Apollo a sua descendencia. Quem será este filho do Sol ?

Faet. Não pareça a dilacão cobardia ; triunfe Egeria.

Ismen. Diz mais: E temo , Senhora , que este filho do Sol , usurpando-me a fortuna de teu Hymeneo , seja instrumento da minha morte , tirando-me a vida.

Faet. Morre , infeliz. *Sabe.*

Ao hir levantar o braço para ferir a Ismene, a vê , e se suspende , e ella se levanta.

Ismen. Ay de mim ! Como , traidor , assim.

Faet. Que he o que vejo ! Não he este o bello original da copia , que adoro ? Im-movel estou ! *Deixa cabir o punhal.*

Ismen. Olá , acudi , que hum traidor. . . .

Faet. Suspende a voz , Ismene ; não digas traidor , amante sim,

Ismen. Com hum punhal. . . .

Faet. Achou a occulta causa de seu incendio.

Ismen. Intenta tirarme a vida.

Faet. Sem ella estou , vendo taõ infeliz a caso ; pois te affirmo , que te naõ podia offender.

Ismen. Mas intentavas matarme ?

Faet. Sim ; mas tanto que te vi , me suspendeo o braço o affecto , com que te adoro.

Ismen. Tu adorarme ? Queres com huma offensa apadrinhar hum delicto ? Acudi todos , antes que o traidor se ausente.

Faet. Senhora , que intentas ?

Dentr. Accudamos ao quarto da Princeza.

Faet. Ay de mim , que he infallivel a minha ruina ! Bem o disse Fiton : aonde me esconderey ? *Quer esconderse.*

Ismen. Espera , traidor , que te naõ has de ausentar ; que tambem tenho valor , para te suspender.

Ismene pega em Faetonte , e este intenta , lutando , tirarse das mãos della.

Faet. Naõ me sejas duas vezes homicida , deixa-me ao menos ausentar.

Ismen. Sem castigo naõ has de ficar.

Faet. Oh quem dissera , que me abrace Ismene , e que eu fuja de seus braços !

Deixa-me , Ismene.

Dentr.

Dentr. Aqui são as vozes.

Faet. Não ha mais remedio , que apagar a luz. *Apaga a luz.*

Ismen. Que fazes?

Faet. Fugir de ti, para buscarte outra vez. *Vaise.*

Sabem Albano, Egeria, e hum criado com luz.

Alban. Que tens, Ismene? Quem te motiva a dar vozes?

Eger. Que te succedeo? Ay de mim, que se frustrou o meu intento! *à part.*

Ismen. Encontraste acaso hum traidor, que barbara, e aleivosamente me quiz tirar a vida?

Alban. Quem seria o atrevido, que concebeo taõ horrivel pensamento?

Eger. Ainda não creyo, que estás com vida.

Alban. E para onde fugio?

Ismen. Não sey, porque apagou a luz, para com as sombras se encobrir melhor; busca-o Albano, que o traidor não poderá estar longe, e castiga a sua temeridade.

Eger. Ay infeliz Faetonte! *à part.*

Alban. Eu vou a buscallo; verás como vingou a tua offensa.

Eger. Aonde vás, ingrato? Tanta fineza te merece Ismene, para expores a tua vida

vida à desesperaçã de hum infiel agres-
for.

Alban. Naõ sabes, que sou amante, e es-
poso? Deixa-me, Egeria.

Ismen. Vay, naõ te dilates.

Eger. E a sua vida?

Ismen. Os Deoses a defenderáõ.

Eger. Para que he buscar remedios extra-
ordinarios, quando sem esse recurso o
podemos evitar? Assim darey tempo,
para que fuja Faetonte. *à part.*

Alban. Que tens com a minha vida? Naõ
me detenhas.

Eger. A palavra, que me déste de ser meu
esposo.

Alban. Palavra de esposo?

Eger. Sim.

Alban. Ismene, Egeria delira; eu vou
castigar ao traidor.

Ismen. Espera, averiguemos isso; que as
offensas da alma devem preferir às do
corpo.

Alban. Vê, que o traidor se póde ausen-
tar; e para que vejas, que Egeria se
allucina, verás na minha fineza conven-
cido o seu engano.

*Canta Albano o seguinte Recitado , e depois
com Egeria , e Ismene a Aria a 3.*

R E C I T A D O.

Donde te esconderás de meus furores,
Fementido traidor? Mas não te occultes,
Que ainda que te sepultes
Nas concavas cavernas desse abyfmo,
E em triste parocifmo
Entre as sombras do Averno te disfarces,
Lá mesmo encontrarás o teu castigo,
O' perfido inimigo,
Por não creres com barbara impiedade
Ser incapaz da morte a Divindade.

A R I A A 3.

Alban. Na minha vingança,
Ismene, verás
Meu fino querer.

Eger. Espera, suspende,
Cruel, que a mudança
Me chega a offender.

Ismen. Valente, castiga
A mão, que meu sangue
Intentava verter.

Eger. Firmeza }
Ismen. Vingança } te peço.

Alban. Firmeza, e vingança

Eger. Firmeza }
Ismen. Vingança } em meu peito.

Todos. Sómente acharás.

Alban.

Alban. De amor inflammado,

Ismen. De ardor abrazada,

Eger. De horror congelada,

Todos. Minha alma verás.

Fim do primeiro Acto.

P A R T E II.

S C E N A I.

Sala. Sabe Albano.

Alban. **N**Aõ he possível apparecer o traidor, sem que tenha omitido o meu cuidado toda a diligencia, como poderia entrar este inimigo, e fahir, sem ser visto de ninguem.

Sabe Chichisbeo.

Chich. Donde estará este Faetonte, que não he possível atinar com elle? Eis aqui para quando hum homem havia ser feiticeiro.

Alban. Fiton?

Chich. Que manda Vossa Alteza muito serenada?

Alban. Que me declares, quem foy o traidor,

dor , que quiz offender a Ismene esta noite ; e já neste diamante te anticipo o premio de tua sciencia *Dá-lhe hum anel.*

Chich. Aceito o diamante , porque me serve cá para certa cousa de minha sciencia desfeito em vinagre ; pois que diz Vossa Alteza ?

Alban. Saber quem foy o traidor de Ismene , que a quiz matar esta noite.

Chich. A que horas ?

Alban. Serião dez.

Chich. Fazia luar , ou escuro ?

Alban. Não reparey.

Chich. Nem eu , mas sem essa circumstancia passaremos ; e diga-me mais , o traidor chegou a ferir a Ismene ?

Alban. Não ; porque acodi a defendella.

Chich. Pois saiba vossa Alteza , que a não matou , e que viva está ; quer saber mais alguma cousa ?

Alban. Quem he o traidor , he que me importa saber , e aonde está.

Chich. Sabe Vossa Alteza , por onde elle hiria ?

Alban. Se eu o soubera , não to perguntara.

Chich. Pois tambem eu lho não perguntara , se o soubera.

Alban. A ti nada te he occulto , pois no

volume dos astros, lê todos os successos do Mundo.

Chich. Isso assim he ; mas he com oculos.

Alban. Não me entretendas com frivolas desculpas ; eu estou empenhado a que me digas o que te pergunto , quando não aqui ficarás sepultado.

Chich. Não me ameace, que por mal ainda he peyor : olhe , Senhor , se quer saber quem he o traidor , vá ao bosque do Eridano , e o primeiro homem, que ahi encontrar, esse he : porém segredo no caso ; porque eu cá não lou homem de mexericos.

Alban. Pois Fiton , se acho certo o que me dizes , ainda será mayor o meu agradecimento.

Vaise.

Chich. Vaite cos diabos ; pois só por me ver livre daquella sanguixuga , lhe disse que estava no Eridano : não me lembrou dizerlhe , que estava nos quintos Infernos , por ver se o hia lá buscar.

Sabem ElRey , e Mecenas.

Rey. Fiton ?

Chich. Avie-se : outra impurração temos.

à part.

Rey. A tua sciencia nesta occasião só me póde

póde livrar de hum empenho. Quem foy o que a Ismene.

Chich. Quiz matar esta noite , seriaõ dez horas ? Já disse a Albano , que fosse ao Eridano , que lá o acharia.

Rey. Prodigioso homem ! Vem cá , Fiton , se eras taõ insigne Magico , para que mo negavas ?

Chich. Por não ter applausos ; pois sou taõ inimigo de rompantes laudatorios , que por isso fugi de Thessalia.

Mecen. Até nisso mostra , que he verdadeiro Sabio.

Rey. E como estamos do filho do Sol ?

Chich. Já o tenho quasi descoberto até o pescoço ; falta-me só verlhe a cara , para o conhecer.

Rey. Pois quem te impede o seu total conhecimento ?

Chich. Os vapores crassos da terra , que estaõ escurecendo o brilhante dos astros ; mas a pezar de tudo hey de trazello aqui pelos cabellos , sobpena de enforcar os livros.

Mecen. Senhor , lembro a Vossa Magestade , que Albano pretendeo algum dia a Egeria esposa , e não sey , se o traidor seria.

Rey. Cala-te , Meccenas : bem te percebo ;

Albano he Principe ; e quando o não fosse, mais interesse acharia em Ismene, que em Egeria. *Vaise.*

Mecen. ElRey muito confia em Albano ; e as minhas idéas muito se retardão na execuçaõ , por não achar a opportuni-
dade, que dehejo. Ay Egeria , que a tua infelicidade me suspende o arrojo , e me esconde a occasiaõ ! Mas só tu, ò Fiton , compadecendo-te do meu amor, pódes remediar o meu empenho ; que me respondes, Fiton ? Fiton , não ouves ? Arrebatado em extasis está. Fiton ?

Chich. Não me deixará, Senhor Mecenas, que estava agora ideando aquillo , que Vossa Senhoria me recommendou àcerca da Senhora Egeria , e o tinha já quasi concluido, se me não chama ?

Mecen. Até nisso sou infeliz ; mas basta-me para alentat a minha esperança , saber que te não esqueces da minha pertençaõ ; mas só te digo, que desejava, que Albano cahisse do valimento , por não conseguir o Hymenêo , que pretende, e unir mayor poder ao meu contrario.

Chich. Tudo bem se fará.

Sabe Chirinola ao bastidor , e Mecenas a vê

Chirin. Graças a Deos , que já achei este Mecenas ! Tomara fallarlhe só por só , sem que me visse o meu Chichisbeo. Cé.

Mecen. Que me quererá aquella Criada ? Fiton , retira-te , que importa ficar só ; depois fallaremos.

Chich. Tambem se não fallarmos importa pouco. Mas eu quero espreitar o que isto he. *à parte.* *Esconde-se.*

Mecen. Que ha de novo , Chirinola ?

Chirin. Egeria te avisa , que Albano , e Hmene se achão divertindo em huma caçada nas ribeiras do Eridano ; que observes os seus movimentos , que póde ser aches alguma occasião para o intento.

Mecen. Dize-lhe , que a resposta he a obediencia , com que executo os seus preceitos. *Vaise.*

Chich. Temos a Chirinola feita alcoviteira!

Chirin. Eu não sey , quando se aquietaráõ estes Senhores.

Chich. Quando não houverem alcoviteiras. *Sabe.*

Chirin. Falle claro , e não me dê remoque.

Chich. Ora não fiava de ti , que tivesses tão baixo officio , sendo tu a primeira terceira , que eu vi tão destemperada nessa materia ! *Hh ii* *Chi-*

Chirin. E quem to disse ?

Chich. He boa pergunta essa ! A hum Magico não se pergunta , quem lho disse.

Chirin. Perdoe , que cuidava , que já não era Magico.

Chich. Ay , que me não lembrava da promessa , que te fiz ! Estou zombando , eu não ley nada.

Chirin. Logo não sou alcoviteira ?

Chich. Qual alcoviteira ?

Chirin. Bem se conhece o remendo , que não he do mesmo panno.

Chich. Ah Chirinola , sabe Deos as linhas , com que cada hum se coze : deixemos galantarias amatorias , e fallemos em coufas fizudas.

Chirin. Pois que ha de novo ?

Chich. O meu amor.

Chirin. Pois isso já não he velho ?

Chich. Não vês , que os velhos são duas vezes meninos ?

Chirin. Pois que quer o menino ?

Chich. Quer nanar.

Chirin. Pois busque quem o embale.

Chich. Sempre me andas embalando com esse rigor ! Não vês , que sou teu Chichisbeo , a quem se devem os carinhos de *jure* , e porta franca os agrados ?

Chirin. Ainda mais carinhos , ainda mais agrados

agrados, dos que lhe eu faço?

Chich. Isso sim; mas.

Chirin. Mas que? Diga: mas que?

Chich. A mim me tinhaõ dito, [muito se-
mente neste mundo!] que os Chichis-
beos abraçavaõ as suas Chichisboas; que
eraõ duas almas n'um corpo; o que hum
queria, outro queria; que a fé amante
era inviolavel; a assistencia continua; o
cuidado frequente; e que estavaõ olhan-
do hum para o outro sempre sem pesta-
nejar, e no cabo nada disto acho em Ita-
lia: que será?

Chirin. Estás muito alheyo no caso.

Chich. A'gora, eu estou muito bem certo
nas leys do Chichisbeato.

Chirin. Nada sabe, fenaõ ter atrevidos
pensamentos: não sabe, que hum Chi-
chisbeo ha de querer com taõ casto
amor, que não ha de passar os limites
da politica?

Chich. Filha, isso de amor Platonico he
coufa ideada, que não existe *in rerum na-
tura*; he huma capa, que se deita sobre
os olhos de Cupido, para o cegar mais,
e para cegar tambem aos circunstantes;
e não me puxes tu pela lingua, que eu
direy o que finto nessa materia.

Chirin. Seja o que for; isto he o que cá se
ufa,

Chich.

Chich. Vamos com a moda, que do mal o menos.

Chirin. Isto me parece bem.

Chich. Pois ouve, e verás se sou Chichisbeo de verdade.

Canta Chichisbeo a seguinte

A R I A.

Cara mia, cara, cara
Per te il mio cor trafitto
Smarrito, sbigurrito
Il dardo senti d'amor.

Moriró, má qual Fenice
Che nel fuoco suo felice
Più bella revive allor.

Vaise.

Chirin. He o mais galante Chichisbeo, que tenho visto!

Vaise.

S C E N A II.

Sala. Sabem Egeria, e Faetonte.

Eger. **Q**Uanto, Faetonte, sinto se malograsse tão bem premeditada acção!

Faet. Bem vês, Egeria, como obedeco aos teus preceitos, e como desempenho a minha palavra; falta cumprires da tua parte com a morte de Albano.

Eger,

Eger. Ainda não falta o tempo: cuidemos primeiro em salvar a tua vida, pois he certo, que de Ismene foste visto, e se fazem diligencias para te prenderem; e assim será preciso, que seja outra vez este bosque do Eridano verde asylo de tua pessoa.

Faet. Ay de mim, que mais sinto o cruel desterro, que perder a propria vida, pois quizera que Ismene me visse mil vezes traidor!

Eger. Para que he taõ inutil acção?

Faet. Para executar a minha fineza nos continuos sacrificios à tua formosura.

Eger. Muito te devo.

Dentr. Ao bosque, à selva, tó, tó.

Eger. Mas alli vem Ismene; poem em execução o teu intento, que eu me retiro, e occulta neste arvoredado estarey observando o teu valor: [assim fingirey, que o vejo, para que se alente na execução, *à part.*] que huma cousa he de sejar a morte, e outra vella executar.

Vaise.

Faet. Espera, Egeria, mas ay de mim!
 Quem se vio em mayor consternação!
 Pois esperar Egeria pela morte de Ismene,
 Ismene aquelle soberano idolo de amor,
 cuja copia adorey primeiro, que
 o seu

o seu original ! Verme Egeria aggressor, e ver eu a Ismene amante ! Oh que intrincado labyrintho de amor ! Mas ella já vem chegando , e eu para satisfazer a ambos os empenhos, fingirey , que me desencontro , e no em tanto gozarão os olhos por entre estas ramas o bello Sol, que me abraza. *Esconde-se.*

Sabem Ismene com arco , e settas , e alguns monteiros.

Ismen. Alli se moverão ramos , sem duvida que alli se embrenhou a féra. Espera veloz jeroglifico do vento , que eu com esta setta te suspenderey a fuga.

Atira huma setta , e dá em Faetonte , e cabe atravessado com ella aos pés de Ismene.

Faet. Ay de mim , tyranna , que me mataste !

Ismen. Que vejo ! Ay infeliz , que cuidey eras a féra , que vinha seguindo ! Levanta-te , homem , que as minhas piedades faraõ menos horrivel a tragedia deste acaço. *Levanta o.*

Faet. Com taõ feliz remedio será ditosa a minha morte : perdoe Egeria , que a occasiaõ naõ permite attenções. *à part.*

Ismen. Aonde foy a ferida ?

Faet. No peito.

Ismen. E he penetrante ?

Faet,

Faet. Chegou-me ao coração.

Ismen. Ao coração? Se assim fora, não estarias com vida.

Faet. Esse he o privilegio do teu golpe, que immortaliza a mesma morte.

Ismen. Agora vejo, que estás mortal, pois que deliras: levay este homem, e de sua ferida o remedio correrá por minha conta.

Quer Ismene irse, e Faetonte a detem, e canta a seguinte

A R I A.

Deixa, que eu morra

Desta ferida,

Que he melhor vida

Morrer por ti.

Se me desejas

Da morte isento,

Naõ te retires;

Pois só me alento

Com verte aqui.

Cabe.

Ismen. Levay, levay esse homem, que me horrorisa ver tanto fangue. *Vaise.*

Sabem por hum a parte Albano, e da outra logo depois Mecenas, Fiton, e Chichisbeo.

Alban. Esperay: que homem he esse?
Quem o ferio?

Mon-

Monteir. Ismene com huma setta.

Alban. Sem duvida, que este he o traidor, que quiz matar a Ismene, pois he o primeiro homem, que encontro nos bosques do Eridano, como me disse Fiton; e pelo conhecer Ismene, valerosa se quiz vingar pelas suas mãos.

Faet. Ay de mim ! Espera, não te vás, tyranna roubadora da minha vida, pois com a minha morte não extingues o ardor, em que me abraço. *Levantando-se.*

Alban. Ainda fulminas vinganças, infame, traidor ? Mas se semivivo te deixou a piedade de Ismene, a minha vingança te acabará de huma vez.

Puxa por hum punhal, e sabem Mecenas, Fiton, e Chicbisbeo.

Faet. Ainda que exangue me vês, sabe, que tenho espiritos, para suppeditar o teu arrojo : larga o punhal, e vem a meus braços.

Chicb. Em grande perigo está Faetonte ! O engano me valha. Suspende o braço, sacrilego Albano : Mecenas, este he o filho do Sol, por quem tanto suspira ElRey.

Mecenas. Que dizes ?

Alban. Este não he o filho do Sol, he o traidor

traidor de Ismene , e nelle quero completar o resto da vingança , que deixou Ismene principiada.

Chich. Ora não o saberey eu? e senão pergunte-lhe , e verá o que elle diz.

Faet. Deixa , Fiton , pois lhe val a sua ignorancia , para que Apollo , como a sacrilego , o não castigue com seus rayos.

Fiton. Não ha mais remedio , que obedecer aos fados , para que não perca Faetonte a vida ; e para mayor evidencia de que elle he o filho do Sol , fará Apollo , que se movaõ estas arvores , mudando o sitio , em que habitaõ.

Movem se as arvores de huma parte para a outra.

Todos. Prodigioso successo!

Faet. Grande Magico he Fiton! *à part.*

Chich. Se eu soubera fazer disto , dava duas figas na inveja. *à part.*

Mecen. Que mais evidencia queremos ?
Vem , venerado filho do Sol , a ennobrecer esta regiaõ.

Alban. Fiton , Senhor , he o culpado no meu excesso , pois me disse , que o primeiro homem , que encontrasse nos bosques do Eridano , que esse era o traidor , que quiz matar a Ismene ; e como
fos-

foste o primeiro , que encontrey , e o verte ferido por Ismene , me persuadi , que eras o traidor ; e assim deſculpa o meu atrevimento ; pois só Fiton por enganarme merece o castigo.

Chich. Não nego , que eu disse , que o pimeiro homem , que encontrastes , era o traidor ; porém Faetonte , (que assim se chama este Senhor filho do Sol) não he semideos : logo não o enganey.

Faet. E o ferirme Ismene foy huma casualidade.

Mecen. Vamos , Senhores , não dilatemos o dar a ElRey este prazer : vem , esclarecido Faetonte. *Vaise.*

Faet. Bom principio levoõ os meus intentos. *Vaise.*

Alban. Vou sem alma , pois temo neste filho do Solo eclipse do meu amor. *Vaise.*

Fiton. Oh quanto em vão pretende a prudencia humana suspender o movimento das estrellas! *Vaise.*

Chich. Ora vejaõ as cousas deste mundo como saõ , pois eu sendo hum asno em pessoa , estou feito satrapa em carne ; e Faetonte sendo hum ninguem , lá vay a ser venerado como filho do Sol ! Se isto não parar em alguma destampaçaõ , temos vida para cem annos.

Sabe Egeria.

Eger. Cuidadosa venho, sem saber se Faetonte executaria o intento; mas alli está Fiton, elle me informará: Fiton, vem a tirarme de huma duvida.

Chicb. Não posso, Senhora, que anda tudo revolto com o novo successo, que agora aconteceo. *Vaise.*

Eger. Que successo? Espera: mais confusa estou! Mas quem duvida, que será a morte de Ismene? Porém que vejo! Alviçaras, coração; todo este prado está inundado de sangue, não póde haver mais seguro indicio, pois haver sangue no lugar, aonde deixey a Faetonte, e Ismene; dizerme Fiton acelerado, que andava tudo revolto com hum novo successo, que póde ser, senão o que imagino? Oh valeroso Faetonte! Oh extremo amante! Só o teu valor me podia coroar de triunfos.

Sabe Chirinola.

Chirin. Senhora, que será isto? Todo este prado cheyo de sangue, e alli encontrar a Albano pallido, como sobrefaltado, e Mecenas, que levavaõ hum homem como prezo?

Eger. Viste, que homem era?

Chirin. Não o pude distinguir, por ir cercado de muita gente. *Eger.*

Eger. Ay de mim, que será Faetonte! Sem duvida, que morta Ismene, não poderia escapar!

Chirin. Pois, Senhora, que seria isto?

Eger. Huma felicidade, e huma desgraça ao mesmo tempo; aquelle, que viste hir prezo, era (ay de mim!) o mais extremo amante, que me adorava: chegando a tanto a sua fineza, que chegou a dar a morte a Ismene, cujo sangue he este, que matiza este prado.

Chirin. Ora já se acabaraõ os teus cuidados à custa do sangue alheyo.

Eger. As armas da justiça são muy poderosas.

Chirin. Agora, Senhora, que te vês sem opposição no throno, lembrate da minha lealdade.

Eger. Ainda não creyo esta fortuna. Oh ambição de reinar a quanto obrigas! Oh cego amor a quanto te deliberas!

Canta Egeria a seguinte

A R I A.

Verdes louros do Eridano,
Só assim no folio ufano
Desse sangue matizados
Vós me haveis de coroar.
Mas ò tu ditoso amante,

Que

Que por mim penando vás ,
A teu peito fiel constante
Eu prometto libertar.

Vaise.

S C E N A III.

*Gabinete bem adornado. Sabem Faetonte ,
e Chichisbeo.*

Chich. **O**Ra Senhor filho do Sol, seja-
lhe muito parabem a vossa se-
mideidade , pois que se vê palaciego ,
venerado dos grandes , adorado dos pe-
quenos , e appetecido das Damas ; ago-
ra peço-lhe , que já que o Senhor seu
pay he o productor do ouro de vinte
e quatro quilates , que reparta comigo
dos seus mineraes ; quando não , hey
de pollo no olho da rua , como quem
he.

Faet. Bem sey , Chichisbeo , que essa epi-
quêa , com que me fallas , he huma ri-
gorosa critica de meu nascimento ; mas
se o nascer nobre he acaso da fortuna ,
com o meu valor , e a tua industria em-
mendarey esse acaso.

Chich. E como estás da ferida ?

Faet. Quasi são à força de activos reme-
dios.

Chich.

Chich. E quem te ferio?

Faet. Ismene casualmente com huma setta, que para hum bruto a despedio do arco.

Chich. Andar nunca errou o tiro.

Faet. E mais sentira, se o errara.

Chich. Naõ entendo essa filosofia.

Faet. Porque Ismene he o bello original daquella copia, que de Theffalia me trouxe em frenetico delirio.

Chich. Ismene mesma?

Faet. Ismene; porque aquella belleza só de hum animo Real poderia ser adorno.

Chich. Caro te custou o achalla, pois zombando zombando, te hia custando a vida.

Faet. Tambem o naõ achalla me custaria o mesmo.

Chich. Que pretendes agora depois de filiado na casa do Sol?

Faet. Escusada pergunta, quando sabes os extremos, que fiz por Ismene, quando pintada: pois quem taõ finamente adorou as suas sombras, como deixará de idolatrar o claro de suas luzes?

Chich. Eu o creyo; mas com tudo naõ falta quem diga, que huma mulher he melhor pintada, que viva; pois o pincel he como o solimaõ, que mata os defeitos.

Faet.

Faet. Em Ismene tudo são perfeições.

Chich. Com que Egeria já lá vay cos diabos?

Faet. Não tem que se offender Egeria, pois primeiro adorey a Ismene.

Chich. Na verdade, que se souberas o que ha na materia entre Egeria, e Mecenas, que ha mais tempo, que a havias ter repudiado.

Faet. Conta-me, para que possa cohonestar o meu desvio.

Chich. Senhor, eu não sou de mexericos; nessa certeza saiba vossa merce, que Egeria fez a Mecenas escrito de casamento, ou cousa que o valha, e se lhe mete na cabeça, que ha de pôr a Egeria no throno; e não deixaõ de ter seus colloquios amatorios.

Faet. Quem to disse?

Chich. Eu, que o ouvi com estes olhos; e pretenderaõ, que eu dêsse algum socorro magico na materia; com que, Senhor, isto anda muy solapado, e combalido; faze o teu negocio, gema quem gemer; já estás feito filho do Sol, e como tal pódes casar, aonde pozeres o dedo meminho.

Faet. Não sabes, quanto estimo essa falsidade de Egeria, para que sem escrupu-

los da constancia possa livremente pretender a Ismene?

Chich. Sim Senhor , Ismene , e mais Ismene , que o mais he carvão de sacaria.

Sabe Ismene.

Ismen. Cuidadosa da tua saude venho expressarte o quanto estimarey a tua melhora , para que no alivio da queixa se mitigue o pesar de ser eu a causa da tua molestia.

Faet. De melhor vontade recebera os parabens da ferida , que os da melhora ; pois morrendo aos golpes da tua setta , acharias no sacrificio da minha vida os cultos de quem te adora como Deidade. Oh quantas vezes , Ismene , abomino a arte , que inventou antidotos para curarme ; pois quizera no mortal da ferida immortalizar a minha fineza !

Ismen. Bem instruido estás nas lisonjas da Corte ; mas como esses affectos são mais effeitos do entendimento , que da vontade , te agradarão mais os elogios , que a correspondencia ; e pois satisfeita vou , vendo-te convalecido , permite-me , que me retire.

Quer irse.

Faet. Não te vás , sem que primeiro te informes de outra enfermidade mayor , que padeço ; que se piedosa te ostentas

com

com os males do corpo , ferá razaõ , que propicia te encontre no mal , que minha alma padece.

Chich. Aquelle mal d'alma , como cousa occulta , só a mim me pertencia dizello , a quem toca revelar os segredos animaes ; porém diga o Senhor Faetonte , que em fim mais sabe o tollo no seu , que o discreto no alheyo.

Faet. Haverá hum anno , formosa Ismene , que te vi , ou para melhor dizer , que ceguey de te ver ; e assim como o Iman procura o ferro , o Eliotropio o Sol , e o fogo o ar , assim desde Thessalia , onde te admirey , a procurarte veyo o meu affecto duas vezes peregrino : deixo de encarecerte os desvélos , os cuidados , e os suspiros , que me motivaste , por te não horrorizar a tragedia do meu tormento.

Ismen. Se nunca fuy a Thessalia , como nella me podias ver ?

Faet. Neste retrato. *Mostra o retrato.*

Chich Eu sou muito boa testemunha , e mais por final , que o vio em jejum , e logo ficou não sey como.

Ismen. E de que sôrte veyo a teu poder ?

Faet. Achando-o nas ribeiras do mar , entre os fragmentos de hum naufragio.

Chich. Ah Senhor peça perdão a Sua Alteza de achar o seu retrato na praya, que não he lugar decente.

Ismen. Ay de mim, que este he o meu retrato, que se enviou ao Principe de Rhodes, que infeliz naufragou com elle, vindo-me receber por esposa! *à part.*

Faet. Te enternece ver o teu retrato, ou de ouvir os meus suspiros?

Ismen. De ambas as cousas: o retrato pelo ver sem dono, e os teus suspiros por inuteis.

Faet. Se eu possuo o retrato, como não tem dono?

Chich. Isto assim he pela regra do *uso capiam*, e de serem inuteis os suspiros, tambem pudera dizer alguma cousa pelo direito de terceiro; porém acho, que Vossa Alteza não hade desprezar hum filho do Sol legitimo, que só por ter por avó de seus filhos ao olho do Sol, podera dar os olhos da cara.

Ismen. Para que tanto te empenhas por Faetonte?

Chich. Porque a Apollo seu pay devo o que sey, por ser o Mestre em artes Magicas, e Astrologicas.

Ismen. Faetonte, tarde chegaraõ aos meus ouvidos os teus suspiros; pois já sou de Albano.

Faet.

Faet. Para que me defenganas, cruel? Deixa ao menos manter-se a minha esperança na vaidade de que posso merecer os teus agrados.

Chich. Ahi vem ElRey.

Ismen. Estimo por atalhar os seus discursos.
à part.

Sabe ElRey.

Rey. Ditosa Italia! Ditoso Monarca, que tem a fortuna de possuir o filho do Sol nos ambitos do seu dominio! Permite pois, que prostrada a teus pés consagre a teu respeito repetidas venerações.

Faz que ajoelha.

Faet. Senhor, Vossa Magestade não deve estar dessa sorte; os meus braços serão o throno, donde melhor se colloque a tua soberania.

Rey. Galhardo aspecto! Vês, Fiton, que o que sonhey não foy erro da fantasia?

Chich. He, que Vossa Magestade sabe mais dormindo, que acordado.

Rey. Mas sempre te agradeço o feres tu o ditoso instrumento do bem, que possuo.

Chich. Pois na verdade, que bem me custou a dar com elle.

Rey. Resta agora, que me descubras o agressor de Ismene.

Chich. *Paulatim*, não vay a estafar.

Rey.

Rey. Supponho , Faetonte , que já terás relevado a Ismene a casualidade de ferirte no bosque ; e para que com huma acção fatisfaça a dous empenhos , vem comigo ao templo de Hymenêo , donde depois de sacrificar a Apollo , grato ao beneficio de permittir habite comigo hum filho seu , assistirás aos desposorios de Ismene com Albano , para que com teu influxo seja sempre fausto , sempre ditoso o seu Hymenêo.

Faet. Que ouço ? Ay infeliz ! *à part.*

Chich. Lá vay quanto Martha fiou ! *à part.*

Rey. Vem , Faetonte.

Faet. Senhor Ismene o Hymenêo . . . poderia porque
 Não sey o que digo. *à part.*

Rey. Que tens ? Que te perturba !

Chich. Não repare Vossa Magestade , que todos os filhos do Sol mastigaõ as palavras , e engolem os conceitos : quer dizer , que se podia dilatar o casamento ; porque ainda se acha mal convalecido , e lhe tremem tanto as pernas , que não póde dar huma passada.

Rey. Perto fica o templo ; pois convem não dilatar , antes que outro traidor impulso intente malograr as minhas idéas.
 Vem Senhor,

Vaise.

Faet.

Faet. He preciso obedecer: Ismene, lembra-te de mim.

Vaise.

Chich. Ande, Senhor, que honra, e proveito não cabe n'um sacco.

Vaise.

Ismen. Que tarde viesste, filho do Sol, outra vez torno a dizer, e que acelerado voas Hymenêo de Albano? A pressa de hum, e a tardança de outro, são hoje os incentivos da minha magoa.

Sabem Egeria, e Chirinola, de sorte que não veja a Ismene.

Chirin. Senhora, recolhamo-nos depressa ao teu quarto, para que se não suspeite em nós alguma traição; quando Faetonte confesse o delicto, daremos a nossa quartada, dizendo, que estivemos em casa.

Eger. Pois anda, que até não saber de Faetonte, não socegará o meu coração; e pois já o Ceo me vingou desta tyranna, de seu sangue esmaltarey a minha Coroa Mas que he o que vejo? Ay de mim!

Vê a Ismene.

Chirin. O que? O que, Senhora? He verdade! A que delRey, não fuy eu; não fuy eu, Ismene.

Eger. O alento me falta; Ismene, não crimines a minha innocencia, porque

Fac-

Faetonte... mas ay de mim! *Desmaya-se.*

Ismen. Que he isto? Que perturbação he esta? Egeria, torna em ti. Dize tu, que foy isto? *Para Chirinola.*

Chirin. Tomara-me desmayar; mas não posso.

Ismen. Ha confusão semelhante! De que te affombra? Sou alguma fantasma?

Chirin. Espere que já vou perdendo o medo; pois Vossa Alteza he mesmo Vossa Alteza?

Ismen. Pois quem hey de ser?

Chirin. Deixe-me apalpar.

Ismene. Para que?

Chirin. Com que Vossa Alteza não morreo?

Ismen. Não me vês?

Chirin. Bem vejo; mas não sey, se he alguma cousa do outro Mundo.

Ismen. Deixa despropósitos, acudamos a Egeria: Egeria? Egeria?

Eger. Perdoa-me, Ismene, que eu fuy...

Chirin. Ay que se declara! Senhora, Senhora, que não he morta a Senhora Ismene, não a matou o javalí na caça, como disserão; não tenha susto.

Eger. Ay de mim! Que horrivel fantasia! *Levanta-se.*

Ismen. Que foy isto, Egeria? Que enigma he este? *Chirin.*

Chirin. He o que eu disse , Senhora , pois nos affirmaraõ , que hum javalí despeçara a Vossa Alteza , que Jupiter guarde , e por final nos mostraraõ o sangue ; nós espavoridas , inventando outra vez a moda do arripiado , viemos correndo a bom correr , para talhar hum par de choradeiras ; quando de repente a vimos a Vossa Alteza ; e como somos medrosas , cuidámos , que era huma cadavera.

Eger. Bem remediou : *à part.* Ismene , dá-me hum abraço , que a tua morte muito me tem custado ; e porque o susto ainda me occupa muita parte dos sentidos , permite , que me retire. *Vaise.*

Chirin. Arrelá com a mentirinha , que nos hia dando na cabeça ! *Vaise.*

Ismen. Que enigmas seraõ estes ! Egeria affustada ; imaginarme defunta ; pedindo-me perdaõ , e que a não crimine ? Não sey o que conjecture ! Mas ay infeliz , que aquelles sustos , e aquellas palavras , ainda que mal explicadas , dizem muito ! Oh sede de reinar , quam impia , e sacrilega he a tua ambiçaõ ! Que maquinias não inventas ! Que tyrannias não executas !

Canta Ismene a seguinte

A R I A.

Ditosa Pastorinha ,
Que alegre em verde prado ,
Só cuida no seu gado
Ao som da melodia ,
Que inspira a rude frauta
Do amante seu Pastor.

Politicás não usa ,
Nem máximas inventa ,
Ufana se contenta
Das flores , que tributa
A' fé de hum casto amor.

Vaise.

S C E N A IV.

*Templo de Hymenêo , em cujo simulacro se verá
humã têa incendiada. Sabem Chichisbeo , e
Chirinola.*

Chich. **A** Nda depressa , se queres ver o
noivado , antes que se intupa
o templo de gente.

Chirin. Ha de ter muito que ver , pois di-
zem , que o filho do Sol tambem assiste
muito bizarro.

Chich. Poem-te ahi , e dahi te não bulas.

Chirin. Sim Senhor , mas a mim me confa-
ta , que vossê ainda he hum refinado Ma-
gico,

gico , e que anda adevinhando o feito , e o por fazer.

Chich. Se eu estivera mais de vagar , eu te differa por onde o gato vay às filhozes.

Chirin. Eu bem sey por onde vay.

Chich. Por onde ?

Chirin. Pela trapeira.

Chich. Pela tripeira has de dizer , pois tudo quanto faço he por amor da tripa : ah Chirinola , que bella occasião para nos casarmos ! Olha não te faz cecegas ver alli o Deos dos casamentos com a sua luminaria ateadana chaminé de Cupido , em cujo fogo salvage se abrazaõ os miseraveis do jugo amatorio ? Dize , não tenhas vergonha.

Chirin. Vossê tem a culpa , de não ter o que deseja , pois se não fora feiticeiro , casaramos agora.

Chich. Ainda crês , que sou desses ?

Chirin. Eu sou alguma tolla ? Não vês , que quem o demo toma , sempre lhe fica hum geito ?

Chich. Eu não sey , que geito hey de dar a isto ? Se lhe declaro a tratada , perde-se Faetonte ; se me callo , perco a Chirinola , e esta occasião , que ainda he mais calva , que Chirinola. *à part.*

Chirin. Que diz ? Ficou pasmado ?

Chich.

Chich. Bem sey, que quem quer bem, diz do que sabe, dá do que tem; mas tu has de guardar hum segredo daquelles de maço, e mona, e entaõ faberás cousas, ainda que sonhadas, nunca vistas.

Chirin. Isso corre por minha conta; pois que he?

Chich. He hum segredo.

Chirin. Dize-o.

Chich. Naõ to posso dizer, pois só eu o sey, e mais certa pessoa; e se tu o souberes, já naõ he segredo; porque passando de dous, acabou-se o segredo.

Chirin. Pois dize-mo, sem ser em segredo.

Chich. Entaõ que fineza te faço eu, em dizer huma cousa, que naõ he de segredo?

Chirin. Pois de que fórte o hey de saber?

Chich. De nenhuma, pois naõ sabendo tu o segredo, vens a saber, que ha segredo, que he o que te basta.

Chirin. Vá-se dahi; vossê he o que se preza de amante? Vossê he Chichisbeo? He huma balla.

Canta Chirinola a seguinte

A R I A.

Se naõ fias de mim o segredo,
Eu do teu amor me naõ quero fiar;
Que se naõ póde dar confiança,

Em

Em quem desconfia seu peito mostrar.

Fia, pois, se não queres que desconfie
Do pouco que fias de mim te fiar;
Porque na fiança daquelle segredo
Fiada confio os extremos de amar.

Chich. Aballemos da qui, que para este lugar vem correndo muita gente.

Retiraõ-se a hum lado.

Sabem Faetonte, e Fiton.

Faet. Fiton, sabe que eu estou quasi desesperado. Albano, e Ismene hoje se desposãõ; e eu se tal chego a ver, morrerey infallivelmente; e se por evitar os meus precipicios tanto me recataste dizer, que era de Ismene aquelle retrato; agora, que o sey, e que o não ser minha me ha de custar a vida, remedeia a minha magoa no infallivel de minha morte.

Vaise.

Fiton. Dos dous males o menor se ha de eleger; e pois dizem, que o fabio domina os astros, verey se posso emmen- dar com hum precipicio outro precipicio.

à part.

Chich. Anda cá tu, que ainda não tens nome nesta Historia; como te chamaõ?

Fiton. Chichisbeo.

Chich.

Chich. Chichisbeo sou eu desta menina.

Fiton. Pois eu o sou de meu amo.

Chich. E elle que te queria , que te esteve fallando com braços , olhos , e nariz , muy affrossurado ?

Fiton. Vossa merce como he Magico não necessita que lho diga.

Chich. Eu já disse não sey nada , que esta menina me deu anacardina , para só me lembrar della.

Chirin. Aquillo he galantaria.

Chich. Não he ; que fallo em meus cinco sentidos.

Chirin. Estás colhido.

Chich. Não estou colhido.

Chirin. Estás ; pois se dizes , que te dey anacardina , como ainda tens todos os cinco sentidos ; que se assim fora , havias perder hum delles ?

Fiton. Tem razão.

Chich. Mas falta-lhe a justiça , porque eu por meus peccados tinha seis sentidos , não menos ; os cinco já se sabe.

Chirin. E o outro qual he ?

Chich. He o que tenho em ti.

Chirin. Mas qual delles perdeste por amor de mim ?

Chich. Perdi o ver ; mas tu es tal , que não fazes carreira a cego.

Fiton.

Fiton. Menina, o Senhor Fiton se está dif-
farçando, que elle he Magico como
ninguem.

Chich. Magico será elle, e se não fora....
mas elles lá vem, tu me pagarás.

*Vão sabindo ElRey, Faetonte, Mecenas, Is-
mene, e Albano, coroados de flores.*

Canta o Coro.

Na tea luzente
Do sacro Hymenêo
Se accenda brilhante
O rayo flammante
Do filho do Sol.

Rey. Aquella ardente tea, que illumina o
sacro Hymenêo, seja immortalizada com
as luzes de Apollo, para que sempre
clara a minha descendencia configa per-
petua duração a pezar dos estragos do
tempo.

Alban. Propicio amor, já pozeste limite
a minhas esperanças.

Faet. Já me vay faltando a paciencia, pa-
ra tolerar este violento rigor do fado.

à part.

Ismen. Faetonte não aparta os olhos de
mim.

à part.

Chich. Olha, aprende bem, Chirinola, as
ce-

ceremonias matrimoniaes, para quando chegar a nossa occasião.

Rey. Ismene, reconhece a Albano Principe de Liguria por teu esposo, e na quella sagrada tea de Hymenêo, que em brilhante pyra ao Ceo se dirige, abraza o teu coração no reverente amor conjugal, a quem prosperem os Deoses, e felicitem os fados.

Ismen. Sem uso do alvedrio me conduz a este templo o teu preceito, como victimã de Hymenêo.

Faet. Vay-te concluindo a minha vida; mas eu morrerey mais nobremente.

à part. para Fiton.

Fiton. Espera, não te sobressaltes.

Chich. Casamento no meyo da galhofa nunca tal vi!

Alban. Princeza, já que a sôrte me destinou taõ alta fortuna, firma com a tua mão o decreto do propicio fado, que reverente a receberey com ambas para mayor segurança da minha felicidade.

Quer dar a mão.

Faet. Espera, ay de mim!

Fiton. Repara, e vê. *Apagase a luz do Hymenêo.*

Alban. Que dizes, Faetonte?

Faet. Que vejas a luz de Hymenêo, que ao dares a mão a Ismene, se extinguiu.

Rey.

Rey. Infausto presagio! Suspenda-se o Hymenêo, pois a sua Deidade, occultando a luz, nos avita de alguma fatal ruina.

Faet. He caso nunca visto!

Mecen. E nelle se encerra prodigio grande.

Alban. Se Hymenêo occultou a chamma, he porque sobrava a de meu amor, em cuja presença não podia luzir a sua, bem como as estrellas à vista do Sol; e assim permite, Senhor, que desprezado este, que imaginas presagio, se effeitue o nosso Hymenêo.

Rey. Sofisticos fundamentos não podem prevalecer a tão extraordinario acontecimento, até que Fiton nos declare a causa de extinguirse aquella luz.

Faet. Diga Fiton.

Chich. Sou chamado a conselho.

Alban. Da tua sentença pende a minha vida.
à part. para Chichisbeo.

Rey. Dize, Fiton, porque motivo se apagaria aquella luz?

Chich. Porque se acabou a torcida.

Faet. Responde serio, e vê lá o que fazes.
à part. para Chichisbeo.

Alban. Fiton com aquella galantaria vem a dizer, que foy casualidade, e não

myfteriosa a extincção daquella luz.

Chich. Tal não digo, e eu não sou tão escuro, que necessite de pay velho para commentarme: respondi assim, porque não quero dizer, que o Deos Apollo pay das luzes não leva a bem este matrimonio, e a razão disto eu a direy a Sua Magestade só por só no seu gabinete.

Ismen. Ha enleyo semelhante!

Faet. Viva a minha esperança. *à part.*

Rey. Vês, Albano, que não foy sem mysterio? E pois devemos obedecer, ainda ao minimo aceno dos Deoses, já não póde Ismene ser tua, pois que Hymenêo esconde a luz, para sepultar em sombras o teu desejo.

Canta Albano a seguinte Aria, e

R E C I T A D O.

Oh infeliz, oh triste sem alivio,
 Misero amante, como sem Ismene
 Vivirey? Morrerey ao duro golpe
 Da sentença cruel, que me sepára
 Aquella alma sublime deste corpo,
 Cuja uniaõ amor ligou constante.
 Oh Jupiter piedoso, dessa esfêra
 O trifulco furor de teu incendio
 Cõtra hum peito infeliz fulmina ingente,
 Que

Que para provocar os teus furores
Incentivo não ha mais adequado,
Que nâscer infeliz hum desgraçado.

A R I A.

Irado, e languente,
Frenetico, e amante,
O' injusta Deidade,
Da tua impiedade
A Jove supremo
Me quero queixar.

Se a luz me usurpaste
Do sacro Hymenêo,
Cruel te enganaste,
Que em chamma mais pura
Minha alma constante
Se sente abraçar.

Vaise.

Chich. Parece, que lhe ardeo a jeropiga!
à part.

Rey. Deoses soberanos, em que pôde offendervos o Hymenêo de Albano, para que me priveis da gloria deste dia? Mas quem pôde comprehender as vossas altas disposições! Vem, Faetonte, a sacrificar, como disse, a Apollo teu pay, não só para gratificar a tua vinda, mas tambem para applacar a sua indignação, repetindo o mesmo Coro, para que a lembrança da culpa seja incentivo da piedade.

C O R O.

Na tea luzente
 Do sacro Hymenêo
 Se accenda brilhante
 O rayo flammante
 Do filho do Sol.

Fim da segunda Parte.

P A R T E III.

S C E N A I.

Camera. Sabem Faetonte, e Fiton.

Faet. **V** Em, Fiton, a meus braços,
 pois à tua sciencia devo a vida,
 que respiro; que se não extinguias
 aquella luz em Hymenêo, em cinzas me
 reduziria a sua chamma.

Fiton. Faetonte, agora, que de todo tens
 superado o violento furor dos fados, e
 te vês nesta prosperidade isento do gran-
 de damno, que te esperava, te decla-
 rarey, o que tantas vezes recusey di-
 zerte. Sabe, que tu es na realidade o

ver

verdadeiro filho do Sol, e de Climene, aquella infauſta belleza, que expoſta aos rigores de Diana entre os montes habita como féra.

Faet. Ay de mim! Que ſempre has de ſer cruel para comigo! pois ao meſmo tempo confundes a delicia de hum prazer, com o rigor de hum pezar!

Fiton. E aſſim releva-me o não haverte communicado ha mais tempo eſte ſegredo; porque como eſtava decretado dos fados, que a ſaberes tu quem eras, eſſa ſciencia havia de ſer o teu precipicio por cauſa de huma formoſura, por iſſo te occultey eſte deſengano; porém agora que ſupponho triunfas de ſeus decretos, ração he que triuntes tambem do meu ſilencio.

Faet. Puderas dizermo em tempo, que mais to agradeceſſe; mas ſempre eſtimo ſaber cujo filho ſou, ſe bem nada me dizes de novo, pois a altivez de meus penſamentos não poderia ter menos progenitor: eu te relevo o roubo, que me fizeste do tempo, que ignorey a gloria de me jaſtar filho do Sol.

Fiton. Era preciso obedecer ao influxo dos aſtros.

Faet. Não creas neſſas quiméras: de meus
luc

cessos pódes colligir o quam errada he a judiciaria especulaçaõ das estrellas , cuja sciencia tanto veneras : mas retira-te, que ahi vem Egeria.

Fiton. Eu te obedeço.

Vaise.

Sabe Egeria.

Eger. Para que , Faetonte , me occultavas quem eras ? Bem me parecia a mim , que o teu brioso alento tinha mais soberana origem.

Faet. Quiz occultar quem era , para que o amor preferisse ao respeito na tua inclinaçaõ.

Eger. Se essa brilhante Deidade , quasi immortaliza a vida , que temes , que não acabas de executar a morte de Ismene , pois já por duas vezes deixaste burlada a minha expectativa ?

Faet. Como sey , que Mecenas tem a mesma incumbencia , já não poderey executar os teus designios.

Eger. Verdade he , que Mecenas compadecido da minha desgraça intentou restituirme ao throno de meus pays ; mas não sey , em que te possa offender a sua piedade.

Faet. Em ser piedade ; pois he certo , que esta só reside em hum coração puramente fino.

Eger.

Eger. Se da sua parte está o amor da minha, estará a constancia, com que te adoro; porém cuidado, Faetonte, que esse affectado ciume se origina de algum motivo occulto.

Faet. Occulto motivo he; pois se eu disse-
ra, que tambem reservas a vida de Albano, não sey para que fim, talvez não acharas affectado o meu ciume.

Eger. Para que vejas, que não estimo a vida de Albano, mudemos de systema, como ao principio pretendias: sê tu homicida de Albano, que eu o serey de Ismene, para que na igualdade dos sexos fique sem perigo a resolução; e desfa sôrte, nem a formosura de Ismene te suspenderá o golpe, nem a vida de Albano a zelos te incitará.

Faet. Para cabal satisfação de meus zelos tu mesma has de ser homicida de Albano; aliás entenderey, que a piedade te retira o braço, e o amor te suspende o golpe.

Eger. O mesmo posso eu dizer de Ismene para contigo.

Faet. Para delvanecer essa suspeita, basta intentar o golpe duas vezes, ainda que de nenhuma se conseguisse: e assim não tens que te eximir, que Albano fica ao

arbitrio de tuas iras. Assim, segurarey a vida de Ismene. *à part.*

Sabem El Rey, e Chichisbeo.

Rey. Basta, que essa foy a causa, porque se extinguiu a luz do Hymenêo?

Chich. Sim Senhor, que he vontade de Apollo, que seu filho Faetonte seja genro de Vossa Magestade, e a Senhora Ismene nora, e Vossa Magestade sogro de Faetonte, e este marido da dita Senhora.

Rey. Faetonte, como o obedecer aos Deos he primaria obrigação de hum Monarca, mal poderey resistir aos mudos preceitos de Apollo teu pay; pois he sua vontade, que Ismene seja tua esposa, e não de Albano, por cuja causa usurpou a luz no seu Hymenêo.

Chich. Do que não ha a menor duvida, *attento secreto magicali.* *à part.*

Eger. Ay infeliz, que ouço!

Faet. Ay feliz, que ouvi!

Rey. E pois tu, como filho de Apollo, estás mais obrigado a obedecerlhe, entendendo te sujeitarás ao seu imperio: bem conheço que em Ismene faltaõ meritos, para ser esposa de hum filho do Sol; porém huma cega obediencia não repara em qualidades.

Chich.

Chich. Pois que lhe ha de fazer , se he vontade do Senhor seu Pay ? Feche os olhos , e diga , que sim , que no aceitar vay o ganho. *à part. para Faet.*

Rey. Que dizes , Faetonte ?

Faet. Que hey de responder , ouvindo-me Egeria ? *à part.*

Rey. Emmudeces ?

Chich. He vergonhoso em lhe fallando em casar : diga , Senhor , que se as bellezas são Deidades , Ismene em nada o desmerece.

Eger. Muito me aggrava Faetonte naquele silencio. *à part.*

Faet. Bem sey , que a formosura de Ismene he digna do mesmo Jupiter , pois Europa , Danae , e Leda não tiverão mais bellas perfeições : porém... Ha desgraca semelhante ! *à part.*

Chich. Porém , que ? Que diabo ? Está balbuciente ? A culpa tenho eu. *à part.*

Rey. Que resolves , Faetonte ?

Chich. Senhor , não tem que resolver , porque elle nesta materia não tem voto : eu sou o que hey de dar a resolução ; e assim digo a Vossa Magestade , que elle quer , e requer , que se faça logo , e já o casamento ; e eu , que entro a fazer o requerimento , certo he ,
que

que tenho muita razão para o saber.

Rey. Assim o entendo, e da boa indole de Factonte outra cousa se não podia esperar: e para que satisfaça à pretensão de Egeria, suppondo que tem algum dominio à herança desta Monarquia, quero que case com Albano, pois com o Principado de Liguria, fica (ainda que não em tudo) em parte satisfeita a sua queixa.

Eger. Ainda que Vossa Magestade pudera repartir os dominios de Liguria, não poderá contrastar o alvedrio de Albano, que adorando a Ismene, o confidero agora sobre amante, zeloso.

Rey. Quando o não vença a razão, o vencerá a violencia: vem, Fiton, que importa communicarte materias de importancia.

Vaise.

Chich. Valha-me Deos! Tomara ser privado de ser privado.

Vaise.

Faet. Egeria, a que mais póde aspirar o teu delejo? Já conseguiste o Hymenêo de Albano: serás Princeza de Liguria, e com as armas de teu esposo poderás restaurar a tua Coroa.

Eger. Sendo tu o Monarca, e auxiliado dos rayos de Apollo, que exercitô te resistirá? Pois para ficar vencido basta ter por contrario ao Sol.

Faet.

Faet. Se assim fosse, eu me deixara vencer,
só para que tu triunfasses.

Canta Faetonte a seguinte

A R I A.

Serêa encantadora
Affaga o navegante,
Que intrepido, e nadante
Fugindo do seu canto
Intenta triunfar.

Espera, que a belleza
Contém tal harmonia,
Que em doce melodia
Obriga a naufragar.

Vaise.

Eger. Que affectadas finezas! Ah tyranno
amante, que o teu genio ambiciosamen-
te elevado te fará esquecer do meu amor.

Sabe Albano.

Alban. Quem me dera saber o que terá
revelado Fiton àcerca da extinção da-
quella luz de meu infeliz Hytmenêo; pois
pendente o coração da sua reposta, nem
bem vivo, nem bem morto está.

Eger. Vês, Albano, como os Deoses cas-
tigaõ a hum perjuro, a hum falso, e a
hum traidor amante?

Alban. Ignoro o que dizes.

Eger. Pois sabe, para que o não ignores:

De-

Declarou Fiton , que a extincção da-
quella luz era hum mudo imperio de
Apollo , insinuando ser sua vontade ,
que Faetonte se despozasse com Ismene;
no que ElRey conveyo por não desobe-
decer à insinuação de hum Deos.

Alban. Immortal devo de ser , pois não
rendo a vida a golpe tão cruel.

Eger. Se soubera , que havia de ser tão
penosa para ti esta noticia , não ta déra;
e assim escusarey de dizert , que infalli-
velmente Faetonte se desposa com Isme-
ne , e que tu ficas excluido da gloria de
possuir sua belleza.

Alban. Venção os acertos da prudencia as
violencias de hum pezar. *à part.* Não
sabes , Egeria , o quanto estimo essa
mudança de meu Hymenêo , para que
desenganado das inconstancias da fortu-
na , em que até agora naufraguey , pos-
sa tomar o norte , que perdi : A teus
pés , Egeria , se prostra a minha culpa ;
não quero accumular desculpas ao deli-
cto , por não difficultar o perdaõ. *Ajoelba.*

Eger. Que fazes , Albano ?

Alban. Revalidar o primeiro voto , que
confagrey nas aras de teu amor.

Eger. Ainda que pudera vingarme de teu
aleivoso proceder , quero ser extremo-
fa

fa contigo ; pois se não houvera ingratidões , não haveriaõ finezas. Assim convem para os meus intentos. *à part.*

Alban. Pois, Egeria, se a tua piedade me ampara , eu te prometto prepararte o throno , atropellando todas as difficuldades. Morra Faetonte.

Dentr. Viva Faetonte.

Eger. Morra Faetonte , e tambem Ismene.

Dentr. Viva Ismene.

Eger. Que encontrados eccos respondem às nossas idéas?

Dentr. Viva Faetonte , viva Ismene.

Sabe Chirinola.

Chirin. Senhora , que está tudo alvoroçado com danças , córos , e bailes , applaudindo o novo esposo de Ismene , que dizem he hum filho do Sol , que eu por final vi junto com Ismene , taõ resplandecente , que era huma coula nunca vista. Ay Senhora , espere para o ver , que elle para cá vinha caminhando.

Eger. Por isso mesmo irey mais depressa. Oh cruel pezar , não sejas usurpador de minha vida , em quanto a fortuna me não facilita o meyo da vingança! *Vaise.*

Chirin. Vamos , vamos Senhora , depressa.

Vaise.

Alban.

Alban. Haverá homem mais infeliz? Para que, injustas Deidades, vos empenhastes a fazerme ditoso, se depois que me elevay ao auge de tanta ventura, me havicis de despenhar do bem, que cheguey a possuir? Mas tu, ò cruel Monarca, se me usurpaste a ventura com a esposa injustamente, eu justamente te arrancarey com o Sceptro a ambição; porque a justiça de Egeria me dará armas para triunfar da tua crueldade.

Sabe Ismene.

Ismen. Confusa, e vacilante no procelloso mar de tantas variedades até me falta norte para navegar, segura na perigosa carreira de tão inopinados successos. Mas quem está aqui?

Alban. Quem ha de ser? He huma sombra de Albano, que se vê já privado de toda a luz, depois que perdeu o lol de tua formosura.

Ismen. Pois se es sombra, como não desappareces? Que com os resplandores do Sol fogem as sombras.

Alban. Já sey, tyranna, que como Ave do Sol te queres eternizar nas luzes; mas não he razão, que religiosamente negues o teu coração a Cupido, para fazer delle sacrificio a Apollo.

Ismen.

Ismen. Que queres , Albano , que te responde , se hum Pay , hum Monarca , e huma Divindade são triplicados vinculos , que me prendem o alvedrio? Suppoem que nunca me viste ; suppoem-me a mais cruel , a mais tyranna féra das hircanas brenhas , para que troques em odio , o que foy amor.

Alban. Amor que foy , sempre he ; pois não tem mais que hum tempo , e por isso se pinta menino.

Sabe Faetonte.

Faet. Galharda Ismene , não póde chegar a mais o excesso , a que se sublima a minha fortuna , do que a verme coroadado com as verdes ramas da esperança de possuirte.

Alban. Ha tormento mais cruel ! Sem duvida , Faetonte , que ainda te não posso encarecer , o quanto te venera toda a Italia.

Faet. Já sey , Albano ; porém adverte , Ismene , que menos estimo nascer filho do Sol , que renascer na esféra de teus braços.

Alban. Se nos meus dominios te possuira , verias arder toda a Liguria em mayores demonstrações de prazer.

Faet.

Faet. Eu o reconheço. Bem quizeras, Ismene, mostrarte, que aquella setta, com que me atravessaste o peito, te deu amor para ferirme, cuja cicatriz será o mais vivo sigillo, que eterno acredite a efficacia de meu querer.

Alban. Eu desespero. *à p.* Porém, Faetonte, para reconheceres o meu affecto....

Faet. Deixa-me, Albano, que estás importuno.

Alban. Pois cala-te, Faetonte, que estás insupportavel.

Faet. Se te peza de ouvirme, retira-te, e deixa-me significar à minha bella Ismene os extremos, com que a idolatro.

Alban. Nem posso deixarte, nem posso ouvirte: bem sey, que hum supremo Numen te destinou esta fortuna; mas não ignoras, que adorey a Ismene com attenções de esposo, e o ciume he hum monstro insofrivel.

Faet. Pois, Albano, que remedio, senão sacrificar a vontade ao imperio dos Deuses? Bem sey, que te sobraõ motivos para a tua magoa; porém sentirás agora o mesmo mal, que eu padeci.

Alban. O mesmo não; que se o padeceste, foy em tempo, que não tinhas alcançado os favores de Ismene; e mal póde
fer

fer o sentimento , que hoje me penaliza , igual à afflicção , que te arrastava antes de favorecido ; que entãõ sentias como zeloso pretendente , e eu padeço hoje como zelolo desesperado.

Faet. Se desesperaste , já te não fica mais que esperar.

Alban. Enganas-te , Faetonte , que ainda me fica a esperança de saber o meu valor castigar a causa da minha desesperação.

Faet. Pois tu tens ousadia , para te oppor a hum filho do Sol ?

Alban. Ainda contra o mesmo Sol se ha de animar a minha arrogante temeridade ; porque a cegueira , com que os zelos me allucinaõ , me não dá lugar para ver as impossibilidades , que emprendo.

Faet. Barbaro , verás no poder de meu braço o castigo , que merece a tua ousadia arrogante. *Empunhaõ as espadas.*

Ismen. Que intentas , Faetonte ? Albano , que fazes ?

Alban. Perder a vida ; que se em te perder fico sem alma , bem he , que quem tyrannamente me usurpa a alma , seja violento verdugo , que me tire a vida.

Ismen. Acudaõ todos , que se mataõ.

Dentr. No quarto da Princeza he a pendencia.

Sabem El Rey, e Soldados.

Rey. Albano, Faetonte, que atrevimento he este? Assim se ultraja o meu decóro? Suspendey o furor da vossa indignação.

Faet. Senhor, Albano me provocou de fórte, que com precipitada arrogancia cheguey a profanar a immundade do Palacio, sem attender. . . .

Rey. Pois tu, Albano, sem attenção ao meu respeito, sem temor das minbas iras, tiveste ousadia, para romper em taõ inopinado insulto?

Alban. Huma paixãõ cega não póde attender a respeitos, quando só respeita o desafogo, que intenta conleguir na vingança; e assim. . . .

Rey. Não pretendas córar com apparentes desculpas o teu delicto, que nenhuma satisfação póde condecorar a taõ grande culpa. Perdoe Albano, que primeiro está a anciosa ambição, com que intento divinizar a minha regia estirpe. *à p.*

Alban. Não imagines, tyranno Monarca, que pretendo accumular desculpas à temeridade, em que me empenhey; que o meu intento só se encaminha a significarte

carte a razão , que tenho , para castigar as femrazões , com que me usurpas a vida , na esposa , que me negas.

Réy. Poistu , Albano , empenhas-te , contrariando irreligiosamente os divinos decretos ?

Alban. Sim ; que decretos injustos , nem são divinos , nem decretos ; porque nenhum decreto sem justiça póde violentar a liberdade dos alvedrios. E se eu adoro a Ismene com tão fino extremo , que sendo em nós duas as vontades , he unico o querer , como me queres tu persuadir , que os Deoses pretendem contranger duas vontades , as quaes reciprocamente unio o amor ?

Canta Albano o seguinte

R E C I T A D O .

Se me negas o bem , que fino adoro.
Aonde recorrerey ,
Senaõ ao forte valor , que ha em meu peito?
Se nelle mais perfeito
Tenho o rancor seguro , e o castigo :
Porque vingue dos zelos a violencia ,
Que este falso traidor , este inimigo
Origina em minha alma ,
Levando-me com barbara indecencia

Em Ismene Divina a cara vida?
 Sinta pois, (ay de mim!) minha vingança,
 Quem a vida me usurpa em tal mudança.

A R I A A 4.

Alban. Os Deoses não podem
 Dous finos affectos,
 Que amor vinculou,
 Já mais separar.

Rey. Se os Deoses o querem,
 Quem o ha de estorvar?

Alban. Amor, que os unio,
 Que os quer conservar.

Faet. Amor he mudavel,
 Tal não póde obrar.

Alban. Que dizes, Ismene,
 A tanto pezar?

Ismen. A tantos decretos
 Não posso faltar.

Alban. Se a vida me falta
 Na tua mudança,
 Que posso esperar?

Alban. Se estou } padecendo
Todos. Soffrer }
 Do fado a violencia
 Dos zelos o mal.

Alban. Do injusto decreto,

Rey. Da iniqua sentença,

Ismen. Da minha esquivança,

Faet.

Faet. Da tua mudança,

Todos. Aos Ceos pedirey,

Soccorro, clemencia

Em mal taõ fatal.

Vaõse.

S C E N A II.

Salla. Sabe Chirinola.

Chirin. **V**Alha-me amor, e a Deosa da curiosidade, [se he que ha curiosidade nos Deoses!] Que tenha eu paciencia, para supportar ha tanto tempo hum appetite disto, a que chamaõ querer saber o que se passa, e que passe sem fazer aquellas extraordinarias diligencias, que todas costumamos, para lacar assim do bucho a Fiton este segredo, que tanto me oculta! Tomara já apanhallo, que o hey de fazer vomitar logo pá pé tudo quanto sabe.

Sabe Chichisbeo.

Chich. He boa esta! Está Faetonte por amor de mim enthronizado, logrando de affento os agrados de Ismene, e eu por amor delle estou de aza cahida nos favores de Chirinola! He desgraca naõ poder voar a minha esperanca à esfêra de sua accitacão!

Chir.

Chirin. Elle cá vem: darey satisfação à minha curiosidade.

Chich. Factonte, como digo, está affando castanhas no affador da correspondencia; e eu estou soffrendo os estouros nas brazas dos desprezos: estou ardendo!

Chirin. Senhor Fiton?

Chich. Senhora Chirinola?

Chirin. Vossa merce deve andar muy occupado com a fadiga da sua privança; pois já ha tanto tempo, que me privou da sua vista?

Chich. Grandes são os negocios, que eu, e ElRey temos por ora entre mãos; porém nunca estes serão bastantes, para eu dar de mão à lambuge dos teus favores; e para que vejas, que não he a privança, a que me faz esquecer de ti, já não quero ser privado delRey, mas só teu, minha Chirinola.

Chirin. Meu porque?

Chich. Porque na minha estimação es a mais celebre privada para hum privado.

Chirin. Guarde-se para lá, que não creyo palavras lisongeiras: não venha zombar da gente.

Chich. Se eu amo de véras, como posso fallar zombando?

Chirin.

Chirin. Pois se ama de véras, diga-me por onde andou, que ha tanto tempo, que me não vê? He Chichisbeo, e falta às condições da Chichisbetice?

Chich. Não foy por minha culpa.

Chirin. Pois de quem?

Chich. De ElRey, que andamos consultando varios negocios pertencentes às razões de estado.

Chirin. Estado de que?

Chich. Estado de Ismene; não sabes, que já se não despoza com Albano?

Chirin. Pois com quem?

Chich. Com Faetonte; sobre isto he que eu empenhey a efficacia da minha sciencia; e ainda que me suou o topete, li no volume dos astros, que ella havia de ser sua; porque a extinção da têa de Hymeneo não foy por lhe roerem os ratos a torcida, ou por lhe chuparem os morcegos o azeite.

Chirin. Pois que foy?

Chich. Foy huma muda infinuação, com que o Delfico Planeta quiz mostrar, que o Senhor Faetonte havia de ser o legitimo marido da Senhora Ismene, e a Senhora Ismene a legitima mulher do Senhor Faetonte; mas com tal pacto, e condição, que Sua Magestade havia de dar

dar o Reino , para legitimar este matrimonio.

Chirin. Com que vossa merce foy , o que decifrou esse enigma ?

Chich. Eu fuy o legitimo decifrante , porque nas cifras desse ceruleo globo li as justas causas, que havia , para assim se dispor; e tambem vejo as bastardas desculpas , com que tu engeitas o meu amor, e me tens feito andar com a cabeça à roda , considerando na causa dos teus repudios.

Chirin. Qual amor , nem que alforjes de lá preta ? Eu não quero nada com Magicos.

Sabe Mecenas ao bastidor.

Mecen. Que não possa eu alcançar de Fiton alguma insinuação , que facilitando os meus designios segure as esperanças de possuir com Egeria o Sceptro , que pretendo ! Mas elle aqui está com Chirinola : esperarey, que se vá. *Fica ao bastid.*

Chirin. Não quero nada com feiticeiros.

Sabe Ismene ao bastidor.

Ismen. Aonde achará huma desgraçada alivio as suas afflicções ? Mas aqui está Chirinola com Fiton : eu me retiro.

Fica ao bastidor.

Chich. Chirinola, eu não sou feiticeiro.

Chirin.

Chirin. Porque ?

Chich. Porque não sou Magico.

Chirin. Se não he Magico , como decifrou tanto enigma ?

Chich. Ahi he que está enigmatica a minha desventura.

Chirin. Declare-se.

Chich. Não posso.

Chirin. Porque ?

Chich. Porque he segredo, e temo.....

Chirin. Que teme ?

Chich. Que dês com a lingua nos dentes, e me tirem as ganas de comer.

Chirin. Não me falle por entredentes, que eu não entendo equivoccos.

Chich. Eu vomito-lhe o segredo aos bocadinhos, que já não posso aturar a purga dos desprezos. *à part.*

Chirin. Não quer abrir a boca para fallar ? Pois feche os olhos, para nunca mais me ver.

Chich. Espera, Chirinola ; não vires as costas à minha esperança, deixa navegar a não de meu carinho no mar da tua correspondencia, que eu prometto descarregar na falúa de teus ouvidos a commissão deste segredo, ainda que beba o salgado trago da morte.

Chirin. Pois dize meu rico Fiton, que eu
te

te prometto dar hum bom refresco , e segurar o teu amor com as amarras de meus braços.

Chich. Quem não dará à costa no mar daquelles braços ! Adeos segredo , boa viagem , que enjoado nas ondas dos favores vomito as tripas. Pois alto , Chichisbeo , desembucha , e padeça quem padecer ; que primeiro está o salvamento do teu amor , do que o bom successo de Faetonte : *In æquali periculo debet quis sibi prius consulere.*

Chirin. Que diz , Senhor Fiton ?

Chich. Eu não fou Fiton , Chirinola , sou semicriado daquelle que se quer fazer temideos : Não fou Magico , filha ; porque nunca adevinhey mais , que os teus pensamentos.

Ismen. Ay Albano , que não foraõ sem causa as tuas desconfianças !

Mecen. Póde haver mais estranho successo !

Chirin. Para que disseste , que era filho do Sol ?

Chich. Para que ElRey me não tirasse a vida , que ateimou em dizer , que havia descobrir o filho do Sol.

Mecen. Não ouço mais ; vou dar parte a ElRey , para que castigue este insulto.

Chirin. Para que disseste da extinção da luz de Hymenco ?

Chich.

Chich. Porque Faetonte quiz , que aticaf-
se a ElRey , para se não apagar a luz da
sua esperança ; pois tambem queria ac-
cender no casamento da Senhora Ilme-
ne a sua luz.

Chirin. Faetonte não ama a Egeria?

Chich. Foy antes de ver a Ismene , que ao
depois ficou Egeria a perder de vista.

Chirin. E quem he este Faetonte ?

Chich. He hum Pastor assim chamado , fi-
lho de hum homem , que nunca ouvi
nomear , e de huma mulher , que habi-
ta entre as feras de Diana.

Chirin. Vaite embora , que es hum refi-
nado Magico.

Chich. O' Filha , se me não crês , aqui
com toda a solemnidade o jurarey.

Cantaõ Chichisbeo , e Chirinola a seguinte

A R I A A D U O .

Chich. Se cuidas , que posso
Da Magica usar ,
Te enganas menina ,
Que eu disso não sey.

Chirin. Não creyo esse engano.

Chich. Bem me podes crer.

Chirin. Sabendo outra coufa ,
Isto não farey.

Chich.

Chich. Eu fallo verdade.

Chirin. Não falla, insolente,
Vossê mente.

Chich. Não minto, não, não.

Chirin. Pois jure.

Chich. Eu juro,

Amb. E trejur^o
Que leve o diabo,
Quem Magico he.

Chirin. Se juras, já sey

Chich. Pois crê, que jurey.

Amb. Não ser feiticeiro,
Quem não adevinha,
Bem claro se vê. *Vaise Chich.*

Sabe Ismene.

Ismen. Espera, Chirinola, que tu has de
fer o ditoso instrumento das minhas fe-
licidades.

Chirin. Eu, Senhora? De que sorte?

Sabe Albano ao bastidor.

Alban. Aonde achará hum infeliz refrige-
rio, para lenitivo do mal, que o pena-
liza, se para qualquer parte, que cami-
nha, corre para o maltratar com acce-
lerados passos a sua desgraça? Mas aqui
está Ismene! Ah ingrata! Retiro-me,
que não quero ver tão cara a cara a cau-
sa das minhas afflicções.

Ismen.

Ismen. Não negues ; já sey , que não he Fiton, he Chichisbeo.

Chirin. Meus peccados ! Lá vay o segredo cos diabos ! Pois Vossa Alteza mesmo ouvio tudo da mesma sorte ? Ay desgraçada de mim !

Ismen. Tudo ouvi.

Chirin. Ora diga-me, Senhora : e que Faetonte não era filho do Sol ?

Alban. Que ouço ! Alma respira , que já não he difficultosa a tua felicidade.

Ismen. Tambem ouvi isto , não ha duvida.

Chirin. Senhora , veja por sua vida , se ouvio , que eu não quero ficar em má conta com Chichisbeo ?

Ismen. Dize , que eu te empenho a minha Real palavra , para apadrinhar a Chichisbeo.

Chirin. Assim foy , Senhora , mas veja não me engane , que se o não ouvio , eu não quero faltar ao segredo ; porque ainda que rapariga , não sou cá de mexericos , isso não.

Ismen. Descança : Tu has de dar a ElRey esta noticia , e a Albano , para que com tão feliz annuncio alente a sua amorosa pretençaõ.

Sabe Albano.

Alban. Albano , Senhora , já a teus pés
com

com reverente acatamento quer gratificar a felicidade de se ver favorecido na tua lembrança.

Ismen. Vay, Chirinola, noticiar a El Rey este defengano.

Chirin. Uy Senhora, Vossa Alteza não sabe, que Chichisbeo me recomendou tanto o segredo? E entãõ que conta posso eu dar de mim, se o souber El Rey, e todo o Mundo? Oh curiosidade, em que afflicções me meteste! *Vaise.*

Ismen. Vay, e não te dilates. Ay Albano, e que pouco conheces o jubilo, que em meu peito amante causou este feliz defengano!

Alban. Eu o reconheço; pois sempre na balança de minha estimaçãõ soube contrapezar os requintes, a que se sublimaraõ os quilates de teu fino amor; por isso senti com taõ vehemente desgosto o duro golpe, que com injusta violencia quiz cortar o estreito vinculo, com que Cupido nos unio os corações; mas agora, que me considero outra vez unido ao bem, de quem me suppunha separado, com continuos agradecimentos corresponderey a taõ successivos favores.

Ismen. Na minha firmeza acharás eterna a lealdade, com que constante te adorey.

Alban.

Alban. Nella eterniza amor a gloria de suas felicidades.

Canta Albano a seguinte

A R I A.

Ismene querida ,
Meu bello portento ,
Naõ mudes de intento ;
Pois magoa seria ,
Que chegue a morrer ,
Quem morre de amor.

Na tua lembrança
Só viva a memoria
Da celebre gloria ,
Que causa hum favor.

Vaise.

Ismen. Que he isto , que por mim passa ?
Albano por hum casual accidente ficou sentindo o duro golpe de minha apparente mudança ; Faetonte com cautelosos enganos pretendia separar os estreitos vinculos , com que amor nos enlaçou os affectos , ao mesmo tempo , que com reciprocas finezas se corresponde com Egeria ! Oh queira amor naõ sejaõ mayores os fingimentos de Faetonte , para eu naõ ter mais impossibilidades , que vencer no Hymenêo de Albano !

Sabe Faetonte.

Faet. Que tens , adorada Ismene ? Se Albano

bano te occasionou algum motivo de sentimento, faze-me participante da queixa, que logo com a sua morte verás satisfeita a tua pena.

Ismen. As minhas penas, Faetonte, nascem das penas que me dás; não voes tão alto, que logo a minha desgraça abaterá as azas, com que ligeira corre, para dificultar as minhas felicidades.

Faet. Não te entendo, Ismene.

Ismen. Pois bem me entendo, Faetonte; e torno-te a advertir, que o muito voar não he meyo efficaz para subir; mas motivo infallivel para hum ambicioso se abater.

Vaise.

Faet. Ay de mim, que as palavras de Ismene infundirão em meu timido coração, não sey que occulto veneno, que me parece não cabe já dentro em meu peito, e quer de mim sahir, por não se achar bem comigo! Mas eu em Ismene apurarey as confusões deste enigma: espera, Ismene.

Sabe Egeria.

Eger. Que ha de esperar, falso, traidor amante? Que esquecido ao juramento, que fizeste, de defender a minha causa, sem causa, nem motivo, que possa condecorar a tua infelicidade, buscas a Ismene,

mene, para me offender ingrato.

Faet. Deixa-me, Egeria; se a desgraça cuidadosa te segue, para que me persegues tu tão diligente, se não motivo as tuas infelicidades?

Eger. Já te deixo, infame; já fujo da tua vista, fementido; porque não quero ver nas fortunas de Ismene a occasião da minha morte: e assim como Ninfa do Eridano vou já inundar a copia de suas crystallinas aguas, com as correntes de minhas enternecidas lagrimas, até que o Ceo, compadecido da minha desventura, e justiceiro à tua infidelidade, vingue com teu precipicio a minha queixa.

Vaise.

Faet. Valha-me o Ceo! Isto he sonho, ou realidade? Ismene advertindo-me, que a ambição de subir he tropeço para me despenhar, e Egeria culpando-me de perjuro, pedindo ao Ceo justiça! Justos Deoses, que vaticinios são estes, que amedrentaõ este timido coração? He verdade que eu prometti a Egeria defender a sua causa, para cingir a Coroa; mas foy sem saber, que havia de comprar a Purpura à custa do sangue de Ismene: pois mal poderia tirar a vida ao original, quem primeiro entregou à copia

pia toda a alma. Ay Ismene, que tu es a motora das minhas desventuras! Porque se figo a causa de Egeria, preciso-me a tirarte a vida, e na precisão da tua vida fico sem alma: Se deixo a Egeria, para te seguir, tenho contra mim a perseguição dos Deoses; pois incorro na culpa de perjuro. Mas ay de mim, que ahi vem Ismene com ElRey! Retiro-me, por não ver a huma ingrata.

Retira-se ao bastidor.

Sabem ElRey, Ismene, Albano, Mecenas, e Chirinola.

Rey. Pois Faetonte he hum pobre Pastor, e não filho do Sol?

Faet. Ay de mim! Que ouço? Estou sem alma!

Alban. Assim o confessa Chichisbeo, compadecido do nosso engano.

Faet. Ah infiel Fiton, que tu me precipitaste!

Mecen. e Ismen. Eu o ouvi dizer a Chirinola.

Chirin. Agora entro eu: queira Jupiter, que eu o diga de sorte, que sempre fique em segredo, por não faltar a Chichisbeo.

Rey. Chirinola, delengana-nos: Quem te disse, que Chichisbeo era Faetonte?

Chirin.

Chirin. Senhor, eu só o posso dizer em segredo: Se Vossa Magestade promette não revelar nada, eu então direy, que he hum Pastor, e por final, que sua mãy he outra Pastora, que guarda as fêras de huma Dona Diana, que he Senhora dos bosques.

Rey. Oh como andey acelerado em admitir a Faetonte por filho do Sol, e em crer a fingidas insinuações do Magico! Perdoa, Albano, a injusta repugnancia do teu Hymenêo; mas como sabes, que a extinção da luz me deu apparentes motivos, para suppor era insinuação dos Deoses a demora das nupcias, entendo, que me sobraõ fundamentos para a minha desculpa; e para que a alegria da posse suavize o desgosto da desesperação, já Ismene será tua feliz esposa a pezar dos fingimentos do enganoso Fiton, e falso Faetonte.

Faet. Ay de mim infeliz! Este fim, que he o meu mayor precipicio!

Alban. Senhor, mal póde ser culpa o que não foy advertencia, pois padecemos todos o mesmo engano.

Chirin. Vossa Magestade não diga nada a ninguem; peço-lhe pela vida da Senhora Ismene; e para que o não diga, ha

de me prometter huma cousa.

Rey. Que he?

Chirin. Que não ha de fazer mal a Chichisbeo, porque elle não teve culpa nestas arengas, como sabe sua Alteza.

Rey. Não merece perdão tão grande culpa; ambos padecerão o rigor de minhas iras.

Chirin. Senhora, lá se avenha, ha me de fazer boa a palavra, que me deu.

Ismen. Senhor, eu prometti a Chirinola a vida de Chichisbeo, se ella confeffasse; e assim. . . .

Rey. Basta, Princeza; eu lhe perdo-o, pois tu o apadrinhas.

Alban. Pois Senhor, se eu qual Arabica Fenix das cinzas do esquecimento renasço para ter nova vida na esféra de tua lembrança; peço-te, que não castigues a Faetonte; porque quero antes, que morra aos golpes de huma furiosa desesperação, do que vello perder a vida aos fios de hum cutello; e assim. . . .

Rey. Bem está: fique muito embora padecendo as violencias de huma morte successiva nas mãos da desesperação; porque a loucura, que o incitou a tão inopinado insulto, fica incapaz de todo o mais castigo. Vamos, Albano.

Alban.

Alban. Obediente te figo.

Vão se todos com ElRey.

Chirin. Ainda que não guardey o segredo, tenho segura a vida de Chichisbeo, que he o que mais importa.

Faet. Immortal devo ser, pois não perco a vida no dia, em que perco a Ismene! Ismene, espera.

Ismen. Que queres, Faetonte?

Faet. Que te lembres de minha amorosa constancia, para que assim mitigue com a consideração de lembrado o duro golpe de desfavorecido; porque hum amor.

Ismen. Que dizes, Faetonte? Ainda a tua louca temeridade presiste no mesmo delirio? Advertete, que se permitti essas affectuosas expressões, quando te considerey filho do Sol, agora que conheço seres hum humilde Pastor, te não posso conceder o mesmo indulto: vayte, que em Egeria acharás propicia a fortuna, para veres premiado o teu amor.

Faz que se vay.

Faet. Senhora.

Ismen. Não mais, Faetonte.

Faet. Advertete.

Ismen. Não ha, que advertir.

Faet. Que eu sempre.

Ismen.

Ismen. Não quero ouvirte.

Faet. Rendido.

Ismen. Não passes adiante.

Faet. Te dediquey o meu amor.

Ismen. Deixa-me, Faetonte.

Faet. Como te posso deixar, se sempre desvelada te busca a minha fé ?

Ismen. Chirinola, chama quem prenda este louco.

Chirin. Eu vou, Senhora. *Vaise.*

Faet. Louco sim ; mas he porque delirante o meu cuidado enferma de adorarte. E que pouco correspondeste, Ismene, aos delirios deste fino amor !

Ismen. Vaite, Faetonte ; não queiras, que a minha indignação te precipite.

Faet. Que mais precipicio, que o da minha esperança, cahindo do Ceo desta belleza para o abyssmo da minha desesperação ? Ay Ismene, que me tyrannizas a alma ! E para que vejas, que defestimo a vida, vou buscar a minha morte ; que se morro por ti, quando te adoro ; quando te perco, bem he que perca a vida. *Vaise.*

Ismen. Fortuna, pois estamos sós, responde às queixas de huma infeliz. [Se he que a huma infeliz ouvio as suas queixas a fortuna.] Se querias, que admit-

tisse

tisse a Faetonte, porque não anticipaste a occasião de vello, para lhe dar a primazia na correspondencia? Pois se só Albano logra as primicias de meu amor, para que me persegues com as opposições de Faetonte? Oh, suspende a roda de tuas inconstancias, para que eu segure as firmezas de minhas felicidades!

Canta Ismene a seguinte

A R I A.

Fortuna, que inconstante

Te ostentas rigorosa,

Quando ferey ditosa?

Quando ferey feliz?

Suspende por hum pouco

Teu moto acelerado,

Naõ seja sempre o fado

Cruel a huma infeliz.

Vaise!

S C E N A III.

Bosque, como ao principio. Sabem Faetonte, e Fiton.

Dentr. **G**uardem do louco, guardem do louco.

Faet. Vês, infiel Fiton, que já estou feito alvo da irrisão popular?

Fiton.

Fiton. E qual he a causa , que move ta ludibrio ?

Faet. A tua infidelidade ; pois disseste não era eu filho do Sol : e se pela tua aleivofia chego a tal opprobrio , com a tua morte darey satisfação às minhas iras:

Puxa por hum punhal.

Fiton. Faetonte , não te precipites , que estás enganado : (primeiro está que tudo a minha vida) como podia eu negar , o que já tantas vezes confessey ? Tu es o verdadeiro filho do Sol ; e para que te desenganes , chama a Apollo teu pay , que elle responderá benigno às tuas vozes.

Faet. Inuteis considero todas as porfias ; que as vozes de hum infeliz nem ainda o vento as ouve ; mas se a diligencia he progenitora da fortuna , não quero malograr as fortunas por omissão da diligencia.

Canta Faetonte o seguinte

R E C I T A D O .

O' tu luzida antorcha ,
 Que nessa etherea Sala predominas
 A brilhante caterva
 De todos os Planetas ,
 Ouve os eccos , as vozes , os clamores
 De hum misero infeliz , a quem a sórte
 Dá na vida o rigor da mesma sórte.

Sa.

Sala Imperial do Sol, em que apparecerá Apollo, que descerá em huma nuvem, a qual trará na parte esquerda outro assento para Faetonte, e cantão ambos alternativamente o seguinte:

R E C I T A D O.

Apol. Quem he, que ternamente
Remette ao Deos Apollo a sua queixa?

Faet. Faetonte te busca, ò Deos luzente,
Para que a tua piedade
Lhe dê honra, nobreza, e Magestade:
Hú humilde Pastor todos me chamaõ,
E assim saber pretendo,
Qual he minha nobreza; pois presumo,
Que a ser filho do Sol, não permittira
Ver com tanta ignominia ultrajado
O regio esplendor, que tenho herdado.

Apol. Suspende, Faetonte, essa chyméra!
Da tua fantazia;
Do Sol herdadas os rayos, com q̃ brilhas:
E se queres desterrar esse temor,
Pelo Lago Averno aqui te juro
De te facilitar todo o seguro!

Faet. Se me dás faculdade,

Apol. Para tudo ta dou.

Faet. O que te peço
Me leves ao celeste Firmamento,
E do carro flammante,
Em que gyras o Orbe,

Me entregues o dominio.

Apol. Impossivel

Será de conseguir.

Faet. Porque?

Apol. Porque temo o teu perigo.

Faet. Não temas, não reces.

Apol. Considera.

Faet. Nada confidero.

Apol. Adverte, Factonte.

Faet. Nada ha, que advertir;

Desse carro flammante

Hey de governar hoje a luz brilhante,

Para que toda a esféra Orbicular

Conheça a fidalguia,

Que me aléta, ennobrece, e sabe hōrar.

Apol. Nada valem cōtigo os meus temores?

Faet. Inuteis são, e sem fruto essa porfia,

Que quẽ do Sol herdou os resplandores

As luzes do mesmo Sol sabe seguir,

Qual Aguia Imperatriz, q̃ essa luz pura

Segue sê temor, o busca com ventura.

E se nas mãos do desprezo hey de aca-

Melhor ferá, que morra (bar,

Honrado, e ennobrecido,

Como filho do Sol reconhecido.

Apol. Vença, pois, hoje a industria

A violencia dos fados,

Que instruido primeiro

Gyrrará com ventura

Esse

Esse globo celeste.

Faet. Que respondes, Apollo?

Apol. Sóbe comigo, e vem ao Firmamento

Dessa celeste esféra,

Aonde cumprirás o teu intento.

Faet. Já gostoso te figo,
Pois já nobreza tenho.

Apol. Nobreza terás.

Amb. E indo ^{Comtigo.}
_{Comigo.}

Com pompa luzida

Se ha hoje de ver

No claro farol

A gloria subida,

Com que resplandece

O filho do Sol.

Sóbe Faetonte elevado de hum columnna até se sentar na nuvem. Vaõ-se, e desapparece a Sala, ficando em bosque como ao principio.

Fiton. Oh queira Jupiter ache Faetonte a fortuna prospera, para superar o rigor dos fados; mas como temo, que a remontada eminencia, a que a sua ambiciosa cegueira o eleva, seja a mesma, que o leve cautelosa para o mais eminente despenho! Mas aqui vem Chichibeo: retiro-me, para observar os seus movimentos.

Sabe Chichiçbeo.

Chich. Dou eu a Deos a quem tem entendimento, que de hum destes logo se fia fazer tudo com muito fizo, como fez o meu amigo Faetonte, que para mostrar, que não era de todo tollo, poz o corpo em arrecadação, e deixou a minha vida por hum fio.

Fiton. Não foras tu nescio. *à part.*

Chich. Foy o caso: Vio Faetonte o caldo entornado, e que fez? Deu às palanganas, deixando o perrexil de Chichisbeo para pratinho do desenfado das iras del-Rey, que a estas horas supponho, que se come de raiva, por engolir a logração da minha Magica: e tem muita razão, que não he este bocado tão sabroso, que se possa tragar.

Fiton. Por tua culpa se vê Faetonte propinquo ao mayor precipicio. *à part.*

Chich. Ainda assim, era bem feito, que ElRey me pozesse as mãos, e a boa vontade, que eu tive a culpa de todos estes enredos; que se me não metera a descobrir o filho do Sol, não veria agora posta ao Sol a minha mentira.

Sabe Chirinola.

Chirin. Por mais que corra, e que discorra, não posso encontrar a Chichisbeo,

beo , para lhe intimar a sua ventura , na fortuna , que teve na benignidade del-Rey. Masay, que elle aqui está! Descansa coração. Chichisbeo?

Chich. Ainda me tu appareces , falsa Chirinola? Dize-me , embusteira , tanto pejo te fez hum segredo , que no mesmo instante , em que o concebeste , o vomitaste nas bochechas delRey?

Fiton. Em boa secretaria o meteo , para se não revelar.

Chirin. E que havia eu de fazer , se Ismene tudo ouvio ?

Chich. Negar a troxe moxe.

Chirin. E que fazia com isso ?

Chich. Pôr o caso em duvida , porque o caso negado nunca he bem provado; e em quanto se averiguava a verdade , tinha eu tempo de pôr o vulto na guardaroupa da segurança , e por tua culpa estou agora em termos de o veres pendurado no cabide da forca.

Chirin. Não temas tal , que Ismene pedio a tua vida a ElRey.

Chich. Visto isso não morro desta tratada?

Chirin. Trata tu de te livrar de outra , que desta está livre a tua vida.

Chich. Vivas muitos annos : sempre agradecido ao livramento da soltura , qu

me não podiaõ fazer bom cabello as ligaduras da morte.

Fiton. Vaso máo nunca quebra.

Chich. Ora dize-me, Chirinola, que se diz em Palacio de Faetonte? Ismene sentio não ser filho do Sol?

Chirin. Ismene de nenhuma sôrte; antes parece que o estimou.

Chich. E Egeria, que diz à tyrannia, com que a desprezou?

Chirin. De Egeria não sey nada; só sey, que impaciente se ausentou para as aguas do Eridano, aonde habita como Ninfa.

Chich. Hiria tomar banhos de paciencia para refrigerio do calor da desesperaçãõ, em que a pozeraõ as chammas dos zelos; mas tem tu maõ, que se me não engana a vista, ella anda passeando a pé enxuto as aguas de Eridano: chegucmos nós para lá pé ante pé, para pescarmos alguma coufa do que ella diz.

Descobre-se a marinba, e apparece Egeria no carro como ao principio, e canta a seguinte Aria, e

R E C I T A D O.

O' Deoses soberanos, se sois justos,
Como assim permittis injustamente,
Que hum traidor, fementido,
Falso, e perjuro amante

Hum

Hum affecto constante
Despreze, sem temor de vossas iras?
Deixando-me ultrajada,
Afflicta, e impaciente,
Dos zelos padecendo o activo ardor
Sem alivio, sem remedio a tanta dor?

A R I A.

Nas chammas dos zelos
Minha alma abrazada,
Com furia ardente,
Impaciente,
Delirante,
De hum falso amante
Aos Deoses supremos
Se chega a queixar.

Com justa violencia
Vingança, castigo,
Contra este inimigo
Os Ceos me haõ de dar.

Chich. Chega-te para ella, e apara-lhe os
sopapos: aquillo he desesperaçõ refina-
da.

*Apparece Faetonte no alto em hum resplande-
cente carro.*

Eger. Para quando, ò Deoses soberanos,
guardais a vossa indignaçõ, se a hum
falso amante, que tanto burlou as mi-
nhas esperanças, deixais isento de casti-
gos?

gos? Jupiter supremo, para quando são os rayos, se não abrazaes hum peito fermentido, que tão tibio correspondeo aos incendios de hum fino amor? Oh venhaõ as vossas vinganças, para que o Mundo, conhecendo o castigo, reconheça a equidade da vossa justiça.

Faet. Agora que em luminoso carro [como substituto de meu pay Apollo] alento os Planetas com rayos, e revolvo a celestial esféra com gyros, quero gyrar a esféra terrestre, encaminhando o meu brilhante curso às caudalosas correntes do Eridano, para que Ismene se affombre em hum epilogo de luzes, já que me submergio em hum pelago de despezos. Verá Tages, e verá toda a Italia enthronizado em folio de resplandores o mesmo a quem confundio com abysmos de humildades.

Fiton. Já Faetonte se vê no radiante carro do Sol: queira Jupiter, que as minhas sciencias sejaõ fabulosas.

Faet. Já diviso a Região de Italia; já diviso as crystallinas enchentes do undolo Eridano; pois que faço, que não encaminho os meus gyros aos seus cristaes, para retratar nelles a grandiosa pompa de meus luzimentos? Mas ay de mim, que

que os brutos enfurecidos correm sem governo ! Mas que muito se discorrem guiados da minha infelicidade !

Ruido dentro.

Dentr. Deoses, piedade ! Jupiter, soccorro !

Outros. Que me queimo ! Que me abraço !

Outros. Clemencia, Deoses ! Favor, Jupiter !

Sabiráõ todos.

Fiton. Ay infeliz Faetonte , que não foraõ sem fundamento as minhas cautelas !

Faet. Inuteis são todas as porfias : ay Egeria , que os Deoses conjurados contra mim , querem que pague com meu precipicio a culpa , que commetti , faltando ao juramento , que te dey !

Passa hum rayo , atravessando o carro , e cabe Faetonte nos braços de Egeria.

Eger. Ay de mim infeliz ! Mas que vejo ? Não es tu o fementido Faetonte , a quem os Deoses , compadecidos da minha injuria , precipitaõ justiceiros para castigo da tua infidelidade ? Olhay , se as aguas do Eridano não foraõ as que te erigiraõ decente tumulto , para sepultar a tua ingraticidaõ ; as correntes de meu pranto sejaõ as que purifiquem as manchas de tua inconstancia para que se patenteem os realces da tua firmeza ? Mas ay ! Ay que já entregou nas mãos da

morte os ultimos espiritos, para deixar de todo sem alentos a minha esperança!

Todos. Horroso castigo!

Rey. Qual será a causa de tanta consternação?

Fiton. He tempo de romper as prizões ao silencio, que perdido Faetonte, já não ha mais que perder. *à part. Sabe.*

Eu sou, invicto Tages, o infeliz Fiton, que seguindo a Faetonte vivi disfarçado no teu Reino com o nome de Chichisbeo.

Chich. O meu nome feito capa de velhacos! Se não fora ElRey. . . .

Fiton. Porque a minha sollicita diligencia quiz triunfar da tua porfiada vigilancia; pois a saber Faetonte quem era, esta mesma sciencia lhe havia de servir de mayor ruina por causa de huma formosura. E como agora se faz precisa a narração deste tão inopinado caso, não posso occultarte quem sou, nem deixar de manifestarte o infortunio de Faetonte.

Chich. Ouçamos, que isto ha de ser galante.

Fiton. Sabe, que este me quiz tirar a vida (resentido das ignominias com que se vio ultrajado de ti, e de todos de teu Reino) se lhe não certificasse o illustre bração de sua soberana origem: e como elle he o verdadeiro filho do Sol, e co-
mo

mo tal sempre das minhas sciencias respeitado , intentey , para desviar o golpe , que à minha vida ameaçava a ultima ruina , expor a sua ao rigor dos fados.

Chich. E fez muito bem , que primeiro estaõ dentes , que parentes : *Charitas bene ordinata incipit à se ipso.*

Fiton. E assim lhe insinuey o modo , com que havia de invocar a Apollo seu pay : este desceo a recebello com pompa magestosa , e com a mesma magestade o conduzio à celeste Esféra , para governar o carro do Sol , do qual cahio despenhado para os braços de Egeria.

Chich. O certo he , que zombando se dizem as verdades.

Rey. Não foraõ illusões , mas verdades , as que sonhey.

Fiton. Esta , Senhor , foy a causa , que me incitou a viver disfarcado no teu Reino ; este o infortunio do infeliz Faetonte , que de nenhuma fórte puderaõ as minhas sciencias evitar : antes me parece , que todos os principios , que intentey para reparo do precipicio , foraõ meyos infalliveis com que lhe accelerey o despenho.

Chich. Isso foy o mesmo , que errar os principios de meyo a meyo por todos os principios.

Todos. Estranho caso!

Chich. He caso, que em nenhum caso se póde casar com outros casos.

Rey. Temo, Fiton, que Apollo resentido do injusto desprezo, com que ultrajey a Faetonte, com injusta indignação empregue em mim o poder de suas iras.

Fiton. Apollo, Senhor, bem conhece, que ignoravas quem era Faetonte; e como o castigo presuppõem advertencia de culpa, não havendo em ti advertencia de culpa, desculpa tens para te isentares do castigo.

De repente desce Apollo em huma nuvem

R E C I T A D O.

Sabey, que Apollo sou o Deos flammante,

Que na esféra brilhante

Desse celeste globo,

Com luzida influencia

A todos os Planetas illumino.

A Faetonte dou por filho caro

De semideos a gloria sempre excelsa,

Nova vida cobrando,

Para que refuscite

Novo amante de Egeria.

Ismene será de Albano esposa :

É em doce Hymenêo todos unidos,

Ismene na Liguria com Albano,

Faetonte na Italia, e Eridano,

Reis

Reinaráõ; porque fique desta fórte
Egeria satisfeita,
Pois com pompa luzida
Ao feu Reino se vê restituida.

Todos. Prodigioso successo !

Sabem Faetonte, e Egeria do mar.

Chich. E mais prodigioso para Faetonte,
pois para cá vem com bom successo.

Rey. Não posso contrariar preceitos tão
justos, mayormente quando reconheço
a justiça de Egeria na successão desta
Monarquia.

Chich. Isso he fazer da necessidade virtude.

Faet. Feliz mil vezes, quem resulcitando
vive para consagrar nas aras de tua bel-
leza huma nova vida, e tão nova, que
se aquella por não viver comtigo me
conduzio às mãos da morte; esta me
encaminha para a vida, pois vivo já de
morrer por ti.

Eger. Da morte dos desprezos passou o
meu amor para a vida dos favores.

Chich. Isso he passar da morte para a vida,
como quem passa da vida para a morte.

Ismen. Albano, se como Princeza fuy alvo
de teus favores; agora não permittas,
que eu seja o objecto dos teus desprezos,

Alban. Enganas-te, Ismene; não ha mayor
im-

imperio, que o da tua belleza, da qual sempre vassallo se confessa o meu amor.

Chich. Chirinola, já vês, que enforquey os livros da Magica: acorda-te de mim.

Chirin. Eu sempre sonhey em te querer: Tua sou.

Chich. Pois então que fazes? Dá cá essa mão de papel, que quero imprimir nella as cifras da minha afeição.

Mecen. Perdida Egeria, com o amor voou a esperança de reinar.

Chich. Senhor Mecenas, contente-se vossa merce nestes casamentos com o seu nome, que melhor se ha de casar com o officio de padrinho.

Rey. Esclarecido Faetonte, releva-me os desprezos passados; pois bem sabes foraõ dominados de huma indiscreta ignorancia.

Faet. Antes os devo estimar, por serem venturosos motores de minhas felicidades: e já que do abyssmo da humildade, em que me confiderey abatido, me acho agora enthronizado na gloria de filho de Apollo; repita o Coro com melifluas consonancias, publicando a magestade suprema, a que me elevou a fortuna nos respeitos, que consigo como filho do Sol.

C O R O.

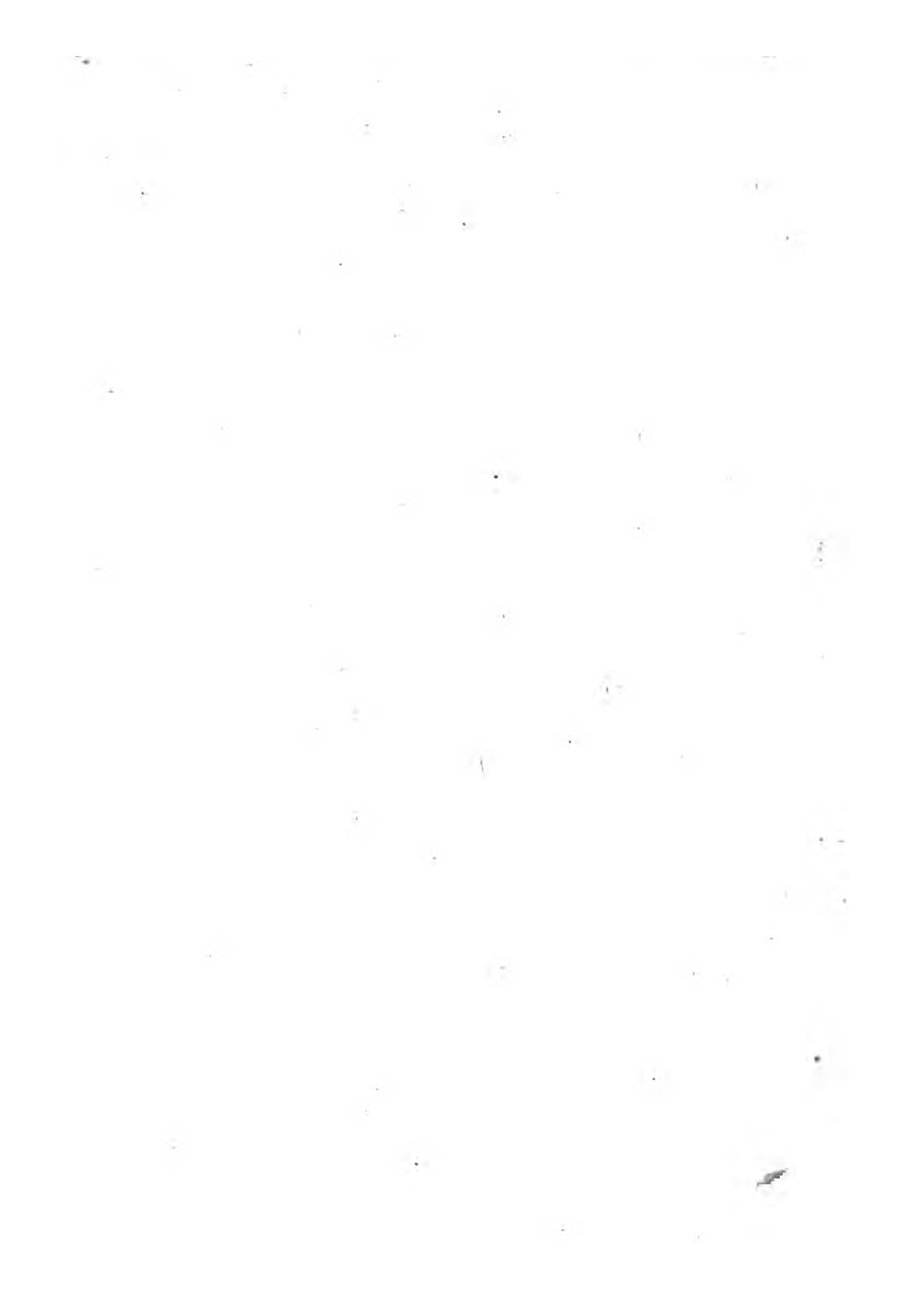
Na tea luzente
Do sacro Hymenêo
Se accenda brilhante
O rayo flammante
Do filho do Sol.

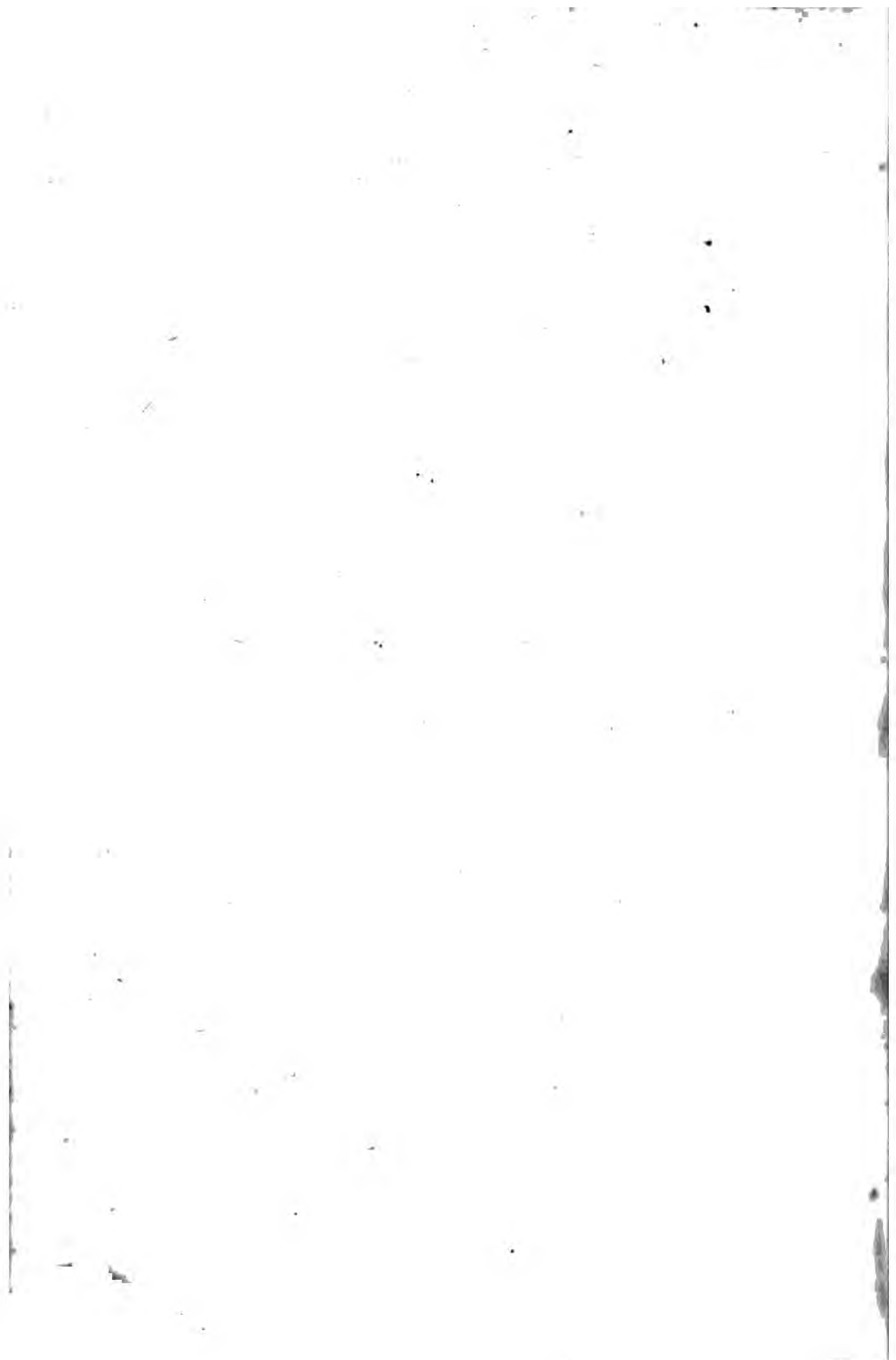
FIM DO SEGUNDO TOMO.

PROTESTAÇÃO

DO COLLECTOR.

AS palavras *Deoses*, *Numen*, *Fado*, *Divindade*, *Omnipotencia*, e *Sabedoria*, se devem sómente entender no sentido Poetico, e não de nenhuma outra maneira; porque sómente se usa dellas nestas Obras, como necessarias para adorno da composição Dramatica, e expressão dos Episodios Comicos, e não com intenção de offender em cousa alguma aos dogmas da Santa Madre Igreja, a quem, como obediente filho, me sujeito em tudo o que ella determina.





diff. h. Paul

